



O
coleccionador
de cometas

Arvel Aëvon

*Uma mente sem imaginação
não se impressiona quando
o impossível acontece.*

(Leroy Beaumont)

Capítulo Um

O primeiro roubo

“Não são todos que têm a sorte de arranjar um pedaço de pão velho para comer, mesmo um daqueles que, de tão duros, podem partir a cabeça de um homem ao meio com a mesma propriedade de um martelo de guerra. Acredite se quiser, conheci um menino que perdeu uma mão por ter roubado uma batata no mercado. Ele morreu logo em seguida, como era de se esperar... Depois de ter a mão decepada por uma espada daquelas, nem se fosse homem feito e de barriga cheia teria resistido ao sangramento. E olha que esse nem foi o pior caso. Ouvi falar de um outro menino – devia ser amigo desse, aliás... porque também era ladrão e ainda mais burro – que tentou carregar um leitão nas costas para o jantar. Um leitão ainda vivo e aos berros, por sinal. Entrou no chiqueiro do velhote mais mal encarado daquelas bandas, amarrou as patas do coitado do porco enquanto o bicho guinchava e fez de tudo para acomodá-lo nas costas, só que ele era duas vezes maior que o menino e, quando o ladrãozinho menos percebeu, levou uma marretada na nuca, desmaiou e morreu afogado na lama, sem ter ninguém para ajudá-lo. Muita gente diz que ladrão tem que morrer mesmo, que esse tipo de gente só aprende desse jeito, mas eu tenho pena de quem precisa tirar dos outros para matar a fome. Esse não é o meu caso, tudo bem. Nem sei o que é ficar de barriga vazia, na verdade. Não sou pobre e nem tão estúpido quanto esses meninos que morrem à toa por não saber efetuar um bom furto. Eu roubo mesmo porque gosto – e esse começo de livro está uma porcaria, pode falar!”

O rapaz amassou outra folha de caderno e arremessou-a por cima do ombro. Já era a quinta vez consecutiva que torrava suas melhores ideias em uma tentativa frustrada de dar um bom início àquela história.

Sua cabeça estourava.

Ele até conseguia ouvir os neurônios estalando lá dentro, talvez fosse por isso que não estava conseguindo escrever direito; e os músculos das suas mãos agradeceram mais do que o seu cérebro quando largou a caneta sobre a escrivinha e pronunciou um sonoro “eu desisto”! Coçou a cabeça com vontade. Sempre que ficava nervoso sentia uma coceira irritante no couro cabeludo, será que todo mundo era daquele jeito esquisito?

E, ainda por cima, tinha dever de matemática para o dia seguinte. Doze questões que ele não fazia ideia de como resolver e tudo o que conseguia pensar era em como poderia começar a história. Suas notas não eram lá tão ruins quanto sua mãe não se cansava de tagarelar nos seus ouvidos. Ela era uma mãe exigente e não se satisfazia com facilidade. O filho dela devia ser apenas o melhor aluno da turma, isso era pedir demais? E era para o próprio bem dele, dizia ela, pois ninguém mais se beneficiaria com o seu conhecimento se não ele mesmo. *Baboseira*, pensou o rapaz. Nem se fosse o estudante mais aplicado do país ele receberia sequer um elogio por parte dela.

Já estava no último ano do colégio e ainda não fazia ideia se queria ou não começar uma faculdade. Muito menos se conseguiria entrar em alguma. Só o que aprendera de realmente útil na escola é que amava escrever. Já havia esquecido quase tudo o que aprendera sobre aldeídos, equações, relevo, vegetação, força centrífuga, força vegetativa, releveídos e coisas do tipo. Notas altas não garantiam que ele realmente havia colocado alguma coisa útil dentro daquela cabeça dolorida e, muito menos, que ele se lembraria de qualquer coisa nos próximos anos.

Sua mãe podia até não ter se dado conta disso, mas havia uma prática muito comum entre os colegas de qualquer turma em qualquer escola: o papelzinho. Era incrível como esses papezinhos eram famosos em dia de prova, passavam de mão em mão sem que os professores percebessem. Ou, pelo menos, eles fingiam não perceber. O garoto definitivamente detestava esse procedimento, apesar de seu próprio pai – ao contrário da sua mãe – lhe encorajar a tirar notas boas a qualquer custo. Ainda assim, ele se recusava a ser desonesto consigo mesmo, preferia tirar notas mais baixas, desde que elas fossem absolutamente suas.

Estava prestes a descer para comer alguma coisa, mas acabou se espreguiçando no espaldar da cadeira e abriu novamente o caderno, tentando se convencer de que estava entediado. Segurou a caneta, sua mão o odiou por isso, mas ele não estava nem aí.

“Antes de conhecê-lo, posso dizer que eu não sabia qual era o significado de ser feliz. Não foi ele quem me ensinou a roubar, nem a enganar os outros ou contar mentiras, mas, se eu sou alguém que preste hoje, garanto que a culpa foi toda daquele sujeito. Ele era um andarilho, um viajante sem rumo definido. Gostava de colecionar moedas do mundo, lágrimas de alegria e de tristeza, papéis de carta, sorrisos e caretas, dentre outras coisas malucas. Mas o que ele mais gostava de colecionar eram cometas. Quando eu o vi pela primeira vez, pensei que não passava de um louco. Depois, imaginei se seria um fugitivo. Mas, no final das contas, cheguei à conclusão de que não passava de um andarilho. Isso era

tudo o que ele sabia ser. Pelo menos, isso foi o que pensei a princípio, até descobrir que os cometas que ele colecionava não eram nada do que eu imaginava”.

O rapaz torceu o nariz e resistiu ao impulso de bater com a cabeça na mesa. Talvez tudo o que precisasse fosse chacoalhar as ideias lá dentro com um impacto doloroso e desnecessário. Está bem... talvez estivesse exagerando um pouquinho...

Mas porque aquilo tinha que acontecer justo com ele? A história estava praticamente pronta na sua cabeça, todos os personagens, os lugares, tudo minimamente esquematizado, ele só não conseguia se convencer de que algum daqueles “inícios” estava do jeito que tinha que ser. E como era possível que algo que ele mesmo escrevera não fosse do jeito que tinha que ser? Estalou a língua e bufou irritado. Olhou para a sua caligrafia rápida e torceu novamente o nariz.

Em seguida, garantiu que aquela folha tivesse o mesmo destino da anterior e arremessou-a por cima do ombro. Agora já havia meia dúzia de bolas de papel amassadas às suas costas.

Certo. Só mais uma vez, só mais umazinha!

Sete era o número universal da sorte, tinha plena confiança de que se sairia bem dessa vez. Senão, estaria tudo acabado. Desistiria da ideia estúpida de ser um escritor fracassado e se tornaria médico, que era o sonho máximo da sua mãe. Ver o filho recebendo o diploma de medicina da Universidade de Paris! Uau!

Riu consigo mesmo. Jamais aconteceria... era impossível.

Mordiscou os lábios e riscou o papel.

“Era uma casa escura e feia. Alguns diziam ser assombrada pelos antigos proprietários, mas eu sabia que, por trás daquelas paredes de pedra, havia alguma coisa que eu não compreendia. Ninguém vivia naquele lugar há décadas, desde que as últimas pessoas que moravam lá haviam sumido sem deixar vestígios. A casa pertencia a algum comerciante da cidade, não me lembro o nome dele agora, mas também não importa, afinal, ele nunca ia lá. Ninguém nunca ia lá. E foi justamente por isso que eu me senti tão disposto a ser o primeiro, em anos, a atravessar aquela porta caindo aos pedaços. Organizei uma mala com velas, material para fazer fogo, um pedaço de corda, uma faca que usávamos para cortar pão e, acima de tudo o mais, arranjei lugar lá dentro para o orgulho e a tolice que a minha idade jovem me proporcionava. Eu estava prestes a invadir uma casa abandonada, em busca de quê eu não sei dizer até hoje, mas, asseguro que...”.

Antes que pudesse preencher a folha até a última linha, percebeu que suas mãos já a haviam amassado por conta própria e arremessado para junto das outras. Ergueu-se da ca-

deira e apanhou todos os papéis espalhados pelo chão, jogou-os na pequena lixeira abaixo da escrivaninha, aquele era o lugar a que pertenciam. Calçou os tênis, tomando o cuidado de ajeitar as extremidades das meias antes, para que não embolassem, e desceu as escadas mais lentamente do que uma lesma obesa e deprimida.

A sala de estar estava vazia, mas ouviu murmúrios vindos da cozinha. Sua mãe adorava conversar consigo mesma, o problema é que tinha o péssimo hábito de fazer isso em voz alta. E lá estava ela, lavando pratos, com uma larga panela borbulhando água no fogão, e murmurando com mais alguém que não estava lá. Conversavam sobre alguma coisa relacionada à vizinha barulhenta.

– O que tem pra comer, mãe? – perguntou o garoto. A mãe olhou por cima do ombro e observou o filho com surpresa. Fingiu que nunca estivera a falar consigo mesma e cantarolou baixinho para disfarçar.

– Estou lavando a louça e cozinhando macarrão. Não é o que parece? – perguntou ela, ao ver que ele erguera as sobrancelhas por uma fração de segundo. – Ou o jantar não está bom o bastante para o seu paladar parisiense?

– Eu não disse nada...

– Nem precisava dizer – com isso ela encerrou o assunto, já que a última palavra sempre tinha que ser a sua. – Pode ir comprar mais molho de tomate no mercado? Acho que o que temos não vai dar. Seu pai podia ter comprado da última vez que foi lá...

– Tudo bem, eu vou – concordou ele. Pretendia dar uma volta de qualquer jeito. Tudo o que precisava era um pouco de ar fresco para refrescar suas ideias, e aquela também era uma boa oportunidade de ser útil para a sua mãe, por mais que ela nunca fosse reconhecer nada que ele fizesse... Mas, fazer o quê?

– O dinheiro está dentro do vaso azul, você sabe qual. E, Leroy – ele virou-se novamente –, tente voltar antes que escureça, certo? – disse com seus olhos verdes cintilando um lampejo de preocupação.

– Uhum.

Dirigiu-se até a sala de estar, apanhou o dinheiro dentro do vaso e saiu de casa.

Já passava das cinco horas da tarde e as ruas não estavam assim tão movimentadas quanto ele esperava. Só então se lembrou de que era domingo e, ainda por cima, um domingo de um feriado qualquer, seria de se admirar que as ruas estivessem abarrotadas de gente.

Leroy vivia em Orléans, uma cidade razoavelmente próxima a Paris. Sua casa não era muito grande, mas tinha três quartos, uma sala de estar, dois banheiros (três, se contas-

se com a suíte dos seus pais), uma cozinha pouco espaçosa, um minúsculo sótão para armazenar tralhas inúteis e um armário de vassouras e utensílios de limpeza. Era uma casa antiga, daquelas que não possuem quintal porque são coladas umas nas outras.

Ele distanciou-se e atravessou a rua depressa, aproveitando a luz verde do semáforo. Assim que pisou na calçada do lado de lá, viu um mendigo carregando um saco esfarrapado nas costas arrastar-se lentamente na sua direção – os sapatos estavam esburacados. Leroy não torceu o nariz e nem pensou em desviar do homem, como a maioria das pessoas geralmente fazia, por mais que ele exalasse odores de coisas que já não estavam vivas. Ele encarou o mendigo e praticamente conseguiu visualizar um dos personagens do seu livro naquele rosto tomado pelo sofrimento. Era como se a sua história estivesse ali, caminhando na sua direção, com as solas dos sapatos se desgrudando a cada passo. Sim, seu personagem seria igualzinho àquele homem! Sorriu distraidamente para ele, sem que o outro compreendesse exatamente por que um garoto que tinha casa e comida estava lhe dando um sorriso de presente, e, desacostumado com aquele tipo de atitude, a única reação do mendigo foi devolver um sorriso.

Só então Leroy se deu conta de que estava sendo idiota e apressou o passo, passando pelo homem depressa, de cabeça baixa. Simplesmente não conseguia pensar em outra coisa senão na sua brilhante história. Tudo bem, talvez não fosse uma história tão brilhante assim... mas ele ainda sentia que ainda tinha de escrevê-la. Mesmo que ninguém mais se interessasse por ela. Afinal, quantas histórias ganhavam vida a partir de um sonho?

Sinceramente, ele mal conseguia se lembrar do sonho em si. Aconteceu há umas cinco noites, pelas suas contas. Ele só podia se recordar de alguns fragmentos aleatórios e de que estava chorando quando despertou. E, pelo jeito, devia ter choramingado em silêncio a noite inteira, pois seu travesseiro estava encharcado.

Dobrou duas esquinas mecanicamente, havia mil ideias fervilhando na sua cabeça. Pisava nos quadradinhos de pedra da calçada enquanto evitava encostar os pés nos vãos entre eles. Era uma mania esquisita que tinha desde pequeno. Mas, como todo mundo sempre tinha alguma mania daquelas, ele nunca lhe atribuiu muita importância. Era quase como se alguma coisa terrível fosse acontecer se ele vacilasse e acabasse tocando a ponta do pé numa das ranhuras. Chegava a imaginar, dentre outras milhões de teorias escandalosas, que o chão racharia ao meio e criaturas obscuras surgiriam da escuridão para invadir a cidade. Muitas vezes ele até chegava a desejar que algo assim acontecesse. Ninguém nunca mais reclamaria do tédio do dia-a-dia, isso era certeza!

Às vezes Leroy se convenciam de que seus pais estavam certos sobre ele: era um garoto com um parafuso a menos. Ou alguns. Ele sentia que estava sempre dando um passeio em outra dimensão qualquer, imaginando circunstâncias absurdas que só existiam dentro da sua cabeça. Afinal essa era a finalidade da imaginação, oras!

Entrou no mercado e caminhou pelas prateleiras cheias de produtos coloridos que não lhe interessavam. Pegou dois frascos do molho de tomate mais barato e dirigiu-se ao caixa, para finalizar a compra.

Aquele mendigo realmente lhe deu a inspiração que precisava para mais uma tentativa. Devia ter agradecido, pelo menos... por mais que o homem não tivesse tido a menor intenção de ajudá-lo, é claro... afinal, se pudesse escolher, ele provavelmente nem seria morador de rua. Sua mãe teria dito que agradecer era o mínimo que ele podia ter feito, pois a gentileza era o maior diferencial entre as pessoas. Já seu pai teria lhe aconselhado a manter distância dessa gente a fim de evitar piolhos, comichões e coisas do gênero, mas Leroy sabia que ele só falava esse tipo de coisa perto da esposa, porque tinha um estranho prazer em deixá-la irritada.

Ele saiu da fila e pegou uma baguete fria de dentro de um cesto de vime. Custaria setenta e sete centavos – ele franziu as sobrancelhas ao ver o número sete duplicado, definitivamente não tivera muita sorte com ele da última vez. Sua mãe não se importaria se ele gastasse aquela minúscula quantia com um homem que devia estar passando fome há tanto tempo. Voltou para a fila depressa e percebeu que passou a observar, por pura distração, cada uma das pessoas à sua volta, tentando imaginar com quais personagens do seu livro elas se pareciam. Foi nesse momento que ele o avistou entrar.

Aloys Plamondon, um dos seus colegas de sala. Estava sozinho.

Era um garoto um pouco mais baixo do que Leroy, tinha olhos de um azul vibrante e duro, mas que eram capazes de enganar qualquer pessoa que pensasse que aquele era um jovem decente. Seus cabelos lisos sempre mantinham um corte baseado no estilo dos soldados alemães da época da guerra, penteados exemplarmente para o lado esquerdo. Tinha uma cicatriz vermelha logo acima da bochecha, Leroy ouviu dizer que ele a ganhara em um duelo de facas. Nunca se soube o que aconteceu com o seu adversário.

Com um sorriso perverso nos lábios, ele encontrou Leroy com os olhos e deu meia volta para fora do mercado, como se tivesse subitamente perdido o interesse que o conduzia até lá.

Leroy engoliu em seco.

Nos últimos anos ele tinha sentido na pele que a maior diversão de Aloys era atormentar os outros colegas. Principalmente colegas como Leroy, que tiravam boas notas e que não tinham o menor interesse em passar as respostas nos dias dos testes – pelo menos não as respostas corretas.

Suas pernas tremeram e sua boca ficou seca. Aloys devia estar lá fora, esperando que ele saísse. Devia estar estalando os dedos para dar-lhe uma chuva de socos na boca do estômago, como havia feito no mês passado sem precisar de um motivo. E ninguém podia dizer que ele não tinha músculos para fazer com que cada um dos seus socos valessem a pena, já que era bastante evidente que Aloys preferia manter o corpo bem definido ao invés de perder dez minutos por dia lendo alguma coisa útil, além de revistas cheias de imagens de carros ou pessoas musculosas levantando pesos.

Ele mordeu o beijo, tentando imaginar o que devia fazer para escapar do destino doloroso que o aguardava lá fora. Revidar a surra era sempre uma opção, ainda mais porque Leroy não era tão magricelo quanto aparentava e tinha uns bons quinze centímetros a mais que o outro garoto. Mas ele não conseguiria brigar. A verdade é que não queria brigar. Aquilo simplesmente não fazia parte dele. Se desse um único soco que fosse contra o colega, então não seria o mesmo Leroy Beaumont que ele conhecia. Seria alguém do mesmo nível baixo de Aloys Plamondon. Não ouviu quando a operadora do caixa chamou o próximo cliente e, como se acordasse de um transe, deu três passos desajeitados para frente quando a mulher idosa logo atrás dele lhe cutucou o ombro. Com as mãos tremendo, colocou as duas garrafas de molho e a baguete na esteira para que a operadora registrasse os produtos com o leitor de códigos de barras.

– Dois euros com setenta e sete – murmurou a moça enquanto uma bala de menta dançava dentro da sua boca.

Ele lhe entregou uma nota de dez e observou a porta de saída. Sem sinais do colega. Seu coração batia com força, logo teria que atravessar aquelas portas e já podia imaginar o que aconteceria em seguida: Aloys lhe cumprimentaria com educação e caminharia ao seu lado, como se fossem grandes amigos de infância. Mas, assim que a rua ficasse vazia...

– Vai querer uma sacola?

– Sim, uma. P-por favor.

Ela deve ter percebido que alguma coisa estava errada com o garoto, pois encarou-o com olhos imaginativos, chegando quase a perguntar se ele precisava de alguma ajuda. Mas acabou não perguntando coisa nenhuma. Leroy teria aceitado um murro amigo na cara de Aloys, se ela tivesse oferecido. Ele tentou rir quando a ideia de uma moça tendo que de-

fendê-lo (de um garoto menor do que ele, ainda por cima) passou-lhe pela cabeça. Dizia para si mesmo que tudo ficaria bem, que Aloys já havia retornado para os seus bueiros escuros cheios de baratas, mas nunca foi muito bom em enganar a si mesmo.

Vou morrer. Foi o que ele pensou. *Ele vai me matar.* Mas ele sabia que nem mesmo Aloys chegaria a esse ponto. Ou pelo menos achava que sabia.

– Aqui está seu troco. Obrigada.

Ele aceitou o dinheiro e meteu tudo dentro do bolso. Colocou as garrafas vermelhas na sacola e a baguete debaixo do braço. As portas automáticas deslizavam com o fluxo constante de clientes que entravam e saíam sem pausas. As pernas de Leroy oscilaram e ele tropeçou nos próprios pés, quase indo de cara no chão. Dirigiu-se vagarosamente até a saída, com a intenção de se distanciar o máximo possível do destino que o aguardava do outro lado, sem saber exatamente como pretendia evitá-lo.

Colocou um pé para fora e depois a cabeça, olhou para os dois lados da rua pouco movimentada, com uma expressão entediada de quem não quer nada, e abriu um sorriso esperançoso ao ver que Aloys não estava lá. Então apressou o passo pela calçada. Suas pernas mais confiantes do que nunca não ousaram abandoná-lo e ele mal sentiu o cansaço da rápida caminhada. Dobrou as mesmas esquinas de antes e avistou o mendigo antes de atravessar a última travessa. Ele estava sentado em frente a um muro de tijolos vermelhos, com a mão estendida enquanto algumas pessoas passavam por ele como se o homem fizesse parte do muro e não estivesse lá. Com a possível ameaça do colega, Leroy havia quase se esquecido do mendigo. Alguma coisa lhe dizia para ignorá-lo e entrar em casa, restava apenas atravessar a rua e girar a maçaneta. Estava praticamente em segurança. Mas o pão que ele trazia debaixo do braço já tinha dono, um dono que devia estar faminto e que, há alguns minutos, havia lhe dado alguns detalhes bem interessantes para a sua história.

Ele suspirou, chacoalhando a cabeça, e dirigiu-se até o homem.

Tinha uma barba comprida, a pele escurecida pelo sol estava manchada de bolhas e repleta de feridas incrustadas. Seus olhos negros estavam cansados, exaustos. O homem ajeitava o cachecol esburacado ao redor do pescoço quando Leroy parou na sua frente.

Estendeu a baguete e o homem a aceitou com um sorriso cheio de surpresa por trás da barba volumosa. Eles trocaram um demorado olhar, sem palavras, e Leroy percebeu que o homem se recordou dele quando meneou de leve com a cabeça. O mendigo não abriu a boca para agradecer, aqueles olhos úmidos, agora cheios de uma alegria sincera, agradeceram por si só.

Quando deu meia volta, deixando o homem comer em paz, Leroy viu um vulto virar a esquina e quase topar com ele. Ficou incomodado quando o sujeito não saiu da sua frente, para deixá-lo passar, e seu queixo caiu ao perceber que se tratava de ninguém menos que o próprio Aloys. Ele sorria e curvava as sobrancelhas, num olhar cheio de péssimas intenções.

– Olá, Beaumont! – disse Aloys com um sorriso largo demais.

– E-e aí? – balbuciou em resposta, tentando parecer pouco surpreso.

– Onde você se meteu, cara? – o rapaz colocou o braço ao redor do seu pescoço e caminharam juntos, muito lentamente. – Eu estava te procurando que nem bobo.

– Por que você estava...?

E antes que terminasse a pergunta, sentiu a sua sacola escapar-lhe das mãos e as garrafas de vidro se estilhaçaram na calçada, derramando o molho espesso por toda parte. Leroy encarou Aloys, que continuava com seu sorriso abobado. Ele havia dado um pontapé na sacola enquanto Leroy estivera distraído, enquanto pensava em como podia escapar do colega e evitar uma surra.

– Eu só queria te avisar que suas compras estão caídas no chão – disse ele cinicamente, dando uma risadinha. – Você não pode sujar as ruas da nossa cidade desse jeito, Beaumont. O que os turistas diriam se escorregassem em molho de tomate e tivessem que andar por aí com a bunda toda vermelha? – e se distanciou do colega, colocando as mãos na cintura. – É melhor limpar isso.

Leroy franziu as sobrancelhas.

– Mas foi você que acabou de derrubar a minha sacola!

Com um dar de ombros, Aloys fechou um dos punhos e deu um murro com toda força na sua barriga. Leroy perdeu o fôlego e teve um súbito ataque de tosse, caindo de joelhos na calçada.

– Desse jeito você me magoa, Beaumont... – murmurou, dando uma volta ao redor do colega ajoelhado. Seus olhos azuis faiscaram de repente, como se tivesse lhe ocorrido uma ideia assombrosa. – Limpe isso, agora.

– Mas eu não tenho com o que limpar!

– Tem sim – o rosto de Aloys se alargou num sorriso maligno. – Isso é apenas molho de tomate. Coma.

– De jeito nenh...

Uma joelhada pouco abaixo do peito fez com que seu coração quase saísse pela boca. Aloys agarrou-lhe pelos cabelos assim que ele se curvou para amenizar a dor no abdômen e os dois ficaram cara a cara.

– Coma.

Desta vez Leroy não respondeu. Ele pestanejou depressa enquanto ofegava e se perguntava se seria mais rápido que o colega numa corrida suicida até a sua casa. Mas a própria dúvida já fez com que desistisse. Nem queria imaginar como seria se Aloys lhe desse uma surra daquelas na frente de casa. Como explicaria para o seu pai que não era capaz de se defender? Sua mãe podia ter um ataque do coração ali mesmo. E sua irmã mais nova, com a sua personalidade imprevisível, era bem capaz de partir para cima de Aloys para tentar proteger o irmão.

Aloys ergueu as sobrancelhas e fez um gesto impaciente com as mãos.

– E então, Beaumont? Vai ficar ai sentado o dia inteiro? Se preferir faço você engolir os dentes ao invés do molho. Você é quem sabe.

As lágrimas brotaram dos seus olhos sem que pudesse controlá-las. Sentia-se a coisa mais imprestável do universo. O colega deu uma risadinha de deboche e apreciou mais um trabalho bem feito. Ele era mesmo muito bom em causar sofrimento. Leroy soluçou sem perceber e tentou segurar o nó que se formava na sua garganta e ameaçava rebentar. Ele só queria não ter saído de casa... Devia ter ficado no seu quarto, tentando escrever as primeiras palavras do seu livro até a vigésima vez.

– Ah, você está arrependido pelo que fez? Mas isso não conserta as coisas. Vou contar até dez e se o chão não estiver limpo quando eu terminar... – ele respirou fundo e contraiu os lábios. – Ai não sei o que pode acontecer... Mas acho que você não termina bem no final.

– Por que você está fazen...? – tartamudeou o garoto quando seus cabelos foram erguidos com um puxão violento. Ele segurou o braço de Aloys numa reação instintiva e imaginou que cada fio de cabelo se desprendia da sua cabeça.

Doía tanto que ele não conseguia nem pensar direito, era como se o tivessem suspenso pela cabeça com um gancho. No entanto, a dor terminou um segundo depois, quando Aloys, por algum motivo, resolveu soltar seus cabelos. Ele olhou para cima e viu uma mão escura cair sobre o ombro do colega, uma mão de unhas roídas, grossas e amareladas, como as garras de um animal selvagem. Um vulto alto estendia-se nas costas de Aloys e o encarava com olhos irados e cabelos oleosos deslizando enebados na frente deles.

– Que nojento...! Sai de perto, seu indigente imundo! – Aloys saltou para longe do homem e passou a mão em cima do ombro, como se uma camada de poeira tivesse se formado abruptamente. – Resto de gente...

Leroy reparou na barba comprida e nas migalhas de pão grudadas nos fios grossos e escuros, só então seu cérebro assimilou que aquele devia ser o mendigo que havia encontrado um instante atrás. Quando não estava curvado, o homem era uma verdadeira montanha. Os ombros largos e a testa enrugada pela ira contida. Ele deu um passo na direção de Aloys e ficou entre ele e Leroy, que continuava ajoelhado, sem saber o que fazer.

Estúpido e confiante, como de costume, não demorou muito para Aloys decidir partir para cima do homem e dar-lhe um soco bem no meio da barriga, mas o oponente mal se moveu. Ele derrubou a sacola suja que trazia em uma das mãos e fechou os dois punhos.

– Melhor sair daqui – pronunciou a voz seca e gutural do homem. – Enquanto ainda pode.

Aloys franziu o cenho irritado. Olhou de Leroy para o mendigo e deu-lhes as costas, fugindo para longe em alta velocidade.

Quando Leroy se deu conta, o morador de rua já se arrastava para longe, mas não antes de dar uma última espiada por cima do ombro. Com lágrimas deslizando pelo rosto, Leroy abriu um sorriso de gratidão e o homem aceitou o gesto, meneando a cabeça outra vez. E então sumiu por uma viela escura, como se nunca tivesse existido fora da sua imaginação.

O garoto levantou-se como pôde, as pernas tremiam tanto que era quase um milagre que pudesse se manter em pé. Ele repentinamente sentiu muito medo de que Aloys retornasse a qualquer momento, e, desta vez, acompanhado de outros delinquentes. Leroy não precisou pensar duas vezes e correu em disparada, atravessando a rua quase deserta, sem sequer olhar para os carros distantes que se aproximavam, e saltou para dentro de casa. Naquele exato instante sua mãe organizava alguns filmes no móvel da televisão e ficou em choque ao ver o filho entrar feito um furacão e fechar a porta com um baque logo em seguida.

– O que houve...? Filho?

Ele enxugou as lágrimas na camiseta e olhou para as próprias mãos, sem saber como explicar porque elas não traziam uma sacola com molho de tomate. Havia um brilho de preocupação nos olhos dela, uma luz que fez Leroy se sentir enjoado e com vontade de desaparecer.

O garoto largou o troco sobre o braço do sofá e subiu correndo os degraus, trancou a porta do seu quarto em seguida. Largou-se sobre a cama, os braços ao redor da cabeça. Sentiu o queixo tremer suavemente enquanto tentava segurar as lágrimas que escorriam. Sua barriga doía, o peito queimava e a cabeça explodia. Ouviu passos lentos subindo as escadas e alguém bater à porta com as costas da mão.

– Filho? – chamou a voz acolhedora da sua mãe. – Não tem problema se você deixou o molho cair. Eu faço molho branco com espinafre – e fez uma pausa. – É o seu favorito, não é? – Leroy não respondeu, tinha medo que ela percebesse que estivera chorando há um segundo. E ela certamente perceberia assim que ele abrisse a boca. – Está tudo bem, filho?

Ele engoliu, fungou o nariz baixinho que conseguiu e pigarreou de leve.

– Sim. Eu estou bem. Uma bicicleta quase me acertou na rua... – mentiu ele. – E eu caí e derrubei as compras. Foi só isso.

– Oh, você me deixou apavorada, Leroy! Tenha mais atenção da próxima vez! – e mudou o tom para algo mais cheio de ternura, como se tivesse se dado conta de que talvez estivesse sendo dura demais. – Tenha cuidado, tudo bem? Eu pensei que alguém tivesse tentado te assaltar... As ruas estão ficando cada vez mais perigosas com esses ladrõezinhos de primeiro roubo... Esses criminosos ainda não sabem o que fazer e acabam machucando as pessoas...

E um breve silêncio cresceu entre eles.

– O jantar fica pronto em vinte minutos. Lave o rosto e desça para comer. Vamos esquecer o que aconteceu, certo? – ela disse, sem esperar pela resposta, e desceu os degraus sonoramente logo em seguida.

Leroy enxugou os olhos e pestanejou, como se tentasse solucionar uma equação complicada de matemática. E ele mesmo não pôde compreender o sorriso esperançoso que se abriu no seu rosto.

– O primeiro roubo... – ele sussurrou para si mesmo.

Sua mãe era brilhante, simplesmente genial!

Deu um salto para a escrivaninha e sentou-se com tudo, fazendo-a ranger sob seu peso, já com a caneta entre os dedos e a mão ansiosa para recomeçar a escrever. E, antes que tivesse que descer para almoçar, as primeiras páginas do seu livro já estavam prontas.

Capítulo Dois

A jornada se inicia

– Tem certeza de que está se sentindo bem?

– Sim, mãe. Acho que é só um enjoo. Mas vai passar.

– Então pode me dizer por que não foi à escola?

Quanto a isso, Leroy achou mais prudente ficar calado.

Sophie podia ser uma mãe inflexível que nem uma estátua teimosa, mas também tinha lá seu lado sensitivo para algumas coisas. Leroy tinha a impressão de que ela podia sentir quando o filho estava escondendo alguma coisa que ela devia saber.

– Procure se informar sobre o conteúdo que perdeu hoje – e, com essas últimas orientações, sua mãe fechou a porta do quarto e desceu os degraus. Leroy podia jurar que ela começou a conversar com pessoas invisíveis assim que se viu sozinha.

No dia anterior não estivera doendo quase nada, mas hoje um hematoma da cor do carvão surgiu bem no meio do seu abdômen, fazendo o possível para recordar-lhe dos momentos super agradáveis ao lado de Aloys. Ele esperava que, pelo menos, os punhos do colega estivessem ainda mais doloridos que a sua barriga, mas eles já deviam estar bastante habituados a colidir com o corpo das pessoas.

Era difícil tentar se concentrar quando seu estômago fazia questão de lembrar que estava lá e que estava com muita, muita dor mesmo. O pior detalhe nessa história não era apenas que Leroy também estava com uma baita dor (afinal o estômago estava... meio que dentro dele), mas que ainda havia doze questões de matemática – praticamente impossíveis de se resolver, inclusive – aguardando ansiosas para serem solucionadas. Se estômagos tivessem dever de casa, eles certamente teriam com o que se distrair, principalmente pelo fato de não terem cérebro para pensar em alguma coisa útil...

Leroy riu consigo mesmo das coisas idiotas que passavam pela sua cabeça de vez em quando. Era muita sorte que as pessoas não conseguissem ler pensamentos, ou, definitivamente, ele já estaria internado em alguma instituição para gente com imaginação fértil demais.

Meia hora depois, o garoto resolveu fazer uma pausa com a tarefa de matemática e se espreguiçou. Na mais otimista das hipóteses, restava apenas metade das questões. Na

pior delas, dez de doze questões continuavam lhe aguardando, afinal ele tinha certeza de que algumas das suas respostas estavam erradas (havia um gabarito no final do livro). O único problema da matemática era que ela era exata demais e também era baseada em muita lógica. Só que o ponto forte de Leroy era justamente o contrário. Coisas que não faziam o menor sentido eram muito mais atraentes do que o óbvio. Coisas como magia, alienígenas, deuses e gigantes.

E, com isso em mente, logo a seguir já havia abandonado a tortura de matemática para se dedicar às próximas páginas do seu livro. Sua mão riscava o papel até os músculos dos dedos se enrijecerem e começarem a protestar por uma pausa merecida. Ele não ligava nem um pouco para as dores no abdômen ou o enjoo que crescia quando estava escrevendo, pois era quase como se fosse transportado para uma outra dimensão, para um lugar fantástico onde tudo podia acontecer de acordo com o que ele imaginava. Desenhou personagens com suas palavras mais inteligentes – algumas das quais teve até que procurar no dicionário –, descreveu paisagens fascinantes e deu vida a sorrisos, gargalhadas e lágrimas. Enquanto estava com a caneta firme entre os dedos, Leroy era o deus do seu próprio mundo e nem Aloys, nem ninguém, podia sequer alcançá-lo.

No meio da tarde, sua irmã mais nova, Marie, e seu melhor amigo, Léon Duchamps, retornaram juntos da escola. Nada era mais rotineiro na casa dos Beaumont do que contar com a companhia escandalosa de Léon quase todos os dias da semana. O amigo largou a mochila sobre a cama de Leroy e se jogou sobre ela, fazendo-a ranger com um ruído enfermeiro.

– Já disse que vai ter que me pagar uma cama nova se essa sua cabeça gorda partilha ao meio – disse Leroy com uma risada ao ver o amigo fazer uma careta de desagrado, o que era quase equivalente a um “oi”, na linguagem deles.

– Por que não foi à escola hoje? – quis saber Léon, uma sobrancelha erguida. – Fez xixi na cama e ficou deprimido?

– Vou te dar um motivo pra ficar deprimido. Eu estou enjoado pra caramba, dá até a impressão de que vou vomitar a qualquer hora.

Léon franziu a testa e ficou em silêncio por um instante.

– Por acaso o Aloys tem alguma coisa a ver com esse enjoo?

E o silêncio de Leroy foi a resposta que ele precisava.

– Vou afundar aquela coisa que ele chama de nariz amanhã mesmo! Vou esmurrar sem parar, você vai ver só, Roy! – ameaçou Léon, dando socos para o alto, ainda deitado sobre o colchão. – Já estou com vontade de fazer isso há um tempão!

– Deixa de ser idiota. Ele é mais perigoso do que parece – retrucou Leroy. – E não foi nada de mais, deixa pra lá.

E era isso o que provavelmente aconteceria.

Se Leroy era uns quinze centímetros mais alto que Aloys, Léon devia ser uns trinta, já que ele não era apenas o aluno mais alto da turma, mas da escola inteira. E seus ossos eram largos o bastante para dar-lhe a aparência de um pugilista profissional! Tinha cara de poucos amigos, pois nunca demonstrou muito interesse em se enturmar com as outras pessoas, e isso só fazia com que parecesse ainda mais brutamente. Quem o conhecia, sabia que Léon era praticamente inofensivo, uma planta resistente, mas com espinhos de mentira. As garotas o achavam incrível, entre os mais bonitos da escola, e os garotos procuravam não chegar muito perto dele, por mais que soubessem que ele não esmagaria seus ossos contra a parede mais próxima – como diziam os boatos mais maldosos.

Mas, ainda assim, Léon parecia causar um desconforto especial em Aloys, pois o valentão jamais se aproximava demais de Leroy quando seu melhor amigo gigante estava ao lado dele. O problema era quando eles não estavam juntos... e Aloys sempre se esforçava para recuperar as chances perdidas de afundar seus punhos em Leroy.

– Acho que vou almoçar agora – informou Leroy, afastando as folhas do seu livro para a outra extremidade da escrivaninha. – Já estou quase sentindo meu estômago roncar.

Léon se levantou da cama com um pulo.

– O que tem pra comer hoje?

Por mais que já tivesse almoçado na escola há algumas horas, Léon jamais pensaria em recusar a hospitalidade da mãe do melhor amigo. Não que a comida de Sophie fosse assim tão irresistível, mas Léon estava sempre faminto feito um leão, como seu nome sugeria.

Mais tarde, os dois amigos e Marie se reuniram no quarto de Leroy. O garoto abriu um sorrisinho ansioso e apertou as doze primeiras páginas do seu livro contra o peito, quase dando-lhes vida, de tanto carinho. A irmã e o melhor amigo se entreolharam, sem entender o que ele pretendia dizer com aquelas folhas soltas.

– Sabem o que é isso? – ele perguntou, quase emitindo luz própria de tão radiante.

– Cartas de amor!

– A herança de um parente rico!

– Receitas da vovó!

– Os gabaritos de todas as provas!

Leroy rompeu o sorriso e olhou para os dois com indignação.

– Como vocês conseguem ser tão bobalhóides?

– *Bobalhóides?* Você já fez piadas melhores, Roy... – suspirou Marie.

– E essa palavra nem existe – retrucou Léon em tom confuso, como se duvidasse que pudesse estar enganado.

– Isso se chama liberdade poética. Posso inventar as palavras que quiser, porque a partir de hoje sou um escritor! – ele voltou a sorrir quando os dois se deram conta do que se tratavam aqueles papéis. – Agora é a parte que vocês começam a me elogiar.

– Eu preferia que fosse a herança de um parente rico.

– E eu que fossem os gabaritos...

Leroy limitou-se a manter uma expressão inexpressiva e respirar fundo. Guardou as primeiras páginas do livro dentro da segunda gaveta da sua escrivaninha e cruzou os braços, sentando-se longe dos dois. Foi então que Marie e Léon pularam em cima dele, pedindo desculpas e dizendo que estavam só brincando.

– Deixa a gente ver, Roy! – suplicou Léon, lutando para abrir a gaveta enquanto Marie esticava as bochechas do irmão com a ponta dos dedos. – Você prometeu que deixaria a gente dar uma olhada quando estivesse escrevendo!

À medida que alguns minutos passaram, Leroy conseguiu acalmar a afobação daqueles dois e disse que precisava da ajuda deles para uma tarefa importantíssima em relação ao livro. Não que ele realmente precisasse de ajuda alguma, mas, se isso funcionasse para que aqueles dois parassem de importuná-lo, ainda seria uma tentativa válida. Afinal de contas, ele jamais permitiria que alguém espiasse sua história sem que ela estivesse completa, relida, revisada e *rerevisada*.

– Preciso procurar informações sobre algumas editoras. É a parte mais importante da coisa toda, já que são elas que podem publicar os livros e fazer a divulgação. Pesquisei muito nas últimas semanas e fiquei sabendo que é difícil pacas ter um livro publicado... É por isso que preciso da ajuda de vocês para encontrar o maior número de editoras.

– Mas pra quê pesquisar? – indagou Marie. – Não basta enviar para todas elas?

Sacudindo a cabeça, com um ar decepcionado, Leroy soltou um gemido de desgosto.

– Claro que não... Além de existir centenas de editoras por aí, não são todas elas que publicam ficção ou fantasia. Por isso temos que pesquisar. Vocês vão me ajudar?

– É lógico que a gente vai – disse Léon em tom de obviedade. – Vou pesquisar pelo meu celular.

E o garoto, com seus dedos longos, começou a cutucar a tela do seu celular no mesmo instante, tão depressa que Leroy ficou perplexo – o garoto era, praticamente, um

homem de neandertal quando se tratava de tecnologias. Marie saltou da cama e foi correndo buscar seu próprio computador portátil, que era bem mais novo que o de Leroy, mas também já estava à beira de um colapso de tanto que ela o judiava.

Se Sophie tivesse resolvido entrar no quarto do filho ao invés de seguir reto pelo corredor, teria ficado admirada ao ver três adolescentes tão compenetrados e estudiosos em suas maquininhas. Afinal aquelas coisas tecnológicas faziam algo a mais além de lavagens cerebrais!

A luz dourada do dia definhou com o apressado transcorrer dos minutos e, antes que qualquer um deles tivesse notado, apenas o brilho das luminárias de rua atravessava a janela. A lua, tímida, azulada e luminosa, escondia-se por trás de nuvens cinzentas que variavam os céus. Logo mais choveria, pensou Leroy, percebendo que ainda tinha o dever de matemática para terminar.

No final das contas, eles encontraram oito editoras compatíveis com a obra de Leroy. Parecia um número bem razoável, aos olhos do garoto, mas ele tinha conhecimento de que era provável que todas as oito recusassem o livro de um escritor amador e, ainda por cima, um escritor adolescente. Algumas delas nem se dariam ao trabalho de enviar-lhe uma resposta, nem sequer leriam a primeira página. Bem, ele não pretendia se desanimar com esse tipo de conclusões deprimentes antes mesmo de terminar de escrever, sabia que a sua história era única e que alguma daquelas editoras simplesmente *tinha* que aceitá-lo! Se bem que qualquer autor iniciante provavelmente pensaria a mesma coisa...

– Você fica sempre usando o mesmo golpe! – reclamou Marie, apertando os botões do seu controle numa velocidade insana.

– Isso é estratégia de combate, vocês mulheres não têm imaginação suficiente pra entender essas coisas! – retrucou Léon quando surgiu na tela uma mensagem colorida. “JOGADOR 1 É O CAMPEÃO!” e houve vivas barulhentos ressoando, a plateia rugia pelas caixas de som. – Viu só? Sou o campeão! Isso, me aplaudam, meus súditos! – ele agitava os braços para o alto. – Me tragam bandejas de frutas e mais vinho!

– Não seja tão ridículo... Se a gente tivesse começado em condições iguais, eu teria a mesma chance de vencer! Mas você escolheu aquela Espada dos Dragões logo de cara!

– Quem mandou não treinar seu personagem? – gargalhava Léon.

Leroy mordeu a ponta do seu lápis e apertou as bolotas de algodão mais fundo nas orelhas. Por que eles tinham que jogar justamente no seu quarto? A televisão de Marie também era bem grande! Tudo bem, tudo bem... Leroy gostava da companhia deles, mas será que não podiam fazer um pouquinho mais de silêncio? Aquela já era a quinquagésima

vez que copiava errado uma palavra. A letra de Léon era péssima, ainda por cima... Era de se impressionar que ele tivesse passado do primeiro ano da escola. E aquela algazarra também não ajudava muito... Apertou o algodão ainda mais fundo, se é que isso era fisicamente possível.

O dever de matemática estava pronto (e, aliás, com quase todas as respostas exatas), mas umas sete folhas de matéria ainda restavam ser copiadas e estudadas, isso porque Léon nunca fazia anotações dos comentários importantes que os professores apontavam, apenas se contentava em copiar o conteúdo da lousa. O amigo era inteligente, mas não se esforçava nem um pouco para estudar... Leroy sentia que tinha alguma culpa nisso, já que ele lhe passava as respostas em quase todos os testes.

O garoto deu uma espiada na partida que havia recomeçado, com as vozes reduzidas de Marie e Léon ainda atravessando o algodão. Queria jogar com eles, aquele era seu jogo favorito, mas tinha que se empenhar nos estudos para recobrar o tempo perdido. Seus pais ficariam decepcionados se ele tirasse notas muito baixas. Bem, nenhuma das suas notas mais altas se comparava às da irmã mais nova, que era o orgulho máximo daqueles dois. Ela era a *menina gênio* que não precisava estudar para gabaritar em quase todas as disciplinas. Leroy não ficaria admirado se a irmã ganhasse um prêmio nacional quando estivesse na faculdade. Esse era um dos motivos pelo qual não podia ficar muito para trás.

Seus neurônios começaram a estourar mais uma vez.

Física devia ser irmã gêmea da matemática... *Mas que raios é uma treliça?* Pensou ele, enquanto passava os olhos pela mesma questão pela terceira vez. *E por que eu tenho que calcular o módulo da força resultante média que opera sobre uma bola de demolição no intervalo de duração do choque com a estrutura de um prédio de sei lá quantos metros?* A sua revolta era injustificada, é claro. Todo mundo tinha que aprender física e matemática. *Mas qual a utilidade prática disso? E por que todo mundo tem que aprender essas coisas?* Ele largou o lápis e, ao mesmo tempo, um relâmpago seguido por um trovão estrondoso atingiu algum para-raios pela vizinhança, fazendo os três amigos darem um pulo aonde estavam.

– Léon, avisa os seus pais que você vai dormir aqui – pediu Leroy.

– Você está me pedindo pra ficar, é isso? – o amigo demonstrou um olhar acusador, como se suspeitasse que ele estava com medo dos trovões.

– Pode ser, mas, de qualquer jeito, você não vai conseguir voltar pra casa com uma tempestade dessas. E eu preciso dos seus cadernos por mais um tempo – justificou ele, dando um sorriso meio desajeitado. – Vamos à escola juntos amanhã.

E assim ele também não corria o risco de ser importunado por Aloys no trajeto, só que ele não disse isso para Léon.

– Agora se preparem, porque o Invencível Imperador Leroy vai entrar em jogo!

E os três jogaram por longas horas incansáveis, rindo tão alto que o pai de Leroy, Julien Beaumont, veio dar-lhes uma baita reprimenda por conta da algazarra, mas acabou se unindo ao grupo como “JOGADOR 4”.

Três meses passaram voando.

Felizmente, durante esse período, Leroy sentiu pouquíssimos enjoos – e, se isso já não for bastante claro, quer dizer que ele *quase* não foi alvo dos murros voadores de Aloys. Ele também já havia finalizado diversas páginas do seu livro.

Há menos de um mês e meio, escrevera um e-mail para a editora que mais lhe interessava, pedindo mais informações sobre o envio da obra original. Mas eles não se dignaram a responder. Como se isso já não fosse esperado... Ele reunira todas as informações sobre o registro do livro, que era algo que se devia fazer antes de pensar em enviá-lo para qualquer editora, e descobriu que a vida de um escritor não era tão fácil quanto parecia. Havia um detalhe, algo que parecia mais minúsculo a cada vez que ouvia alguém tagarelar sobre, algo que se chamava *falta de inspiração*, ou como os mais poéticos preferiam: *desinspiração*. Era uma coisa que, a propósito, não tinha nada a ver com deixar de suar, como Léon sugeriu quando ouviu o termo pela primeira vez.

Falta de inspiração significava que a pessoa não tinha mais inspiração, o que é óbvio o suficiente para não precisar de uma explicação dessas, é claro. Muito embora a maioria das pessoas jamais tenha experimentado algo parecido com isso, já que, em geral, elas estavam apenas entediadas e, só por isso, passavam a acreditar que conheciam o verdadeiro significado de desinspiração, na prática.

Bem, Leroy teria ficado, no mínimo, mal-humorado se alguém fizesse quaisquer comentários que incluíssem as palavras “preguiçoso”, “escrever” e “livro”. Ele já não conseguia escrever há mais de dez dias e aquela situação parecia estar consumindo a sua própria essência de ser.

Qualquer um ficaria desanimado em ter seus grandes projetos interrompidos por alguma coisa misteriosa que parecia ter entupido o cano que conectava a criatividade aos pensamentos, ainda mais por essa coisa também ser invisível e incontrolável. Não lhe faltava vontade, energia, ideias ou qualquer outra coisa que alguém pudesse acrescentar. O

que faltava era justamente o mais importante, o ingrediente principal. E inspiração é algo que só surge com o tempo. E com muita paciência.

Entretanto, Leroy não imaginava que essa coisa esquisita, que inspira a arte no coração das pessoas, podia surgir até mesmo nas situações mais improváveis.

Foi num dia chuvoso de outono que ele descobriu.

– Volta aqui, Beaumont! Eu só quero conversar!

Quatro rodas giravam freneticamente.

Leroy ofegava tanto que chegou a acreditar que seus pulmões fossem explodir. Sua bicicleta era um foguete se comparada à de Aloys, que estava toda enferrujada e caindo aos pedaços, mas o colega tinha pernas muito mais fortes do que ele, o que dava um ritmo de igualdade aos dois corredores (ou ao predador e sua presa, se preferir dessa forma). Aloys estava há menos de cinco metros de Leroy, era apenas uma questão de tempo até que o alcançasse.

O garoto praguejou na sua cabeça contra si mesmo. Por que não havia aceitado a companhia de Léon? Por quê? Ah, é mesmo... ele não queria que o amigo se esforçasse por sua causa, afinal ele estava resfriado há dois dias e precisava de repouso. Pousou a mão sobre o embrulho que sua mãe encomendara do outro lado da cidade. Se aquilo era algo frágil, então já devia ser tarde demais. De qualquer forma, também era tarde demais para Leroy se arrepender, ainda estava há dezenas de quarteirões de casa. Tinha que se conformar em ser saco de pancadas mais uma vez. Só desejava ter enfiado o embrulho dentro da mochila, enquanto ainda estava no interior da loja. Mas também era tarde demais para se pensar nisso.

– BEAUMONT! – vociferou Aloys com toda a força dos pulmões. Ele não parecia estar de brincadeira...

Os braços do sol ainda tocavam as ruas com seus lampejos de fogo. Talvez restasse pouco menos de meia hora para escurecer quando, de repente, o céu acabou ficando negro. Uma massa negra e tempestuosa se espalhava rapidamente e relampejava trovões ensurdecedores.

Será que Aloys não aceitaria uma trégua mesmo debaixo da tempestade que se aproximava? Isso era tão improvável que nem valia o risco da tentativa... por isso Leroy pedalou com ainda mais vontade.

Sua testa estava encharcada de suor antes mesmo que a primeira gota de chuva caísse em uma rua qualquer de Orléans. Em menos de um segundo, todas as ruas, calçadas, muros e telhados foram banhados pela água abundante que despencava do céu. As rodas

novas da sua bicicleta vacilaram um pouco sob o pavimento escorregadio, mas mantiveram-se firmes na chuva, o mesmo não se podia dizer da bicicleta do outro garoto, que parecia mais deslizar em alto estilo do que propriamente rodar.

Leroy avistou um grupo de trabalhadores se distanciando de um bueiro entreaberto no meio da próxima rua e desviou a tempo. O problema foi que Aloys não teve a mesma atenção. Nem a mesma sorte. A roda anterior da sua bicicleta, toda esfarrapada e sem as antigas ranhuras, afundou no bueiro e ficou entalada. Àquela velocidade, Aloys foi lançado vários metros para a frente e se estatelou no meio da rua.

Como se o tempo tivesse parado, Leroy olhou para trás e freou a própria bicicleta, que deslizou um pouco antes de conseguir parar.

O garoto observou espantado o corpo inerte do colega, havia uma listra de sangue tingindo a faixa de pedestres e se dissipando com a chuva furiosa que assomava tudo lá embaixo.

Largou a bicicleta e soltou a mochila das costas, que despencou e acabou espalhando seu material escolar pela calçada. Aloys não valia o que estava prestes a fazer, Leroy sabia que ele não merecia que fizessem qualquer coisa boa por ele, mas algo sussurrava na sua cabeça que ele devia ajudá-lo porque era o que devia ser feito. Correu até o colega e percebeu que sangue escorria do braço direito, aparentemente estava quebrado.

– Consegue se levantar?

– Por que não foi embora...? – retrucou Aloys, ao invés de responder. Leroy também ficaria bastante satisfeito em saber. – Minha perna – ele disse, por fim – está presa.

Foi então que Leroy viu a valeta entre a rua e a calçada, pela qual litros de água de chuva escorriam e seguiam para os esgotos. A calça do rapaz estava tão esfolada quanto a perna debaixo dela, presa dentro da valeta.

– Vou puxar, acho que vai doer um pouco – informou o garoto e deu um puxão que resultou em nada mais que um berro por parte de Aloys. Ele teria levado um murro na cara se o colega não estivesse se apoiando em um dos braços e o outro não estivesse quebrado. E puxou mais uma vez, mas a única resposta foi outro grito cruciante. – Você tem que me ajudar a puxar, droga!

– O que você acha que eu estou fazendo, Beaumont?! Brincando de pique-esconde com o meu pé?

Leroy observou ao redor, não havia mais ninguém por perto. Era uma região residencial sossegada, as pessoas deviam estar se protegendo da chuva no calor de suas lareiras.

ras. Agarrou a perna de Aloys com menos dó do que das outras vezes e deu um poderoso puxão, seguido por um berro de igual magnitude.

Mas o que deixou Leroy apavorado não foi o grito subitamente interrompido de Aloys, mas os olhos esbugalhados do colega ao ver alguma coisa se aproximar em alta velocidade. O motorista devia estar sonolento, pois não diminuiu a velocidade da caminhonete quando já estava há apenas uns cem metros dos estudantes. Talvez não estivesse enxergando bem, o tempo escuro e os faróis apagados não ajudavam muito. Sem muitas opções, Leroy tentou algo diferente. Sem avisar, girou a perna de Aloys e puxou como se tivesse perdido o interesse em salvar o pé entalado. E ele se soltou. Seu ouvido perdeu a sensibilidade por um instante, com o berro lancinante de dor. Sem perder tempo, Leroy arrastou o corpo do colega para a calçada com muito mais pressa do que delicadeza e viu que a caminhonete distraída não atingiu os pés dele por um triz, quando avançou em disparada pela rua.

– Caracas... Isso quase acabou mal – disse Leroy ao despencar no chão, sentia-se exausto. A chuva já não o incomodava, ela era o menor dos incômodos. – Melhor você parar de me perseguir, algum dia nós dois vamos acabar morrendo se a coisa continuar desse jeito.

O outro estudante não conseguiu retrucar uma resposta mal educada, pois uma das mãos cobria o rosto, tentando afogar suas lágrimas e abafar o choro.

Uma ambulância chegou em menos de dez minutos e Aloys Plamondon foi transportado em segurança para um hospital. O garoto olhou para trás antes de pedalar de volta para casa, a ambulância disparou pelas ruas deslizantes com sua sirene ligada. Uma coisa terrível quase havia acontecido por muito pouco. Como seria o resto dos seus dias se tivesse deixado Aloys preso naquela valeta? Bem menos dolorosos, sem sombra de dúvidas! Mas ele não quis pensar a respeito disso, pois tinha o pressentimento de que as coisas nunca mais seriam como antes.

E ele não fazia ideia de como estava certo.

Salvar um pé do terrível destino de ficar entalado até que o resgate chegasse já teria lhe deixado inspirado para escrever centenas de páginas, mas salvar a vida de uma pessoa – que o detestava por motivos desconhecidos, inclusive – deixou sua mente repleta de inspiração para a vida toda. Sempre que se lembrasse daquele dia, encontraria o que precisava para continuar a escrever, afinal podia ter sido o seu pé a ficar preso. Podia ter sido ele que quase... Bom, de qualquer maneira, esse não foi o caso.

Nas próximas semanas, que englobavam também uma semana de exames escolares, Leroy tirou notas excelentes e escreveu mais da metade do seu livro.

– Acho que ele nunca mais vai ter coragem de te intimidar – disse Léon durante o horário de almoço. Aloys estava do outro lado do saguão, sentado sozinho com suas muletas apoiadas no parapeito de uma larga janela, comendo lentamente enquanto refletia em silêncio. O olhar perdido em algum lugar distante.

Era um garoto mais forte do que aparentava. Apesar de ter fraturado o braço direito, duas costelas, uma perna e o tornozelo – Leroy tinha participação nessa fratura, em particular –, Aloys estava lá. Comparecia à escola todos os dias e fazia todos os seus exames sem reclamar de dor. Suas notas, por mais incrível que pudesse parecer, eram quase tão boas quanto as de Leroy, houve dias em que podiam até superá-lo, isso se Leroy não fosse atualmente o aluno mais aplicado da turma.

– Não me importo com ele – Leroy deu de ombros e logo começaram a conversar sobre como comemorariam sua formatura, que ocorreria dentro de alguns meses. Mas, no fundo, nem ele mesmo havia percebido que se importava, sim.

O inacreditável aconteceu num dia friorento – com direito a um par de luvas grossas e um cachecol de lã sintética tricotado pela sua avó –, um daqueles dias em que nada parece estar fora do comum, quando Leroy foi abordado por Aloys e suas muletas. Ele voltava para casa após a escola, estava sozinho, pois Léon havia faltado. Aloys só conseguia manter-se em pé porque estava apoiado nas muletas, mas havia algo diferente na sua feição, algo que não lembrava a dor que ainda devia estar sentindo nos ossos.

Ele abriu um sorrisinho desanimado.

– Oi...

Leroy franziu as sobrancelhas antes de responder.

– Oi.

E aquele foi um fim de tarde muito estranho. Os dois ali, parados na rua feito dois amigos que não se reencontravam há séculos, se encararam por alguns segundos até que Aloys tomou coragem e desembuchou tudo o que tinha para dizer.

E não eram apenas bobagens e pedidos de desculpa esfarrapados. Ele chorou algumas vezes, escondendo o rosto com a mão, de tão envergonhado. Parecia a própria encarnação do arrependimento. Contou-lhe alguns fragmentos da sua vida, como se quisesse justificar porque havia sido tão cruel com ele durante todos aqueles anos. E, realmente, Leroy tinha que admitir que não havia sido uma vida das mais agradáveis. Ele fora abandonado pelos pais quando ainda era pequeno, sendo criado por um tio divorciado. O tio não era um

homem mau, mas também não conhecia o significado de gentileza, carinho ou afeto. Por toda a sua infância, a única pessoa com que ele podia contar era seu primo, que tinha a mesma idade dele.

– Ele era muito parecido com você, não só de cara, mas de personalidade também – disse Aloys, enxugando o rosto e fungando ruidosamente, sem muita educação. – Era inteligente e bem humorado – aquele elogio parecia ter sido feito com o efeito proposital de agradar Leroy. E funcionou.

Os dois eram inseparáveis, pelo que Aloys lhe contou. Eram tão unidos quanto irmãos, ou talvez ainda mais do que isso. Mas o primo acabou morrendo, quando entrou numa briga para defendê-lo de um valentão. O outro garoto, que era muito mais forte e corpulento, acabou derrubando-o dentro da piscina da escola, ele não sabia nadar, por isso sufocou com a água até afundar, sem que ninguém pudesse ajudá-lo.

Depois dessa e de tantas outras histórias que Aloys lhe contou aquele fim de tarde, Leroy achou que podia perdoá-lo. Afinal, todo mundo tinha seus defeitos... Contudo, só o perdoaria sob a pequena condição de que o garoto nunca mais intimidasse ou agredisse quem quer que fosse, condição esta que ele aceitou mais do que prontamente.

Leroy não havia apenas salvado a vida do valentão que atormentou sua vida pelos últimos anos, mas também acabou se libertando do seu único inimigo declarado. E, daquele dia em diante, passou a incluí-lo na sua pequena lista de grandes amigos.

Capítulo Três

O elo que nos une

Na semana seguinte, durante um incomum jantar em família – já que os quatro raramente comiam juntos –, Sophie estava radiante por terem elogiado a sua comida não apenas uma, mas duas vezes. Por mais que os elogios se limitassem a mencionar que o chucrute combinava muito bem com as salsichas de arroz. No entanto, não demorou muito para que as conversas habituais tomassem um rumo desconfortável que logo arruinaria completamente o apetite de Leroy.

– Já decidi qual faculdade pretende fazer?

Aquela não era uma simples pergunta, como parecia a princípio. Era a exigência de uma resposta. Sophie pestanejava com mais vontade que o normal enquanto admirava a coloração incomum da verdura no seu prato e a mastigava devagar, Leroy sabia que, quando sua mãe lhe fazia uma pergunta e não o encarava em seguida, aquilo significava que ela esperava por uma resposta que gostaria de ouvir.

Mas não foi uma dessas que ela ouviu.

– Acho que vou deixar a faculdade para mais tarde, talvez...

– POR QUÊ? – perguntaram as vozes de Sophie e Julien em coro, os dois quase se engasgaram com a comida.

Marie respirou fundo e bebeu um gole do seu suco de maçã verde. Ela sabia que o irmão estava em apuros.

E ele também sabia disso, só que a reação dos pais parecia muito pior do que havia antecipado. Ele pousou o garfo e a faca ao lado do prato e pigarreou, fingindo livrar a garganta de algum incômodo que não existia.

– Estou escrevendo um livro e...

– E o que isso tem a ver com a faculdade? – indagou Sophie, as sobrancelhas tão erguidas quanto era possível. Ela nunca deixava que ninguém terminasse uma frase sem interromper, mas Leroy conhecia sua mãe bem até demais e já não se incomodava tanto com isso. – Pelo que me consta você pode muito bem fazer um curso e escrever quantos livros quiser.

Leroy sacudiu a cabeça em aprovação.

– Sim, claro. Mas eu quero me dedicar a ele, mãe... Eu tenho o pressentimento de que vai dar muito certo. Eu já pesquisei sobre o registro e tenho uma lista de editoras que...

– Você sabia que alguns dos maiores escritores do planeta morreram na miséria? – comentou seu pai, como se aquela fosse uma verdade incontestável que todo mundo sabia. – Pode levar décadas para se conseguir algum rendimento vendendo livros. Ainda mais com essas historinhas de criança que você escreve...

– Não são historinhas, pai. Eu mostro pra vocês, já tenho metade do livro pronto, se quiserem eu posso ir pegar agora mesmo.

– Você não está entendendo, Leroy. Ouça o que eu digo, que é para o seu próprio bem – repreendeu Julien, a testa enrugada e os olhos imóveis por trás da armação fininha dos óculos. – Faça uma faculdade, algo que possa te render algum dinheiro. Veja só a sua irmã: com as notas dela, ela vai ser aceita em qualquer universidade. Você precisa se esforçar mais do que nunca este ano. Agora é o momento, entende? – ele falava como se conhecesse as notas do filho... mas as de Marie eram tão geniais que cegavam as vistas de seus pais antes que se lembrassem de verificar as do filho mais velho também. – Quando você estiver economicamente estável, pode ter o passatempo que quiser.

– Não quero escrever por passatempo, quero ser escritor profissional.

Julien respirou fundo e franziu os lábios, como se estivesse prestes a iniciar um diálogo com uma alface.

– Acho que você não ouviu o que eu disse... Qualquer coisa que não dê dinheiro, não pode ser chamado de trabalho.

– Eu ainda nem enviei para a editora, a gente não tem como sab...

– Leroy – seu pai estava prestes a perder a paciência –, a não ser que o seu livro seja tão magnífico quanto um Dumas ou um Victor Hugo, ele não vai te dar o retorno que você espera. Não é só pouco provável... É impossível!

Aquilo o magoou.

Na verdade, era quase como se estivessem rasgando todo o seu trabalho e queimando os pedacinhos em seguida, sem nem mesmo ter passado os olhos pelas primeiras linhas. Ele não pôde evitar que os olhos ficassem vermelhos, mas fez o possível para apertar o nó que se formou na sua garganta. A rejeição de quem mais se quer orgulhar é a que mais machuca, e Leroy foi assolado por esse sentimento de derrota.

O pai não fez mais comentário algum e deu um longo gole na sua taça de vinho. Sabia que tinha sido um pouco mais severo do que pretendia, mas o filho era teimoso e não

dava ouvidos à razão. Sophie suspirou, com os olhos tristes, como se pudesse sentir a tristeza que se apoderava de Leroy.

– Você é mais inteligente do que você pensa, Leroy – ela disse, dando uma pequena pausa em seguida. – Nós não estamos nos opondo à sua escolha de escrever, isso é algo muito bom, reconhecemos isso, mas você tem potencial para ser grande. Por que não pensa melhor nas suas escolhas? Por que não se inscreve para medicina ou psicologia? Você tem talento para essas coisas, filho – ela sempre o chamava daquele jeito quando queria convencê-lo de alguma coisa importante, mas isso só fez com que se sentisse ainda mais encurralado. – Antes de tomar qualquer decisão, pense melhor no que estamos te dizendo.

Ele meneou com a cabeça num gesto involuntário de concordância e se levantou depois de um minuto, sem dizer uma palavra, levou o prato quase intocado para a cozinha, onde pretendia lavá-lo ainda em silêncio e tentar não derramar nenhuma lágrima até que estivesse trancado no seu quarto.

Naquela noite, enquanto tentava dormir e era cada vez mais atormentado pelas decepção dos seus pais, ele prometeu a si mesmo que dedicaria seu primeiro livro a eles, para que um dia sentissem orgulho do homem que seu filho se tornaria.

Como se já estivesse esperando que fosse perder a vontade de escrever, Leroy nem se aproximou das páginas do seu livro quando chegou da escola no dia seguinte. Apenas assistiu o final de um filme repetido e estudou inglês e química até a hora de dormir. Contudo, nada poderia privar-lhe daquela vontade voraz de escrever e, nas semanas seguintes, já estava com o livro quase terminado.

– Você está roubando, Duchamps... – acusou Aloys em tom irônico enquanto observava a péssima combinação de dados que havia feito na sua jogada. – Vou te bater com as minhas muletas se eu descobrir que está mesmo roubando de novo!

Léon ergueu as mãos em protesto.

– Eu, roubando? – repetiu Léon, achando que convencia alguém de que estava morrendo de indignação com a acusação do amigo. – Sou apenas um vencedor nato, não posso ser culpado por ter nascido com toda essa sorte. E quem tem fama de delinquente não sou eu, sabe...

Ele podia ter evitado aquela última brincadeirinha inocente, pensou Leroy enquanto jogava seus dados. Aloys soltou uma gargalhada bem humorada e Marie também. Era estranho como as coisas haviam tomado um rumo tão inesperado nas últimas semanas.

Não era de se impressionar que, como todo sujeito desconfiado, Leroy tinha a impressão de que Aloys não manteria a sua promessa e logo mais estaria perseguindo os estudantes mais fracos, mesmo com alguns dos seus ossos quebrados. Só que a sucessão de acontecimentos foi impressionante. Podiam até chamar Leroy de velhote, de integrante adiantado da terceira idade, Alzheimer juvenil ou do que quer que fosse, mas ele não conseguia se lembrar de como Aloys Plamondon passou a frequentar a sua casa quase tão frequentemente quanto Léon. O colega, antes violento como um lobo raivoso, se transformara em um cãozinho que corria atrás do próprio rabo. Aloys era a prova viva de que milagres podiam acontecer. E agora, lá estavam eles: jogando aquele jogo de tabuleiro que parecia trapacear por si só e fazendo tanta algazarra quanto podiam, aproveitando que os pais de Leroy haviam ido à cerimônia de casamento de algum amigo distante.

Fosse para tentar se convencer de que não se importava com o que pensavam sobre ele, ou mesmo para tentar esquecer comentários que não podiam ser esquecidos, Leroy nunca mais comentou sobre a conversa que tivera com os pais aquele dia, e Marie também não tocou no assunto. Então tudo ficou por isso mesmo. Desde então, ele procurava ser tão discreto quanto possível nos momentos que reservava para escrever, e já não deixava as páginas do seu livro ao alcance de qualquer um. Era quase como se elas fossem um objeto de vergonha que pertencia a ele e a mais ninguém.

– Está dormindo acordado, Roy? – murmurou a voz de Marie.

O garoto sentiu-se despertar do seu transe e pestanejou algumas vezes.

– É a sua vez de jogar os dados.

– Ah, sim.

Chacoalhou-os e lançou. Os dados caíram fora do tabuleiro, como sempre teimavam em cair, e ele foi obrigado a se curvar para frente para conferir o resultado. Seis e quatro, então era dez. Uma jogada quase perfeita! Moveu sua peça pelas casas do tabuleiro e separou as cartas que pretendia usar, pegando uma nova no baralho. Havia algo dentro dele que não parecia certo. Ele sentia que devia estar mais feliz do que na maioria dos dias, afinal era uma manhã de um sábado pouco nublado, estava ao lado dos amigos e da irmã, e tinha várias guloseimas ao seu alcance, pois seu pai fora bem generoso com o “incentivo financeiro” que lhes deixara antes de sair para o casamento. Só que havia algo errado com ele, ele só não sabia o quê.

Jogou uma das suas cartas sem nem se dar conta de qual era e percebeu, surpreso, que todos começaram a resmungar com ele. Só então viu que havia vencido a partida.

– Viu só? E depois você acha que *eu* estou roubando? – resmungou Léon para Aloys, dando um tapinha brincalhão no ombro de Leroy, que abriu um sorriso, sem se dar conta do insulto à sua honestidade nos jogos.

– O que há de errado com esse *Beaumont*? – balbuciou Aloys, questionando mais a si mesmo do que aos outros.

No instante seguinte, Leroy notou que era o centro das atenções.

– Eu estou bem, oras! Vocês só estão achando que um aliem possuiu meu cérebro porque eu venci com muito estilo!

– Roy, você não venceu coisa nenhuma... – murmurou Marie.

– É verdade, cara, olha só – Léon apontou para o tabuleiro, indicando a posição que sua peça estava na jogada anterior e a sua posição atual –, você moveu umas vinte vezes ao invés de dez. Por isso chegou ao final tão depressa.

– E ainda usou uma carta mesmo depois de já ter “chegado no final” – acrescentou Marie, como se o seu caso de abstração já não tivesse sido grave o bastante.

Leroy estalou a língua e deu de ombros.

– Eu só estou um pouco distraído. E daí?

Todos o encararam com cara-de-quem-não-quer-dizer-nada.

– Ok, eu confesso... um aliem entrou pela minha orelha a noite passada e acho que estou tendo um pequeno transtorno de personalidade desde então. Acho que agora consigo ficar vesgo por mais de um minuto, querem ver?

– Eu me pergunto se ele sempre foi idiota desse jeito ou se foi só depois que eu aceitei ser seu amigo... – comentou Aloys, descrente.

Os outros três começaram a rir e Aloys ficou confuso por um instante até que se deu conta de que havia, de uma maneira bem esquisita, insultado a si mesmo.

– Não foi isso o que eu quis dizer! Seus palermas! – defendeu-se. – Olhem só, eu acho que o *Beaumont* está preso nesse quarto por tempo demais! Por que a gente não vai até aquela lanchonete nova que fica pertinho da *Sainte-Croix*? Ouvi dizer que se você conseguir comer dois sanduíches sozinho, o terceiro é por conta da casa!

E, logo em seguida, os quatro já estavam se dirigindo para a tal lanchonete, tão animados que as pessoas prestavam atenção neles quando passavam. Léon mal podia se aguentar de tão ansioso com a oportunidade única de comer três sanduíches e pagar só por dois! Leroy achava um milagre que o amigo não fosse tão largo quanto era alto. Ele comia tanto que, se metade das pessoas fosse que nem ele, todas as lanchonetes já estariam falidas.

Os outros três riam de uma piada que Aloys tinha acabado de contar, o rosto de Léon estava quase roxo de tão vermelho. Leroy não conseguiu acompanhar o raciocínio já que estava ocupado demais ficando distraído com coisa nenhuma. Ele sentia-se esquisito... só não sabia ao certo o porquê. Será que isso tinha alguma coisa a ver com o que os pais lhe disseram algumas semanas atrás? Bem, ele não se lembrava de estar daquele jeito há tantos dias. Tinha que haver outro motivo...

E, enquanto ele pensava com seus botões e os amigos riam de alguma outra coisa qualquer, os quatro finalmente chegaram à lanchonete.

O lugar estava simplesmente lotado. Em alguns dias Léon descreveria aquele momento como “estava tão abarrotado de gente lá dentro que quando uma pessoa entrava, outra acabava sendo lançada pela janela”. Mas Léon sempre foi absurdamente exagerado. Assim que os quatro entraram na lanchonete, Marie detectou uma mesa vazia lá no fundo e correu para guardar os últimos lugares.

– Como eu achei essa mesa, vou fazer meu pedido primeiro! – decretou ela, já se dirigindo para uma das longas filas. E, antes que alguém pudesse agarrá-lo, Léon deslizou da sua cadeira, como um esquilo que acabou de roubar uma avelã alheia, e foi acompanhar Marie. Leroy não podia culpá-lo pela sua natureza faminta.

Então Leroy e Aloys foram deixados para trás, com a tarefa tediosa de guardar os lugares. O colega pousou suas muletas entre as pernas, já que não havia muito espaço sobrando ao redor, e encarou Leroy com uma expressão pouco sugestiva, mas que esperava alguma coisa.

– E então?

– *E então* o quê? – Leroy quis saber, sem entender bulhufas.

– Não se faça de idiota. Eu sei por que você está todo bobinho desse jeito.

– Obrigado pelo elogio...

– Eu entendo como é... você não tem pra quem se abrir. Seu pai parece bastante... legal... mas acho que você teria vergonha de falar sobre coisas desse tipo com ele. O mesmo vale pro Léon, vocês já são amigos há muito tempo e ele já é praticamente da família. Então dificulta as coisas do mesmo jeito. Pode falar, aproveite que eu estou de bom humor.

– Olha, não estou conseguindo acompanhar a sua imaginação. De verdade.

– Vou resumir o caso em duas palavras e você vai me entender: Marianne Faucher. Sacou agora?

– A aluna nova? O que tem ela?

Aloys colocou uma mão na testa de uma forma mais dramática do que pretendia e balançou a cabeça.

– Ou você está gostando do papel de idiota ou você é muito ingênuo mesmo...

– Hã...?

– Ok, segunda opção. Olha, você gosta dela, cara!

– Quê? Eu? Mas eu nem...

Então ele parou e refletiu sobre o que acabara de ouvir. Nunca tinha parado para pensar em Marianne, na verdade. Ela parecia uma mistura doce de timidez e determinação, uma combinação bastante interessante em uma estudante do último ano do colegial. Leroy descobriu que gostava daquilo. E ela também sabia fazer origami, o que demonstrava que era uma pessoa tranquila e habilidosa, igualzinha a ele.

– Ah, não venha me dizer que você não sabia que gostava dela... – murmurou Aloys desacreditado.

– Eu nunca gostei de ninguém, oras... Como é que eu ia saber? Tá, mas acho que gosto, sim. O que tem isso?

– Você deve pedi-la em namoro! Ou pretende ficar bobeando para sempre? Até onde eu sei, ela está vaga.

– *Vaga?*

– É. Livre, solteira. Puts, você não consegue ser menos inocente?

– Você está tratando a menina como se ela fosse um espaço vazio num estacionamento... Eu não consigo acompanhar a sua mentalidade, sabia? – tartamudeou Leroy, pondo-se de braços cruzados. – Como se pede alguém em namoro?

Como se tivesse levado uma flechada no coração, Aloys olhou espantado e indignado para Leroy, o que deixou o amigo também espantado e ainda mais indignado por ter se permitido assustar por nada. Aquele assunto era um tanto apavorante, ele tinha que admitir... Nunca tinha gostado de alguém antes. Não daquele jeito. Mas agora não conseguiria encerrar uma conversa dessas justo quando havia descoberto o possível motivo da sua estranhíssima falta de foco.

Leroy olhou feio para Aloys como nunca teria imaginado que seria capaz. Bem... isso se as coisas não tivessem tomado um rumo tão diferente.

– Ok, ok. Vou fingir que estou ensinando uma criança a jogar futebol – brincou Aloys. – Primeiro você tem que se aproximar dela, então você puxa assunto falando de qualquer coisa aleatória. Pode ser... hã... sentando ao lado dela e perguntando as horas, por exemplo. Então você desenvolve a conversa – explicou o garoto, gesticulando com uma

das mãos, já que suas costelas gritariam de dor se ele movesse o braço quebrado com tanta liberdade. Quanto mais ele falava sobre como conquistar Marianne, mais Leroy acabava inclinando-se para a frente, tanto porque não queria perder os detalhes quanto porque não pretendia que as pessoas ao redor soubessem que ele estava apaixonado. Era um pouco vergonhoso. – Ai você pode começar com o que interessa.

– Pedir ela em namoro depois de perguntar as horas parece um pouco apressado...

– Não, bobalhóide!

– Pera ai... a Marie e o Léon te contaram do meu neologismo?

– Neo-quem? – Aloys enrugou a testa. – Foco, Beaumont! Ou vou esmagar seu nariz para que a garota sinta pena de você, ao invés de amor! – Leroy deu uma risadinha em deboche e Aloys continuou. – A parte que interessa é falar sobre ela, sobre o que viu de melhor nela.

– Ela parece gostar de ler, acha que eu devo mencionar uma frase famosa de algum livro?

– Você é o quê, a reencarnação de Shakespeare? Cara, você deve falar da beleza dela! As mulheres gostam de ser elogiadas, entendeu? Se você estiver perdido, seja organizado e metódico, um panaca calculista que nem você não vai ter problemas com isso. Primeiro fale que gostou dos cabelos dela, depois dos olhos, da boca, do pescoço... é só ir descendo. Dos ombros, dos peitos, do umbigo...

– Ok, já entendi. Você quer que eu seja que nem você... Conselho negado.

– Falou o sabichão. O que pretende fazer então?

O rosto de Leroy se abriu em um largo sorriso quando uma ideia perfeita brotou em sua mente.

– Vou escrever um poema sobre ela!

Seus ouvidos devem ter se fechado para as risadas de deboche do amigo, porque ele só conseguia dar atenção às palavras que se organizavam na sua mente e formavam algumas das primeiras linhas do poema.

Quando Marie e Léon retornaram com suas bandejas – a de Léon tinha dois sanduíches a mais que a de Marie –, eles não compreenderam por que Aloys estava chorando de tanto rir e nem por que Leroy parecia mais avoado do que nunca, olhando para o teto e movendo o queixo sem parar.

Apesar de toda a imensa criatividade que operava no seu cérebro artístico, Leroy enfrentou a mesma dificuldade de quando estava escrevendo a primeira página do seu li-

vro: qual palavra devia usar primeiro? Demorou três dias para que ele a descobrisse e mais dois para que se convencesse de que o seu projeto, que durara pouco menos de uma semana, estava bom o bastante.

Tum! Tum! Tum!

Alguém entrou no seu quarto exatamente quando terminou de anotar seu nome e a data no final da folha, logo abaixo do poema. Ele guardou apressado o pedaço de papel dentro da mochila e virou-se para trás.

– Estava escrevendo suas historinhas ou estudando?

Era seu pai. Ele sorria brincalhão, mas Leroy fez questão de manter uma expressão da mais pura indiferença.

– Está passando uma reportagem na televisão falando sobre as dificuldades de um artista das palavras iniciante, quer vir assistir?

– Estou de saída, pai. Não faltei à escola hoje – ele posicionou a mochila nas costas e enfiou os braços pelas alças –, é que o professor de francês avisou que não poderia ir nas primeiras aulas, então só tínhamos que estar lá depois das dez. E acho que já são quase dez horas, então é melhor eu me apressar. Te vejo mais tarde!

E saiu de casa tão depressa quanto pôde. Não pretendia ter aquele tipo de conversa desagradável uma segunda vez com seu pai. Olhou as horas no celular: ainda eram dez para as nove. Montou na bicicleta e telefonou para Aloys.

– Alô?

– Alô. Quem é?

– O panaca que sabe olhar o nome de quem está telefonando antes de atender.

– Ah, Beaumont... Eu estava dormindo.

– Sinto muito. Pode ir à escola mais cedo hoje? Preciso te mostrar uma coisa.

– Eu nem pretendia ir à escola, na verdade... Hoje é o dia de faltar da semana – riu Aloys. E Leroy também teria rido da piada, isto é, se tivesse sido mesmo uma piada. O desleixo do amigo às vezes era deprimente. Era um desperdício de inteligência...

– Pois pode ir escovando os dentes que em uns cinco minutos estou tocando a sua campainha. Te dou uma carona – e deu uma risadinha entusiasmada.

– Então me espera do lado de fora, não quero que o meu tio acorde.

– Ok.

E, quando Leroy parou em frente à casa do amigo, que era tão apertada que não tinha como haver mais de um cômodo lá dentro, Aloys já o aguardava na sua porta – ela era praticamente geminada à casa vizinha. Os cabelos desgrenhados de soldado alemão e o

uniforme da escola visivelmente amarrotado por cima do pijama. Ele mancou até a bicicleta, montou, segurou as muletas com firmeza e os dois seguiram juntos para a escola.

O humor de Aloys não estava dos melhores aquela manhã e Leroy desconfiava que o seu telefonema matinal tinha algum envolvimento nisso, mas também não se importava nem um pouco.

– Você se esqueceu do teste de hoje, aposto? – perguntou o garoto, mesmo que já soubesse a resposta.

– *Teste?* Que teste? – quis saber Aloys, espantado. Os olhos esbugalhados e o queixo levemente caído.

– De química.

– Estou ferrado, Beaumont! Minha vida acabou...

– Sem drama, *Plamondon...* – Leroy só lhe chamava pelo sobrenome quando tinha a intenção de caçoar do amigo sem que ele percebesse. E ele nunca percebia. – Acho que hoje estou com uma dorzinha no pescoço, então talvez eu tenha que ficar um pouco inclinado para o lado durante a prova – ele piscou para Aloys. – Mas essas dores no pescoço vão acabar depois dessas provas. É melhor você começar a estudar para a prova final de química, ou, ai sim, sua vida vai acabar.

Mesmo com a assombrosa ameaça, Aloys quase o abraçou de tão emocionado.

– Você é o melhor, Beaumont!

Leroy abriu um sorriso satisfeito consigo mesmo e abriu o zíper da mochila.

– Mas não foi por isso que eu te pedi para vir mais cedo hoje – e sacou um pedaço de papel, que chegou a rasgar uma pontinha quando ele o puxou. Entregou ao amigo e recebeu um olhar desconfiado em seguida. – É o poema que escrevi, veja se ficou bom.

– Não sou crítico literário, desculpe – ele devolveu, torcendo o nariz, antes mesmo de começar a ler.

– E eu não sou gabarito de química.

Mas antes que Leroy pudesse esticar a mão para pegar a folha de volta, Aloys puxou-a, deu um sorriso cínico e passou os olhos demoradamente sobre a caligrafia bonita do amigo escritor. O garoto mal se aguentava de ansiedade. Aquela era a primeira vez que alguém lia um trabalho seu, era quase como se tivesse ido para a escola vestindo seu pijama, ou algo desse tipo. Quando três minutos, e depois mais dois, se passaram, ele começou a ficar impaciente com a lardeza de Aloys e desconfiou que o amigo estivesse lhe pregando alguma peça.

– Dá aqui – ele pegou o poema de volta sem muita delicadeza, quase rasgando o restante da folha. – Vou ler em voz alta pra você sentir a entonação.

Aloys deu de ombros e Leroy fingiu não ter reparado o gesto de desinteresse. Pigarreou e declamou no seu melhor tom:

“Como a espuma do mar ao vento,
Ainda um dia hei de encontrar,
Aquilo que vem ao pensamento,
Mas que só a alma há de enxergar.

Afogou-me o amor amado,
Por não dedicar-te tão profundo,
Não sabia que ao deixar-te de lado,
Estava a afundar meu mundo.

Ao bom coração a solidão finda,
De insistir a insistência ilude,
Por mim só tua existência linda
Poderia fazer mais do que pude.”

Em uma estranha expectativa, Aloys continuou prestando atenção meio boquiaberto, mesmo que Leroy já tivesse distanciado os olhos do poema.

– Já acabei.

– Ah...

E aquele “ah” teria finalizado a opinião de Aloys sobre seu novo projeto para Marianne, isto é, se Leroy fosse se contentar com um ruído tão indelicado daqueles como resposta.

– E o que achou? – encorajou ele.

– O que é *finda*?

Ele não sabia se o amigo estava impressionado com a qualidade dos seus versos ou se estava zombando da cara dele, mas aquelas sobrancelhas em pé pareciam questioná-lo

se ele teria mesmo coragem de mostrar *aquilo* à Marianne. *Aquilo*. Então logo as suas próprias sobranceiras pareciam perguntar-lhe a mesma coisa.

Talvez Aloys estivesse certo... algumas pessoas não tinham tato para poesia. E se Marianne fosse uma delas? Bem, era melhor não se arriscar.

– É o que eu vou fazer com esse poema – respondeu-lhe Leroy e amassou a folha de papel, arremessando-a numa lixeira logo em seguida. – Vamos para o laboratório, quero dar uma olhada na matéria antes da prova.

– Mas você vai mesmo desistir do seu poema? – ele questionou, o braço apontando para a lixeira, parecia o reflexo da incerteza. Piscou tantas vezes consecutivas que Leroy considerou se estava sendo novamente caçoado. – Quero dizer, levou uma semana pra escrever isso e você vai simplesmente jogar no lixo?

– Você está certo, acho melhor queimar também – ele esboçou um sorriso e deu as costas ao amigo, com a certeza de que Aloys tirara o dia para provocá-lo. Seguiu em direção ao laboratório de química e sumiu ao dobrar o próximo corredor.

Contudo, Aloys demorou um minuto para acompanhá-lo. Um minuto que levou para se levantar, apoiar-se nas muletas e enfiar apressado alguma coisa qualquer dentro de um dos bolsos. Leroy estava ocupado demais se torturando por ser tão velhaco que não percebeu que seu projeto poético acabara de ser furtado das profundezas de uma lixeira.

Capítulo Quatro

Nossos melhores momentos

Foi estranho – e talvez um pouquinho suspeito também – que, daquele dia em diante, Marianne Faucher tenha se aproximado cada vez mais de Leroy e dos seus amigos, passando o intervalo entre as aulas com eles, às vezes almoçando juntos e, principalmente, fazendo questão de sentar-se ao lado de Leroy sempre que havia tarefas em dupla. Léon apenas continha um risinho cúmplice com Aloys e os dois iam se sentar mais longe.

Era ainda mais estranho que sua mãe não parecesse nem um pouco incomodada que uma pequena gangue, talvez tão tagarela quanto algumas das suas vizinhas mais escandalosas, estivesse se formando no quarto do filho. As refeições eram sempre preparadas em maior quantidade e com uma pitada adicional de capricho, para não poupar elogios. Seu pai chegou a comprar uma nova mesa de jantar com dez lugares, pois a anterior, redonda e apertada, contava apenas com seis cadeiras – o que já havia se tornado um pequeno transtorno para Aloys e suas pernas substitutas de madeira.

– Este *quiche lorraine* está delicioso, Sra. Beaumont! Meus parabéns! – disse Marianne encantada ao saborear o primeiro pedacinho da torta.

– E você... digo, *o senhor* fez uma ótima escolha com este vinho, Sr. Julien – seguiu Aloys, dando um golinho da sua taça e então fazendo movimentos circulares com ela, sentindo o doce aroma vermelho da bebida. – É um Bordeaux?

Julien deu uma gostosa risada e negou, sem cerimônias.

– Isto é apenas suco de uva – e logo todos caíram na gargalhada. – Acha mesmo que eu deixaria vocês beberem vinho de verdade?

Aloys, que parecia estar quase convencido de estar levemente alcoolizado, assumiu a cor do vinho de tão envergonhado.

Aquele foi um dos melhores jantares das memórias de Leroy, não só pela presença bem humorada e encantadora de Marianne, mas por estar ao lado de algumas das pessoas que mais amava no mundo todo.

Quanto mais dias se passavam, mais Leroy se convencia de que levaria anos para terminar as últimas páginas do seu romance. Assim como tivera que dar um bom início para a história, também tinha que elaborar um final ainda melhor, ou todo o resto não teria

sido lá grande coisa. Ele tinha o tempo que quisesse para escrever, suas notas de matemática nunca estiveram tão altas e ele sentia que não teria problemas com as provas finais.

Ainda era inverno e o frio chegava a estalar os ossos, de modo que três cobertores, um sobre o outro, não surtiam grande efeito na hora de dormir. Mas Leroy adorava dias congelantes como aquele e, justamente com isso em mente, tivera a brilhante ideia de dar um passeio para “esfriar” a cabeça, já que estava enfrentando um pequeno bloqueio criativo na hora de transferir suas ideias para o papel. Essa era uma prática que ele já vinha adotando desde o princípio de seus dias como escritor iniciante, então qual seria o grande problema em preservar os velhos hábitos, mesmo em dias frios de inverno?

Logo que saiu de casa, visualizou minúsculos flocos de neve prateada flutuando do céu. Apertou o cachecol e colocou as mãos dentro dos bolsos do casaco. Podia ver jatos de vapor saindo de suas narinas conforme respirava, achava aquilo o máximo quando era pequeno, mas agora já não dava tanta importância. Era curioso como apenas crianças tinham olhos para certas coisas. Ele deu de ombros.

Seus pés se moviam sem pressa, um depois do outro, respeitando o limite dos joelhos gelados. No entanto, só quando já estava a meio caminho de lugar nenhum, Leroy se deu conta de que esquecera o principal artigo para todo bom soldado: meias grossas e sapatos resistentes contra o frio. Seus tênis de verão não suportavam o vento glacial das ruas de Orléans e deixavam-no penetrar até as meias finas, que, por sua vez, permitiam que os ossos do garoto se transformassem em esculturas de gelo. Assim que se deu conta disso, cada passo se tornou uma tortura. Ele quase podia jurar que já não sentia os pés, mas isso não passava de um exagero... afinal ele ainda podia sentir o pé direito, ou apenas metade dele. Sentou-se num dos bancos do parque, com suas árvores nuas e de galhos finos, e observou os pássaros negros que voavam, fazendo o movimento de um redemoinho no céu.

Esfregou uma mão na outra.

Não havia ninguém pelas redondezas. Por um instante os carros deixaram de deslizar pelas ruas e as vozes distantes se emudeceram, era quase possível ouvir o bater das asas dos pássaros ou os passos ecoantes do vento tentando romper a superfície de gelo, cristalizada no chafariz central. Ele fechou os olhos e saboreou a brisa mais fria envolver a pele do seu rosto.

Como era possível que algo tão triste quanto a solidão pudesse às vezes ser tão... aconchegante?

Uma breve oscilação no banco e um ranger ferruginoso. Ele abriu novamente os olhos e espiou por cima do ombro. Uma mulher estava sentada na outra extremidade, ob-

servando com curiosidade o escuro bater de asas no céu. Ela era tão idosa quanto uma pessoa podia envelhecer, seu rosto era suavemente escurecido pela idade e rugas delicadas marcavam-lhe a pele. Tinha os cabelos curtos, mas bastante volumosos, exemplarmente penteados no seu emaranhado branco e os lábios finos desenhavam um sorriso constante.

– Este é um belo dia para se ouvir a voz do vento – a mulher pronunciou, ainda admirando as aves circularem lá em cima. – Você pode ouvi-la?

Leroy demorou um pouco para se dar conta de que falavam com ele. Prestou a atenção e pôde sentir um sopro leve viajar pelo labirinto das suas orelhas e chegar aos ouvidos, parecia uma nota musical.

– Posso. Mas a maioria das pessoas detesta dias de neve que nem esse.

– Oras, mas por quê? – ela quis saber, cheia de curiosidade, descendo seus olhos gentis na direção dele pela primeira vez.

– Por causa do frio, eu acho. Eu gosto de dias assim, apesar dos meus pés estarem congelando.

Ela riu educadamente, como quem havia acabado de se recordar de uma memória que aconteceu em tempos sem data. Respirou o ar gelado, o sorriso calmo ainda enfeitando seu rosto.

– O frio? – ela disse para si mesma. – Eu pensei que fosse isso o que as pessoas desejassem quando estão com calor... – constatou. – Bem, talvez não sejam todas as pessoas que possam apreciar isto. Por que alguém fugiria daquilo que o céu nos dá de presente? É algo a se pensar, não concorda? – ela perguntou, tão lentamente quanto era capaz.

– Concordo, sim. Mas tenho que confessar que nunca pensei nisso – ele deu uma risadinha, encabulado.

– Então somos dois – ela acompanhou-o com um riso gentil. Ficaram em silêncio, ao que pareceu ao garoto, por um longo tempo. Era engraçado sentir suas orelhas sendo invadidas pela correnteza suave, ela causava cócegas. A senhora deu outra risada e quebrou o silêncio com sua voz idosa. – Não quero parecer uma velha bisbilhoteira, mas por que um jovem como você está tão pensativo? Está com problemas? Problemas complicados?

– Não os chamaria exatamente de complicados...

– Então também não podem ser tão difíceis de se resolver. Às vezes eu me pergunto – ela fez uma pausa, como se estivesse refletindo sobre as próprias palavras –: se pensássemos menos com nossos cérebros desenvolvidos e déssemos apenas uma chance ao acaso, quais seriam as chances de perdermos para sempre o que estivemos buscando? E quais as chances de o encontrarmos?

Ele não conseguiu encontrar uma boa resposta para aquela pergunta, era realmente algo a se pensar. A senhora apertou uma mão contra a outra, numa tentativa de aquecê-las.

– Se a jornada não valeu a tentativa, pelo menos podemos dizer a nós mesmos que nós tentamos, não é mesmo? E então, ainda poderemos escolher se queremos continuar observando a luz dos dias se apagando ou se queremos tentar mais uma vez. Se as soluções do cérebro não forem muito boas, seria interessante dar uma chance ao acaso. Qualquer coisa é melhor do que esperar seus pés congelarem, parados no chão – ela abriu um sorriso mais largo ao ver que Leroy os sacudia numa tentativa frustrada de impedir que gelassem.

– Obrigado, vou tentar seguir o seu conselho.

– Eu é que agradeço. Veja só isto... A neve parou enquanto eu tagarelava sem parar. Acho que estraguei as mensagens que o vento deixou de lhe entregar.

– Não tem problema, ele sempre vai estar aqui quando eu precisar ouvi-lo. Não é mesmo?

E, enquanto olhava para o céu que já não nevava, Leroy recebeu uma deliciosa risada em resposta. Fechou os olhos e sentiu mais uma vez um sopro frio vibrando como seda pelas suas orelhas. *Seja...* Aquilo foi mesmo uma palavra? Não... A voz do vento não passava de uma metáfora. Coisas como o vento não tinham como falar. *Gentil...* Era um hálito frio como uma lâmina, mas também parecia afetuoso. E agradável.

Abriu os olhos e espiou ao redor, mas notou que estava sozinho. A mulher idosa partira silenciosamente, quase acompanhando o bater das asas frias do inverno.

O estranho encontro aquela manhã havia mexido com os sentidos do garoto de alguma maneira inexplicável. Era como se tivesse encontrado todas as respostas que estivera buscando, mas ainda não pudesse alcançá-las. *Dar uma chance ao acaso*, ela havia dito e, agora que ele parou para pensar, com seus pés mais aquecidos e uma caneca de chocolate quente em mãos, por que não?

Depois de se convencer de que estava mesmo disposto a dar essa chance, ele vestiu meias macias e desceu para a sala de estar, onde seu pai pesquisava alguma coisa no computador, por trás dos óculos finos, e sua mãe rabiscava concentrada uma revista de passatempos. Ambos com cobertores confortáveis nas costas e canecas de chocolate quente ao alcance da mão, lembrando pequenas chaminés de vapor. Leroy chamou a atenção deles com um espirro acidental e decidiu que aquela seria uma boa oportunidade para fazer o pequeno discurso que havia planejado nos últimos minutos:

– Eu andei pensando ultimamente e... resolvi que vocês estavam certos. Não tenho por que não fazer uma faculdade – ele viu o sorriso de orelha a orelha da mãe e a cabeça do pai consentir em uma aprovação discreta. – Vou me inscrever para medicina.

Houve uma pequena comemoração aquela noite.

Sua mãe preparara uma macarronada do jeito que ele mais gostava e seu pai fez uma torta de morango deliciosa (apesar de o garoto ter mastigado um morango que tinha um gosto suspeito). Marie parecia tão encantada quanto seus pais por saber que Leroy decidira cursar medicina, mas ela também parecia saber que o irmão só tomara aquela decisão para agradar aqueles dois. Era uma pena que eles nunca fossem se dar conta disso também. Mas, talvez fosse mesmo como aquela senhora lhe disse: por que não dar uma chance ao acaso?

O humor dos seus pais mudou drasticamente a partir daquele dia, mais do que ele poderia esperar. Bem, pelo menos em relação a *ele*. Marie podia até ser a menina mais inteligente do mundo, mas ela não era exatamente o que se podia chamar de “organizada”. E isso incomodava tanto os nervos da sua mãe que, eventualmente, os vizinhos pulavam para trás das cortinas das suas casas só para ouvir as discussões na residência dos Beaumont, os pescoços compridos demais, já acostumados a dobrar a cabeça contra o vidro das janelas. Julien preferia não se intrometer nas discussões entre mãe e filha, mas, às vezes, também ficava bastante irritado com a falta de interesse geral de Marie. Ela não era uma pessoa ruim, era apenas mais uma adolescente que parecia viver dentro do computador, no seu próprio mundinho perfeito. Leroy compreendia a irmã muito melhor que seus pais, mas também não concordava com as atitudes dela.

Sem explicar exatamente o que pretendia, Leroy se reuniu com sua irmã e entregou-lhe uma lista.

– Eu deveria saber o que é isso? – ela indagou, o nariz franzido e um resmungo.

– Outro dia você me disse que exigia ser a primeira pessoa a ler meu livro, certo? – ele começou o plano. Ela consentiu, já compreendendo onde ele pretendia chegar com aquela folha de papel. – E eu respondi que ia pensar, certo? – ela consentiu mais uma vez. – Eu pensei... e a resposta é sim. Podemos ler juntos quando eu finalizar. Isto é, *se* você me ajudar com uma coisa.

– Claro. Desde que eu possa terminar em cinco minutos e não tenha que me levantar desta cadeira, não vejo problema nenhum em te ajudar.

Ele ergueu uma sobrancelha e ficou mudo por um instante. Ela cedeu e soltou um suspiro desanimado, baixando os olhos para a lista.

– Reunir trinta pedrinhas coloridas – ela leu o primeiro item em tom duvidoso, como se tivesse compreendido mal. Leroy pediu que ela prosseguisse. – “Comprar cola, *pa-lha dourada...*” Leroy, isso...

– Continue.

Ela bufou.

– “Grampos de cabelo e um porta-retratos, de preferência feito de metal. E encontrar um lugar onde o fogo, a água, a terra e o ar estejam em harmonia.” Também devo encontrar um arco-íris com um caldeirão de ouro no final? – Marie perguntou, inconformada. O irmão se limitou a continuar calado. – Isso tudo é sério? É sério mesmo?

– É claro.

– Só para ser a primeira pessoa que vai ler seu livro? Você devia se sentir honrado que serei eu.

– Então você aceita?

– Eu não disse isso...

– Também não negou. Olha, Marie, quero dar um presente legal para o pai e a mãe. Eles fizeram vinte anos de casados e nenhum dos dois sequer se cumprimentou, você percebeu? – como já sabia, ela negou com a cabeça. – Viu só? Essa devia ser uma data importante porque se eles não tivessem se conhecido a gente não estaria aqui. Quero montar um porta-retratos diferente e tirar uma foto nossa. Eles vão gostar, acho que podem até acabar se reaproximando.

– Mas por que *eu* tenho que fazer isso? Você é tão filho deles quanto eu.

– Já tive a ideia e o trabalho de pensar em tudo. Você só tem que encontrar esses itens e fazer o trabalho manual.

Seu plano não parecia andar muito bem. Marie mantinha uma expressão de puro desagrado, como se alguém estivesse tentando tirar-lhe alguma coisa muito preciosa. Ela manteve-se quieta por algum tempo, até que ignorou o irmão e voltou para a tela do seu computador. Leroy sorriu. Aquilo era um *sim*. Se ela não negou, então definitivamente era um *sim*! Ele largou a folha de papel ao lado da irmã, onde ela não poderia perder de vista, e saiu.

Se tudo ocorresse como estivera planejando, aquele porta-retratos não apenas ajudaria a reaproximar seus pais, que nunca demonstraram muito afeto um pelo outro, mas também faria com que Marie deixasse aquele computador de lado, nem que fosse por algumas horinhas. Afinal não seria uma tarefa fácil encontrar “um lugar onde o fogo, a água, a terra e o ar entravam em harmonia”. Bem, ela era esperta e logo acharia um lugar desses,

Leroy não duvidava disso, mas precisaria se empenhar e procurar pela cidade. Esse seria o grande desafio.

Alguns dias depois, Leroy chegou a perguntar-se por que estava caminhando novamente pelo mesmo parque do outro dia... Calçava um par de sapatos mais confortáveis e um par de meias muito mais quentinhas. Um gorro aquecia sua cabeça e suas orelhas, mas ele não se esqueceu de tirá-lo antes que se sentasse no mesmo banco em frente à fonte central congelada. Uma esperança calorosa de reencontrar a senhora que havia lhe dado um conselho tão valioso ainda queimava em seu peito. Mas ela não estava mais lá.

O parque parecia tão vazio quanto aquele outro dia, só que ainda mais silencioso, pois não havia corvos grasnando e batendo suas asas negras no céu. Ele se aproximou do banco e ficou surpreso com o que encontrou em cima dele. Havia uma caixa de papelão, daquelas para produtos de supermercado, estava forrada com um cobertor velho e tinha uma inscrição feita com giz de cera:

ESTOU SOZINHO.

POR FAVOR,

CUIDE DE MIM.

Ele espiou lá dentro e viu uma pequena bola de pelos respirar lentamente. O animalzinho tremia de frio, devia ter umas duas semanas de vida ou, quem sabe, até menos. O pelo era incrivelmente branco, como a neve, e os olhos castanhos eram enormes, quase tão grandes quanto o resto da cabeça. O gatinho tentou, mas não foi capaz de miar, ainda era jovem demais. Ele tinha um pequeno recipiente com água e alguns biscoitinhos caninos, mas não parecia muito confiante de que seria certo comê-los. Olhou para a pessoa enorme que se agigantava em cima dele e ficou encarando o garoto fixamente, como se quisesse perguntar o que aconteceria em seguida.

Leroy também gostaria de saber.

Ele olhou para os lados, como se isso fosse ajudá-lo a descobrir quem havia abandonado um animal tão pequeno num frio daqueles, e se decepcionou ao não encontrar ninguém. Um vento congelante soprou às suas costas, encorajando-o a dar um passo à frente e pegar a caixa. E foi isso o que ele fez.

Seus olhos não podiam se desgrudar do minúsculo pedacinho de vida que estava nas suas mãos, enquanto caminhava pelas calçadas pouco movimentadas de Orléans. Ele

era tão pequeno, tão frágil... Leroy jamais poderia abandoná-lo naquele lugar. Mas, decididamente, também não podia ficar com ele. Sua mãe era alérgica a gatos, apesar de também adorá-los com um fascínio quase egípcio. Marie ficaria derretida pelo bichinho e não aceitaria o fato de que era impossível ficar com ele e com sua mãe, espirrando a cada segundo, na mesma casa. Leroy não podia sequer levá-lo para lá.

Seus passos eram muito lentos, como se a caixa estivesse pesadíssima. O que ele queria era arranjar mais tempo para pensar no que devia fazer em seguida. Ele olhou para o filhote, na esperança de que ele pudesse lhe mostrar uma resposta que parecia não existir, mas só o que encontrou foram aqueles olhos enormes, observando-o com interesse e um quê de curiosidade.

Suas pernas pareciam guiá-lo para um caminho que seu cérebro já conhecia. Um caminho que ele não havia se dado conta até então, por estar mais uma vez perdido no mundo da lua. Pegou seu celular e fez uma ligação.

– Alô? Marianne?

– Leroy?

– Isso. Você está ocupada?

– Não. Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu, mas não é nada grave – ele disse num tom tranquilizador. – Posso ir até a sua casa? Preciso falar com você.

– É claro, vou ficar te esperando. A gente pode assistir algum filme se você quiser – ofereceu a garota. O coração de Leroy deu um salto.

– Hã... eu ad-doraria! – foi o que ele conseguiu responder, aos gaguejos. – Na verdade, já estou na frente da sua casa.

Marianne foi até a porta, esperando que aquele fosse algum tipo de brincadeira e se deparou com Leroy e a caixa de papelão. Guardou o celular num bolso da calça jeans e olhou apreensiva para o amigo. Ele deu de ombros confuso e sorriu-lhe.

– O que é isso? – ela perguntou, curiosa, apontando para a caixa. – Ah, está frio demais aqui fora! Vamos entrar.

Pela primeira vez, Leroy pôs os pés na casa de Marianne. Ela o guiou até a sala de estar, que ficava à direita do comprido saguão de entrada. Havia uma lareira elétrica aquecendo o cômodo e um confortável conjunto de estofados para se aconchegar pertinho do calor. Fotografias de Marianne, em todos os seus anos até o momento, estavam espalhadas pelas paredes. Leroy chegou à conclusão de que ela nunca estivera tão bonita quanto agora.

Com um gesto hospitaleiro, a amiga pediu para que se sentasse ao seu lado, onde esperava, claramente, que ele lhe contasse do que se tratava aquele caixote.

Ele sorriu e colocou a caixa de papelão entre eles, abriu as abas com cuidado.

Marianne levou as duas mãos à boca, incrédula. O gatinho dormia profundamente sem saber que duas pessoas tão gigantes estavam olhando para ele.

– Ele foi abandonado no parque e eu não sei o que fazer – o garoto justificou.

– Por que não deixa ele ficar comigo? Eu adoraria cuidar dele.

Ele riu baixinho, receando que pudesse perturbar o sono do filhote.

– Foi isso o que pensei. Viu só? – disse ele, dando atenção ao gatinho adormecido.

– Agora você tem um lar e uma mãe – ele acariciou suas orelhinhas peludas e notou o sorriso de Marianne, era um sorriso silencioso, mas que queria agradecer por muitas coisas. Então, ao perceber que a estava encarando por tempo demais, Leroy se levantou do sofá e coçou a cabeça, o rosto corado de constrangimento. – Acho que já vou andando.

– Não íamos assistir a um filme? Aliás, por que você não aproveita e fica para jantar com a gente? Eu quero te apresentar para os meus pais.

O garoto ficou boquiaberto, sem saber exatamente como demonstrar o que estava sentindo. Era como se um cardume colorido estivesse viajando pela sua cabeça, enquanto abelhas doces trabalhavam agitadas dentro dele, fabricando o mel que passava a correr pelas suas veias.

– Isso seria... ótimo!

– Claro que seria – ela concordou e, Leroy percebeu, o rosto da amiga também ficou levemente corado. – Afinal acho que eles têm o direito de conhecer meu primeiro namorado.

Ele quase se levantou de um pulo, como se todas as abelhas que passaram a morar dentro dele tivessem resolvido picá-lo ao mesmo tempo.

– E-então... v-você... quer dizer... q-que... – ele não conseguiu terminar a frase.

– Se você quiser... sim. Você não quer?

– Não! Quero dizer, não diga isso! É claro que eu quero!

Ele se sentou novamente e achou que nunca mais conseguiria desviar o olhar de Marianne, ela abriu um sorriso encantador. Era como se o mundo inteiro estivesse apenas esperando que ele voltasse a respirar. Ela estendeu as mãos e ele as aceitou, apertando-as tanto quanto ela apertava as dele. Suas mãos estavam frias e tremiam, mas as dela também, isso o confortou de alguma forma.

– Então... – Leroy balbuciou. A garota prestou atenção como se tudo o que ele estava prestes a lhe dizer fosse se desmanchar no momento seguinte. – Acho que temos que selar o compromisso... com um beijo. Não?

Ela pareceu assustada.

– Não sei – ela sacudiu a cabeça de leve. – Nunca fiz isso.

– Nem eu...

E, quase sem perceber, ela largou as mãos dele para ajeitar os cabelos e desviou o olhar. Leroy teria batido em si mesmo se Marianne não estivesse por perto. Era óbvio que ele havia se apressado mais do que devia! Como pôde ter sido tão estúpido? De qualquer forma, não fizera a sugestão por mal, já que estava ainda mais nervoso do que ela, mas, naquele momento, sentiu que também tinha de tomar a frente em alguma coisa para provar a si mesmo que não era apenas Marianne que tinha coragem.

Um silêncio cruel cresceu entre eles, até que o filhotinho começou a miar e os dois se voltaram para ele ao mesmo tempo, uma cabeça quase se chocando contra a outra.

– Acho que ele está com fome – constatou Leroy, já praticamente esquecido de que estivera morrendo de vergonha há apenas alguns segundos.

Em um piscar de olhos, Marianne pegou uma tigela rasa com um pouco de leite na cozinha e deu para o gatinho. Desengonçado e sonolento, ele tropeçou três vezes nas próprias patas antes de conseguir se manter em pé, tropicou até a tigela e bebeu o leite devagar. A cauda branca se agitava no ar, como se estivesse agradecendo pela comida. Leroy e Marianne riram e se entreolharam.

– Obrigada por tudo, Leroy – agradeceu a garota, sorrindo com os olhos. – Você fez um dia normal se tornar um dos mais felizes da minha vida.

– Foi você quem fez isso comigo.

Logo em seguida a porta da frente se abriu, alguém resmungou qualquer coisa sobre o vento frio lá fora antes de entrar e a porta voltou a fechar-se sem ruídos.

– Estamos entrando em uma nova Era Glacial, anote o que estou dizendo – disse a voz de um homem de idade avançada, ficando cada vez mais grave conforme se aproximava. – Acho que é uma boa ideia começarmos a comprar novos aquecedores.

– Não exagere tanto, Antoine. Marianne, está em casa, querida?

– Sim, mãe.

Logo em seguida, um casal que devia estar nos seus sessenta e poucos anos surgiu na sala de estar. O homem tinha um rosto alongado, um nariz ainda mais comprido e o cocuruto calvo ao redor dos cabelos brancos. A mulher tinha o cabelo penteado em um coque

grisalho e lábios tingidos de um rosa delicado. Mas, se havia algo em que os pais de Marianne se pareciam, além das rugas no rosto, eram aqueles olhos cheios de vida, olhos que já viram muita coisa, mas também mantinham-se dispostos a continuar aprendendo e ensinando. Leroy sentiu uma afeição familiar pelos dois no mesmo momento em que os viu e – deduziu que – eles sentiram o mesmo por ele. Tudo isso numa breve troca de olhares e cumprimentos.

– Este é Leroy – Marianne o apresentou, levando o namorado até eles, e os dois sorriram.

– Então você é o amigo que Marianne tanto fala todos os dias! – sua mãe deixou escapar, quase que de propósito. – Já é bastante famoso por aqui, Leroy. Ainda mais por causa do seu lindo poema!

Ele foi pego de surpresa, não sabia onde enfiar a cara! A princípio, Leroy não pôde entender como o seu poema tinha chegado às mãos dos Faucher, mas então lembrou-se de como Aloys estivera “sorridente e evasivo” no dia em que o garoto se livrara do seu projeto poético. Ele espiou pelo ombro e viu o rosto de Marianne. Se ele estava constrangido, nada se comparava a ela, que já estava assumindo um tom quase azul.

– Você é um poeta e tanto, filho! – elogiou Antoine Faucher. – Eu também costumava escrever poemas para Renée quando éramos jovens. Naquela época a minha criatividade era bem mais... generosa – ele envolveu a esposa num abraço carinhoso com uma das mãos. – Mas nenhum deles se compara ao seu.

– Ah, deixe disso, Antoine. Você sempre foi muito talentoso – e Renée olhou para Leroy e para a filha como se uma ideia fabulosa tivesse acabado de lhe passar pela cabeça. – Por que não janta conosco esta noite, Leroy? Eu poderia separar alguns dos poemas de Antoine para lermos durante a sobremesa.

– Renée, que tal ficarmos apenas com o jantar? Você não vai querer chatear esses dois com aquelas coisas ultrapassadas justo na hora da sobremesa – disse Antoine.

– Não, não...! Eu adoraria ouvir! – tornou Leroy.

A mãe de Marianne abriu um sorriso satisfeito e estava prestes a dar-lhes as costas para começar a preparar o jantar quando avistou a caixa de papelão sobre o sofá. Ela deu uma espiada curiosa lá dentro e soltou uma exclamação espontânea de admiração ao ver o filhote, colocou as mãos lá dentro e segurou-o nos braços, como se fosse um bebê.

– Foi você quem o trouxe? – ela perguntou ao garoto.

– Sim, ele foi abandonado no parque aqui perto e eu achei que Marianne gostaria de cuidar dele.

– Não é lindo? – a voz de Marianne suspirou.

– É um bichinho bem engraçadinho – o pai disse, as velhas sobrancelhas grisalhas em pé. – Qual o nome dele?

– Ainda não sei... Ele é tão branquinho e pequeno... – disse a garota, pensativa. – Queria algo que combinasse com ele.

A única sugestão veio de Leroy. Talvez tenha sido por esse motivo que Marianne a achou tão irresistivelmente encantadora.

– Hmm... Que tal *Petit*?

– Petit? Petit é perfeito!

Capítulo Cinco

A última palavra

– Isso, fiquem ai. Sobre essa pedra mesmo. Assim está ótimo! Quer que eu espere mais um pouco pelo pôr-do-sol?

– Essa é a ideia, Léon. Tire várias fotos, de todos os ângulos possíveis. Só que não esqueça de que aquela ponte e o Loire devem aparecer, ok?

Marie não foi muito apressada na sua busca por um lugar que envolvesse os quatro elementos da natureza, ela procurou no seu próprio ritmo, que conseguia ser mais lento que uma corrida frenética de tartarugas. Varreu as regiões mais extremas de Orléans, sempre em busca do único elemento que dificilmente se encontrava com os outros: a água. A resposta estava bem na sua frente, ou melhor, nas margens da cidade: o Rio Loire. Ela disse ao irmão que devia ser mesmo muito estúpida por ter demorado mais de um mês para encontrar algo tão óbvio, e ele lhe segredou que não teria pensado em um lugar tão incrível quanto aquele. Mas, a verdade era que ele já havia considerado o Loire como uma possível opção desde o princípio. Só achou melhor não contar isso à irmã.

Aqueles estavam sendo dias bastante problemáticos para o garoto. Era a semana dos exames finais e ele enfrentava o maior desafio da sua carreira de escritor: escrever a última palavra do seu primeiro livro. Isso podia até parecer uma idiotice sem tamanho, já que, se o livro não fosse bom, as pessoas nem se dariam ao trabalho de chegar até as últimas linhas... Então, quem se importaria com uma única palavra? Mas desagradar os leitores não era uma preocupação para Leroy, ele sabia que sua história era muito boa – à sua maneira – e que as pessoas chegariam até o final. O verdadeiro problema era que as últimas palavras geralmente mudavam bastante a opinião das pessoas em relação ao livro como um todo. E a última delas era como uma despedida do autor para o seu leitor. Pelo menos, era dessa forma que ele enxergava as coisas.

– Vamos lá, sorriam!

Uma saraivada de *flashes* amadores foi lançada sobre os irmãos que sorriam enquanto Léon se esforçava para apertar o botão da câmera e mantê-la imóvel ao mesmo tempo. Suas mãos tremiam enquanto observava pelo visor digital da câmera. Era uma tarefa trabalhosa para ele, mas Leroy só podia contar com o melhor amigo para tirar aquela fo-

tografia, já que Aloys ainda não estava em condições de mover os dois braços com agilidade, muito menos caminhar até as margens pedregosas do Loire. Os dois irmãos não se aguentavam de tanto rir, ao ver a força que Léon fazia para tentar fotografar, e foi isso que acabou rendendo as melhores fotos.

Léon observou satisfeito suas obras de arte e sorriu para eles, que ainda estavam sobre a enorme pedra nas margens do Loire. Em seguida, tirou mais uma dúzia de fotos com um equilíbrio e uma precisão que não lhe pertenciam, mas essas não saíram assim tão boas, principalmente porque os irmãos ficaram perplexos com a sua repentina habilidade fotográfica.

– Você estava só fingindo que não sabia usar uma máquina dessas? – quis saber Marie, frustrada por ter sido enganada tão facilmente.

– Não conseguiria tirar sorrisos espontâneos de vocês de outra maneira. Vejam só – ele apontou para a pequena tela nas costas da câmera digital. Havia, pelo menos, umas quarenta fotografias, e mais da metade estava melhor do que Leroy podia esperar.

– Ficaram perfeitas, Léon... eu não sabia que você tinha talento para tirar fotos – elogiou o amigo. Com uma fotografia daquelas, o presente dos seus pais ficaria incrível! – Olha, o brilho do sol não refletiu em nenhuma delas, mas ainda assim dá pra ver o contorno dele no céu. Não sei como você fez isso, mas ficaram impressionantes, de verdade!

– Se a minha carreira de jogador de videogame profissional não der certo, ser fotógrafo é a minha segunda opção! – ele disse com um tom tão solene que os dois irmãos não puderam deixar de rir, gargalharam até ficar tão rosados quanto o pôr-do-sol atrás deles. – Eu estou falando sério!

– Jogador de videogame profissional, é?

– Essa eu quero ver, Léon!

– Ah, então vocês continuam não acreditando no meu potencial... – Léon disse teatralmente, com a mão alisando o maxilar. – Vocês estão sendo intimados a dormir lá em casa hoje! Vamos fazer uma maratona de videogame e vou provar como estou falando sério! – ele os desafiou e os dois aceitaram, ainda às gargalhadas. – Vou chamar o Aloys também, aí a gente compra alguma coisa para beber, umas pizzas e passamos a madrugada jogando.

Algumas horas depois, Leroy e Marie provaram o sabor azedo da derrota incontáveis vezes. Aloys já estava acostumado a perder todas as suas partidas e reclamava muito pouco, mas os dois irmãos quase levavam aquilo para o lado pessoal. Era impossível que Léon fosse tão bom daquele jeito!

– Eu avisei, perdedores! Dobrem os joelhos agora, meus servos! – ele se gabava. – Vocês sofrerão por não conseguirem enxergar o meu poder!

Era em momentos como aquele que Leroy desejava estar em casa, sentado na sua escrivaninha, com as páginas do seu livro em mãos. Os vivas animados do amigo eram tão estridentes que faziam seu cérebro doer. Ele mordeu um pedaço de pizza e deu de ombros, tentando convencer a si mesmo que não se importava nem um pouco.

Nas semanas anteriores, Leroy havia se ocupado em reler seu livro, revisá-lo e fazer algumas pequenas adaptações. Àquela altura, a sua obra literária já devia estar mais do que pronta para o registro, isto é, se não fosse por aquela última palavra que tanto teimava em não surgir. Ao pensar nisso, Leroy sentiu um aperto esquisito no peito. Foi uma fisgada que lembrava a tristeza, mas muito mais profunda e dolorosa. Ele quase chegou a soltar um gemido, mas sentiu-se um idiota por quase ter feito algo desse tipo, afinal suas *dores de desinspiração* não tinham nada a ver com os amigos e com a irmã. Sabia que eles ficariam preocupados se soubessem que estava passando mal.

Nem ele mesmo entendia por que se sentia desse jeito. Já tinha, praticamente, completado um dos seus maiores sonhos, que era escrever um livro, então, por que justo aquela última palavra – que ele ainda nem conhecia – estava ocupando tanto espaço nos seus pensamentos?

– Vou lá na cozinha buscar mais suco de laranja, alguém quer alguma coisa? – ofereceu Léon, espreguiçando-se ao levantar.

– Traz a jarra inteira pra cá de uma vez, a gente põe um fim nela – Aloys pediu enquanto mastigava um enorme pedaço de pizza. – E se tiver uma cervejinha, pode trazer também.

– Você é pequeno demais para essas coisas. É melhor ficarmos só com o suco de laranja mesmo – Léon caçoou o amigo, que tinha sérios problemas com a sua altura. Aloys ameaçou arremessar uma de suas muletas e Léon saiu em disparada do quarto.

Marie deitou-se no colchão feito de cobertores dobrados e afundou a cabeça num dos travesseiros.

– Não aguento mais jogar isso... ele só usa essa porcaria de personagem que já está em um nível super alto e acha que é profissional por derrotar a gente com ele! – ela resmungou.

– Culpe o seu irmão, ele que só sabe arranjar amigos idiotas – tornou Aloys.

– Você está se colocando numa posição difícil outra vez, Plamondon...

E os irmãos caíram na gargalhada antes que ele percebesse que havia se insultado novamente, como já havia feito outras milhares de vezes.

Nas horas seguintes, Leroy conseguiu se esquecer da última palavra sem maiores esforços, mas aquela foi uma noite muito longa e o sono mais difícil da sua vida. Quando todos já haviam adormecido, sua cabeça se recusava a pegar no sono, atormentando o garoto com os mesmos pensamentos que já estavam lhe incomodando há tanto tempo. E, assim, ele foi obrigado a ficar observando as estrelas, que se espalhavam no céu por trás da janela do quarto de Léon. Ficou pensando e admirando o universo lá fora até que os outros acordassem de manhazinha e fossem juntos para a escola.

Um teste de língua francesa nunca foi tão penoso.

Seu corpo estava exausto, apesar de o cérebro continuar trabalhando mais do que o normal. As respostas de todas as questões estavam gritando dentro da sua cabeça, mas sua mão estava mole e queixava-se de dor a cada cinco minutos, obrigando-o a soltar a caneta e dar um tempo para os músculos cansados. *Culpe os meus pensamentos, não a mim!* Ele dizia para a sua mão. *Se dependesse de mim eu teria dormido logo que perdi a primeira batalha contra o Léon!* E ela lhe respondia: *azar o seu por poder pensar, quem escreve sou eu e estou quase pedindo demissão, Sr. Escritor.* É lógico que esses diálogos malucos não saíam de dentro da mente do garoto, ou ele já teria, definitivamente, sido encaminhado para algum lugar cheio de gente com alguns parafusos faltando.

Olhou para os lados e viu que Léon e Aloys, discreta e coincidentemente, assinalavam as mesmas alternativas que ele havia escolhido. Aqueles dois não tinham salvação... Isso porque Leroy havia lhes prometido que não os ajudaria durante os exames finais. Nenhum dos dois levou suas ameaças a sério. E, pelo visto, eles tinham toda a razão.

Assim que Leroy percebeu que eles terminaram de “consultar” o seu teste, ele entregou o gabarito para o professor, pegou sua mochila e saiu da sala de aula. Durante a semana de exames, todos os alunos estavam dispensados para ir para casa assim que terminassem as avaliações do dia, para que pudessem se preparar para os testes das outras disciplinas. Aloys e Léon já se aprontavam para ir a alguma festa barulhenta. Leroy nem pensava em algo desse tipo... tudo o que queria nas próximas horas era o calor da sua cama e a maciez do seu travesseiro. Aquele dia, o teste da turma de Marie aconteceria mais tarde, por isso não a aguardaram e foram embora.

Leroy se despediu deles na metade do caminho e foi direto para casa.

– Como está indo se saindo na última semana? – sua mãe lhe perguntou logo que ele fechou a porta de entrada.

– É a semana de testes finais, mas ainda não é a última. Estou indo bem. Muito bem – ele se limitou a responder e soltou um longo bocejo. – Acho que vou tirar um cochilo.

Sophie franziu os lábios como fazia quando estava insatisfeita e fitou o filho com toda brevidade possível. Ele sabia o que sua mãe queria dizer com aquilo. *Viu só? Ao invés de ter uma boa noite de sono no seu quarto, você prefere ficar acordado de madrugada na casa dos amigos.* Mas, desta vez, Leroy não precisou apenas deduzir o que os gestos da mãe significavam, ela deu um longo suspiro.

– Você já é bem grandinho e vai cursar medicina em breve. Já deve saber o que é certo e o que não é – aquele era um discurso habitual. Sem querer, Leroy bocejou outra vez até os olhos lacrimejarem de cansaço. Sua mãe franziu as sobrancelhas, mesmo que soubesse que ele não fizera aquilo com a intenção de desrespeitá-la. – Não quero que Marie vá dormir fora de casa novamente, estamos entendidos? Ela tem que se dedicar aos estudos, senão...

E o que ela pretendia dizer ficou perdido nos seus pensamentos para sempre. Sophie chacoalhou a cabeça, com outro suspiro, e deu as costas ao filho. Ela nunca estava satisfeita... Leroy suspeitava de que nunca estaria. Subiu os degraus pesadamente e deixou-se cair na sua cama.

A maciez do colchão abaixo dele se adaptou às curvas das suas costas, assim como o travesseiro ao contorno da sua cabeça. Seus olhos se fecharam quase involuntariamente, o corpo estava pesado, quase dormente. Nunca estivera tão esgotado. Talvez sua mãe tivesse razão... Aquelas eventuais noitadas na casa de Léon sempre deixavam seu sono meio desequilibrado, afinal ele era um eterno velhaco.

Tentou deixar a mente em branco e logo adormeceu.

Ou, pelo menos, foi isso o que achou que aconteceria assim que tudo ficasse tranquilo. Seu corpo podia estar exausto, mas lutava para mantê-lo acordado. Seus pensamentos mantinham-se agitados como nunca, o coração pulsava com a vontade de outros mil. Por que aquilo estava acontecendo com ele? E justo na semana dos exames, que seriam os últimos e mais importantes da sua vida escolar.

Mudou de posição, deitando-se de bruços. Talvez só estivesse posicionado de mal jeito. Mas, meia hora depois, ele se deu conta de que se revirar de um lado para o outro não estava adiantando. Leroy não era insone, nunca tivera grandes problemas com o sono até

então, aquilo parecia um pesadelo! Tudo o que queria era tirar uma soneca de uns trinta minutos, seria pedir demais?

Sentindo que suas pálpebras faziam força para se manter fechadas, Leroy levantou-se e se obrigou a sentar na cadeira, os cotovelos debruçados sobre a escrivaninha. Um ardor exausto queimou suas últimas energias. Ele observou o caderno com suas anotações de matemática ao alcance dos seus braços, puxou-o e arranjou um lápis de dentro das gavetas. Se o seu corpo estava relutante para dormir, ele teria que forçar um pouco as coisas, fazendo o que mais o deixava esgotado. Só que, mesmo com mais de seis problemas matemáticos solucionados, ele ainda sentia que não conseguiria pegar no sono.

Resolveu desistir dessa história de dormir e desceu para almoçar.

O cheiro das especiarias que seu pai salpicara na comida flutuava pelos quatro cantos da casa. O garoto desceu a escada no mesmo momento em que Marie abria a porta e pousava sua mochila sobre uma das poltronas.

– Como foi seu teste? – o irmão perguntou.

– Fácil. Olha só – e ela começou a sussurrar, não querendo que os dois pares de ouvidos que estavam na cozinha ouvissem o que ela tinha para dizer a seguir –, eu comprei dois tubos de supercola. Era o último item que faltava da sua lista!

– Agora só resta fazer o porta-retratos e *voilà!*

– Eu sei. Vou fazer hoje mesmo! – ela disse, quase parecendo ansiosa com a ideia. – Mas antes vou passar na casa do Léon, pedi para ele revelar algumas das fotos que tiramos ontem. Você não se esqueceu de que tenho o direito de ler o seu livro assim que terminar essa coisa, né?

– Claro que não esqueci. Mas ainda não finalizei o livro, você sabe que falta...

– Uma palavra – ela interrompeu o irmão. – Roy, é só *uma* palavra. Não vou conseguir ler o livro inteiro ainda hoje, oras! Você pode pensar o quanto quiser enquanto eu leio.

– Certo, tudo bem – ele assentiu, sonolento demais para discordar. Deu outro longo bocejo e almoçou com a irmã enquanto o pai assistia televisão e a mãe conversava com alguém do lado de fora.

Assim que terminou, ele levou o prato para a cozinha, lavou-o e subiu para o seu quarto, arrastando os pés até derrubar-se na própria cama, que gemeu uma queixa ferruginosa pela falta de consideração. Fechou os olhos e continuou acordado por um longo tempo, a cada minuto mais irritado consigo mesmo por estar perdendo tanto tempo com a arte de esperar o nada acontecer.

Estava prestes a se levantar de novo quando ouviu o toque ritmado de um telefone. Era o seu celular ainda dentro da mochila. Abriu o zíper e verificou quem estava ligando antes de atender, o nome de Marianne surgiu na tela.

– Alô?

– Leroy – disse a voz da garota com um chiado. – Você está livre?

– Estou. Aconteceu alguma coisa?

– Pode vir aqui em casa? – sua voz falhou por um instante e Leroy percebeu que a namorada estivera chorando um segundo antes de ligar para ele. – Por favor.

– Já estou saindo, fica calma. Chego ai rapidinho!

– Obrigada.

Sentindo-se totalmente despertado de repente, Leroy trocou o uniforme da escola por algo mais casual e calçou seus tênis apressadamente. Vestiu um casaco, porque ainda fazia um pouco de frio lá fora e saiu de casa, quase esquecendo-se de avisar que estava indo até a casa de Marianne. Sua mãe lhe falou qualquer coisa que ele não prestou atenção, pois já havia saltado na bicicleta e estava pedalando para longe de casa.

Tocou a campainha dos Faucher assim que chegou e Marianne o recebeu com um abraço e os olhos cheios de lágrimas. Ela afundou o rosto no seu pescoço e soluçou desesperada como ele nunca tinha visto alguém fazer. Alguma coisa muito séria devia ter acontecido. Ele a abraçou com ternura e esperou que a garota se sentisse pronta para conversar, podia sentir o coração dela acelerado de encontro ao seu, que parecia mais descompassado do que nunca. Marianne não se recuperou das lágrimas, mas se afastou dele e convidou-o para entrar.

Eles se sentaram num sofá da sala de estar. A casa estava silenciosa e quieta demais, o garoto sentiu falta de alguma coisa... Os dois se entreolharam longamente e ela abriu a boca para falar, mas acabou choramingando outra vez.

– Petit... faleceu... – ela disse, escondendo o rosto por trás das mãos.

– Mas... o que aconteceu? – ouviu a própria voz sussurrar.

Ela respirou fundo e tentou segurar o choro com todas as suas forças, os traços do seu rosto desenhavam a mais pura desolação.

– Cheguei da escola agora a pouco... – narrou ela, fazendo pausas para recuperar o fôlego. – Eu sempre vou vê-lo... quando volto da escola... Mas hoje... – mais lágrimas voltaram a deslizar pelo seu rosto. – Hoje... eu estive ocupada... Precisei fazer o almoço, meus pais saíram de manhãzinha... porque a minha mãe às vezes tem... tem tonturas e tem que ir ao hospital quando isso acontece. Ela está bem – disse, ao ver que Leroy ia perguntar jus-

tamente isso. – Ela está bem... Eu... terminei as coisas aqui embaixo e fui verificar a caminha dele... Já estava morto... Ele não estava passando muito bem nos últimos dias... Eu devia tê-lo levado ao veterinário enquanto ainda podia... Eu devia ter feito isso... a culpa é toda minha.

Leroy a abraçou outra vez e pensou no que devia dizer, ou mesmo se devia dizer alguma coisa. Petit havia se tornado um membro da família Faucher, era o bebê da casa. Todos o bajulavam e davam-lhe o máximo de atenção, era um filhote muito carinhoso e tranquilo. Leroy gostava muito dele. Gostava até demais. Ele sentiu que os próprios olhos estavam ficando vermelhos, mas não podia chorar na frente de Marianne, isso só a faria se sentir ainda pior.

– Sabe... Existem coisas que a gente não consegue prever. Nem evitar – ele confidenciou no ouvido dela, enquanto sentia as lágrimas quentes da garota deslizando-lhe pelo pescoço. – Você cuidou do Petit o melhor que pôde. Eu não teria feito melhor. Ninguém teria. Você foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele, Marianne. Ele era importante quando estava com você. Era único. Os dias dele podem ter durado pouco, mas foram tão intensos que valeram cada minuto. Se ele pudesse te deixar uma última mensagem, eu acho que ela seria mais ou menos assim – ele mesmo não conseguiu evitar e algumas lágrimas escaparam –: *Obrigado... por tudo. Você era tudo para mim e eu sei que era tudo para você. Não chore mais. Eu gostava tanto de te ver sorrir. Quando estávamos juntos, não havia tristeza. Você só sabia dar risada e me chamar de pequeno. E eu achava graça disso, mesmo que você não pudesse ver. Eu me divertia, porque você nunca percebeu que não era eu que era pequeno, mas você que era grande demais. Não quero mais que você chore. Quero que se lembre de mim com aquele sorriso que eu sempre gostei. Continue se lembrando de mim e eu vou existir para sempre.* Acho que era isso o que ele diria.

Leroy sentiu seu próprio corpo ficar mais leve. Havia alguma coisa levitando dentro da sua cabeça, era como uma borboleta batendo as asas, mas ainda mais suave que isso. Marianne começou a se acalmar, mas não se despreendeu do seu abraço. Ele ainda sentia um vazio desolador no seu peito, mas já era algo que não crescia mais. Sabia que aquele vazio sempre estaria ali, para todas as vezes que se lembrasse de Petit com saudade.

– Onde ele está?

– Lá em cima, na caminha dele – ela respondeu, enxugando as lágrimas com a ponta dos dedos.

– O que pretende fazer?

– Quero enterrá-lo.

– Aqui no jardim?

– Não.

Ele compreendeu o que ela queria só pelo brilho do seu olhar.

Os dois saíram de casa e levaram o corpo de Petit dentro de uma caixa pequena forrada com o cobertorzinho que ele costumava se cobrir. Caminharam pelas calçadas da cidade como quem caminha para um túnel escuro que jamais levará a lugar algum. Quando chegaram ao parque, Leroy mostrou-lhe o banco onde havia encontrado Petit, naquele dia congelante de inverno.

Eles cavaram a terra de um jardim próximo e enterraram o corpo felpudo do gatinho lá dentro. Marianne quase não encontrou forças para jogar terra sobre o pequeno, mas sabia que também devia fazê-lo, pois ele era sua responsabilidade.

Quando deram as costas para o túmulo de Petit, Marianne voltou a chorar nos seus braços. Ele sabia o que ela estava sentindo, dentro dele a mesma tristeza tentava apodrecer o que restara de bom. Tentou abrir um sorrisinho e admirou o azul do céu enquanto caminhavam num passo vagaroso, não podia permitir que aquele sofrimento crescesse ainda mais. Ainda assim, eles foram perseguidos pela sensação de que haviam deixado algo para trás, algo que nunca poderiam recuperar.

– Fica comigo? – a voz oscilante de Marianne perguntou. – Não quero ficar sozinha.

– É claro. Vamos assistir um filme, o que acha?

Mas ela não pôde responder, os nós na sua garganta sufocavam todas as palavras.

Leroy olhou para o relógio.

O ponteiro marcava sete horas. Já estava escuro lá fora e havia muitas nuvens tristes vagando acima da cidade. Um espetáculo musical passava na televisão, mas quase não podiam ouvir suas vozes, o volume estava no mínimo e nenhum dos dois se prontificou a aumentá-lo.

Ela acariciava os seus cabelos. Sua cabeça estava apoiada nas pernas dela, os dois sentindo-se distantes demais para jogar palavras aleatórias ao vento.

O ponteiro se moveu. Agora marcava sete horas e um minuto. O musical parecia estar paralisado na mesma cena há horas, mas quem estava paralisado era o par de olhos que assistiam.

Queria que o tempo também pudesse parar. Queria que aquele momento durasse uma eternidade. Os dois não precisavam de palavras para saber o que estavam sentindo, ou pensando. Seus universos se uniam quando eles estavam perto um do outro. A mão dela

afagando o seu cabelo, sua sonolência mórbida quase permitindo que ele pegasse no sono. Finalmente, sono... Deixou as pálpebras caírem, mas o tão esperado momento ainda não havia chegado. Podia sentir a respiração de Marianne, uma suave cantoria vibrando da televisão, as janelas estremecendo com o vento que corria lá fora, era tudo sutil demais para se perceber de olhos abertos.

– Estou quase terminando meu romance – Leroy lhe contou, como se já não tivesse repetido aquilo algumas vezes pelo resto da semana. – Ainda estou preso na última palavra. Não sei qual devo usar.

A garota não disse nada, esperando que ele pudesse acrescentar alguma coisa qualquer. Mas ele também ficou mudo. Sete horas e quatro minutos, o ponteiro havia acabado de deslizar para baixo. Ele piscou, tentando raciocinar sobre o que havia acabado de dizer.

– Talvez o que você esteja procurando seja mais simples do que parece – ela sugeriu.

– Talvez.

As janelas voltaram a trepidar conforme ele fechou os olhos vagarosamente. Daqui há pouco viria a chuva. Ele pensou em voltar para casa às oito horas, mas decidiu ficar até as nove. Não queria se livrar daqueles dedos longos massageando seus pensamentos, e nem conseguiria, mesmo se quisesse, pois eles também não queriam abandoná-lo. Qual era a última palavra? Ela estava lá, estava em algum lugar dentro daquele enorme labirinto sem fim. Leroy sabia que estaria lá se procurasse com mais cuidado. Ele já a conhecia, já havia pensado nela algumas vezes. Era uma palavra muito simples... isso era tudo o que conseguia se lembrar.

Por que não dar uma chance ao acaso? Aquela dica funcionaria agora? Era arriscado demais para tentar.

Ele ouviu um gato miar na rua e abriu os olhos, assustado.

– Tudo bem – suspirou Marianne. – Não foi nada.

Sua cabeça parecia arder. Não era como se os seus neurônios estivessem fritando lá dentro, ele praticamente não os estava usando, era algo que lembrava o cansaço, mas ia além. Ele nunca havia se sentido assim, então não podia explicar. Mas também não ligou muito, não era uma sensação desagradável. Apenas mais uma sensação estranha.

Mas por que ainda havia um abismo tão grande dentro dele?

Petit se fora. Não havia nada que ele pudesse fazer. Sentiu um aperto esquisito no peito, como se o coração estivesse chorando, foi bastante parecido com a sensação do dia

anterior. Sua cabeça parecia girar ao redor de si mesma, até mesmo quando fechava os olhos. O que era aquilo? Por que estava com um sentimento de tristeza tão profundo?

Ele deixou escapar um gemido.

– O que houve?

– Um aperto no meu peito...

– Eu também estou sentindo – ela sussurrou, sua voz era quase um sopro inexistente. Teria derramado uma lágrima em seguida, mas elas já haviam se esgotado. A garota apenas sorriu, mesmo que ninguém pudesse ver. Mesmo que isso não mudasse coisa alguma. – Será que algum dia isso vai passar?

– Sempre passa.

E, mais uma vez, limitaram-se a manter o silêncio. Era o mínimo que podiam fazer. E também era tudo.

A vida parecia apenas mais um detalhe engraçado. Um detalhe engraçado e inexplicável. Leroy não pensou sobre isso, não havia espaço na sua mente para mais nada além da última palavra. Tinha que encontrá-la depressa. Marie estava ansiosa para ler sua história. Sua primeira leitora! Ele deveria estar se sentindo honrado, mas sentia-se apenas com sono. Muito sono.

– Vai ficar tudo bem – ele murmurou. Deve ter pensado alto demais.

Uma infinidade de palavras flutuavam pela sua cabeça. Todas as palavras que ele já havia aprendido estavam lá. Algumas eram mais nítidas, outras mais obscuras, pois ele ainda não as compreendia. Havia palavras de todos os tipos. Grandes. Insignificantes. Suaves. Doces. Amargas. Acolhedoras. Irritadas. Era alguma dessas que ele procurava? devia ser. Bastava passar os olhos e puxá-la de dentro do labirinto. Nunca algo foi tão simples. O toque dos dedos nos seus cabelos ficou ainda mais delicado, tão meigo que quase não podia senti-los.

E então ele conseguiu visualizá-la.

Era uma palavra incrível!

– Já sei.

Como havia se esquecido dela?

Ela estivera bem na sua frente o tempo todo... mas só agora havia se decidido de que era uma palavra perfeita.

Novamente, um aperto desconfortável no peito. Aquilo queria dizer alguma coisa? Ele soltou um longo suspiro silencioso.

– O que você disse? – perguntou a voz ecoante de Marianne.

As palavras começaram a escurecer, até que todas sumiram devagar. Por fim, restou apenas a última palavra, tão brilhante e linda quanto sua própria existência. Era a palavra mais incrível do mundo... Como pôde perdê-la de vista?

– Leroy?

E o próprio tempo parecia ter parado. Uma voz soou, mas ele não pôde ouvi-la. Estava ocupado demais no momento. Não tinha mais tempo para nada. Nem para ninguém.

Era quase possível escutar as batidas do coração do planeta, era como o ritmo de um relógio que voava, pulsando num calor aconchegante, envolvendo-o em seus braços cheios de segurança e afastando-o de todas as coisas. E, pela primeira vez, Leroy adormeceu de olhos abertos. Olhos agora incapazes de enxergar qualquer outra coisa, senão um lampejo luminoso para a eternidade. Seu próprio coração se deixou envolver pela canção dos cometas e adormeceu para sempre.

O colecionador de cometas

Estava tudo escuro.

Não se podia enxergar quase nada ao redor. O tempo passou bem depressa enquanto tentava não encostar supercola nos dedos. Marie se levantou da cadeira e acendeu a luz do quarto. Deu uma olhada rápida pela janela e viu que já estava anoitecendo, uma massa de nuvens negras se formava no céu. Uma correnteza fria e desagradável, que Marie simplesmente detestava, batia na sua janela e escapava pelas frestas desprotegidas. A garota deslizou as cortinas para não ter que continuar encarando a tempestade deprimente que se aproximava.

E voltou ao trabalho manual. O porta-retratos estava quase pronto, só precisava encaixar mais duas pedrinhas coloridas entre as armações feitas com os grampos de cabelo e depois colar a palha dourada restante ao redor delas. Leroy tinha razão, seus pais adorariam o presente! Marie não era o que se podia chamar de “habilidosa”, mas tinha lá certo jeito para aquele tipo de artesanato.

É claro que, mesmo que entregassem o presente juntos para os seus pais, o reconhecimento mais sincero seria voltado para o irmão, que tivera a ideia toda. Marie sabia que não era isso o que ele havia planejado, mas também estava bastante ciente de que ela não provaria coisa alguma aos pais meramente montando um porta-retratos de pedras e sucata. Leroy lhe dissera que ela tinha que mostrar a eles que também podia fazer coisas bonitas, que não era apenas uma menina prodigiosa que só sabia dormir e passar horas em frente à tela do computador.

– Pronto – pronunciou para si mesma, dando uma boa espiada na sua obra de arte artesanal. Não era uma perfeição, mas ninguém podia dizer que ela não se esforçara, o porta-retratos estava lindo e ficou ainda mais bonito quando ela deslizou a fotografia por trás do vidro. Ela e o irmão não se aguentavam de tanto sorrir, borrões de laranja e amarelo tingiam o céu daquele pôr-do-sol fantástico. Léon se superara em algumas de suas fotografias, mas aquela era nada menos do que perfeita!

Marie teve o impulso de ligar o computador para mostrar o presente para as amigas (algumas delas moravam em outros continentes e achariam a sua obra de arte um pequeno

monumento francês), mas pensou melhor e decidiu que talvez fosse melhor mantê-lo só para a sua família.

Ela saltou da cadeira com um largo sorriso estampado na cara e dirigiu-se até o quarto do irmão. Pretendia deixar o porta-retratos em cima da cama, para que ele o visse assim que chegasse. Aquela conversa fiada de *última palavra* só conseguia convencer Marie de que o irmão estava apenas inseguro em relação à sua história, ela sabia que ele escrevia muito bem e estava sinceramente ansiosa para começar a ler seu livro.

A garota suspeitava que Leroy ainda demoraria uma ou duas horas na casa da namorada. Ele saía de casa feito um relâmpago e Marie se perguntava se alguma coisa grave teria acontecido com Marianne. Mas logo ficou despreocupada, pois tinha certeza de que, nesse caso, ele teria ligado para avisar os pais.

Suas meias brancas deslizavam pelo chão conforme ela patinava sobre elas. Sua mãe começaria a berrar uma baita bronca no seu ouvido no mesmo instante em que a visse fazendo isso, mas Marie era esperta e já vinha apurando os ouvidos há algum tempo a fim de detectar quando alguém se aproximava. Quase levou um tombo na sua patinação de meias e segurou firme o porta-retratos, que quase escapuliu das suas mãos. Ela jamais se perdoaria se acabasse destruindo o fruto de tanto trabalho.

Girou a maçaneta do quarto de Leroy e abriu a porta.

– Ah, você estava aí? – ela disse, assim que viu o irmão parado em frente à janela.

O quarto estava absolutamente envolvido pelo breu da noite, apenas uma fresta nas cortinas permitia que alguém espiasse lá para fora. A lua não emitia luz, nuvens tempestuosas já se preparavam para um temporal poderoso. Roy estivera espionando alguém enquanto se escondia atrás das sombras da cortina?

Marie acendeu a luz e o irmão se virou para ela.

Ele pareceu assustado no momento em que os dois se entreolharam. Ela fitou os olhos dele e ele os dela. Leroy trazia uma expressão incrédula de quem não podia aceitar o que estava vendo, o queixo brevemente caído, como se fosse impossível acreditar naquilo. Mas *naquilo* o quê? Não havia mudado coisa alguma desde que ele saía de casa mais cedo. Leroy estava definitivamente estranho, Marie decidiu, mais até do que nos dias anteriores, ela diria.

– Roy, que cara é essa? Você está péssimo!

Ele franziu a testa, como se não estivesse compreendendo o que ela quis dizer.

– Você está me assustando... – balbuciou Marie. – Aconteceu alguma coisa na casa da Marianne? Por que você saiu correndo daquele jeito?

Então o rosto dele voltou ao normal, como quem já havia se conformado com o que quer que fosse. Abriu a boca para falar, mas não falou coisa alguma, somente continuou a encarar a irmã por alguns segundos. Ele não parecia muito disposto a fazer mais do que isso.

– Está... tudo ok – ele disse finalmente e então apontou para o objeto nas mãos dela. – Você já o terminou?

– Sim, o que achou?

– Uau! Ficou muito melhor do que eu esperava! Na verdade, eu não sabia que podia ficar tão bonito! – cumprimentou ele com um sorriso sincero, sua atitude estava mudando rápido até demais... Piscou algumas vezes e então balançou a cabeça, como se aquilo quisesse significar alguma coisa. Ele estava, incontestavelmente, *muito* estranho! Marie tinha que descobrir o que havia acontecido. Só que não pretendia fazer isso exatamente naquela ocasião, pois ela estava encantada demais com o grande momento de ser a primeira leitora de um livro que ainda faria muito sucesso. Se alguém lhe perguntasse como ela sabia disso, ela diria que era complicado demais de se explicar. Ou de se entender.

– Ficou bem pesado. Se isso cair no pé de alguém, acho que vai fraturar alguns ossos – ela avançou alguns passos na direção dele –, veja só – estendeu o belo porta-retratos para Roy, mas ele recuou.

– Acredito em você – Leroy abriu um sorriso. A seguir recuou mais um passo e indicou sua escrivaninha com uma das mãos. – Pode se sentar. Está na segunda gaveta.

Ela fitou o irmão por mais um instante e não pôde deixar de franzir as sobrancelhas. O que havia de errado com ele hoje? Com um suspiro, Marie sentou-se na cadeira e abriu a segunda gaveta da escrivaninha, havia uma espessa resma de folhas arrancadas de diversos cadernos diferentes e presas por dois prendedores enferrujados de metal. A primeira folha apresentava o título da obra com letras maiúsculas e volumosas:

O COLECIONADOR DE COMETAS

E mais embaixo, no final, estava o nome do autor: *Leroy Beaumont*. Ela pousou o porta-retratos sobre a escrivaninha e voltou-se para o calhamaço nas suas mãos.

Folheou rapidamente algumas páginas, só de curiosidade. Todas elas estavam enumeradas e havia anotações nas margens das folhas e rabiscos descartados por todos os can-

tos. Com um quê de dúvida, Marie logo concluiu que a leitura do livro de Leroy seria como tentar ler a sua sorte nas borras de café. Ao menos, a caligrafia dele era bonita, disso não tinha o que reclamar. Na verdade, era até melhor do que a sua, por mais que nunca fosse assumir isso publicamente, é claro...

E o título da história era bastante chamativo, por mais que também fosse absurdo. Ninguém podia colecionar cometas, oras...

– Você ainda não criou os nomes dos capítulos – ela comentou, com um ar interrogativo.

– Não tem nenhum capítulo no meu livro. A história é corrida – ele explicou. – Também tentei criar um tipo diferente de narrativa, eu não sei se consegui.

Quando se deu conta, Roy estava parado ao seu lado, admirando as páginas nas mãos dela, um brilho de expectativa no olhar. Suas próprias mãos descansavam atrás do corpo e os pés dançavam parados, movendo seu corpo para frente e para trás.

– Você não vai ficar aí parado atrás de mim, né? Eu preciso de privacidade para ler, Roy.

– Eu pensei que fôssemos ler juntos...

– Tipo... leitura em voz alta? – ela disse. – Não vou conseguir me concentrar desse jeito. Olha só, se quiser eu posso ir para o meu quarto. É... acho melhor.

– Não... pode ficar aí.

E, antes que ela pudesse contradizê-lo, ele já estava saindo do próprio quarto. Seus passos tão silenciosos que mal podiam ser escutados. Leroy devia estar nervoso, ou, quem sabe, um pouco tímido. Era só isso...

Ela ainda se recordava da promessa adicional que Leroy lhe obrigou a fazer algumas semanas atrás. A promessa de que ela tinha que ser sincera no seu julgamento do livro. *Mesmo que tenha detestado cada palavra*, ele lhe dissera, *quero saber exatamente o que você achou*. E ela prometeu.

Aquela promessa a deixava um pouco assustada. Talvez ela não tivesse coragem de partir o coração de Leroy... não conseguiria magoá-lo com uma crítica negativa se fosse necessário. Aquela história era o fruto de toda a sua dedicação nos últimos meses... A garota tinha que ser cuidadosa e ler com o máximo de consideração, afinal de contas, era o primeiro livro dele e, a não ser que seu pai estivesse certo e o irmão não fosse tão genial quanto Victor Hugo ou Dumas, nada seria mais natural que um livro desses não passasse de mais uma tentativa de um escritor iniciante. Mas a intuição dela lhe dizia que não preci-

saria se preocupar com isso. Sem ter muito o que fazer a não ser acreditar no seu sexto sentido, Marie deu de ombros e voltou-se para o livro.

Abriu na primeira página e começou a ler as palavras do irmão.

Nunca fui um bom observador.

Uma vez me perguntam por que eu estava parado na chuva por quase cinco minutos, enquanto olhava fixamente para o chão. Respondi que estava observando um grupo de formigas que corriam apressadas das gotas de chuva – que eram quase do tamanho delas. As formigas queriam correr, eu podia sentir que queriam, mas simplesmente não conseguiam deixar para trás o que estiveram carregando antes que a chuva comesse, mesmo que pudessem perder a vida na tentativa. Eu achava fantástico como as pessoas eram parecidas com as formigas. As pessoas também se agarravam às coisas que não tinham importância e, muitas vezes, esqueciam-se que sempre tinham algo mais valioso dentro delas. Algo que só se perdia uma vez.

Até que precisassem me arrastar para dentro de casa, eu nem havia percebido que estivera chovendo e que eu já estava praticamente me fundindo com a água, de tão ensopado.

Quando leio livros, tenho bastante dificuldade em me concentrar. Sempre acabo me esquecendo do que li nas páginas anteriores, mas sou muito bom em encontrar erros de grafia. Às vezes, fico bastante assustado com a quantidade de erros grotescos que as pessoas cometem ao escrever. É bizarro. Não consigo terminar de ler se encontrar muitos erros no mesmo livro, é quase como se as palavras tivessem perdido o valor. É... Eu sei que isso também é um pouco bizarro da minha parte.

Meus olhos não conseguem se concentrar em coisas óbvias, nem em coisas grandes demais. Apenas nos detalhes. Quando olho para o céu, só consigo perceber o tom do seu azul se não houver nuvens ou estrelas. Foi por isso que me convenci de que eu era, na verdade, um observador bem deprimente.

Não sei por que eu nasci assim. Às vezes gostaria de saber.

Mas meu senso de observação desvirtuado não é tão ruim quanto parece. Comecei a perceber, há muito tempo, que sou minucioso ao detectar sutilezas que as pessoas querem esconder. Ainda ontem, vi um senhor passeando com a esposa e o filho pequeno. Duas servas vinham logo atrás, arrastando as sandálias no chão quando andavam, como gente da classe delas costuma fazer, e apenas seguiam a família, caladas, enquanto aguardavam uma oportunidade para ser úteis. Enquanto caminhava, o homem deixou cair uma moeda doura-

da, mas ele não percebeu isso, porque uma das servas apanhou-a ainda no ar, olhou discretamente para a comparsa e guardou-a em algum lugar apertado logo abaixo do pescoço. Eu estava escondido na escuridão, imóvel feito uma sombra no escuro, e não fui visto. Constatei que aquela era uma péssima ladra. E, nesta cidade, péssimos ladrões não costumam ter um destino muito agradável.

Perder uma mão, ou as duas, é o mínimo que pode acontecer se você for apanhado. Eu sei, é triste, mas é assim que as coisas funcionam onde eu vivo.

Eu pretendia contar a história desde o princípio, porque achei que era assim que as coisas deviam funcionar. Mas, pensando melhor, acho que talvez eu não vá aguentar de ansiedade, porque quero logo chegar na parte que interessa.

Bem... acabo de pensar novamente e acho que vou começar do princípio, sim. Sou um pouco indeciso e não quero desperdiçar papel e tinta, então, quem quer que esteja lendo isto, tente não se incomodar com as minhas indecisões. Você vai se acostumar, assim espero. E também espero que não me leve a mal pelo que vou lhe contar, prefiro não julgar as pessoas pelo que parecem, afinal, não estou julgando você, ainda mais porque eu nem te conheço.

Acho que aconteceu há uns oito anos, o que significa que eu tinha doze, na época. Eu nunca aprovei muito a ideia de ficar trancafiado em casa, sempre gostei de sentir o vento no meu rosto, quanto mais frio melhor (por mais que nunca faça frio demais por essas bandas), então, eu costumava passar grande parte do meu tempo livre passeando pelas ruas da cidade. O problema é que eu quase nunca tinha tempo livre.

Minha vida basicamente se resumia nisto: acordar antes do sol nascer, lavar o corpo, lixar as unhas, trocar de roupa, pentear o cabelo, ser levado para a academia, estudar por cinco horas consecutivas, ver meus colegas levando puxões de orelha dos mestres (e eu não), rir deles secretamente, ficar com sono – e com vontade de saltar de um penhasco –, voltar para casa, lavar o corpo pela segunda vez, comer com meus pais, ouvi-los conversar e discutir, observar o vapor que sai da comida quente, bocejar de tédio, querer pular do penhasco pela segunda vez (pois da primeira parece não ter funcionado), ir tirar uma soneca rápida, estudar matemática e finanças com meu mestre particular, fazer uma pausa, estudar mais um pouco, ficar mais entediado, imaginar se o meu mestre gostava de dar aulas para mim ou se só ele fazia aquilo porque o dinheiro era muito bom, comer alguma coisa, ir andar a cavalo, sentir o vento no rosto e ficar feliz com isso, ficar triste porque o passeio durou muito pouco, treinar arte marcial asmosiana se fosse dia ímpar ou estudar história da arte se fosse dia par, jantar apenas com minha mãe (pois meu pai prefere ir trabalhar à noi-

te), observar o céu e as constelações com meu mestre de astronomia (que era o mesmo de matemática e de finanças), imaginar se ele já estava impaciente por ter que me ver duas vezes por dia durante os últimos anos, lavar meu corpo pela terceira vez, ir para o meu quarto e dormir até o dia seguinte, pensando em como devia ser fantástico acordar depois do nascer do sol. E sabendo que isso jamais aconteceria. Pelo menos não comigo.

Talvez eu não devesse ter dito “basicamente” quando disse que isso seria um resumo da minha vida. Acabei descrevendo todo o meu cotidiano daquela época, mas não tem problema. Pode parecer muita coisa (e era mesmo, para um menino de doze anos), mas o que mais me incomodava era que esses dias se repetiam seis dias durante a semana. E, no último dia, eu não podia sair de casa, pois ninguém nunca saía. Essa era a proibição mais inviolável da minha cidade. Depois também explico o motivo.

Levando a minha rotina agitada em conta, e que eu tinha apenas meus doze anos, não consegui recusar quando um dos meus colegas me convidou para o que ele chamava de “escapar do dever”. Isso significava que, ao invés de irmos para a academia, eu e ele sairíamos pela cidade para fazer o que bem entendêssemos e só retornaríamos para a aula quando tivéssemos vontade. *Se tivéssemos vontade...*

Aquele foi o dia mais incrível da minha infância, nós corremos pela rua, jogamos bola, falamos mal dos outros colegas e apostamos corrida.

Acho que seria mais apropriado se eu tentasse transcrever os diálogos ao invés de descrevê-los. Talvez fique menos monótono desse jeito. Vou tentar me lembrar do que foi dito o melhor que puder, mas também, se houver algum engano, você jamais saberá. Então fique despreocupado.

Você não é de nada!, meu colega me dizia ao arrancar na minha frente, acreditando que era infinitamente mais veloz do que eu, *está gostando do sabor da poeira, Niki?*, ele me provocava a cada cinco segundos. Não sei como conseguia respirar, falar e correr ao mesmo tempo. Então eu me esforcei um pouco e logo o ultrapassei, aumentando tanto a distância entre nós que eu já não podia ouvi-lo reclamar lá longe. Sentei-me na rua e aguardei que ele me alcançasse. O que chegou a demorar alguns minutos. *Como você fez isso?*, ele quis saber, ofegante. *Isso o quê?*, perguntei. *Correr feito uma cabrita no Cio, oras!* Ele parecia irritado, e eu não me importei. Não fazia a menor ideia de que lugar seria aquele tal de Cio. *Eu só deixei de prestar a atenção no som dos seus passos. Eles estavam me desconcentrando. Sou rápido demais, é só isso*, eu respondi, no tom mais sincero e provocador que consegui interpretar. O menino parecia de fato um pouco mais irritadiço do que devia.

Aposto que você não é tão rápido quanto parece, ele me provocou, duvido que você consiga fazer uma coisa.

Que coisa?

Entrar na academia, roubar a régua do mestre e sair de lá. Isso tudo sem que ninguém te veja. Pelo nível de voz dele, acho que ele duvidava mesmo que eu fosse conseguir. Então, voltamos juntos para as imediações da academia. Cada gesto, cada passo, cada sorriso de deboche dele duvidava que eu tivesse coragem suficiente. Eu entrei lá, me esquivei pelas sombras dos corredores que eu já conhecia de olhos fechados e evitei qualquer olhar atento das pessoas que passavam por perto, peguei a régua do mestre quando ele a deixou em uma pequena pilastra próxima da minha mão e saí de lá antes que alguém pudesse me encontrar. Fiz questão de dar uma reguada de leve na cabeça do meu amigo, por ele ter duvidado de mim. Ele ficou tão atordoado com a minha rapidez que também ficou mudo. *Agora é melhor voltarmos lá e devolvermos a régua do mestre,* eu disse. Mas o menino não pareceu satisfeito com essa ideia, ele puxou a régua de madeira da minha mão e arremessou-a longe. *Você não sabe como dói apanhar com isso e ser humilhado na frente dos outros! Ele nunca mais vai bater com aquela porcaria em ninguém!*

No dia seguinte, eu me senti culpado por ter faltado à aula do mestre, e ainda mais culpado por ter roubado a sua régua. E depois por tê-la visto ser lançada para cima de um telhado. O mestre estava claramente abalado. Fiquei sabendo que aquela régua velha havia pertencido ao pai dele, e, antes disso, ao pai do pai dele, ambos também haviam sido mestres. Ele já era um homem bastante velho na época, então imagino que o pai dele já havia morrido, portanto, não compreendi porque ele ficou tão triste por perder uma coisa velha daquelas. Mas agora eu compreendo.

As pessoas se apegam às suas coisas e agregam valores à elas. É apenas isto.

Depois daquele dia, eu descobri que tinha vocação para uma das artes proibidas. Podia passar por qualquer um sem ser visto, afinal nunca fui alto, mas sempre fui bastante magro. Não sou necessariamente o tipo de pessoa que chama a atenção. Meus olhos funcionavam mal para o óbvio, mas eu podia encontrar coisas que não eram para ser encontradas. Passei a fugir de algumas das minhas aulas particulares de matemática e finanças, não aparecia nas lições de arte marcial asmosiana e, alguns dias, eu também me permitia não comparecer à academia.

Nessas ocasiões, eu fugia para as ruas da cidade e observava as pessoas. Não as observava como elas se pareciam, como é o normal quando se observa alguém, eu estava mais interessado no modo como elas agiam, o que havia dentro dos seus bolsos, quanto

brilho tinham nos dedos ou nas orelhas, ou o quanto admiravam um objeto de valor no conforto das suas casas. Isso mesmo, eu me tornei um ladrão. Desde o furto da régua do meu mestre, que foi o meu primeiro furto, receio que isso tenha se tornado meu maior vício e meu segredo mais profundo.

Eu adoro tirar as coisas das pessoas. E não me satisfaço com objetos quaisquer, eu só me contento com o que é extremamente valioso para elas, mesmo que seja apenas uma moeda antiga ou um vaso comum cheio de rachaduras. Desde que eles sejam importantes para alguém, eu os tomo para mim.

Já imagino o que as pessoas diriam se soubessem as coisas que faço. *Para a força! Arranquem a cabeça! Matem com fogo!* Nenhuma dessas sugestões me agrada muito, se quer saber... Mas acho que eu preferiria que fizessem isso enquanto eu estivesse dormindo. Seria menos desagradável, pelo menos.

Não vou dizer que sou um ladrão sensacional, também não vou dizer que quase não fui pego, porque essa seria uma mentira ridícula. Passei por apuros várias vezes, mas acabei conseguindo me dar bem, no final. O estranho é que, depois de quase ser apanhado em flagrante, eu chorava muito quando chegava em casa e prometia a mim mesmo que jamais faria isso novamente, mas eu sempre fui muito bom em me trair. Como eu disse, isso se tornou um vício. Eu não podia parar. Ainda não posso parar. E, quanto mais perigoso for o roubo, mais ele me atrai. Sei que fazer essas coisas proibidas com tanta frequência ainda vai me render uma morte jovem, mas não consigo evitar. É algo mais forte do que eu.

Não preciso das coisas que roubo. Não preciso de dinheiro. Acho que sou totalmente culpado pelo que faço, mas, se isso amenizar qualquer coisa, saiba que também tenho o costume (bem esquisito, eu confesso) de devolver tudo o que roubo. Só que isso só acontece alguns meses depois, quando a poeira de cada caso já está mais baixa. Tenho até uma imensa lista com a descrição dos bens furtados e o endereço dos seus respectivos donos, isso me ajuda a não devolver um pertence para a vítima errada. E então você irá me perguntar: *se era para devolver, por que raios você roubou, seu ladrãozinho estúpido?!* E eu lhe responderei, caro alguém que está lendo a comovente história da minha vida,: *eu tiro as coisas das pessoas, e depois as devolvo, porque a sensação de recuperar algo que foi perdido é única. Mas, essa mesma sensação, também faz com que as pessoas percebam que talvez algumas coisas não tenham tanto valor assim, afinal, elas conseguiram viver muito bem sem tê-las consigo desde que as perderam.* Eu diria algo desse tipo.

Resumindo: sou um ladrão com intenções nobres.

O único problema é que nasci com essa falta de foco esquisita. Às vezes eu gostaria de ter nascido diferente e, quando penso nisso, tento pensar em outra coisa qualquer. Porque isso me deixa muito triste. Ainda vou acabar num patíbulo de execuções e, mais do que nunca, isso me faz querer ter nascido diferente.

Nem sei como dizer o quanto estou ansioso para começar a contar a parte que mais me interessa, mas ainda nem me apresentei direito...

– Marie! – uma voz soou lá embaixo.

A garota quase deu um pulo da cadeira.

– Marie! Filha... – a voz começou a chorar. Era a voz da sua mãe.

Assustada, Marie deixou o livro de Leroy aberto sobre a escrivaninha e saiu do quarto correndo. Saltou os degraus o mais depressa que conseguiu e se deparou com uma Sophie desesperada.

Sua mãe chorava e remexia a própria bolsa, procurando coisas que nem existiam. Estava confusa e perdida. A garota observou calada, apavorada demais para fazer perguntas. Ela tirou todas as suas coisas de dentro da bolsa e depois arremessou a bolsa na parede. Marie correu para ajudá-la a se sustentar quando viu que a mãe estava perdendo a força das pernas, os joelhos tremiam tanto que faziam o corpo inteiro tremer também.

– Vá se trocar, Marie! – Sophie gritou com ela enquanto choramingava. – Temos que sair agora! – a voz dela era tão vibrante que chegava a doer os ouvidos. Aquele era o único jeito que ela conseguia se comunicar sem que as lágrimas afogassem as suas palavras. – Vai logo, Marie!

Apavorada com o estado da mãe, a garota se afastou e correu para o próprio quarto. Leroy estava no corredor, lá em cima. Ela passou por ele e sentou-se depressa no próprio colchão, procurando o par de sapatos que devia estar em algum lugar embaixo da cama. Leroy entrou no quarto dela e ficou calado, observando a irmã trocar as meias.

Ela sabia que devia estar com uma cara horrível, mas como deveria se sentir numa situação daquelas? Marie nem sabia o que estava acontecendo. Só sabia que devia ser algo muito sério, pois nunca viu Sophie tão desequilibrada.

– Aonde vocês vão? – ele quis saber.

– Não sei. A mãe está maluca lá embaixo.

– Não fale assim dela.

– Mas é verdade. Se você a visse, diria até que maluca é pouco!

– Marie...

Mas ela estalou a língua, já irritada demais com aquela situação confusa, e levantou-se, ignorando Leroy. Olhou ao redor e pegou a sua própria bolsa, que só servia para guardar uma carteira e seus utensílios femininos. Talvez fossem precisar de dinheiro, era sempre bom estar precavida, afinal de contas, sua mãe parecia estar à beira de um colapso nervoso.

Não tinha tempo para pentear o cabelo ou escovar os dentes, sua mãe já berrava pelo seu nome e chorava alto como nunca. Ela sentiu um arrepio subir-lhe pelas costas. O que estavam escondendo dela?

Marie vestiu um casaco, que devia estar do avesso, e desceu as escadas apressada.

– Aonde nós...?

– Ao hospital – sua mãe respondeu, antes que pudesse terminar a pergunta. Ela a aguardava em frente à porta de saída, os joelhos ainda tremiam. – Os pais de Marianne nos ligaram... – ela quase perdeu as forças novamente e se apoiou numa parede. – Há algo errado com seu irmão...

Marie não compreendeu.

– Não, mãe... mas o Roy es...

– Seu pai já foi na nossa frente – ela a interrompeu –, o taxi está esperando... Me de o seu braço, acho que estou ficando tonta...

– Mãe!

Pouco antes que Sophie tombasse para a frente, Marie conseguiu segurá-la e ajudá-la a se recompor. Um zumbido tapou um dos ouvidos da garota e ela sentiu uma pontada de dor de cabeça. Estava confusa... Ela não sabia o que havia acontecido, mas seus pais estavam cometendo um terrível engano.

– Mãe, você tem que me ouvir.

– Não vamos perder mais tempo, ele está esperando – Sophie girou a maçaneta e abriu a porta. Estava chovendo torrencialmente e um taxi aguardava do lado de fora.

– O Roy está lá em cima, mãe.

– O quê você disse?

– Ele está lá em cima, eu acabei de falar com ele, caramba! Por que você nunca me escuta?

Um brilho de esperança passou nos olhos de Sophie e, milagrosamente, ela arranjou forças e disparou pelos degraus acima, quase tropeçando em vários deles pelo caminho. Marie foi logo atrás. Queria apenas entender o que estava acontecendo.

– Onde ele está, Marie?! – ela ouviu sua mãe perguntar aflita.

– Ele estava bem aqui, no meu quarto. Deve estar no quarto dele, então – tornou a garota, já com os olhos vermelhos e com muita raiva de Leroy. Se aquilo tudo era uma grande brincadeira de mau gosto, ela faria questão de dizer que a história dele estava uma baita porcaria – por mais que a estivesse achando bem interessante até então.

– E onde você acha que eu olhei primeiro, sua imbecil?

– Eu juro, mãe! Ele estava bem aq...

Mas suas palavras se afogaram de repente. Furiosa e descontrolada, Sophie deu-lhe um tapa no rosto com muita força. Ela nunca encostara um dedo na filha. Marie sentiu o calor crescer na sua face, sentiu as lágrimas percorrendo as curvas e o queixo tremular, inconformado. O que estava acontecendo?

– ROY! – a menina chamou com todo o ar dos pulmões, mas o irmão não respondeu e nem surgiu de algum esconderijo que não existia. – ROY! ROY!

Ela viu que a mão da sua mãe parou a meio caminho de atingir-lhe a outra face. Sophie, que ainda chorava desconsolada, controlou-se e pôs a mão no rosto da filha, encarou-a e deu-lhe um abraço.

– Me perdoe... Marie – ela sussurrou no seu ouvido. Em outra ocasião a garota teria ficado emocionada com um abraço da sua mãe, elas nunca se abraçavam, mas agora estava confusa demais para entender qualquer coisa. – Não faça mais isso, por favor... minha filha – o tom da sua voz era de partir o coração. – Preciso de você, por favor... Por favor, Marie...

– Tudo bem, mãe.

– Vamos para o hospital, certo? Vamos ver o que aconteceu com seu irmão e ajudá-lo da melhor forma possível, tudo bem?

– Tudo bem, mãe.

Elas partiram juntas para o taxi que as aguardava. E só então, a caminho do hospital, Marie se deu conta de que o seu coração já não batia como antes, pois estava oco.

Capítulo Sete

Minha promessa

Desde que ouviu aquela história de hospital, Marie sentiu que havia algo fora do lugar. Seu irmão sempre se preocupou com a saúde... Sempre se preocupou até demais, tanto que alguns dos colegas insistiam em chamá-lo de “velhote prematuro”. Roy não combinava com hospitais. Ele nunca ficava doente. Nunca participava de coisas perigosas ou se machucava. Deve ter sido apenas um grande engano.

Quando os médicos se aproximaram da família e um deles pousou seus olhos em Marie, aqueles olhos tristes e acolhedores, ela começou a chorar sem saber por quê. Confirmaram todos os dados sobre Leroy e fizeram muitas perguntas antes de chegar ao que importava. Quando pediram para que os três se sentassem, seus pais quase enfartaram.

Os médicos disseram que não sabiam exatamente o que havia tirado a vida de Leroy.

Disseram que chamavam aquilo de morte súbita, porque não havia causas aparentes para o falecimento prematuro. O garoto estava perfeitamente saudável, até que a vida deixou seu corpo. A família se recusou a aceitar aquilo. Sua mãe os acusou de mentirosos, seu pai disse que era impossível, deviam ter confundido seu filho com outro rapaz da mesma idade. Tudo só podia ser um engano. Mas os médicos apenas disseram que a rejeição era comum nesse caso, ninguém nunca está disposto a aceitar que uma pessoa jovem e cheia de saúde simplesmente perca a vida. Sem motivos. Sem previsão.

Era um caso muito raro, mas era possível.

Era tão injusto... Era tão... cruel. O ciclo natural da vida não funcionava daquele jeito.

Os Beaumont perderam o chão.

No momento em que ouviu que o irmão havia falecido, o coração de Marie parou de bater. Seus ouvidos já não podiam escutar as palavras desesperadoras dos médicos, nem os gemidos decadentes do pai; seus olhos não enxergaram quando sua mãe perdeu a consciência e tombou no chão; suas mãos não puderam ajudá-la, abraçá-la como queria ter feito

outras milhões de vezes, como queria ter feito com o irmão em tantas ocasiões; sua boca não pôde liberar todo o vazio que se apoderava dela.

Roy se fora.

Ele se fora para sempre. E nada mais poderia acordá-lo do seu sono. Ninguém pode tomar de volta o que retornou para a terra.

Não há cura para a morte.

Ela podia ouvir sua voz.

Podia vê-lo admirar a neve que caía enquanto dizia bem baixinho para si mesmo: *este é o melhor presente do céu*, achando que ninguém podia escutá-lo.

Seu sorriso chegou até ela, quando ele finalmente ganhou uma partida emocionante contra Léon. Mas ele também apareceu com uma expressão triste, as mãos apoiando a cabeça, irritado consigo mesmo por não conseguir escrever uma palavra há dias.

Podia vê-lo estudar por horas, planejando tirar notas melhores que as dela. Viu a si mesma rindo dele e se gabando ao dizer que não precisava sequer estudar para conseguir as notas mais altas da sua turma. E ele ficava nervoso. Não nervoso com ela, necessariamente, mas consigo mesmo, porque sabia que a irmã estava certa. Ele jamais tiraria notas como as dela e isso significava que seus pais jamais teriam orgulho dele.

O som da sua voz fluuava até os seus ouvidos. Ela ainda podia escutá-lo sussurrar coisas sobre os planetas. Era um som lindo. Era infinito. E, por um momento, ela desejou ter morrido com ele.

Muitas horas mais tarde, Marie pediu para Julien levá-la para casa. Ela sabia que o pai tinha que ficar ao lado da sua mãe, mas não suportava mais ficar nem um minuto dentro daquele hospital. Deu um beijo na testa de Sophie, deitada sobre um leito da enfermagem, e desejou-lhe boa noite. Não houve resposta. Ela ainda estava desacordada, o choque fora maior do que os médicos esperavam. Se Sophie não acordasse nas próximas horas, teriam que tomar “certas medidas”, como eles informaram seu pai, sem saber que a garota estava escutando.

– Tem certeza de que prefere ficar sozinha? – Julien lhe perguntou, ainda dentro do taxi. Ele não conseguiria dirigir tão cedo, seu corpo todo tremia e ele estava abalado demais para se concentrar com um volante em mãos.

Marie tentou sorrir, mas acabou derramando mais lágrimas. Deu um beijo no pai e entrou em casa.

O taxi voltou para o hospital. Julien não olhou para trás.

Ela fechou a porta de entrada e despencou no chão. Descobriu que aquela casa parecia mais mórbida do que nunca, era como uma gaiola sufocante que a impedia de voar. Pensou que esqueceria aquele pesadelo quando voltasse para o conforto do lar, mas era apenas mais uma ilusão. Roy não estava mais lá, ela estava só.

Ela apenas queria que Roy soubesse que sua irmã mais nova o amava tanto! Mas já era tarde demais... o tempo para algumas coisas acaba mais depressa do que se espera. Ela fechou os olhos e desejou desaparecer.

A madrugada se estendeu por mais algumas horas quando Marie se levantou de onde estava e observou a escuridão ao seu redor. Ela havia dormido? Não sabia. Não fazia diferença. Ou talvez tudo aquilo tivesse sido apenas mais um pesadelo... a mera ideia já enchia seu coração com uma falsa esperança. Era tão confortável ainda poder acreditar em milagres...

O ponteiro mais comprido do relógio tiquetaqueava sua melodia ritmada. Ela visualizou o objeto preso à parede e demorou vários minutos para descobrir as horas. Quatro e doze. Também não fazia diferença. As sombras que se estendiam para longe da janela estavam silenciosas. Normalmente Marie teria medo delas, ainda mais numa noite tão sombria e tempestuosa daquelas, mas, hoje, nada parecia mais acolhedor. A escuridão era agradável, pois evitava que ela fosse obrigada a observar a si mesma e se lembrasse de como era doloroso estar vivo.

Subiu os degraus vagarosamente. Esperava obter a resposta do que faria em seguida, antes de chegar lá em cima. Queria dormir por um longo tempo, dormir até não ter mais vontade de acordar. Esperava que o irmão viesse conversar com ela durante os seus sonhos, tinha tanto para lhe contar antes que ele sumisse mais uma vez...

– Você voltou, Marie.

Aquela voz sufocou os restos despedaçados do seu coração, mas foi um sufoco carinhoso. Ela desejou ouvir aquela voz pelo resto dos seus dias.

– Roy? – ela percebeu que estava chorando mais uma vez.

– Não quero que você chore. Eu gosto mais de te ver sorrir – ele disse.

– Ok, vou parar – prometeu ela, a voz oscilante, sufocando as lágrimas com toda a sua força de vontade.

– Estou no meu quarto, pode acender a luz se quiser.

Sua mão tremeu mais do que o corpo todo enquanto tentava atingir o interruptor.

Marie sabia que aquilo era só uma ilusão, não passava de um delírio da sua imaginação. Mas era o melhor delírio da sua vida.

A lâmpada se acendeu e iluminou o quarto. E lá estava ele novamente.

De pé ao lado da escrivaninha, um sorriso triste estampado no rosto.

E como estava lindo! Era uma beleza que ninguém nunca poderia alcançar, nunca. Ela quis dizer isto a ele, mas as palavras ficaram engasgadas na sua garganta. Como ele estava lindo, e vivo! Seu irmão estava vivo!

Ela correu até ele de braços abertos, mas ele não se moveu, apenas continuou sorrindo, resignado com as coisas que não podia mudar. Não tinha importância. Passou os braços ao redor do irmão e percebeu que não podia tocá-lo, nem sentir seu calor. Ele era como uma brisa passageira.

– Eu atravesso as portas e as paredes como se elas não existissem... – pronunciou ele num tom tranquilo. – Mas, no fundo, sei que quem não existe mais sou eu.

Marie se afastou e não pôde evitar as lágrimas involuntárias que caíam.

– Mas então... como você...?

– Não sei – ele sorriu. – Não faço a menor ideia. Estive esperando vocês voltarem.

– O pai e a mãe não vão voltar nos próximos dias – ela disse, tentando não chorar na frente de Roy. Não pretendia desapontá-lo, tinha que ser forte. Não. Tinha que *parecer* forte.

Ele concordou com a cabeça, parecendo pensativo e conformado.

– Eles estão bem?

– Estão – ela mentiu, e só depois se deu conta do que havia falado. Deu um suspiro constrangido. – A mãe desmaiou quando ficou sabendo do que aconteceu... e o pai está em choque. Mas acho que eles vão ficar bem, sim.

Leroy abaixou a cabeça, como se estivesse sendo torturado por uma sensação de culpa e balançou a cabeça mais uma vez. Ele continuava sorrindo, tentando esconder tudo o que estava sentindo, mas seus olhos não conseguiam esconder tanta tristeza. Marie se arrependeu por ter falado demais, mas sabia que teria se sentido muito pior se o tivesse enganado. O que mais importava agora não era como ela estava se sentindo.

– Não fique preocupado, Roy. A mãe é forte, você sabe. Ela vai superar...

– Não, Marie... Ela gosta de se fazer de durona, mas, no fundo, é sentimental e se magoa muito fácil. Por favor, você tem que ficar ao lado dela – ele pediu e a irmã balançou a cabeça, concordando prontamente com tudo o que ele dizia e com o que estava prestes a dizer. – Ela vai precisar de você mais do que nunca.

– Eu não vou abandoná-los, Roy, eu prometo. Não vou abandoná-los.

– Obrigado.

E nenhum dos dois encontrou o que falar por um instante. Aquele fora o momento de silêncio mais agradável da vida de Marie. Eles olhavam um para o outro e sorriam. Marie não podia evitar que seus olhos ficassem vermelhos, ela tinha medo que o irmão simplesmente sumisse e a deixasse sozinha. Não queria ficar sozinha, não queria perdê-lo outra vez.

– Posso te fazer uma pergunta? – Marie perguntou, temendo que seu pressentimento mais sombrio se realizasse em meio a tanto silêncio.

– Claro.

– Como foi...? – ela não encontrou palavras para continuar. Mas Leroy compreendeu e assentiu.

– Não senti nada. E ainda não sinto. É estranho... Foi tudo tão... repentino.

Ela mordiscou os lábios e concordou.

– O que os médicos disseram?

Insegura, Marie demorou um segundo para responder.

– Foi... m-morte súbita – ela gaguejou e tornou a chorar baixinho.

– Entendo...

Mas ela não entendia. Não entendia mais coisa alguma e estava tremendamente agradecida por isso. Não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, mas isso não tinha importância. Ela não precisava compreender nada, precisava apenas deixar que acontecesse.

– Foi um dia cansativo – Leroy disse, sorrindo consigo mesmo. – Você deveria ir se deitar.

Sem querer contrariá-lo, Marie limitou-se a sacudir a cabeça e olhar para o chão.

– Você ainda estará aqui quando eu acordar? – ela não pôde evitar a pergunta.

– Sim.

– Promete?

– Eu já prometi. Você será a minha primeira leitora e eu preciso me certificar de que isso aconteça – seu sorriso se estendeu. – Agora, não se preocupe com isso. Durma. Eu vou ficar ao seu lado.

Marie tentou sorrir e percebeu que ainda era capaz de algo assim. Roy pareceu satisfeito com a profunda demonstração de carinho. Ela queria dizer que o amava demais, não queria perder a oportunidade, mas as palavras se afogaram como das outras vezes.

Nem ele e nem ela foram acostumados a dizer aquelas palavras. Para eles, era muito comum que palavras tão simples fossem tão difíceis de serem pronunciadas.

A garota deitou-se na cama do irmão e sentiu o cheiro da sua pele ainda perfumando o travesseiro. Sentiu que lágrimas escorriam sem que ela permitisse e também sentiu que continuava sorrindo. Leroy sentou-se ao pé da cama e ficou muito quieto.

Ela pensou em como devia ser triste fechar os olhos e não saber que seu próximo sono seria eterno. E não se importou por ter pensado nisso pouco antes de cair no sono, o melhor sono da sua vida.

De manhã, antes mesmo de abrir os olhos, todas as imagens do dia anterior retornaram à sua mente. Ela sentou-se na cama, assustada com alguma coisa, e olhou para os lados, tinha certeza de que havia perdido alguma coisa, mas não conseguia se lembrar do que era.

– Roy! – ela chamou, um desespero intenso começou a se apoderar dela. – ROY!

E ele surgiu pela porta do quarto. A luz do dia alcançava o brilho dos seus olhos, como se só existisse para iluminá-lo. Ele ainda sorria, do jeitinho que Marie se lembrava tão bem. Era o sorriso mais maravilhoso do mundo.

Ela suspirou de alívio.

– Posso te fazer uma pergunta estranha...? – ela perguntou.

Leroy deu uma risada contida e aquiesceu com um gesto.

– Eu espero que esteja ficando louca, mas... *aconteceu* mesmo?

– Aconteceu. Mas ainda estou aqui – e o sorriso dele nunca pareceu tão acolhedor. Era tão... real.

Marie começou a chorar. Cobriu o rosto, envergonhada pelas próprias lágrimas.

– Eu ainda estou aqui. Não precisa chorar, não vou te deixar sozinha – disse ele, sentando-se na cama, ao lado dela. E ela percebeu, com uma pontada de dor no coração, que o peso do irmão não fez dobras e nem afundou os cobertores, era como se ele nem estivesse sentado lá. – Se você ficar triste desse jeito, o pai e a mãe não vão ter mais ninguém. E a gente não quer isso, certo?

– Eu sei... – ela soluçou. – Mas, é tão difícil...

Ele a encarou com aqueles olhos cheios de compreensão e tornou a sorrir.

– É, eu sei. Continuar aqui e não poder viver... é doloroso. Mesmo que eu não possa sentir dor alguma... Mesmo que não possa sentir nada. Mas ainda estou feliz por estar aqui e poder conversar com você.

– Me promete que nunca irá embora – Marie disse, sentindo-se um pouco egoísta.
– Não sei se posso te prometer isso.
– Eu não quero que você desapareça...
– Também não quero, mas não sei como essas coisas funcionam – ele riu, até mesmo seu riso era triste. – Vamos apenas aproveitar enquanto estou com você, ok?
– Ok.
– Quer continuar lendo?
– Com certeza.
– Ah... – ele parecia ter se recordado de algo importante.
– O que houve? – Marie disse enquanto enxugava as lágrimas.
– Você deve estar com fome e eu estou aqui só pensando em voltar a ler... Faça o que precisar fazer, prometo que não vou evaporar enquanto você estiver ocupada – e ele riu novamente, como se houvesse mesmo alguma graça naquilo. Roy continuava o mesmo Roy de sempre... Não perdia sequer uma oportunidade para uma piada. Mas Marie não conseguiu sorrir desta vez. – Se quiser ligar para o pai. Saber como os dois estão...

Marie negou.

– Quero somente ler o seu livro – ela disse e tentou um sorrisinho. – Estou adorando.

Ele riu, encabulado, e coçou a ponta do nariz, como sempre costumava fazer quando não sabia exatamente o que dizer em seguida. Ela se lembraria daquele gesto para o resto da sua vida.

Leroy sacudiu a cabeça, num aceno agradecido, e caminhou para fora do quarto. Seus passos não podiam ser ouvidos, eles não estavam realmente encostando no piso. Marie se levantou de repente e chamou o nome do irmão.

– Eu pensei melhor – e fez o possível para prender o choro outra vez – e acho que temos que ler juntos, afinal essa foi a promessa, não é?

Marie sentou-se, segurou o calhamaço de páginas avulsas de caderno e apoiou-o nos joelhos. O irmão acomodou-se mais uma vez ao seu lado. Não havia calor na presença dele. Era apenas uma projeção de luz e sons, uma miragem que quase conseguia amenizar o mais cruel dos pesadelos. Marie sentiu-se culpada por ter recusado a presença dele da última vez... Em outra ocasião, teria adorado sentir o irmão respirando ao lado dela. Mas, mesmo assim, aquele parecia o melhor e o pior dia da sua vida, como todos os dias seriam de agora em diante. Pigarreou, para garantir que não restavam nós na sua garganta, e continuou a ler de onde havia parado.

Nem sei como dizer o quanto estou ansioso para começar a contar a parte que mais me interessa, mas ainda nem me apresentei direito. Eu me chamo Nikodemos, mas prefiro apenas Niko, porque é mais prático de se falar. Então as pessoas me chamam apenas de Niko, porque acho que elas apenas concordam também.

Um dos motivos de eu jamais ter levado uma reguada do mestre durante as aulas da academia não foi por eu ter sido menos pretencioso que qualquer um dos meus colegas. Réguas nunca voaram na minha direção porque sou filho de Solon, o Ministro da Moeda da nossa República de Asmos – ou República Asmosiana, se preferir assim. Meu pai é um homem muito influente, pois só existe um Ministro da Moeda em cada uma das quatorze Repúblicas dessa parte do mundo. E, como ele mesmo diz, não existe Ministro mais indispensável do aquele que cuida do dinheiro. Quando eu era pequeno, achava que isso tinha alguma coisa a ver com contar moedas e armazená-las num cofre bem grande, mais tarde descobri que a função do meu pai era muito mais complexa do que isso.

Dentre os vinte Ministros da nossa República, meu pai era responsável por administrar e controlar os gastos públicos de todos os outros dezenove Ministros e essa era uma das maiores responsabilidades que alguém podia assumir.

Certa vez, quando era pequeno demais para compreender as coisas complicadas que os adultos diziam, eu me lembro que meu pai e o atual Ministro de Edificações quase travaram um duelo épico de espadas. Alguns anos mais tarde, meu pai me explicou que, às vezes, os outros chefes de Ministério não compreendem que não é possível deslocar fundos para beneficiar uma atividade, sem prejudicar outra, de modo que, daquela vez, ele não pôde ceder verba suficiente para a construção do monumento que o Ministro de Edificações pretendia dedicar aos Oráculos.

Ser Ministro da Moeda era uma função bastante difícil, porque os outros Ministros dependiam do dinheiro que ele administra, dependiam de dinheiro para quase tudo, na verdade. Era uma função que pouca gente poderia exercer, ou gostaria. E isso só me faz pensar no que levou meu pai a se candidatar para o cargo duas décadas atrás. Aconteceu uma semana após o meu nascimento. Acho que jamais entenderei algumas coisas. Talvez não deva tentar entendê-las.

Espero não estar me apressando demais. Não quero criar um choque muito grande entre as nossas dimensões. Mas talvez isso seja inevitável, no final das contas... Vou começar pelo início de tudo e você compreenderá tudo do jeito que deve ser.

O que vou lhe contar agora é passado de geração em geração, e todas as crianças com mais de cinco anos já sabem o texto de cor. Nós as aprendemos com nossos avós, ouvimos nossos pais repetirem as mesmas palavras e nossos preceptores se aprofundarem nos seus contextos mais filosóficos e louváveis. Mas vou contar tudo da minha própria maneira, espero que não se importe.

No princípio de todas as coisas, o grande buraco negro que chamamos de universo era absolutamente vazio. Não havia constelações ou nebulosas, nem planetas ou grandes explosões. Tudo era apenas um espaço vazio e infinitamente inexistente.

Então uma fumaça vermelha fluiu de lugar nenhum e abraçou o universo com seus braços ainda maiores do que ele. Dessa união suprema nasceram quatorze consciências com potencial ilimitado.

Essas entidades são popularmente conhecidas como Divos.

Após crescer e contemplar o vazio criado pela união entre universo e a fumaça vermelha, um dos Divos ficou entediado e resolveu distrair-se à sua maneira. Seu nome era Omnios, ele se nomeou o Divo da criação e dos ciclos de existência. Suas mãos arremessavam astros luminosos para os confins mais escuros do universo, seu sopro de fogo originava revoluções galácticas que, por sua vez, davam existência aos primeiros milhares de planetas e sistemas solares.

Seus irmãos viram naquilo uma oportunidade para se libertar da eterna monotonia causada pela escuridão. Kosmos nomeou-se o Divo da ordem e do dia e tomou para si a responsabilidade de manter a harmonia em todos os sistemas solares, enquanto os sois ainda brilhassem. Contudo, Caos, seu irmão gêmeo, para pregar-lhe uma peça, resolveu nomear-se o Divo do pandemônio e da noite, e desorientou o equilíbrio constante de todos os corpos celestes, fazendo com que cada partícula do universo se movimentasse em uma direção definida e isso fez com que todas as extremidades, antes iluminadas pelo calor dos astros, agora também sentissem o sabor agro da noite.

Eras sem conta se passaram e os quatorze Divos se divertiram infinitamente até caírem novamente em um profundo tédio. O novo universo era mais interessante que o anterior, mas, com o tempo, sua limitação o tornou apenas mais um espaço sem graça. Então, inspirados por uma engenhosidade suprema, os gêmeos Bios e Umbros resolveram criar o, até então, inimaginável. Com o apoio de Omnios, Bios intitulou-se o Divo da colheita e da vida – e creio que seja bastante óbvio o que ele fez em seguida – e Umbros intitulou-se o Divo da calamidade e da morte. Juntos, eles estabeleceram um novo ciclo de existências em todos os cantos intermináveis e tediosos do universo.

A vida seria algo bastante curioso de se observar e a morte garantiria que as coisas sempre se renovassem da maneira mais eficiente. Os outros Divos divertiram-se tanto com aquela ideia que resolveram contribuir para que ela se tornasse uma experiência ainda mais memorável.

Seros tornou-se o Divo do tempo e ocupou-se com a manutenção das naturezas galácticas. Domos, o agora Divo das artes, esculpiu e deu uma forma mais definida a todas as coisas, sendo o primeiro, inclusive, a modificar a própria aparência, tornando-se incrivelmente belo.

Nunca o universo foi um lugar tão cheio de resplendor, tão vivo e tão magnífico!

Em seguida – e quando digo isso quero que não se engane, já que, para consciências infinitas como os Divos, milênios podem se passar em questão de segundos –, Omnios resolveu fazer uma experiência para divertir os irmãos: com a ajuda de Bios e Umbros, ele originou as primeiras criaturas dotadas de inteligência prática. Espalhou suas novas criaturas em diversos planetas, de diversas galáxias, e todos os Divos observaram como esses seres passaram a interagir de forma imprevisível.

Foi Nebulos, o Divo dos sentimentos e dos sonhos, quem embutiou as primeiras emoções divinas em todas as criaturas vivas e, em dose mais especial, nas criaturas inteligentes. Caso ainda não tenha ficado claro, nós – as pessoas – fazemos parte desse grupo de criaturas inteligentes, então vou me referir a elas somente como “pessoas” a partir de agora. Os sentimentos de Nebulos desestruturaram a cadeia imprevisível de acontecimentos naturais e passaram a tomar conta de toda a vida. O amor, a raiva, a felicidade e a tristeza atribuíam uma motivação para todas as coisas.

Então, para apimentar o palco de atuações, Phirios, o Divo do conhecimento e da estratégia, educou as pessoas e fez com que pensassem e usassem seus sentimentos da forma mais racional possível. Theros, Divo da honra e da vergonha, foi o primeiro a criar o senso de amizade e união. Não demorou para que o senso de inimizade e desunião também surgisse de forma espontânea, em resposta ao empreendimento de Phirios e Theros.

Os Divos fizeram uma grande festa que durou eras. Suas criações inteligentes estavam interagindo das maneiras mais inesperadas e já iniciavam suas próprias descobertas e suas próprias criações.

Sedento por mais daquele entretenimento maravilhoso, Letos nomeou-se o Divo da injúria e da mentira, e plantou esses sentimentos intrigantes nos corações dos homens. Então o ódio, a mágoa, a desconfiança e o rancor nasceram em resposta. E o homem se tornou uma criatura perversa. Os primeiros conflitos começaram.

As pessoas sempre foram muito boas em tirar a vida das outras criaturas e, agora, começavam a descobrir que era muito mais saboroso disputar contra seus semelhantes. Os Divos se divertiam como nunca ao observar as batalhas entre homens, mas, quando aprenderam a guerrear, os homens também haviam se condenado à própria extinção. Temendo que isso acontecesse com suas criaturas prediletas, os gêmeos Iros e Eros nomearam-se Divos da sabedoria e, respectivamente, um da guerra e o outro da paz, para garantir que houvesse um fluxo inconstante no ciclo de morte que os homens criavam.

Então, Asmos, o último Divo a tomar um título para si, nomeou-se o Divo da justiça e da verdade, e isso equilibrou o constante desequilíbrio que traçava o destino de todo o universo.

E, basicamente, é isto.

Não espero que você se lembre do nome de todos os Divos, mas acho que já foi possível ter uma pequena noção de como as coisas funcionam por aqui. Agora, se você foi tão atento quanto espero que tenha sido, certamente percebeu que eu mencionei que existiam *quatorze* Repúblicas nesta região do mundo e que há *quatorze* Divos. Não, também não é somente uma simples coincidência que a minha cidade se chame República de Asmos, ou Terra da Justiça e da Verdade.

As histórias não contam por que os Divos decidiram viver entre nós, e acho que seria uma blasfêmia tentar imaginar isso. Mas, há alguns milênios, por motivos desconhecidos, os quatorze Divos construíram enormes palácios acima das nuvens e se comunicaram com suas criações inteligentes pela primeira vez. Foi uma resposta natural que os homens viessem a construir suas cidades logo abaixo dos palácios divinos e ainda mais natural que, com o passar dos milênios, as pessoas se tornassem cada vez mais submissas à presença divina dos seus criadores.

Os povos de cada das quatorze Repúblicas elegeram um representante sagrado para a humanidade. E esse representante seria o único mediador entre as pessoas e o respectivo Divo a que veneravam. Esses quatorze indivíduos abriram mão de seus próprios nomes e de suas vidas para servir aos Divos. Nós os chamamos de Emissários Supremos. Eles se tornaram os líderes máximos de cada República, já que as pessoas comuns não eram dignas de se comunicar com os nossos criadores. Nunca vi o Emissário Supremo de Asmos, mas já fico um pouco apavorado só de imaginar como deve ser a aparência de alguém que viveu por tanto tempo...

Não há muitas nuvens no céu hoje, então posso ver claramente o Palácio Divino de Asmos se olhar para cima. Imagino que o Divo da justiça deva se sentir muito sozinho lá

em cima, tão afastado dos seus irmãos. E cada um deles deve se sentir da mesma forma, como nós às vezes nos sentimos aqui na terra. É triste estar tão próximo e, ainda assim, tão isolado da própria família.

Sinto muito... Devo pedir que esqueça essa parte, pois acho que cometi outra blasfêmia... Mas, como já falei, o perigo me atrai, então vou deixar escrito do jeito que está. Só faça um favor para nós dois e esqueça tudo o que eu lhe contar...

Marie interrompeu a leitura e olhou para Roy.

Os olhos dele estavam úmidos e ele fungava baixinho. Estava chorando.

– Tudo bem? – ela perguntou. Uma físgada esquisita no seu coração.

– Sim, tudo bem. É só que... eu acabei de perceber uma coisa...

– O que foi, Roy?

Ele negou com a cabeça e voltou a sorrir.

– Não venha me dizer que não foi nada – Marie tornou, fitando Leroy com uma expressão assustada.

– Olha só isso.

Ele mostrou a própria mão e Marie observou-a, mas não notou nada de diferente. Ela aproximou a sua própria mão e não pode senti-la tocar o irmão, pois atravessou-o como se ele não estivesse lá. Quando afastou o braço, Marie se deu conta do que ele havia percebido e ficou boquiaberta. A pele de Leroy estava imperceptivelmente transparente, pois conseguia ver o brilho dos olhos dele através da mão estendida.

– Estou começando a desaparecer...

Uma lembrança no esquecimento

Ela não conseguiu desgrudar os olhos da mão de Leroy. Era como se estivesse observando através de uma projeção, só que essa projeção era nada menos que o próprio corpo do seu irmão. Roy estava sumindo... e desta vez ela sabia que seria para sempre.

Sua visão ficou turva, como se estivesse se afogando abruptamente nas próprias lágrimas.

– Roy, me espera! – disse a pequena Marie, correndo atrás do irmão mais velho. Uma pipa colorida se agitava no céu e o menino movia os pés depressa, tomando apenas o cuidado de não deixar o pássaro voador de papel embrenhar-se nos galhos das árvores. Ele era bem mais alto do que a irmãzinha e tinha pernas mais longas e fortes, portanto corria mais depressa.

– Pipas não são brinquedos de menina! – ele dizia, enquanto fugia pelo parque e dava gargalhadas.

– Mas eu quero! Me espera, Roy!

E ela o perseguiu com toda a sua determinação, por mais que suas perninhas jamais pudessem alcançá-lo. Seus pais chamaram ao longe e pediram que eles não se distanciassem, Roy passou por ela que nem um raio e ficou correndo em círculos, mas ainda rápido demais para poder acompanhá-lo. A pequena Marie se recusava a chorar, ela não queria ser chamada de chorona outra vez, mordeu o beijo e tentou disparar a todo gás dos seus sapatinhos atrás de Roy.

Ele podia ser mais rápido, mas não era tão resistente quanto ela e, em algum momento, acabaria diminuindo o passo.

– Me deixa empinar um pouco! – ela pedia, mas o irmão apenas ria mais alto e se esquivava. – Só um pouquinho, Roy!

– Se conseguir pegar a pipa, ela é sua!

Fazia muito frio e seus calcanhares começaram a doer antes do que ela esperava. Um vento congelante soprou e paralisou seu rosto, fazendo-a estremecer e diminuir ainda mais o ritmo. Mas Roy continuava correndo e rindo, ele não detestava o inverno como Marie detestava. Na verdade, o frio parecia deixá-lo ainda mais animado.

Quando estava prestes a desistir, Marie acabou escorregando num punhado de neve congelada e caiu dentro de um dos canteiros floridos do parque. Sentiu uma dor muito forte percorrer sua perna e, apavorada, viu que estava sangrando. Havia batido na pequena cerca de ferro que envolvia o jardim e, o impacto do tombo, abrira um cortezinho minúsculo abaixo do joelho direito, mas não era por isso que doía menos.

Logo seus pais vieram correndo e falaram muito carinhosamente com ela. Disseram que não era nada preocupante e que a dor passaria rapidinho. Então, os dois se voltaram para Leroy e começaram a dar-lhe uma bronca colossal.

- Seu irresponsável!
- Sua irmã podia ter se machucado para valer por *sua* causa!
- Você não mede as consequências?
- Não sei onde erramos com esse menino!

Mas seus pais não haviam percebido que, antes que qualquer um deles tivesse notado que a filha machucara a perna, Leroy já havia se posto ao lado dela, dizendo que não era nada de mais e que ela ficaria bem. Por isso Marie decidiu não chorar.

Quando terminaram de repreender seu irmão duramente, Sophie, que sempre vinha preparada para “imprevistos”, como ela chamava na época, tirou um antisséptico da bolsa e uma caixinha de curativos adesivos. Marie esperneou e lutou contra a ideia de passar aquele remédio líquido no minúsculo ferimento, pois sabia que arderia demais e não queria que isso acontecesse.

Os pais fizeram de tudo para que ela parasse de espernear, mas ela era persistente e não cederia tão depressa.

Então Leroy se aproximou, abriu a mãozinha dela e entregou o carretel da pipa.

– Você pode empinar o quanto quiser, ok? – ele sorria, apesar da dura reprimenda que os pais lhe deram um minuto atrás. – Mas primeiro precisa sarar. Vai doer só um pouquinho, mas vou soprar o machucado, então ele vai parar de doer logo. Ok?

- Ok. Mas vê se sopra mesmo, Roy.
- Pode deixar.

A mãe lhe entregou o vidrinho de antisséptico e Leroy passou o líquido sobre o machucado e não se esqueceu de cumprir sua promessa, soprando bastante logo em seguida. Marie fez uma careta de dor, mas então, do jeitinho que o irmão havia explicado, ela percebeu que já o cortezinho não doía nem um pouco. Leroy grudou o curativo com cuidado e sorriu mais uma vez.

- Viu só? – ele disse. – Já está sarando e logo vai sumir.

– Como você sabe que vai sumir?

– Ah... – ele coçou a ponta do nariz, confuso. Talvez não soubesse a resposta daquilo, afinal, ainda estava só no terceiro ano da escola. Mas seu irmão mais velho sempre sabia de tudo, simplesmente tudo! Ele nunca deixou de responder-lhe uma pergunta que fosse. Leroy estalou os dedos, como se tivesse se lembrado da resposta e disse: – O machucado vai sumir porque todas as coisas somem quando você não se lembra mais delas.

– Por quê?

– Porque elas não tem mais importância, oras! Você vai se lembrar dessa pipa velha quando a gente não quiser mais brincar com ela?

– Acho que não.

– Viu só? – seu sorriso de quem-sabe-o-que-está-dizendo se alongou. – Eu disse!

Julien e Sophie se entreolharam de uma maneira que Marie não compreendeu e foram se sentar num banco mais próximo desta vez.

Quando tudo parecia melhor, Leroy ajudou-a a se levantar e eles empinaram a pipa juntos. Ele a ensinou como ela devia puxar o fio com leveza para que a pipa dançasse no céu ao invés de apenas resistir ao vento, mas Marie já não queria mais empiná-la, queria apenas ficar perto do irmão e se divertir com ele. A pipa colorida se chacoalhava no céu, imitando o movimento das nuvens. Leroy era muito bom naquilo. Ele fazia parecer que as nuvens estavam se movendo conforme ele queria, mas Marie sabia que não era dessa forma, pois o irmão não podia controlar as nuvens. Apenas o vento.

– Estou sumindo... – Roy murmurou para si mesmo, quase num sussurro.

E Marie retornou para a realidade. Enxugou as lágrimas. Mais do que nunca, ela sentiu vontade de chorar, mas não podia. Precisava apoiá-lo, assim como ele a havia apoiado a vida inteira. Nem que tudo o que tivesse a oferecer fosse seu silêncio e sua companhia.

Ele permaneceu imóvel por alguns minutos, observando as formas abstratas que existiam através da sua mão. Até mesmo suas roupas estavam translúcidas, mas era tudo muito sutil para ser percebido à primeira vista.

– Sabe o que eu acho, Roy?

Ele olhou para Marie, os olhos assustados, completamente desorientados.

– Acho que, como o dia começou há pouco tempo, não tivemos luz suficiente até então para perceber que você já estava meio... transparente – ela abriu um sorriso sincero. Levantou-se para escancarar as cortinas e depois abriu bem as janelas do quarto, deixando

a luz e o ar fresco circularem. – Não está mais chovendo, mas ainda está um pouco frio lá fora, do jeito que você gosta.

Leroy assentiu com a cabeça, mas continuava com aquele olhar amedrontado. Ele ainda era aquele garotinho que Marie conheceu a vida inteira, morrendo de medo do que desconhecia e de tudo o mais que não encontraria pela frente.

– Você só tem que se acostumar com a sua nova... – Marie interrompeu as próprias palavras e desviou o olhar por um segundo – vida, Roy. Você continua aqui e eu estou ao seu lado.

– Não quero deixar de existir, mana... Não quero desaparecer – e ele começou a chorar. O queixo tremia, a cabeça baixa não conseguia encarar a irmã. Ela fez a menção de um abraço, mas se lembrou que isso não era possível... o gesto só pioraria as coisas.

– Você não vai desaparecer.

– Como você sabe?

– Eu não vou permitir. Agora pare de chorar – ela pediu e abriu um sorriso quando ele levantou a cabeça. – Era eu quem devia estar chorando agora, esqueceu? Mas essa sua história é tão boa que não dá para me concentrar em mais nada...

Por um momento, Marie pensou que havia falado algo errado, pois Leroy ficou paralisado olhando para ela, mas então ele também abriu um sorrisinho e deixou escapar uma risada muito breve.

– É mesmo?

– Não posso mentir – disse a irmã mais nova. – Fizemos uma promessa, esqueceu? Vou admitir que estava com um pouco de medo de ter que mentir, mas... a história é simplesmente boa demais para isso. De onde você tirou essas ideias?

Ele riu e deu de ombros.

– Não vou falar. Segredo literário.

E os dois riram juntos por algum tempo, mas o coração de Marie estava tão despedaçado que ela não sabia como estava conseguindo fingir que se sentia diferente. Tinha que ser forte, se não por ela, então que fosse pelo irmão. Nunca havia feito nada por ele até então, dar tudo de si era o mínimo que podia fazer. Mas... Só de pensar que ele podia mesmo estar desaparecendo... Nunca imaginou que havia dores tão profundas que jamais cicatrizariam. Não era mais possível assoprar o ferimento dolorido, tinha que tentar caminhar como podia.

– Posso continuar a ler? – ela quis saber, aquela foi a melhor ideia que tivera para distrair o irmão por enquanto.

– Você precisa comer alguma coisa, Marie – Leroy disse, enxugando as lágrimas que nunca haviam sido derramadas. – Eu não vou conseguir ouvir a sua voz se o seu estômago continuar roncando desse jeito.

– Bobagem, como alguma coisa mais tarde. Posso continuar? – ela já estava com o manuscrito em mãos, o dedo sobre a última palavra que havia lido, e, com uma expressão mais tranquila, Leroy aquiesceu suavemente.

Você deve estar pensando que sou o ladrão mais louco do planeta. E, se estiver, acho que talvez tenha alguma razão. Não posso culpá-lo. Sou ladrão por opção, meu pai é o Ministro da Moeda e estamos na República do Divo Asmos, o senhor da justiça e da verdade. Eu sei. É bastante provável que não haja pior lugar para ladrões...

Do meu ponto de vista, isso só torna a coisa toda ainda mais atraente.

No entanto, eu não sabia que o meu mundo estava prestes a sofrer uma revolução quando saí de casa aquele dia. Eu trazia uma bolsa pendurada nas costas, tinha dois pertences roubados que pretendia devolver para seus respectivos donos e algo me dizia que aquele seria um típico dia infrutífero de devoluções, isso significava que eu não estava com muito pique para invadir uma residência e afanar algo valioso. Dias como aquele eram muito comuns. Às vezes eu me sentia tão egoísta que sequer considerava roubar coisa alguma por semanas.

Não houve problemas em invadir as casas e posicionar os bens furtados no mesmo local em que eu os havia encontrado, do mesmo jeito que haviam sido deixados pelos seus proprietários. Deixar os pertences no local em que o seu dono estava acostumado era essencial. Eu fazia isso para confundir as pessoas, afinal, a maioria delas acreditava que havia perdido o objeto, e então, num dia qualquer, ele resolve surgir no mesmo lugar de sempre. Algumas pessoas conseguiam captar a mensagem que eu queria passar, a maioria não. Talvez algum dia isso aconteça com você e então você também compreenderá.

Era uma tarde nublada, o sol mantinha-se tão distante que a cidade transpirava dias incomuns de chuva e friagem. Terminei minha última devolução e resolvi voltar para casa e dar uma chance para meu mestre de espada, afinal ele já havia desistido de me disciplinar com aquela história furada de arte marcial asmosiana. Esse era um lado positivo de se roubar apenas durante o dia (se é que havia algum outro), eu tinha o resto do dia para aproveitar como quisesse, já livre da responsabilidade de me entregar a esse vício.

Caminhei pelas ruas movimentadas do centro da cidade – sempre optando pelas sombras, que hoje consumiam todos os cantos, pois as nuvens assomavam-se cada vez

mais depressa – até que tive uma sensação incomum. Senti que estava sendo observado. E esse pressentimento não era bom. Não era nada bom, principalmente para um ladrão como eu, por mais que eu tivesse tirado o resto do dia de folga. Esse sexto sentido de quem faz coisas erradas sempre arranjava uma maneira de funcionar. Será que eu havia sido descoberto entrando em alguma das casas enquanto devolvia um pertence? Quem estaria me observando? O melhor que eu tinha para fazer era chegar depressa em casa.

Mas isso não aconteceu.

Passei apressado por muitas pessoas altas, outras baixas, algumas mais rechonchudas, outras magras, uns soldados parrudos de peito estufado, crianças ossudas implorando por centavos que eu não tinha e um mendigo maltrapilho sentado nas sombras de uma viela apertada. Eu teria passado por ele como sempre fazia quando via mendigos, eles eram sempre tão sujos, fedorentos e desagradáveis... simplesmente não tinha motivos para dar atenção a esse tipo de gente. Mas então aconteceu algo que jamais abandonará a minha memória. O mendigo rasgava um pedaço de pão velho com os dentes, alguém havia jogado para ele alguns minutos antes – mais com a intenção de acertar-lhe a cabeça do que de fazer uma caridade. Justamente quando passei, vi que ele fechava um pequeno estojo feito de um material resistente, parecia couro, mas talvez não fosse porque eu reconheceria couro legítimo e aquilo parecia diferente. Assim que ele fechou o estojo, pude ver um último lampejo reluzindo nos olhos do homem, um lampejo que só podia significar que havia alguma coisa magnífica e preciosa dentro daquele estojo.

Quase consigo ouvir seus pensamentos neste momento. Sim, estou me referindo a você mesmo. Viu só? Não é apenas o Niko, o ladrãozinho mimado e riquinho, que consegue ser previsível. Vou tentar analisar a sua mente. Se você for do tipo de pessoa como eu, deve estar torcendo para que eu tenha conseguido driblar o mendigo e roubar o que havia nas suas mãos. Mas, se for um típico cidadão asmosiano, fundamentado no senso de justiça, no dever de fazer as coisas da maneira mais correta, deve estar me condenando ou já desistindo de continuar a ler este incrível relato da minha vida. De qualquer modo, tente não julgar as coisas como elas parecem. Posso ser muito mais do que aparento. Ou aparentar muito mais do que sou...

De qualquer maneira, eu tinha que roubar aquele estojo.

E tudo o que havia lá dentro.

Quando o estojo finalmente se fechou – e, aos meus olhos atentos, isso demorou uma eternidade – o mendigo levantou a cabeça e seu olhar caiu diretamente sobre mim, como se soubesse que eu acabara de descobrir seu maior segredo.

Aquele estojo seria meu ainda aquela tarde.

Eu *necessitava* do que havia dentro dele.

Meus pés continuaram caminhando em frente, sem nunca ter modificado o ritmo normal, já que o encontro visual com o meu novo alvo não durou mais do que uns cinco segundos. Segui em frente por mais alguns quarteirões de casas e comecei a esquematizar um plano na minha cabeça. Tracei as coordenadas das ruas, contei o número de quadras que estava me distanciando e analisei como faria o caminho oposto, tomando um caminho diferente.

Até que algo logo começou a me incomodar.

Às vezes eu ficava desconfortável ao andar pela cidade. Era tudo branco demais. Esse era um detalhe importante que quase esqueci de mencionar, sinto muito pela minha falta de atenção... As casas, os telhados das casas, os barcos ancorados e suas bandeiras esvoaçando, até mesmo o pavimento das ruas e das calçadas, que era feito com blocos de pedra polida, tudo era incrivelmente branco e puro. O Ministro da Saúde era bastante rigoroso com a qualidade de vida das pessoas e estabelecera leis que puniam severamente quem não mantivesse uma limpeza regular da sua própria residência e da calçada ao redor. E, como era de se imaginar, podia-se perceber facilmente quando qualquer coisa estava suja na República de Asmos. Mas, desta vez, não era essa explosão de branco que estava me incomodando, era alguma coisa além de qualquer coisa que eu já havia experimentado.

Aquele olhar... Eu ainda podia sentir meu corpo inteiro arrepiado. Havia algo muito suspeito naquele mendigo... E eu também nunca me senti tão entusiasmado para roubar um pertence de alguém!

Contornei diversas vielas por trás das casas. Era impossível se perder pelos quarteirões quadriculados do centro da cidade e, ainda por cima, eu sempre tive muita facilidade para lidar com lugares labirínticos, já que um bom ladrão deve estar sempre preparado para uma fuga de emergência. E não há melhor lugar para se esconder do que um lugar onde não consigam te acompanhar.

Quando me dei conta de que já estava me aproximando bastante do meu alvo, escondi minha sombra atrás das paredes brancas de uma casa e inclinei a cabeça para o lado. E lá estava ele. Ainda mastigando um pedaço de pão como se não houvesse nada mais saboroso no mundo todo, com as costas apoiadas numa grande sacola suja. O próprio sujeito era uma nódoa escura manchando a brancura das ruas asmosianas, algo muito feio de se olhar. E, ingenuamente, eu senti pena dele por isso.

Tomei o cuidado de analisar o caso minuciosamente, como faço com todas as minhas vítimas. Espremi os olhos e me concentrei na textura das paredes ao redor dele, só assim conseguiria enxergar mais precisamente os movimentos do homem. Esses meus olhos defeituosos... Depois de comer, a cabeça do sujeito foi baixando até que o queixo tocou o peito e então ele ficou imóvel. Parecia estar dormindo. Era isso ou então o homem estava morto. Não podia estar morto, então imaginei que estivesse só dormindo. Estudei a largura entre as casas, não devia passar de nove pés, era espaço suficiente para me mover do jeito que eu bem entendesse. A sombra projetada pelas paredes sólidas seria mais do que eu precisava para passar despercebido.

Quando se é um ladrão como eu por muito tempo, é natural aprender alguns truques da arte proibida do furto. A maioria dos ladrões acabava sem as mãos ou, em casos mais sérios, uma lâmina deslizava-lhes sem muita gentileza pelo pescoço... se entende o que quero dizer. Mas eu não sou um ladrão qualquer, as artes proibidas que aprendi vão muito além dos truques desses amadores. Um bom ladrão tem que amar o que faz, e não apenas fazer por necessidade. E eu sou o melhor ladrão que conheço.

E, sim. Conheço outros ladrões, antes que você comece a duvidar do que estou dizendo.

Caminhei pelas sombras e me tornei tão escuro quanto a noite. Nessas ocasiões, caso queira aprender como se faz, é necessário andar agachado e jamais arrastar os pés ou fazer qualquer movimento brusco com o corpo. Imagine uma estátua se movimentando lentamente e parando antes que alguém pudesse perceber o que ela estava fazendo. É assim que eu ajo, da forma mais camaleônica possível, como um felino preto infiltrado na escuridão de uma noite sem lua.

O mendigo não se moveu com a minha aproximação, mas eu também não podia ouvi-lo roncar, ou mesmo respirar. Se não fosse pelo movimento dos pulmões sob suas roupas enebadas eu teria chegado à conclusão de que aquele pedaço de pão havia lhe obstruído as vias respiratórias e que um defunto agora descansava na minha frente. Pelo menos já estava com o cheiro de gente morta... Fiquei um pouco aliviado ao reparar que o homem estava vivo e quase cometi o erro de suspirar, afinal eu jamais poderia roubar um homem morto. Como conseguiria devolver-lhe o objeto alguns meses depois? Se bem que esse era um problema que eu já enfrentava. Mendigos nunca “habitavam” as mesmas localidades e a República de Asmos era imensa, ridiculamente maior do que você seria capaz de imaginá-la.

Detectei o estojo, estava pendurado diretamente no seu cinto, exposto para qualquer um que passasse por ali. Era um lugar bastante relaxado para algo, supostamente, tão precioso. Pobre homem... Mais tarde ele se culparia por aquele descuido.

Tudo o que precisava fazer era desafivelar uma pequena tira do couro falso (ou o que quer que fosse aquele material) para liberar o estojo. Seria fácil como roubar...

Bem, não tenho um trocadilho para isso, mas quero dizer que seria fácil demais!

Estiquei um braço, meus olhos não olhavam para onde a mão estava indo, meus dedos tinham vida própria e podiam se virar muito bem sem a minha inspeção, eu estava mais preocupado com a cara do homem. Qualquer espasmo labial, torcida de nariz ou cílios se elevando demais seriam o bastante para que eu desse um salto para trás e sumisse em questão de segundos. Mas isso não aconteceu. Minha mão não demorou para finalizar o serviço e logo eu estava com o precioso estojo em mãos.

Senti uma tristeza estranha ao segurar aquele objeto, algo que eu nunca havia sentido antes... Não era remorso, porque remorso eu sentia quase todas as vezes... era apenas uma tristeza estranha.

Dei um passo para trás.

Não vou perguntar o que pretende fazer com isto, rapaz, disse uma voz rouca que quase me fez cuspir o coração pelo nariz, *mas quero saber se conseguirá resistir à tentação suprema de não me devolver?* Eu havia sido pego! O mendigo estivera acordado o tempo todo! O que eu devia fazer? Podia quase sentir meu sangue acelerado pelas veias. Decidi que, como ele não havia movido um músculo sequer ou elevado o tom de voz, eu também ficaria parado. Mas não cometi o erro que um ladrão precipitado e tomado pelo nervosismo teria cometido e tratei de não abrir a boca.

Fiquei tão nervoso a princípio que demorou mais tempo que o normal para eu me dar conta do significado das palavras do homem, que mais pareciam um ruído rouco. Ele mencionou a palavra “devolver”? Meu coração estava acelerado e a boca seca como nunca.

Foi assim que traí a mim mesmo. *O que quer dizer com isso?*, perguntei.

Ao menos que estivesse pretendendo ficar com ele permanentemente, sei que você compreendeu o que eu quis dizer.

N-não sei do q-que você está falando..., gaguejei da maneira mais ridícula, minha boca parecia um deserto. *Então acho que estou sendo furtado pela pessoa errada, sinto muito. Leve meu único bem de valor e aproveite-o como quiser.* Mas eu não podia simplesmente fazer o que ele estava me pedindo. Naquele momento, roubá-lo pareceu a coisa mais errada do mundo. Eu nunca havia sido pego em flagrante, até então meus furtos nun-

ca passaram de simples “desaparecimentos”. O que eu devia fazer? Não vou dizer que tentei manter a calma e comecei a pensar numa solução inteligente. Fiquei desesperado da forma mais desesperada que se pode ficar, dividido pelo dilema mais difícil desde que comecei a me ocupar com roubos. Meu corpo paralisou. *Vá logo embora ou será encontrado em breve.* O mendigo parecia quase ansioso para se livrar do seu estojo e isso me deixou ainda mais desconfiado. *O que tem aqui dentro?*, minha voz não passou de um cochicho. Houve um breve momento de silêncio, o homem não se movia, qualquer um que passasse pensaria que era apenas um mendigo dormindo e, eventualmente, resmungando consigo mesmo enquanto sonhava com as preciosidades que jamais teria. E então ele me respondeu: *Ai dentro está um cometa.*

Resisti ao impulso de soltar uma gargalhada e me limitei a balançar a cabeça. O homem era maluco. Totalmente insano. Fiquei um pouco decepcionado e então me senti estúpido por isso. O que mais eu estava esperando? Um homem sábio que vivia em cavernas e, ocasionalmente, vagava pelo centro da nossa grandiosa cidade?

Larguei o estojo de couro falso em cima da trouxa imunda, na qual ele apoiava as costas, e me afastei devagar. O mendigo pigarreou e engasgou um pouco, não passava de um homem demente que não tinha nada além de uma trouxa suja e um estojo cheio de *cometas enormes* guardados lá dentro!

Eu simplesmente não podia roubá-lo. Não seria certo.

É a sua última chance de tê-lo, ele resmungou para mim, mas eu me satisfiz em ignorar o pobre coitado e continuar me afastando tão silenciosamente quanto uma aranha. *Por toda a vida você esperará por essa chance novamente, mas ela não virá. Pense com cuidado antes de virar a esquina. Não estarei mais aqui quando olhar para trás, Nikodemus.* Cada fibra do meu corpo ficou estática e não consegui me movimentar, por mais que a minha intenção, num caso daqueles, fosse correr para qualquer lugar distante em que não pudesse ser encontrado. Foi quando ouvi meu nome ser lentamente pronunciado que percebi que havia sido totalmente desmascarado. Aquele era o fim, nem mesmo meu pai poderia me salvar, ninguém nunca escapava daquilo que nós chamávamos “a verdadeira justiça asmosiana”. O mendigo não estivera somente blefando com aquela história de devolução, ele *sabia* o que eu fazia todos os dias quando saía de casa para passear.

Minha respiração falhou por um instante e eu senti que ia chorar a qualquer momento. Eu *precisava* chorar a qualquer momento, se quer saber. Parecia ser a única coisa que nasci para fazer.

Sem que eu esperasse por isso, o mendigo se levantou com agilidade, pegou o estojo com uma mão e, com a outra, jogou a pesada sacola nas costas. Ele era uma verdadeira montanha! Seus ombros tinham o dobro do comprimento dos meus, os braços peludos eram mais parrudos do que aparentavam e as mãos tinham garras no lugar de unhas. Os cabelos negros eram uma juba e os olhos estavam infiltrados por trás das volumosas sobrancelhas, que lembravam dois casulos encaracolados e escuros. Me surpreendi comigo mesmo, porque meus olhos costumavam ser péssimos com esse tipo de informação enorme. Normalmente, eu só conseguiria me concentrar nos detalhes. Mas com aquele sujeito até mesmo eu me traí, e duas vezes. Não era para menos, ele era um animal selvagem que vinha na minha direção. Eu quase podia sentir seus passos pesados fazendo o chão embaixo de mim vibrar. Permaneci agachado, não conseguia encontrar forças para mover sequer um músculo, cada membro do meu corpo tremia como se eu estivesse prestes a encontrar meu fim...

Marie se desconcentrou ao ver que o irmão havia deixado escapar uma risadinha abafada. Eles se entreolharam, Leroy tinha um largo sorriso no rosto. Era bom vê-lo sorrir novamente, fazia com que ela esquecesse de muitas coisas que não deviam ser lembradas.

– O que houve? Li alguma coisa errada? – ela quis saber, curiosa.

– Não. Não é isso. É só uma coisa que me lembrei, mas não é nada de mais.

Apenas feliz pelo irmão ter sorrido, Marie retornou o foco para as palavras.

Pude ver o brilho dos seus olhos quando ele se aproximou e se agigantou sobre mim, era um brilho que estava além deste mundo. Sinto muito, mas não sou capaz de descrever aquilo com palavras. Era algo que eu nunca havia presenciado. Não consegui desviar o olhar, o brilho não apenas me fascinava, ele me sugava para toda a sua escuridão.

Você rouba com sinceridade, e me estendeu o estojo mais uma vez. Ele acreditava que eu não resistiria, que não suportaria a tentação de roubá-lo. E, mais uma vez, eu provei que ele estava errado e o recusei. *Esta é a sua resposta final?* Não consegui responder com palavras, então apenas movi a cabeça para cima e para baixo. *Neste caso, adeus, jovem Nikodemos*. E virou as costas para mim, prestes a ir embora. *Espera!*, isso saiu como um berro que não consegui controlar.

O homem virou sua enorme cara bestial para mim e senti meu queixo tremular sob as minhas palavras. *Como v-voc-cê s-sabe essas-s coisas s-sobre m-mim?*, eu disse com al-

gum esforço. *Não era isso o que você pretendia perguntar, era? O que você quer saber é por que sei essas coisas sobre você. E por que justo você. E por que justo eu.*

Sem ter percebido, estava concordando com ele, porque aquela era a verdade, por mais que eu mesmo não tivesse me dado conta até que ele a pronunciasse.

Isso dispensa explicações, ele disse e eu continuei fingindo que havia perdido a fala, apesar de não ter gostado nem um pouco daquela resposta. Digamos que eu estivesse em uma posição desvantajosa e sem muito direito para reclamações. Os olhos do homem não desgrudaram de mim por um instante sequer, aquele brilho enigmático fazia o tempo quase parar. Você possui algo que eu quero e eu possuo algo que você quer, essa é a única verdade sobre nós. Mas, então, jovem Nikodemos, eu lhe pergunto: se eu estiver disposto a ceder os meus segredos mais profundos, você estará disposto a ceder os seus?

Capítulo Nove

Uma vibração em gotas de chuva

Se perder a fala era um sintoma de estar confuso e amedrontado, então, diante daquela estranha pergunta, eu diria que estava confuso e amedrontado, pois tudo o que consegui responder foi uma sequência ridícula de ruídos guturais dignos de um ancião que desaprendeu a arte de falar.

Acabei de perceber que repito muitas vezes a palavra “arte”. Acho que gosto dessa palavra, ela é visualmente *artística*, mas talvez já esteja ficando meio exaustiva. Essas minhas interrupções também... eu sei.

O mendigo foi paciente e aguardou até que eu conseguisse me comunicar de alguma maneira compreensível. Eu era filho de Solon, o Ministro da Moeda, e não devia me comportar feito um bebê tentando pronunciar as primeiras palavras. Tudo bem, eu também não devia me comportar de maneira criminoso e realizar furtos por todo o território republicano. Engoli um pouco do medo, da desconfiança e da saliva com gosto de areia e disse: *Mas o quê?*

Você está me perguntando isso porque quer que eu repita o que disse ou está apenas demonstrando que compreendeu, mas está indignado com a minha pergunta? Ou talvez não tenha o que dizer, pois não compreendeu, não quer que eu repita, mas também não sabe o que dizer? E só o que pude fazer foi continuar encarando aquele rosto corroído pela sujeira das ruas. Não sabia se eu estava sendo insultado de alguma maneira, porque não consegui acompanhar o raciocínio dele. *Serei simples: tenho um segredo que você deseja e você tem um conhecimento que eu procuro. O que acontecerá em seguida depende de você,* anunciou o homem, parado na minha frente como se fosse um monumento gigantesco.

Qual segredo seu eu quero e... qual conhecimento meu você quer?, perguntei, falando tão lentamente para não me enrolar com as palavras que devo ter parecido um parvalhão. Tentei fazer o jogo dele, não sei se consegui ser muito convincente, mas o homem moveu um pouco a cabeça para o lado, como se estivesse refletindo, o que foi o máximo que consegui tirar dele por algum tempo. Um vento que achei bastante incomum soprou às minhas costas e fez com que as migalhas de pão, presas no emaranhado preto que era a

barba do mendigo, voassem para longe. *Parte do meu segredo esteve ao seu alcance, mas você a recusou duas vezes. Agora, você não ficará satisfeito com apenas parte dele, você já o deseja por inteiro. O que você mais quer, é se convencer de que eu sou apenas um mendigo insano e que você não tem nada a temer de mim. Quanto a isso, garanto que está certo. Você não deve me temer, porque sou apenas um mendigo insano.* Eu engoli em seco. *E qual conhecimento eu tenho para trocar pelo seu segredo?*, perguntei. *Isso é você que deve me responder. O que você poderia saber que eu não saiba?*

Bem..., comecei a falar, mas ele logo me interrompeu, *Pretende mesmo me contar qualquer coisa sem ao menos saber meu nome? Olhei para ele com curiosidade. Isso é importante?*, eu devia estar meio lerdo ou, realmente, não era capaz de acompanhar o raciocínio daquele homem. *Eu sei seu nome e você não sabe como pode me chamar. Essa é a importância que existe entre nós neste momento*, ele respondeu, sua voz rouca quase chegava a arranhar a garganta ao passar. *E como eu posso te chamar?*

Pode me chamar de Bion, ele disse, *Agora conhecemos um ao outro em proporções equivalentes.* Aquela afirmação me deixou impaciente, por mais que eu não estivesse em vantagem naquela conversa inesperada.

Nós não conhecemos um ao outro... eu retorqui, *só o que eu sei sobre você é o seu nome e você sabe... bom... muitas coisas que eu faço.* Ele não modificou o semblante e só voltou a falar quando percebeu que eu não conseguiria dar continuidade ao que estava dizendo. *Sabemos nossos nomes e sabemos que sabemos coisas um sobre o outro. Sei coisas e você sabe que eu as sei. A equivalência é esta. Mas há uma coisa sobre você que eu ainda não sei e quero saber, que coisa seria essa?*, ele ficou em silêncio, aguardando a minha resposta. Aquela resposta era fácil, então respondi sem balbuciar. *Oras, se você, que é quem quer saber, não sabe... como é que eu vou saber?*

Aquela conversa ficava mais estranha a cada minuto. E o vento continuava soprando pela viela estreita e esbarrando diretamente no corpo de Bion, que ocupava quase todo o espaço entre as duas casas mais próximas. As nuvens brancas, praticamente tão brancas quanto o resto da cidade que se engrandecia embaixo delas, eram provocadas pela ventania e viam-se obrigadas a circular pelo céu contra a sua vontade. Uma tempestade de nuvens furiosas estava por vir.

Bion deu-me as costas e caminhou ao longo da viela, mantendo-se distante das ruas e avenidas mais movimentadas. Havia algo naquele mendigo que me intrigava... Eu não podia perdê-lo de vista. Acompanhei seus movimentos pesados, procurando manter apenas

meia dúzia de passos de distância entre nós, como se esperasse que ele fosse desaparecer assim que eu desviasse a atenção.

Ele era uma forma gigante e fosca na minha frente. As sombras projetadas sobre as ruas e os muros brancos não garantiam uma escuridão total, ainda mais porque também restavam algumas horas antes do anoitecer, mas Bion parecia mais um vulto escuro se movendo do que um homem, era como uma parede que aprendera a caminhar. Meus olhos não eram capazes de observá-lo sem que eu me esforçasse muito, mesmo que estivéssemos há apenas alguns passos de distância. Eu podia distinguir cada fio esfarrapado da sua roupa, e havia centenas deles, acredite! Mas o homem como um todo quase me passava despercebido quando estava tão próximo de mim. Concentrei-me nos farrapos das suas vestes para não me perder dele. Isso pode soar patético, mas lembre-se que sou parcialmente cego para observações mais “amplas”.

Ele caminhava com a lentidão de um porco que rolava num chiqueiro. Eu poderia até lhe contar a história de um menino meio burrinho que conheci, que tentou carregar um porco do tamanho dele nas costas, mas isso só serviria para descrever o longo tempo que caminhei ao lado de Bion. Para amortecer a sua curiosidade, o menino foi pego pelo dono do porco e um juiz mandou que lhe arrancassem as mãos. Ele morreu algumas horas depois, porque o sangue não fora estancado devidamente. Uma história bem mais dramática se contada com todos os seus detalhes, mas isso não vem ao caso... Estou tentando manter o foco de agora em diante.

Não sei quanto tempo perdemos andando pelas ruas estreitas e por caminhos evasivos – alguns deles eu conhecia muito bem, aliás –, mas logo notei que estávamos muito distantes do centro, estávamos, na realidade, um pouco além da periferia da cidade, próximos dos descampados que já não pertenciam mais à República de Asmos ou a ninguém. Levaria horas a fio para percorrer metade da cidade, ainda mais na velocidade “tartarúguica” que ele havia adotado. Era impossível que já estivéssemos deixando a cidade! *Eu estou deixando a cidade... Estou deixando ela para trás...* Isso nunca havia acontecido.

Não perguntei para onde ele pretendia me levar, afinal, talvez ele não pretendesse coisa alguma. Talvez nem soubesse que eu estivera atrás dele pelas últimas horas. Ainda era difícil digerir a ideia de que tanto tempo havia passado em questão de minutos, mas acho melhor não perder tempo descrevendo as ideias malucas que passaram pela minha cabeça naquele momento. Bion e eu adentramos um bosque. Aquela era a minha primeira vez em um lugar daqueles, mas eu já havia estudado o suficiente para conseguir diferenciar um bosque de uma floresta, e uma floresta de uma selva. Algumas árvores estavam repletas

de frutos que pareciam suculentos, nós passamos por muitas delas até chegarmos a um lugar que, aparentemente, não tinha como ser o destino final de ninguém.

Tratava-se de uma pedra de proporções imensas (que de certa maneira combinava um pouco com Bion), tinha o formato de uma vasilha de cabeça para baixo, totalmente oca por dentro. Uma abertura externa permitia que qualquer um entrasse, Bion se prontificou a fazer exatamente isso, abaixando um pouco as costas para poder entrar, e eu o segui, quase conseguindo passar de cabeça erguida. Havia uma cortina de galhos secos improvisando uma porta, afastei os galhos com a mão e pus os pés lá dentro. Um momento depois, começou a chover.

Fiquei surpreso ao constatar que aquela devia ser a “casa” dele. Então o homem não era necessariamente um mendigo... Logo senti um cheiro corrupto que dava a impressão de estar queimando as narinas ao passar, não era o que eu chamaria de desagradável, pois estava disfarçado pelo perfume amadeirado da natureza. E o cheiro da natureza era muito bom.

Não havia quase coisa alguma lá dentro. Havia limo em excesso, teias de aranha no teto, uma fogueira já queimando no centro, alguns cobertores dobrados formando uma pilha que passava da cintura, um cesto de palha com algumas frutas que pertenciam às árvores da região e uma outra pedra muito grande enterrada no solo.

Bion largou a trouxa suja com seus pertences ao lado da pilha de cobertores e foi aquecer as mãos perto do fogo. O estojo de couro, que fora devolvido ao seu lugar no cinto, continuava lá. Meus olhos o observavam sem que eu pudesse controlá-los, o conteúdo daquele estojo me atraía e eu não podia resistir ao seu chamado.

Quero que me ensine a roubar, Bion falou sem olhar nos meus olhos. *O quê?* Ele me encarou de esguelha e, a seguir, voltou a dar atenção ao fogo. *O quê, novamente?*, ele disse. *Você entendeu desta vez*, eu disse.

Entendi?

Sim, você entendeu. Você sabe que não posso te ensinar a roubar, oras.

Por que não?, mas não me passou pela cabeça o que seria sensato responder. Ele era um gigante e eu era um resto de gente comparado a ele, tão magro que, com apenas dois dos seus dedos, ele seria capaz de me partir ao meio. Como eu poderia lhe explicar que um homem *daquele* tamanho, com *aquele* peso e uma juba *daquelas* jamais passaria despercebido em qualquer lugar que fosse, e isso já impossibilitava todo o serviço? *Você tem ombros largos demais. Às vezes é preciso passar por lugares apertados para fugir. Com esses ombros você mal conseguiria se esconder*, tentei da forma mais sutil que pude.

Ele não reagiu ou olhou para mim em momento algum, era um homem muito quieto e misterioso. Gostaria de saber o que se passava na cabeça dele...

Não preciso segui-lo, preciso apenas observar. Eu não sabia por que, mas sentia que aquela podia ser uma chance de me provocar... Sim, você pode apenas me observar, mas jamais conseguirá fazer o que eu faço, pensei irritado.

Coloquei minha melhor máscara de indiferença e dei de ombros. *Por mim tudo bem, você pode observar o quanto quiser.* Então ele me encarou e o calor do fogo reluziu o brilho alucinante dos seus olhos, eu queria que aquilo parasse, o que estava acontecendo comigo? *Temos um acordo?*, ele quis saber. Balancei a cabeça, desinteressado, *Sim, por quê não?*

Bion afastou-se do fogo, caminhou até o pedregulho que ficava na outra extremidade do abrigo rochoso e parou na frente dele, colocou as duas mãos ao redor da imensa pedra e eu fiquei boquiaberto. Ele não pretendia... Mas antes que eu pudesse me convencer do contrário, Bion ergueu a pedra que devia ter, pelo menos, dez vezes o seu próprio peso e pousou-a logo ao lado, fazendo o chão abaixo de mim estremecer assim que foi largada. Ele me olhou e fez um aceno com a cabeça, para que eu me aproximasse. Considerei a hipótese de sair correndo enquanto ainda tinha tempo, mas logo me dei conta de que a força imbatível daquele homem não me amedrontava, apenas conseguia me deixar cada vez mais intrigado.

Veja bem, minhas mãos estão tremendo enquanto escrevo estas palavras. E quase derrubei o frasco de tinta – e você não acreditaria como esses frascos são grotescamente caros! Se você tiver sorte, está lendo uma cópia deste livro e não o manuscrito original, pois a minha caligrafia faria meu mestre arrancar os fios das sobrancelhas, já que não sobrou quase nenhum no topo da cabeça. Estou sentindo meu coração bater mais depressa, a mera lembrança daquele momento ainda vive na minha memória. Espero que você consiga sentir o que eu senti quando observei o que havia naquele buraco.

Quando o sólido pedregulho foi removido, uma claridade tão intensa quanto a luz das estrelas consumiu toda a extensão do pequeno covil de pedra. Me aproximei, conforme ele havia me chamado, e senti que perdia as forças ao presenciar a riqueza inestimável escondida naquele esconderijo no meio da terra.

A primeira coisa pela qual meus olhos se apaixonaram foi uma centena de grãosinhos muito pequenos, armazenados dentro de um jarro de argila. O brilho de cada um deles era tão intenso que atravessava as paredes sólidas da argila e viajavam direto ao encontro dos nossos olhos, cada grãozinho resplandecia infinitamente em milhões de explosões sola-

res, tudo mais veloz que um piscar de olhos. Só mais tarde me dei conta de que fora injusto que eles tivessem dominado toda a minha atenção por tanto tempo, pois ainda havia tanto o que descobrir dentro daquele buraco. Acho que cheguei a salivar no chão, o que não foi nada favorável à minha imagem. Mas, tudo bem. Apenas Bion estava lá. E acho que ele não se importava com essas coisas, caso contrário se preocuparia mais com a própria higiene também...

Os grãos luminosos eram, de longe, os artefatos *menos* sensacionais dentro daquela pequena cova. Tenho que confessar que, mesmo assim, senti a necessidade de tocá-los, mas tive a impressão de que Bion não aprovaria nem um pouco que eu fizesse isso, então mordi a língua para me controlar. Às vezes um punhado de dor é a única coisa que pode nos afastar de um desastre total.

Foi bastante difícil, mas, após alguns minutos mantendo minha cara estúpida tão concentrada na luz mais magnífica que existia, consegui desviar a atenção para outro amontoado de preciosidades. Estavam presos em uma redezinha e quase conseguiam escapar pelos vãos dos fios entrelaçados. Ainda não sei muito bem se consigo descrever aquelas coisas, mas se pareciam com pequenos pedaços de nuvem. Como alguém conseguiria guardar *pedaços de nuvem* dentro de uma rede? Bom, isso eu não sei, mas Bion conseguiu. E isso me deixou ainda mais fascinado, se é que algo assim ainda era possível! Senti muita vontade de tocá-los para saber se eram mesmo feitos do que eu estava imaginando, mas talvez aquela também não fosse uma boa ideia. Bion permanecia imóvel ao meu lado, nós dois observávamos seu tesouro calados, mas acredito que ele não estivesse se sentindo, literalmente, nas nuvens. Não como eu estava.

Com algum esforço, desviei novamente a atenção e observei um recipiente de madeira repleto de milhares de cristais brancos como a neve. Eram muito bonitos, mas não pareciam fazer muito sentido ao lado de uma coleção tão inestimável. A maioria dos cristais estava em fragmentos bastante pequenos, havia poucos deles inteiros e isso só parecia piorar sua presença injustificada naquele tesouro.

A minha boca se abriu para perguntar sobre eles, mas, quando encarei Bion, percebi que ele também os observava. Nesse breve momento pude ver os milhares de cristaizinhos refletindo na luz dos seus olhos. E nenhum deles era branco, mas das cores mais deslumbrantes que podiam existir. Virei a cabeça para eles, eu tinha que me certificar de que não estava ficando maluco e, sem demora, cheguei à conclusão de que devia estar ficando. Os cristais continuavam da mesma forma: brancos como a mais pura neve, mas nada mais do

que apenas bonitos. Desisti deles e me deparei com os itens mais fabulosos que já vi em toda a minha vida – até aquele momento, pelo menos.

Se você já viu uma pérola, deve saber que elas têm tamanhos variados, mas todas elas, no final das contas, cabem na palma da sua mão. Imagine os tamanhos mais variados de pérolas, mas imagine apenas pérolas negras, porque assim vai ter uma noção do que eu vi. Veja um baú de madeira do tamanho da sua cabeça (espero que você não seja cabeçudo demais, porque isso poderia exagerar o tamanho real do baú), ele possui hastes de ferro para se segurar nas laterais e não há sinal da tampa, ela deve ter sido arrancada há muito tempo, pois tudo o que restou foram as dobradiças enferrujadas. Dentro desse baú ficavam essas pérolas negras dos mais diversos tamanhos, eram as joias mais esplêndidas que já existiram. Agora feche os olhos e imagine o universo como ele vier à sua imaginação. Dê uma boa olhada nos planetas, nas estrelas solitárias, nos buracos negros, nas nebulosas e nas constelações cintilantes. Era isso o que se podia enxergar dentro de cada uma dessas pérolas negras, um universo infinito.

Se isso não pareceu grande coisa para você, então fui eu quem falhou, pois você não pôde visualizar as joias da maneira que eu esperava. Mas não tem problema, você conseguirá viver sem essa imagem, então não se preocupe demais.

Só percebi que estava encarando-as por tempo demais quando o som das gotas de chuva chegaram aos meus ouvidos. Lá fora o céu desabava com um dilúvio sem fim. Eu já podia até imaginar como toda a brancura da cidade estaria ainda mais impecável quando eu retornasse para lá.

Bion se moveu pela primeira vez desde que estivemos observando seu tesouro, talvez tenha sido a primeira vez que eu me movi desde que comecei a encarar aquelas pérolas. Eu estava perdidamente hipnotizado. O homem coçou a barba com uma mão e procurou o estojo preso à cintura com a outra, abriu-o e retirou de dentro um daqueles cristaizinhos brancos sem muita graça. Talvez eu só estivesse implicando com a cor branca... eles eram muito bonitos, como eu já disse, mas estou farto de tudo ao meu redor ser tão... Bom, você sabe.

Ele guardou o cristal junto dos outros, no receptáculo de madeira, e foi para perto da enorme pedra caída, erguendo-a outra vez sem esforço algum. Senti que meus últimos momentos ao lado daqueles tesouros estavam terminando, por isso dei uma boa última olhada neles antes que tudo ficasse novamente escuro e só o que restasse para mim fosse o som da chuva, o solo tremendo com o impacto sólido do pedregulho e as brasas vermelhas fazendo a lenha estalar.

Bion sentou-se próximo à fogueira e voltou a aquecer as mãos. *Você é o único que conhece essa parte do meu segredo*, ele falou, assim que eu me uni a ele e aproximei as mãos do fogo bruxuleante. *Imagino que isso signifique que a sua parte do nosso acordo esteja quase completa?*, eu retorqui, *Eu ainda quero o segredo por completo*.

Assim como eu quero observar toda a sua experiência de gatunagem em prática, ele disse, como eu já esperava que fosse dizer. Mordi a ponta do dedo e refleti em silêncio antes de tomar uma decisão. *Tudo bem. Você pode me acompanhar da próxima vez, mas acho melhor que seja à noite*. Eu não queria ter que explicar ao homem que não se poderia esconder alguém *daquele* tamanho durante o dia, e... um mendigo como ele, sem sombra de dúvidas, já chamaria bastante atenção por si só. *Já está anoitecendo*, ele me disse em tom de sugestão. Olhei para ele com meu olhar mais incrédulo e franzi as sobrancelhas. *Você não está pensando em... Mas hoje?*, perguntei, e ele concordou de leve. *Puxa, eu te conheci agora a pouco... Esse nosso acordo está avançando meio que rápido demais... Não acha?*

Para nós, que um dia nascemos e que um dia iremos morrer, nada é rápido demais. O tempo passa da mesma forma para todos, esteja você parado ou correndo. Dormindo ou acordado. Fiquei calado ao ouvir aquelas palavras e me senti, pela primeira vez, muito pequeno por estar ao lado de um homem tão grande. Desta vez, não precisei refletir sobre o caso para me decidir. *Você está certo, Bion. Iremos esta noite*.

Aguardamos que a chuva diminuísse o ritmo, o que aconteceu pouco tempo depois de o céu escurecer. Bion apanhou um manto da cor da terra e jogou-o nas costas, prendeu o estojo marrom vazio no seu cinto e isso significava que ele estava pronto para partir. Deixou a fogueira como estava e saímos juntos.

Os descampados estavam alagados, havia dezenas de lagos de lama recém-formados pela tempestade, e me perguntei se a região sempre ficava daquela forma quando chovia muito.

Era estranho estar “do lado de fora”. Passei a minha vida inteira andando pelas ruas asmosianas, mas nunca cheguei a me aventurar tanto pelas ruas da periferia. Meu pai não gostava daquelas regiões, pois dizia que as pessoas mais perigosas se escondiam por aquelas bandas para poder fugir da cidade quando precisassem. Um ditado que aprendíamos nos primeiros anos de academia já dizia: *aquele que a justiça asmosiana condenar, pela voz da verdade julgado será, pois não existe na República de Asmos qualquer lugar, onde a sua luz da justiça não possa chegar*. Mas, não se engane, o ditado é bastante claro por si só. A justiça asmosiana só era válida, de acordo com a própria lei, dentro dos limites do território

asmosiano, portanto, qualquer ladrão que conseguisse pôr os pés para fora da República, estaria livre. Ao menos que o ladrão fosse estúpido o bastante para retornar, é claro...

Conforme caminhávamos e as construções impecavelmente brancas da periferia republicana se aproximavam, espiei por cima do ombro e já não pude encontrar a toca de pedra perdida no meio do bosque.

Não é nada difícil imaginar a razão óbvia que me levou a ser possuído por um “sentimento dilemático”. Sim, Niko é um rapaz jovem e já cheio de dilemas. Pense o que quiser, mas qualquer um se sentiria dividido ao ter que abandonar um tesouro inestimável daqueles em um buraco na terra. O pior era saber que tudo o que estava entre aquelas preciosidades e um ladrãozinho qualquer era apenas uma pedra. Não que mesmo um bando inteiro de gatunos pudesse erguê-la só com a força dos braços... mas buracos e túneis ainda podiam se cavados...

E ninguém teria nada a perder com a tentativa, pois a justiça asmosiana não alcançava a distante casa de Bion.

Mirei meu novo “aprendiz de gatunagem” e disse: *Nunca passou pela sua cabeça que, ao me mostrar seu tesouro, você também estaria me dando a oportunidade de roubá-lo só para mim quando eu quisesse?* Ele não me olhou de volta, parecia estar mais interessado no caminho pelas ruas mais estreitas da cidade. Não, foi só o que ele me respondeu.

Você sabe que eu não seria punido mesmo se fosse pego em flagrante, não é? Quero dizer, as portas estão abertas para que eu possa tomar tudo de você quando ninguém estiver olhando. Eu dei uma risada, para demonstrar que aquilo era apenas uma hipótese. Estava me acostumando com aquele grandalhão, mas ainda não o conhecia bem o suficiente para ter certeza de que um animal selvagem realmente não estava escondido debaixo das suas barbas, apenas aguardando para me fatiar em dois. *Quanto mais você acreditar que está sozinho, mais pode ter certeza de que sempre há alguém te observando.* Aquilo foi uma confissão? Estaria ele se entregando? Eu nunca cheguei a saber. *Não estou dizendo que vou fazer isso, entende? É só que, todas aquelas coisas incríveis estão lá... sozinhas debaixo da terra... Qualquer idiota poderia pegar...*

Nossos passos não ecoavam pelas ruas brancas, apenas os de Bion. Eram como duas patas de mamute pisoteando o chão com violência, quase com a intenção de despertar toda a vizinhança. Mas Bion estava só caminhando vagorosamente, tão tranquilo que uma mosca poderia pousar em um dos seus olhos sem que ele se importasse.

Ah, e mamutes são como elefantes peludos (espero que você saiba o que são elefantes, ou essa comparação não terá sido muito útil). O mestre nos falou sobre mamutes certa

vez. Na época, achei aquela aula tão interessante que as palavras dele nunca saíram da minha cabeça. Ele nos contou que houvera centenas deles, há milhares de anos, mas, quando uma calamidade misteriosa se espalhou pelo nosso planeta, todos eles se extinguiram. Coitados... Eu gosto de elefantes.

Certo, mantenha o foco, Niko!

Não estão sozinhos, Bion murmurou algum tempo depois. Eu já estava pensando em várias outras coisas, por mais que todas elas estivessem ligadas ao tesouro dele (com a exceção dos mamutes, é claro...). *Não estão sozinhos? Quem?*, perguntei distraído. *Os cometas*, ele disse. *Eles não estão sozinhos*.

Cometas, eu repeti e acho que dei uma risadinha de deboche em seguida. E, como sempre, Bion não se incomodou comigo. *O que são cometas?*

O que é um cometa para você?

Essa era uma questão simples. *São bolas de fogo que vagam pelo universo*.

Ele fez um gesto com a mão, *Então é isto que é um cometa*. Não havia sido muito explicativo, como você pôde perceber. Pus a cabeça para funcionar e tentei entender o que ele tentava dizer. Talvez eu fosse ignorante demais para o intelecto dele, ou ele fosse um mendigo insano demais para mim. Não sei, mas algo naquele homem me intrigava mais a cada instante.

Você está se referindo àqueles grãosinhos que brilham como as estrelas? Eles são os seus cometas?, eu o questioneei.

Não, esses são comuns. Pode-se encontrá-los em qualquer lugar.

Eu não tinha nenhum guardado em casa, por acaso...

Então talvez fosse uma daquelas pérolas que parecem refletir o universo dentro delas?, tentei mais uma vez, mas ele negou com a cabeça e repetiu que esses também eram comuns. *Aqueles pedaços de nuvem?* E, outra vez, eu estava errado.

Foi então que percebi que ele não havia compreendido muito bem o que eu tentara dizer.

Bion, quando eu disse que o seu tesouro estava sozinho e desprotegido, eu não me referi exclusivamente àqueles cristaizinhos. Eles são bem legais, mas não se comparam aos outros tesouros... O homem sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente enquanto caminhávamos, não sei se vi um sorriso se formar debaixo da sua barba, acho que Bion não era capaz de expressar sentimentos. *O único tesouro debaixo daquela pedra são os cometas, esses cristaizinhos que você está falando. O resto é comum e pode-se encontrar em qualquer lugar*.

Eu não tinha o que dizer, mas não concordava com aquilo. Bion era um homem que não sabia reconhecer a beleza das coisas, disso eu não tinha dúvidas. Eu até entendo que ele fosse um sujeito bastante simples – e que cheirasse a animais em decomposição... –, mas era inaceitável que alguém que tivesse aquele brilho enigmático no olhar não fosse capaz de enxergar o que era tão óbvio!

Ainda garoava no meu rosto quando notei que era eu quem devia estar guiando o nosso caminho, pois Bion não conhecia o percurso da residência que eu pretendia invadir aquela noite. Sem que eu tivesse percebido, Bion havia nos conduzido exatamente para aquela casa. Era uma coincidência estranha, mas eu a ignorei. Ainda estava garoando no meu rosto, e eu descobri que adorava isso...

Ao perceber que gotas de chuva começaram a desenhar riscos transparentes por trás da janela, Marie sentiu-se como Nikodemos. Aquele som suave de água esbarrando no vidro era mesmo agradável.

– Já cansou de ler? – Leroy perguntou surpreso.

Ela se presenteou com um sorriso e pensou que estava ficando muito distraída. Por um momento havia se esquecido de que estivera lendo em voz alta e que havia mais um par de ouvidos prestando atenção na história.

– Não é isso. Eu só percebi que está chovendo também, assim como na sua história... – o tom de voz da garota desandou quando ela encarou o irmão, um arrepio temeroso percorreu todo o seu corpo e ela perdeu as palavras.

Não soube o que dizer. Ou como dizer o que seus olhos estavam lhe mostrando. Era cruel, era cruel demais. Marie conseguia enxergar as paredes e a extensão da cama através do irmão, ele estava mais transparente do que antes. Muito mais.

Não foi necessário que dissesse nada, pois ele mesmo olhou para as próprias mãos e arregalou os olhos, simplesmente assombrado.

Suas piores suspeitas estavam se concretizando.

Naquele ritmo, Leroy deixaria de existir dentro de poucas horas.

Pelas sombras da eternidade

– Então é isso – disse Leroy. – Vou desaparecer.

O mais confuso era que, apesar do terror mais amargo impregnado na sua voz, seu irmão sorria. Marie não compreendeu aquele sorriso, pois ela sentia-se perdendo o equilíbrio à beira de um abismo. Não sabia por quanto tempo suportaria aquilo tudo. Seu coração era jovem, mas doía tão intensamente que quase podia senti-lo sangrar.

– Você também percebeu – Marie não sabia se aquilo fora uma pergunta, mesmo assim abanou a cabeça que sim, ela havia percebido e não sabia se queria acreditar que era verdade. Leroy observou novamente a paisagem que existia além da sua mão. Ele havia se tornado uma pintura em vidro, podia-se ver suas texturas e as cores, mas também tudo o que havia por trás dele. – Quanto mais você avança a leitura do meu livro, mais eu desapareço.

Aquilo só podia significar que...

– Então quando eu terminar de ler...

– Acho que sim.

Marie sentiu sua cabeça se inclinar para baixo de maneira instintiva, seus olhos seguiram o movimento e encararam as primeiras palavras dos parágrafos seguintes. Ela desviou o olhar, envergonhada, não podia continuar com aquilo.

– Nunca mais vou ler seu livro, Roy.

Foi uma experiência tortuosa prosseguir aquele dia até a hora de ir dormir. Fora insuportável sentir o sabor da comida e ter que engoli-la, os relâmpagos lá fora ameaçavam destruir o mundo nas próximas horas. Marie torcia para que eles conseguissem e, logo depois, se arrependia disso, fazendo o possível e o impossível para não chorar na frente do irmão. Ela não conseguia pensar em banhos, ou escovar os dentes, muito menos em retornar para a escola algum dia desses, ou fazer qualquer outra coisa que não fosse conversar com Leroy sobre todo tipo de assunto ou mesmo passar todo o seu tempo assistindo televisão ao lado dele.

Três dias se passaram dessa forma. E em nenhum deles Marie ousou se aproximar do Colecionador de Cometas, que adormecia na segunda gaveta da escrivaninha do irmão.

Seu pai ligou duas ou três vezes desde que ela o viu pela última vez. Toda vez que isso acontecia, Leroy saltava para perto dela e colocava a cabeça ao lado do telefone, para ouvir a voz do pai também. Isso sempre deixava Marie com lágrimas nos olhos e um nó na garganta, mas ela não se permitia chorar. Se não agisse de forma controlada, ela sabia que ficaria apenas chorando o tempo inteiro.

Pessoas vieram e bateram à porta algumas vezes. Muitas vezes, na verdade. Muitas e muitas vezes. Mas, depois de alguma insistência, se convenciam de que a casa estava vazia e iam embora de uma vez. Marie não queria ver ninguém. Não queria ser social ou fingir simpatia. Não precisava de consolo. Só atendia chamadas telefônicas de familiares; as outras, desligava imediatamente e deixava que o telefone tocasse até que a pessoa do outro lado fosse derrotada pelo cansaço. Às vezes ela também se esquecia de comer e não sentia as dores abdominais do jejum prolongado, era Roy que a lembrava que tinha que pôr algo para dentro senão acabaria retornando para o hospital. Era uma mortificação ter que engolir a comida e saber que Leroy não podia acompanhá-la, ela se sentia envergonhada por continuar viva. E, apesar de tudo, ela ainda se obrigava a sorrir.

As suspeitas dos dois estavam corretas e Leroy parou de sumir assim que eles interromperam a leitura. Marie poderia ficar ao lado do irmão para sempre. E isso era suficiente para ela.

No quarto dia, seus pais retornaram para casa.

Julien havia emagrecido na sua própria magreza natural, olheiras negras afundavam seus olhos, antes sempre animados, prontos para uma piada de mau gosto num péssimo momento. Os últimos quatro dias foram bastante cruéis com Julien, mas nada se comparava ao estado da sua esposa. Ela estava devastada.

Sophie havia perdido um pouco de cabelo e seu rosto parecia incapaz de se mover. As olheiras, que já existiam antes de tudo acontecer, haviam se transformado em buracos negros que sugavam suas próprias energias, a respiração acelerava repentinamente, suas mãos tremiam e, de vez em quando, tinha espasmos nos braços, derrubando qualquer objeto que estivesse segurando. Ela chorava por qualquer coisa e se recusava que mencionassem o nome do filho falecido. Não aceitava que ele estivesse morto. Ele só estava escondido em algum lugar e, quando retornasse, Sophie já lhe preparava um castigo severo que duraria anos.

Leroy chorou ao ver o estado dos pais e chorou toda vez que a mãe se recusava que mencionassem a existência dele, pois ele estava lá, presenciando tudo aquilo, e ninguém mais podia vê-lo. Sua mãe não estava somente brava, mas à beira de um colapso nervoso, de tão irada com ele. Era como se o culpasse por ter simplesmente perdido a vida, como se perde uma coisa qualquer.

– Marie, fique ao lado deles, por favor – ele pedia toda vez que via a mãe ou o pai chorando em silêncio, nenhum deles conseguiria suportar o buraco que havia se instalado na sua família. – Dê um abraço neles por mim. Eu queria tanto poder abraçá-los...

E todas as vezes ela fazia exatamente o que o irmão estava pedindo, mas acabava se entregando à tristeza junto deles e também permitia que seu coração despedaçado se desmanchasse cada dia mais. Sentiu o que restava dela ser enterrado junto com o corpo do irmão, que foi devolvido à terra na cerimônia mais medonha do mundo. Ela não havia comparecido ao enterro, mas sua mãe dizia, em seus raros momentos de razão, que Leroy estava lindo como sempre, deitado entre as belas flores brancas. Parecia tão leve e absolutamente em paz que era difícil aceitar que não estivesse apenas dormindo.

Era um sono do qual não se podia acordar.

A presença dos pais só fez com que aquele pesadelo emergisse para a realidade e se tornasse cada vez mais sufocante, conforme a família inteira afundava em águas rasas. Leroy falecera e ainda continuava ao lado da irmã, mas, a cada dia que se passava, Marie sentia que ele se tornava mais infeliz, isolado em seus próprios pensamentos.

Roy passava horas observando carros, bicicletas e pedestres que passavam pelas ruas. Seu mundo estava restrito ao quarto e ao que acontecia do outro lado da sua janela. Recusava-se a sair dali, pois sabia que só pioraria as coisas se ficasse se iludindo com a presença dos pais. Ele não podia tê-los, não pertenciam mais a ele. Marie fazia-lhe companhia sempre que podia, porque agora também tinha que ajudar nas tarefas de casa, já que sua mãe se entregara totalmente ao acaso e seu pai seguia lentamente pelo mesmo caminho. No entanto, sempre que ia para perto de Roy, querendo contar-lhe alguma coisa para alegrá-lo ou apenas puxar conversa, o irmão pedia que ela voltasse para perto dos pais, pois eles precisavam de alguém que pudesse ouvi-los. Alguém que estivesse ao lado deles e que pudesse compreender o que tinham para dizer.

Mas eles nunca diziam nada. Conversas se tornaram muito raras no cotidiano da família e a casa dos Beaumont se tornou um lugar escuro e cada vez mais silencioso.

Se a campainha tocasse, continuaria tocando até que fossem embora. O telefone fora arremessado longe quando alguém ligou para fazer uma pesquisa sobre o ensino na região, seu pai não suportou o choque da primeira pergunta. *Quantos filhos o senhor tem?*

Marie não apenas cozinhava, lavava a louça, colocava a roupa suja na máquina e organizava a casa, como também tinha que ajudar a mãe a tomar banho, alimentá-la e colocá-la na cama para dormir. Sophie desistira de viver. Alguém tinha que fazer isso por ela.

Semanas intermináveis transcorreram dessa forma e, a cada dia, Marie sabia que a situação dos pais se tornava mais e mais decadente. Julien fazia muito pouco, eventualmente ajudava a lavar os pratos ou tomava conta da água fervendo na panela enquanto Marie ia se assegurar de que a mãe estava passando bem. Certo dia, Julien sentou-se no chão e não levantou mais. Não respondeu aos chamados da filha, nem fez mais do que apenas respirar e pestanejar, exatamente como Sophie fazia.

Nesse momento, não suportando mais ver seus pais definhando, Marie se desesperou e deu um abraço forte em Julien, suplicando para que ele não a abandonasse como sua mãe havia feito. Seus gritos de sofrimento puderam ser ouvidos por toda a vizinhança, mas ninguém podia compreender o que ela sentiu naquele momento. Seu pai suspirou baixinho, como se tivesse recebido um último sopro de vida, e olhou nos olhos da filha.

– Amanhã você irá para a escola – ele disse. Mas Marie não conseguiu discernir se ele estava delirando ou se aquelas eram mesmo as palavras do seu pai. – Eu cuido de tudo por aqui. Vá e dê um jeito de fazer os exames que você perdeu. Você vai me deixar orgulhoso, minha geniázinha? – e retribuiu o abraço da filha como pôde, já que não sabia como se comportar de forma muito carinhosa.

Tudo o que Marie mais queria, era que o pouco de esperança que restava dentro dela fosse capaz de salvá-los daquele caos.

Quando retornou da escola, Marie deu um beijo nos pais, que assistiam televisão como se estivessem sob um efeito hipnótico, e subiu para o próprio quarto, largando a mochila sobre a cama. Tirou os sapatos e as meias, seus pés doíam pelo esforço, já estavam se desacostumando às longas caminhadas até a escola.

Não conseguira prestar atenção em nenhuma das aulas. Quando olhava para o quadro negro via centenas de estrelas cintilando sua linda luz, quase podia vê-las se movendo. Tentou abrir o livro enquanto o professor discursava sobre um assunto qualquer, não passava de mais uma voz ecoando na sua cabeça. Deu uma olhada pelas palavras e sentiu um

mal estar repentino, não conseguia ler sequer uma delas sem ser tomada por um sentimento de culpa. E se Roy desaparecesse enquanto ela as lia?

A escola inteira logo ficou sabendo do que aconteceu aos Beaumont. Ninguém conseguia aceitar a ideia de que um jovem tão cheio de vida, tão estudioso, saudável e bem humorado como Leroy subitamente deixasse de viver. Os professores foram compreensivos e deixaram Marie em paz, não exigindo dela o mesmo que exigiam aos seus colegas. A professora de língua francesa se aproximou da garota e confidenciou-lhe que, se precisasse desabafar com alguém, sempre teria o ombro amigo dela. Marie agradeceu e arrastou-se para a sua carteira, fingir que fazia uma anotação qualquer, quando, na verdade, estava somente contando os segundos para que aquela aula terminasse e ela pudesse voltar para casa.

Marie deu duas batidas de leve na porta do irmão e entrou.

E lá estava ele novamente, em pé e com o rosto escondido por trás da cortina, espiando tudo o que se passava lá fora. Seus lábios se abriram num sorriso quando viu a irmã entrar.

– Como foi a escola? – ele perguntou com interesse.

– Foi bom – respondeu e mordiscou um dedo. – Falei com o Léon e com o Aloys.

O sorriso do irmão se transformou em uma expressão atenta, o queixo desceu um pouco, como sempre descia quando ele estava tentando se concentrar em alguma coisa. Marie não precisou ouvir a pergunta para adivinhar o que ele esperava ouvir.

– Eles falaram de você no intervalo entre as aulas. O Léon ficou muito abalado com o que aconteceu, mas ele não conseguiu expressar o que estava sentindo, pelo que percebi. Tinha muita gente ao redor – ela explicou.

Ainda podia se lembrar de como alguns dos alunos olhavam para ela e meneavam com a cabeça, os lábios franzidos e os olhos aos seus pés, ela compreendeu que tinha o consolo de todos eles. E também havia os outros, aqueles que conversavam amontoados e davam risadas de deboche depois de dar uma espiadinha por cima do ombro na direção dela. Marie não conseguia entender o que havia de tão engraçado e Aloys teria arremessado suas muletas na cabeça deles se Léon não o tivesse impedido a tempo.

– Aloys também estava muito triste. Acredita que ele chegou a me dizer que, se alguém me incomodasse, bastava que eu o avisasse para que ele *desse um jeito*? – ela balançou a cabeça, inconformada. – Acho que ele só quer extravasar a raiva que está sentindo, mas não sabe como.

– Eles vão superar – Leroy voltou a sorrir. – Eu não era o único amigo deles. Eles vão superar.

Mas Marie não tinha tanta certeza assim.

Léon não estava apenas abalado com a morte do melhor amigo. Quando veio falar com ela, o amigo estava destruído, simplesmente incapaz de sorrir. Mais pálido do que nunca. Leroy e ele tinham sido amigos a vida inteira e, de uma hora para outra, um deles vai embora para sempre. Sem despedidas, sem avisos. O vazio deixado por Leroy não podia ser preenchido por coisa alguma, pois ele amou intensamente e foi intensamente amado enquanto esteve entre seus amigos e sua família. E o amor não é algo que se esquece.

– Você chegou a falar com a Marianne? – ele quis saber.

– Não. Ela faltou hoje.

Pelo que Marie ficara sabendo, a garota havia faltado muito desde o que aconteceu com o namorado. Uma das amigas de Marianne dissera que ela teria de ir ao psiquiatra duas vezes por semana de agora em diante. A garota estava perturbada e sentia-se de alguma forma culpada pela morte de Leroy. Marie soube que o irmão havia perdido a vida enquanto estava em seus braços.

Talvez fosse melhor manter o estado de Marianne em segredo por enquanto.

– Conseguiu reagendar os testes finais? – perguntou Roy, visivelmente intencionado a mudar de assunto.

– Sim, ficaram para semana que vem...

Ela foi interrompida pelo choro da mãe lá embaixo, que se lamentava aos berros enquanto Julien lhe dava um abraço apertado. Aquilo acontecia todos os dias quando o relógio anunciava sete horas e sete minutos, que foi o horário exato que disseram que o coração de Leroy havia parado, segundo o breve relato de Marianne. Marie tentou abrir um sorriso para o irmão, mas ele não seria consolado com tão pouco.

– Isso tem que parar, Marie.

– Eu não sei mais o que fazer – ela sentou-se na cama, os lábios tremiam e as lágrimas caíam. Aquilo não era vida... Não era vida para ninguém.

– Você está sendo uma ótima filha, continue assim, por favor. Agora eles precisam de você mais do que nunca – as mãos de Leroy estavam abertas, como se quisesse dar um abraço, mas não soubesse o que fazer com elas. – Não desista, Marie. Por favor, eles só têm você agora.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não vou abandoná-los, Roy... É só que eu detesto ver os dois se entregando dessa forma sem poder ajudar. O que mais eu posso fazer?

Como se já tivesse refletido muito sobre aquilo, Leroy apontou para o porta-retratos que a irmã havia confeccionado há algumas semanas e esquecera sobre a escrivaninha dele. Marie segurou o objeto de metal e passou os dedos pelas pedrinhas coloridas que tivera tanto trabalho para grudar com a supercola. Ela e o irmão ainda sorriam na fotografia. Tinha o jeito de uma lembrança tremendamente distante. Aquele fora um dia incrível, ela se recordava de que Léon e Aloys também estavam lá e que todos se divertiram muito, como sempre faziam quando estavam juntos. Ela quase podia ouvir as gargalhadas. Cheias de vida.

– Ainda faltam alguns meses para o aniversário de casamento deles, mas acho que agora é a melhor hora para esse presente – sugeriu ele. – Por que você não desce e entrega agora?

Ela concordou sem perceber. Deixou escapar um suspiro e levantou-se da cama.

– Certo, Roy. Mas, só se você vier comigo.

– Não posso, mana. Você sabe que não posso.

– Pode, sim. Você está trancado neste quarto há dias... Já está na hora de sair um pouco, Roy.

– Você não compreende...

– Eu compreendo, sim. Compreendo que você me pediu para fazer este porta-retratos para entregarmos *juntos* a eles – Marie replicou, não querendo dar-lhe a chance de negar mais uma vez. – Roy, por favor... Você tem que estar lá quando eles receberem o *nosso* presente. Isso tem que acontecer do jeito que a gente combinou.

Ele demorou um longo olhar perdido em lugar nenhum e então rendeu-se.

– Ok... Hmm... – ele murmurou.

– O que foi?

Leroy pareceu um pouco hesitante, ele até chegou a coçar a ponta do nariz, encabulado.

– Será que você também pode ler uns versos que escrevi para eles?

Marie deu uma risada e concordou com a cabeça.

– É claro que sim, Roy. Onde eles estão?

– Dentro da minha mochila – apontou para o armário, que era onde ele costumava guardá-la.

Marie nunca havia aberto o armário do irmão. Puxou as portas pelos puxadores e sentiu cheiro de roupa limpa, mas também havia um pouco de cheiro de mofo, afinal ninguém abria o seu armário desde aquele dia. Ela encontrou a mochila e abriu o zíper.

– Está dentro desse caderno mais fininho – Roy indicou. – São só uns versinhos à toa... se não quiser ler, por mim tudo bem.

Ela abriu o caderno e passou os olhos rapidamente pelas quatro linhas que Leroy havia escrito especialmente para aquele momento. Por mais que estivesse envergonhada por ter que recitar um poema para os pais, como ela poderia se recusar? Sabia que era importante para Roy. Ele mesmo o leria, se pudesse. E também tinha plena consciência de como aquelas se tornariam palavras importantes para os seus pais, afinal, elas eram as últimas palavras do filho só para eles.

– Você se importa de ler comigo? – pediu Marie.

– Mas eles não podem me escutar.

– Eles não podem. Mas eu posso.

Leroy não pareceu compreender o que se passava pela cabeça da irmã, mas, ainda assim, assentiu.

Os dois desceram e encontraram os pais sentados em frente à televisão desligada. A mãe ainda chorava, mas Julien conseguira acalmá-la aos poucos, como só ele era capaz de fazer. Segurava a cabeça da esposa entre os braços e cantarolava alguma canção da sua juventude nos ouvidos dela. Marie odiava vê-los assim, por mais que fosse bom vê-los juntos novamente.

A garota se aproximou sem fazer barulho. Não pretendia assustá-los, pois, em tempos como aqueles, eles se assustavam com qualquer coisa. Aguardou até que percebessem que ela estava ali e, só então, foi para mais perto deles. Sentou-se entre os dois e Leroy ficou na poltrona mais distante, somente observando com seus olhos tristes e um sorriso tranquilo.

– Pai, mãe... – Marie pronunciou baixinho. – Eu e o Leroy fizemos um presente para vocês.

Ela lhes entregou o porta-retratos e viu que a respiração deles interrompeu-se por um instante. Cada um segurou o objeto com uma mão, suspendendo-o no ar. Sophie, sem perceber, cobriu o rosto de Marie com o polegar enquanto ajudava a segurar o pesado presente. Seus olhos brilhavam tanto por poder admirar novamente o sorriso do filho mais velho que Marie não podia culpá-la pelo gesto involuntário. Mas ainda sentiu uma fígada de mágoa, por mais que soubesse que estava sendo egoísta.

– Seu irmão fez isto? – Sophie perguntou, sem tirar os olhos da linda fotografia.

Marie olhou para o irmão, mas ele estava perdido na expressão surpresa dos pais, sorrindo tanto que mal se aguentava.

– Sim, mãe. O Roy fez pensando em vocês.

O irmão se levantou da poltrona, as sobrancelhas franzidas.

– Isso não é verdade, Marie. Diga para eles que foi você quem fez – ele exigiu.

– Está tão lindo... t-tão lindo... – balbuciou sua mãe, acariciando o porta-retratos.

Julien ficou um pouco espantado com a esposa, afinal ela não pronunciou uma palavra por dias a fio. Olhou para Marie e sorriu para ela como pôde, dando-lhe um beijo na testa e sussurrando mil agradecimentos no seu ouvido.

Ainda havia esperança. Marie quase podia senti-la brotando no ar.

– Ele também escreveu isto – ela se levantou e ficou de frente para eles, os dois não a encaravam, mas ao pedaço de papel que ela tinha em mãos. Ela mirou Leroy, que continuava aborrecido com ela, e fez um gesto discreto com os olhos. Precisava da voz dele para arranjar coragem.

Mesmo que a tivesse convencido de que estava chateado, Leroy acabou sorrindo e foi para o lado dela, de onde também poderia ler suas próprias palavras.

Marie respirou fundo, para indicar que estava prestes a começar, e ouviu a voz do irmão soar no mesmo ritmo que a sua, conforme liam os curtos versos em homenagem aos pais:

“Para vocês, que nos deram carinho infinito,
Que cultivaram em nós a alegria de ser.
Para vocês, que criaram o amor mais bonito,
Que nos ensinaram a beleza de amar e viver.”

Antes que terminassem, Sophie já estava lacrimejando outra vez e Julien sacudia a cabeça em agradecimento. Marie trocou olhares com Leroy e ele lhe sorriu, satisfeito. Então, apontou para os dois.

– Por favor, diga a eles que precisam procurar por ajuda. Diga que eu não gostaria de vê-los sofrendo por minha causa.

– Pai, mãe. Não aguento mais ver vocês dois desse jeito... – Marie confessou-lhes. – Vocês precisam procurar ajuda. Isso é o que o Roy também ia querer, ele não gostaria que vocês sofressem por causa dele.

Sophie olhou para ela com uma expressão enfurecida, mas Julien deu-lhe um outro abraço antes que a esposa pudesse falar o que estava lhe passando pela cabeça. Marie só não se sentiu pior do que antes porque percebeu que, pelo menos, seu pai havia retornado a ser quem era. De certa forma, um pouco de sua mãe também havia retornado, pois ela sempre costumava se enfurecer muito facilmente com a filha caçula. Marie não conseguiu deixar de se sentir aliviada.

– É melhor deixá-los sozinhos agora, mana.

Leroy estava certo. E assim, os dois subiram novamente para o quarto dele.

Chegando lá, Roy aproximou-se da cortina entreaberta da sua janela e voltou a espiar lá fora.

– Obrigado por isso, Marie – ele disse, sem olhar para ela. – Você me deixou muito feliz, de verdade. Isso era importante para mim.

Sem saber o que responder, Marie apenas manteve o silêncio.

– Eu... – Leroy sussurrou, e depois se arrependeu.

Ela não saiu do lugar e nem insistiu para que o irmão falasse o que estava pensando. Se fosse a mesma garota de tempos atrás, teria feito de tudo para pressioná-lo numa situação daquelas, mas agora isso nem lhe passava pela cabeça.

– Quando eu estava morrendo... – ele continuou, ainda observando o movimento na rua – eu meio que sabia o que estava acontecendo. Eu sabia que não veria vocês outra vez, sabia que estava deixando tudo para trás. Mas não consegui resistir... – fez uma pequena pausa – eu não quis resistir. Estava tudo completamente escuro, mas ainda parecia que tudo continuava tão claro que eu mal pude abrir os olhos. Acho que é isso o que as pessoas chamam de morte. No final das contas, não consegui entender nada.

Marie enxugou as lágrimas que se formavam e tentou não demonstrar que estava sendo fraca, Roy precisava que ela fosse forte por ele.

– Eu estive pensando muito ultimamente, sabe... Nos últimos meses eu estudei tanto para tirar notas boas nos exames... mas acho que acabei esquecendo de outras coisas importantes. Fui meio desleixado com vocês e com os meus amigos, acho que eu podia ter sido mais atencioso. Eu podia ter participado mais – a voz dele mudou nesse momento, como se estivesse se esforçando para não se emocionar. – Fiquei imaginando se algum de vocês se lembraria de mim com mágoa ou... sei lá – ele fez uma pausa e soluçou em silêncio. Marie tapou a boca com a mão, não queria mostrar que já havia perdido o controle. – Eu fiz o possível para me tornar uma pessoa melhor, eu juro que tentei... Mas então aconteceu

isso e... eu acabei morrendo do nada. É como se todo o meu esforço a vida inteira tivesse sido em vão.

– N-ão, Roy. Ninguém se lembra de você com mágoa. Nada do que você fez foi em vão – ela tornou, ignorando as lágrimas que escorriam. – Tudo o que você fez por todo mundo... tudo isso ficará para sempre.

– Desculpe, Marie. Não sei porque estou falando essas coisas... De qualquer forma, isso não importa mais.

E ele ficou calado. Agora admirava a lua que reinava no céu. Marie nunca ficou sabendo o que passou pela cabeça de Leroy naquele momento, e não havia nada que ela não teria feito para que ele lhe contasse.

Mais algumas semanas se passaram e logo as férias de verão chegaram. Marie conseguiu atingir notas aceitáveis o bastante para ser aprovada em todos os exames finais, o que deixou Julien bastante satisfeito.

Seu pai havia recuperado um pouco da cor e agora ajudava mais ativamente com as tarefas de casa. Sophie ainda não falava muito, mas também havia parado de se lamentar aos berros toda vez que os ponteiros do relógio indicavam o horário da morte do filho. As visitas semanais ao terapeuta estavam adiantando melhor do que o esperado, tanto para ela quanto para Julien. Marie não podia esperar resultados melhores.

Já Leroy...

Bem, Leroy era um pássaro engaiolado.

Passava todas as horas do seu dia observando as nuvens no céu e os carros que passavam. Às vezes Marie espiava pela fresta da porta e via que o irmão apenas movia a cabeça conforme acompanhava o movimento das pessoas lá fora e pestanejava. Ela sempre procurava puxar conversa quando tinha algum assunto interessante, ainda mais porque decidira aposentar seu computador permanentemente, precisava se dedicar mais à sua família. No entanto, as conversas com Leroy eram, geralmente, unilaterais. O irmão falava muito pouco ou nada. Às vezes apenas concordava com a cabeça, às vezes nem desviava os olhos do vidro da janela.

Um sentimento estranho se apoderava do coração de Marie sempre que ela refletia sobre o que estava acontecendo com o irmão. Era como se ela compreendesse o que ele estava sentindo, mas ainda não conseguia compreender o motivo de tanta tristeza, ao mesmo tempo que podia compreender todos os motivos.

Ela começou a falar e notou que, como nos dias anteriores, Roy tornara-se apenas uma presença silenciosa, concordando com tudo o que ela dizia e sorrindo.

Quando ela terminou de contar que sua mãe havia almoçado sozinha e xingado duas vezes o meteorologista do noticiário, Leroy deu uma risadinha satisfeita e soltou um suspiro.

– Sabe, mana... eu estou me sentindo um pouco estranho...

A maravilhosa casa de moedas e chocolates

Marie se apressou para o lado do irmão e o obrigou a se virar para ela.

– Estranho? Mas como? – quis saber, estava assustada.

O estado emocional de Leroy já a incomodava há semanas. Seu silêncio ficava mais silencioso a cada dia, se é que algo assim era possível. Ela sentia que um precipício estava crescendo entre eles. E, se as coisas continuassem daquele jeito, algum dos dois seria engolido em breve.

– Você se lembra de quando íamos visitar o vovô e a vovó? – ele perguntou. Aquela era, definitivamente, uma pergunta estranha.

– Não muito, eu era pequena demais quando o vovô faleceu.

– Mas você não se lembra das nossas visitas? – ele parecia surpreso.

– Ah... Eu me lembro que ele tinha barba branca e áspera que eu gostava de puxá-la e ele dizia que doía quando eu fazia isso – ela riu ao se lembrar. Aquelas memórias distantes pareciam ganhar cores conforme ela falava e o irmão concordava, atencioso. Nunca havia se recordado de uma lembrança tão antiga ao lado de alguém. Marie começou a rir quando se lembrou de uma ocasião em especial. Leroy riu junto sem saber porque, pois risadas sempre foram algo contagioso. – Lembra de quando a vovó deixou o pudim queimar de propósito só porque o vovô continuou tocando acordeão para mim quando ela já tinha pedido para ele parar?

– Bem difícil esquecer isso, eu estava doido para comer aquele pudim...

– Você se lembra do que eu disse quando vimos aquela maçaroca preta em cima da mesa? – a barriga de Marie já estava começando a doer pelo esforço contínuo das risadas.

– Claro que sim, a vovó nunca mais fez pudim depois daquele dia – ele disse.

Ela quase podia ouvir a própria voz infantil repetir: *não tem problema, vovô, eu gosto mais da sua música do que do pudim da vovó. Mesmo quando ele não está queimado.*

– Puxa, ela odiava de verdade quando o vovô tocava acordeão! – Marie comentou.

– Por que será? Ele sempre tocou tão bem...

– Não faço ideia... Pergunte para ela quando for visitá-la. Eu também gostaria de saber. Ah, e você se lembra das coleções do vovô?

– Coleções?

– Sim, eram as coleções mais legais do mundo, Marie! Como alguém se esqueceria delas? – então ele parou por um momento e sorriu de orelha a orelha, coçando a ponta do nariz. – Ah... é verdade... Você era pequena demais na época, por isso ele achava melhor que você ficasse longe delas – e deu uma risadinha de culpa, como se tivesse deixado escapar uma informação confidencial.

Marie ergueu uma sobrancelha e deu de ombros, não se importava com aquilo. Se ela também tivesse as coleções mais legais do mundo, não gostaria que uma pirralhinha tivesse a chance de arruinar tudo.

– Eram coleções de quê?

– A maior parte eram moedas, por isso ele tinha tanto medo que você se aproximasse. Eu mesmo cheguei a engolir um monte delas quando era pequeno... – e ele riu novamente. – Não preciso explicar como, mas ele sempre as conseguia de volta... Tá bom, esquece isso. Ele também tinha umas coleções de cartões telefônicos e um montão de álbuns de selos antigos. Ele chegou a me dizer que alguns daqueles álbuns custavam mais do que um castelo inteiro! Dá pra acreditar?

Ela concordou, podia acreditar em qualquer coisa que Roy dissesse. Só era difícil acreditar que o irmão estivesse tão falante depois de quase um mês de isolamento total em seu mundinho além da janela. Aquele era um dia especial, Marie sentia que as coisas estavam prestes a tomar um rumo inesperado.

– Ele foi o avô mais incrível do mundo! – Leroy suspirou. – Nós sempre passávamos o dia juntos, jogando no tabuleiro ou brincando até os joelhos dele começarem a doer. Quando anoitecia, a gente fugia para a cozinha e ele escolhia um chocolate, dividia em três partes e dava as duas maiores para a gente, lembra disso?

– Acho que não.

– A vovó dizia que comer chocolate à noite dava câimbras e, por causa disso, não gostava que a gente comesse antes de ir para a cama.

– Mas parece que ele não se importava, né?

– Nem um pouco! E depois, quando íamos dormir, ele levava uma cadeira para o quarto, colocava entre as nossas camas, e contava histórias das viagens dele ao redor do mundo. Você sempre dormia depressa, mas eu ficava ouvindo até o final. Eu ficava imaginando como seriam aqueles lugares e quando eu poderia viajar para algum deles...

Então, Leroy abaixou a cabeça, como se tivesse subitamente percebido que todos os seus sonhos haviam morrido com ele.

– Sabe, eu tenho viajado para a casa do vovô e da vovó todos os dias – Roy disse, pestanejando muito. Pensativo. – Eu gosto de me lembrar das histórias dele, elas ainda parecem tão vivas na minha memória...

Marie preferiu manter-se quieta e deixar que apenas o irmão falasse, afinal ele já não fazia algo do tipo há semanas. A chama da esperança que vivia dentro dela queimava mais forte do que nunca! Seus pais estavam começando a aceitar como as coisas seriam dali em diante e o próprio irmão estava se transformando também. Aquele era um dia lindo! Lindo, apesar de nebuloso.

Então tudo pareceu desmoronar mais uma vez.

– Eu me pergunto se algum dia alguém vai se lembrar de mim como eu me lembro do vovô.

– Não diga isso, Roy... – Marie tentava sorrir, não queria que aquela esperança enfraquecesse. – Ninguém jamais vai te esquecer, é impossível! E nós sempre estaremos juntos.

– Outro dia eu me dei conta de que havia esquecido totalmente do Petit.

– *Petit?*

Leroy concordou com a cabeça.

– O gatinho abandonado que dei à Marianne. Ele faleceu algumas horas antes de mim. Será que ela ainda se lembra dele? – os olhos dele baixaram. – Será que ainda se lembra de mim...?

– É lógico que sim! Não seja idiota, Roy! – Marie não pôde evitar o carinho camuflado. – Além do mais, você mesmo acabou de mencionar o Petit, oras. *Você* não se esqueceu dele.

– Você ainda não entende, Marie...

– O que eu entendo é que você está aqui e que não tenho como me esquecer de você e não vou permitir que ninguém jamais esqueça!

– E como você pretende fazer isso?

– Hmm... Com o seu liv...

Ela quase falou... E chegou a morder a língua para não cometer o erro de falar. Mas, no final das contas, seu irmão tinha uma linha de raciocínio muito parecida com a dela e já devia estar com o mesmo pensamento em mente.

– Mesmo que o meu livro seja publicado, meus leitores não vão se recordar de mim, apenas do meu nome. Não dá para se lembrar de alguém que nunca se conheceu – ele murmurou. – E acho que você teria que terminar de ler antes de publicá-lo.

– De jeito nenhum, Roy...

– Também já pensei muito sobre isso... Agora já não me parece tão ruim que... – mas ele foi interrompido bruscamente.

– Nunca! Não vou continuar com aquilo, Roy! Nunca! Você sabe muito bem o que vai acontecer em seguida! Não sei porque ainda está pensan...

– Marie... – ela fitou o sorriso do irmão. – O medo está começando a passar.

Aquelas palavras a atingiram como uma facada.

Leroy não podia estar falando sério... Devia ser só mais uma das piadinhas sem graça que ele tanto costumava gostar. Por que alguém sequer pensaria numa coisa daquelas? Por que Leroy consideraria a ideia de desaparecer para sempre? Marie não conseguia compreender e não podia aceitar isso. Se ele havia desistido de si mesmo, então sua irmã não desistiria.

– Olha, Roy, eu sei que você está confuso – ela gesticulava muito enquanto falava, como se os seus gestos fossem ajudá-lo a compreender suas palavras –, mas isso é só uma fase ruim. Já passei por isso e garanto que vai passar. Agora não mencione o seu livro outra vez, por favor.

– Eu entendo como você se sente, Marie.

– E eu queria entender como você está se sentindo, não sei como posso te ajudar.

Ele refletiu sobre aquelas palavras por um instante e voltou a encarar a irmã.

– Vai ficar tudo bem, Marie. Você tem que perceber que eu não passo de uma memória. Até mesmo para você – sua voz estava tranquila e ele ainda sorria. Marie começou a sentir um sufocamento na sua garganta, aquilo não podia estar acontecendo. – Eu entendo que você não queira cumprir a promessa que fez para mim, mas... você também precisa entender que eu *tenho* que cumprir a que fiz para você.

– Não, Roy...

– Vai ficar tudo bem...

– Você vai me abandonar, não vai ficar tudo bem.

– Nunca vou te abandonar. Enquanto você se lembrar de mim, eu sempre estarei aqui – então Leroy apontou para a segunda gaveta da sua escrivaninha. – Se terminarmos com isso, eu vou parar de visitar a casa do vovô todos os dias e você vai ter uma chance de se recuperar.

Ela olhou feio para o irmão.

– Não preciso me recuperar de nada. Só preciso que você continue comigo... – ela disse e começou a lacrimejar. – Por que você quer tanto ir embora...?

Como se estivesse desapontado consigo mesmo, Leroy fechou os olhos e recusou com a cabeça.

– Mas eu já fui embora, Marie.

– Você ainda está aqui...

– Não. Não estou.

Confusa e atordoada, Marie afundou o rosto entre as mãos e deixou-se afogar nas próprias lágrimas. O que ela havia feito de errado para desagradar o irmão? O que ela tinha de fazer para que ele mudasse de ideia?

– Roy...

Ele continuava sorrindo, apesar dos olhos tremendamente tristes e cansados. Aquele não parecia o mesmo Roy de sempre. Tinha a mesma aparência do seu irmão, o mesmo jeito de falar, o mesmo sorriso, mas não podia ser o mesmo de antes.

– O meu irmão nunca se recusaria a continuar! – Marie esbravejou, a voz oscilava um pouco, afetada por toda a indignação que sentia com ele. – Se havia uma coisa que o meu irmão adorava, essa coisa era viver! E ele nunca jogaria fora uma segunda chance! – ela caminhou com passos pesados até a porta do quarto dele e olhou para trás uma última vez. – Você não é o meu irmão...

E ela bateu a porta, correndo em seguida para o seu próprio quarto e jogando-se sobre a cama. Marie chorou desnorreada a noite inteira até adormecer de exaustão. Foi sua primeira noite de um sono sinceramente tranquilo desde que terminara o porta-retratos dos pais.

Na manhã seguinte, ela acordou e sentiu seu estômago reclamar de fome. Não se lembrava de quando havia engolido alguma coisa pela última vez... Sentou-se na cama e seus pensamentos retornaram para tudo o que havia acontecido a noite anterior. Ela dissera uma coisa horrível ao irmão e agora estava profundamente arrependida. Calçou suas pantufas e correu até o quarto de Leroy. Escancarou a porta e, assustada, percebeu que ele não estava em frente à janela, nem em lugar algum.

Um vazio faminto se apoderou dela e sugou suas forças.

Ela se arrastou até a escrivaninha e sentou-se na cadeira dele.

Pousou os cotovelos sobre a superfície de madeira e apoiou o rosto entre as mãos. O que ela devia fazer agora? Olhou para as cortinas sacudindo com o vento que escapava pelas frestas, seu irmão adorava sentir o vento. As cortinas pareciam tão solitárias agora, sem um garoto sonhador espiando o céu por trás delas.

Marie ergueu o corpo exausto e ficou frente a frente com a janela. Observou o dia nascer numa manhã dourada e ensolarada. As nuvens eram apenas manchas de algodão tingindo o céu, não haveria tempestades mais tarde, nem motivos para sair de casa e aproveitar aquele dia lindo.

Observando com mais atenção a imagem que se formava na superfície de vidro da janela, Marie levou um susto ao encontrar seu próprio reflexo. Seus lábios haviam perdido a cor. Havia mais olheiras nela do que na sua mãe. A pele ao redor do rosto estava marcada pelos ossos, era uma figura esquelética e desfigurada pelo sofrimento. Os cabelos encardidos pela falta de cuidados e as unhas ensebadas e pálidas. Ela havia se tornado apenas uma sombra do que costumava ser. Apertou os olhos e viu que outra imagem se formava atrás dela, ela se virou e viu que Leroy entrou no quarto. Ele sorriu imediatamente ao vê-la, como se não se importasse com o monstro horrível no qual a irmã havia se transformado.

Ela desviou o olhar, sentia-se envergonhada pelo que dissera a noite anterior.

Era Marie que já não era a mesma de antes, só havia compreendido isso agora.

– Eu... sinto muito... pelo que te falei ontem – ela balbuciou, desajeitada. – Eu não queria...

– Sei disso. Não precisa se desculpar, mana. Eu sei.

A garota recuou um passo e esbarrou o braço na janela, que vibrou em resposta. E, como se servisse de válvula de escape para afastar seu constrangimento, abriu as cortinas e depois as janelas, permitindo que o vento circulasse pelo quarto. Seus cabelos eram varridos pela correnteza, os de Leroy mantinham-se intocados. Ele já não podia sentir aquela brisa deliciosa.

– Quando eu terminar de ler o seu livro... Para onde você vai?

– Não faço ideia. Acho que vou para o lugar onde todas as lembranças vão – ele disse.

– E que lugar seria esse?

– Para a memória. Ou o esquecimento – deu de ombros.

Marie ficou em silêncio. Imaginou que isso era a melhor coisa a se fazer naquele momento.

– Mas não estou com medo. Eu acho que estou pronto – disse Roy, o rosto contente.

– Não sinta medo por mim, mana. Isso só vai te fazer sofrer ainda mais.

Ela aquiesceu, calada.

– Você está preparada? – ele quis saber.

– Não sei. Mas podemos continuar quando você quiser.

– Ok. Quero continuar depois de você ir comer alguma coisa. Não vou conseguir me concentrar com o seu estômago roncando desse jeito – ele deu uma risada bem humorada. – Vamos lá, eu te acompanho.

E só então Marie compreendeu tudo e sentiu-se muito estúpida e constrangida.

Leroy sempre seria o mesmo Leroy. Ela sentiu-se muito triste e também muito feliz, porque, de todas as pessoas do mundo, era ela que era a sua irmã. E isso era seu maior motivo de orgulho. Enquanto mastigava com vontade a comida de um prato enorme, confessou ao irmão que sentia muito orgulho dele e percebeu que nunca o vira tão radiante como aquele dia.

Roy esperou a vida inteira para ouvir alguém lhe dizer isto.

Ao ver a casa da minha próxima vítima a apenas alguns passos, tentei afastar qualquer pensamento da minha mente – principalmente as joias místicas do tesouro de Bion, pois a simples lembrança delas ainda me atormentava e fazia gotas de suor brotarem na minha pele. Ventava um pouco e isso só tornava a garoa fria ainda mais refrescante. Guiei Bion para trás de uma carroça cheia de barris vazios empilhados e ficamos escondidos na sombra enquanto eu analisava o caso.

Aquela era a residência de um homem chamado Lucianos. Ele era um subordinado direto do meu pai, tratava de casos de “extravio de moedas”, como eles chamavam no Ministério da Moeda. E isso significava que ele e seus homens caçavam e levavam todos os tipos de ladrões para enfrentar a justiça. Se ele se limitasse a fazer isso, eu diria que era o homem mais competente e determinado sob o comando do meu pai. O problema era que Lucianos não se contentava em capturar ladrões, ele mesmo impunha punições severas a alguns deles e, mais tarde, alegava que os suspeitos haviam resistido com violência, o que nem sempre acontecia.

Acho que cheguei a mencionar o caso de um garoto burrinho que tentou carregar um porco obeso nas costas e acabou perdendo a vida. Pois bem, eu estava lá quando tudo aconteceu porque eu havia tentado impedi-lo de fazer aquela idiotice e, mesmo que ele não tivesse me dado ouvidos, eu tinha que ver como aquela história ia terminar. Vou descrever a situação: o imbecilzinho entrou no chiqueiro, havia quatro porcos, dois deles eram filhotes, um era incrivelmente obeso e o outro um pouco menos roliço, mas ainda impossível de se levantar sem ajuda. Foi esse que o menino escolheu, o leitãozinho. Ele agarrou o porco e fez força para levantá-lo, o que obviamente não aconteceu. Então, começou a empurrar o

animal, que decidiu resistir e guinchar suas reclamações porqueiras para todos que pudessem ouvir.

Eu estava protegido sob a sombra de uma árvore, nem cães treinados poderiam me encontrar, já que eu tinha o costume de usar uma fragrância especial que neutralizava todo tipo de odor. Digamos que eu fazia parte da paisagem. Avistei o agricultor carrancudo se aproximando, era dono daqueles animais. Ele vinha correndo feito um cachorro alucinado empunhando uma foice com as duas mãos. E garanto que ele não pretendia usá-la para cortar trigo...

Gritei para o menino fugir, disse que ele estava em perigo, mas eu sabia que ele não desistiria, pois precisava vender o animal para conseguir dinheiro para a família. Às vezes, eu mesmo roubava comida da minha própria despensa e levava para eles. Era uma família gigante, você tinha que ver! Não era de se admirar que sempre estivessem passando fome. Esse garoto (prefiro nem mencionar o nome dele) tinha outros onze irmãos, ele era o décimo filho e, de longe, o que mais se preocupava com o resto da família, por mais que fosse somente o terceiro mais novo.

Quando o agricultor apanhou o ladrãozinho idiota, ele largou a foice no chão, porque se tratava apenas de uma criança, e espancou o menino com as próprias mãos. Fiquei com pena, mas não interferi, afinal eu tinha avisado que aquilo ia acontecer. E, de tudo o que podia ter acontecido de ruim, levar uma surra era o menos pior. Então, os filhos do fazendeiro chegaram, eles eram enormes e musculosos. Antes da chegada dos dois, eu me sentia bem mais disposto a salvar o menino, caso fosse necessário. Mas agora a situação havia mudado. O velho mandou que os dois tomassem conta do ladrão e foi chamar as autoridades. Acho que você não vai gostar de saber o quanto os filhos do agricultor maltrataram aquele garoto. Levou quase uma hora para que o velho chegasse acompanhado de três homens, e seus filhos tiveram todo esse tempo para extravasar toda a sua raiva no ladrãozinho de porcos... Nunca vi nada tão medonho, pelo menos, até aquele momento.

Um dos homens que viera para buscar o menino era esse juiz que trabalhava para o meu pai. Lucianos tornou os poucos minutos que passou naquele lugar um verdadeiro tormento. Quando já estava cansado de ver o ladrão ser torturado de todas as maneiras mais cruéis que se podia imaginar, Lucianos fez uma pergunta que nunca vou esquecer.

Como você acha que ele deve ser devidamente punido?, o juiz questionou o velho agricultor. *Essa surra já foi suficiente*, respondeu o homem, que parecia ao mesmo tempo satisfeito e arrependido pelo que havia feito ao menino, *Nunca mais chegue perto dos meus porcos, você me entendeu?*, perguntou ao ladrãozinho.

O menino estava tão atordoado que não conseguiu responder, talvez mal tivesse escutado que falavam com ele.

Eles nunca aprendem. Nunca, rumorejou Lucianos, tão entediado que quase caiu no sono ali mesmo. *Cortem as mãos dele*.

O agricultor se colocou entre os guardas e o garoto. Bem no fundo, ele não era um homem mau, apenas facilmente irritável. O juiz se aproximou do velho, que havia apanhado a foice que repousava no chão, e disse algo que eu não pude escutar, mas, o que quer que tenha sido, convenceu o homem a retornar para casa com os dois filhos e entregar o destino do pequeno ladrão nas mãos de quem aplicava as leis.

Um dos guardas sacou a sua espada enquanto o outro imobilizava o ladrão de porcos pelas costas. Ainda consigo ouvir os gritos dele... Talvez eu tenha ficado traumatizado ou algo parecido. Não posso descrever aquilo, sinto muito. Não quero ter que me lembrar dos detalhes...

No final, carregaram o garoto com os tocos dos braços ainda sangrando pelas ruas, mas ele morreu antes de chegar ao próprio julgamento. Lucianos alegou que o acusado atentara contra a vida da família do agricultor e depois tentou roubar as posses do velho trabalhador. Os juízes que trabalhavam no Ministério da Justiça pareceram se convencer com o seu relatório, pois o caso foi encerrado e esquecido.

Mas sempre existe alguém que jamais esquecerá.

E lá estava eu, em frente à casa do homem que tirou a vida de um ladrãozinho abobalhado e sem importância para ninguém, um menino que não faria mal a uma formiga.

A casa era uma pequena obra de arte, havia esculturas em mármore branco por toda parte, pequenos chafarizes, jardins e pilastras com caçarolas de fogo iluminando a noite. Se você conhecesse a minha casa e tivesse visto a casa do juiz, saberia imediatamente quem se tratava do Ministro e quem era o seu subordinado. Ela podia até ser muito linda, mas era só uma miniatura se comparada à morada do Ministro da Moeda. Eu já havia bisbilhotado tudo sobre a vida de Lucianos e descobri que, se havia algo que ele adorava, além de demonstrar violentamente seu poder, era ostentar esse mesmo poder da forma mais bela possível, o que era bastante contraditório.

Desde aquele dia, Lucianos havia arranjado um inimigo invisível que ninguém gostaria de ter: eu.

Tive acesso aos prontuários de todos os funcionários que trabalhavam no Ministério da Moeda (esses documentos ficavam arquivados na minha casa) e Lucianos estava na palma da minha mão. Após alguns dias de observação e algumas visitas às escondidas em

plena luz do dia, eu pude descobrir qual era o seu tesouro mais preciso e era justamente isso o que eu pretendia roubar-lhe aquela noite. Seria o meu primeiro objeto furtado que eu jamais devolveria.

E eu estava empolgado com isso, mais do que você consegue imaginar.

Você pode ficar escondido aqui, Bion. Não sei se vai conseguir observar do jeito que pretendia, mas seria perigoso demais se entrássemos juntos, expliquei. Bion emitiu um ruído gutural, concordando com a minha orientação. Eu sabia que aquilo talvez não fosse à altura da visão maravilhosa do tesouro que ele me revelou, mas era o máximo que eu podia oferecer no momento.

De qualquer modo, foi ele quem escolheu que fizéssemos aquilo na calada da noite. Se tivéssemos combinado algo enquanto ainda estava de dia, eu poderia ter furtado alguma coisa na rua ou algo assim. Bion não podia me culpar pela falta de opções.

Quando escurecia, a arte do furto não passava de uma ocupação sem graça. Eu costumava roubar durante o dia porque a aventura era bem mais perigosa e emocionante, as pessoas ficavam confusas e tudo o que eu planejava para elas se intensificava, pois nelas passava pela cabeça que haviam sido roubadas. Nenhum ladrão seria louco de roubar um asmosiano em plena luz do dia. Era por isso que “extravios noturnos” eram pateticamente ridículos.

Não havia guardas por todo o perímetro. Lucianos podia ostentar o quanto quisesse, mas tinha que escolher entre torrar todo o seu pagamento em obras de arte e contratar homens para guardá-las.

Segui com as costas e os joelhos curvados ao longo da sombra da casa e saltei por uma janela que estava entreaberta. Às vezes eu ficava entediado com o excesso de confiança que algumas pessoas tinham, a confiança cega de que coisas ruins jamais aconteceriam com elas. Isso era um desrespeito a um ladrão que procurava desafios... Eu me encontrava em um pequeno gabinete com algumas estantes de pergaminhos, uma mesa de madeira nobre, uma cadeira de espaldar alto e dois bustos retratando a cabeça horrorosa de Lucianos. Havia um espaçoso tapete estrangeiro estendido no chão e uma tapeçaria colorida na parede, quebrando a monotonia branca que se assomava por toda a República.

Bion ficaria decepcionado com a minha velocidade de execução, afinal, eu já havia planejado os mínimos detalhes daquele roubo e não encontrei obstáculos pelo caminho. Segui para um dos bustos e puxei uma pequena alavanca que estava escondida de maneira genial atrás da cabeça da estátua, a qual imediatamente virou seus olhos brancos para mim e abriu a boca de mármore, cuspidando um objeto feito de ouro maciço.

Era uma pena, daquelas que se usa para escrever com tinta. Normalmente usa-se penas de lata, pois são as mais baratas e ecológicas. Agora mesmo estou escrevendo com uma dessas, não vejo motivos para que algo que se usa para escrever seja tão caro. Mas Lucianos via.

Além de ser inteiramente trabalhada no ouro mais puro, sua pena tinha quatro pequenas esmeraldas encravadas na base do objeto, próximas à ponta para sugar tinta. Havia uma longa história por trás daquela pena dourada, dizia-se que o juiz a havia obtido de um dos Oráculos pelo seu bom serviço em nome da República de Asmos. Lucianos não tinha nada que considerasse mais precioso, e agora ela era somente minha.

Percebi um pergaminho estendido sobre a mesa, era uma das sentenças de busca que Lucianos assinava com aquela pena antes de ir atrás da vítima. Passei os olhos pelo documento antes de arrancar um pedaço, não tive a menor consideração com o que estava escrito. Virei o papel e, utilizando a pena de ouro e um tinteiro que havia por perto, deixei um recadinho para Lucianos.

Eu vi.

Eu sei.

Eu posso contar.

Inseri a mensagem na boca da estátua e empurrei a pequena alavanca novamente, fazendo-a levantar a mandíbula e endireitar os olhos.

Meu serviço estava terminado e, pela primeira vez em todos os meus anos como gatufo, me senti maravilhosamente estranho por estar roubando um objeto para todo o sempre – a régua do meu mestre não contava, pois foi meu colega palerma que fez questão de arremessá-la para cima dos telhados.

Saltei para fora da janela e, esgueirando-me como uma serpente entre as folhas da floresta, encontrei Bion escondido do mesmo jeito que eu o havia deixado. Coloquei a pena entre o meu rosto e o dele e dei um sorriso perspicaz. As quatro esmeraldas reluziram seu intenso brilho verde nos olhos de Bion, mas ele não pareceu muito interessado nelas.

Desculpe, acho que você não conseguiu observar nada no final...

O homem olhou para mim e acenou com a cabeça, *Eu encontrei um pouco do que estive procurando, obrigado, ele disse. Entreguei-lhe a pena de ouro. Tome. É sua. Se não quiser ficar com ela, pode dar de presente a alguém, mas é melhor ficar sabendo que ela é um artefato único e o antigo dono vai ficar louco de raiva se encontrá-la com outra pessoa.*

Essas esmeraldas devem valer uma pequena fortuna e o ouro sempre pode ser derretido, se ela se tornar um problema. Ele continuou me olhando com seus olhos penetrantes, como se estivesse tentando compreender porque os meus eram mais claros que os dele. *Não vai devolvê-la desta vez?*, ele indagou, sem muita curiosidade na voz. *Não. Não dessa vez.*

Ele frisou os lábios secos por trás da barba e emitiu um ruído de compreensão.

E se Lucianos continuar com seus crimes?, perguntou-me.

Eu estava prestes a responder quando me dei conta de que nunca havia mencionado que Lucianos cometera crimes, e nem mesmo que o dono daquele objeto se chamava Lucianos.

Como você sabe disso?, eu tive que perguntar. *Não me lembro de ter comentado sobre isso.*

Eu pude ver a luz da vingança nos seus olhos. Ela me contou tudo o que eu devia saber. Fiquei estupefato com aquela declaração. *Como assim, viu a vingança nos meus olhos? Só para você saber, isso não foi parte de uma vingança, entendeu?*

Ele não respondeu a minha pergunta e também não demonstrou reação alguma com o comentário. *O que me motivou a fazer isso foi a vontade de que a justiça não chegasse a Lucianos da mesma forma que não chegou para nenhuma das suas vítimas. Acho que você não compreende, porque nunca viu alguém morrer sem poder ajudar.*

Desta vez Bion franziu as sobrancelhas, aquela foi sua reação mais intensa que presenciei até então. E, confesso, fiquei com receio do que ele faria em seguida. No entanto, ele só bufou e guardou a pena de ouro dentro das suas vestes fedorentas.

Suas ações são inesperadas, ele me disse. *Agora que roubou seu objeto mais estimado e deixou-lhe uma ameaça por escrito, o que espera que Lucianos aprenda, senão que um ladrão escapou dos seus dedos e está conseguindo encurralá-lo?*

Ele não pode fazer nada sobre isso, sabe que vou denunciá-lo se ele continuar.

Hmm... Ele sabe, ou você sabe?

Bion estava conseguindo me aborrecer. *Eu não podia deixar um homem como Lucianos agir como bem entende, não vou discutir isso com um indigente.* Eu me arrependi das minhas palavras logo em seguida, eu realmente não pretendia ofender Bion. De todas as pessoas que conheci, ele era a que menos merecia ouvir um insulto daqueles... mas não arranjei coragem suficiente para reconhecer meu erro.

Ele não se incomodou com as minhas palavras. Ou então, ao menos, pareceu não se incomodar. Mas o que ele me disse em seguida ficou gravado na minha mente para todo o sempre.

Assassinos são como ladrões, a única diferença é que não se pode recuperar o que eles roubam. Uma vida é valiosa, pois é única, mas uma pena de ouro também pode ser valiosa, por ser única para alguém. Então, Nikodemos, o que diferencia a sua justiça da do juiz Lucianos?

Capítulo Doze

Uma melodia divina

Veja só, Bion, eu não pedi para que você viesse atrás de mim. Foi você quem propôs o acordo, caso já tenha se esquecido!, eu murmurei em voz baixa. Admito que eu não sabia exatamente o que falar, por isso falei a primeira coisa que me veio à cabeça. Mas, de algum modo, eu sabia que Bion estava certo. Ao roubar a preciosa pena de ouro de Lucianos, eu estava me depreciando ao mesmo nível repugnante dele... A minha cabeça estava quente demais para perceber qualquer coisa. *Você não tem o direito de me julgar, sabia? Nós mal nos conhecemos! Não venha tentar me dar lições de moral...*, continuei.

Bion manteve os olhos baixos o tempo todo, observando o meu rosto enquanto eu vociferava aos sussurros com ele. Quando terminei de dizer tudo o que tinha para dizer, ele olhou para o céu e apontou para as nuvens. *Quantas estrelas!*, ele disse, admirado.

Franzi as sobrancelhas e comecei a me perguntar se ele não seria mesmo só um mendigo insano e eu estive fazendo parte do delírio dele. Não havia estrelas no céu, nem mesmo uma. Estava tão escuro por causa da sombra das nuvens e da garoa, que mal se podia observar o suntuoso palácio flutuante de Asmos.

Não há estrelas no céu, eu comuniquei, acho que ele não estava nos seus melhores dias. Senti-me um tonto por ter caído na tentativa de Bion de mudar de assunto, ele era esperto demais, mas eu também não era o que meu antigo preceptor chamaria de decepcionante. *Então você ainda não pode enxergá-las...*, concluiu Bion. *Sempre há estrelas no céu. Há estrelas durante a luz do dia e há estrelas por trás das nuvens. Não conseguir enxergá-las não diminui o fato de que elas estão lá.*

Olhei feio para ele e retorqui: *Sempre fui péssimo com enigmas.*

Para se compreender algumas verdades, não podemos pensar com os olhos, mas com o coração. Dito isso, Bion deu-me as costas e se afastou ao longo de uma viela escura.

Minha garganta estava seca, eu nunca havia me sentido tão esquisito em toda a minha vida. Tudo o que pude fazer foi dar alguns passos rápidos na direção que ele havia tomado e exclamar num tom claro o bastante para que só ele pudesse me escutar: *Ainda quero saber as outras partes do segredo!* E, sem parar para me responder, ele me confidenciou: *Nos reencontraremos algum dia desses.* E desapareceu em meio às trevas da noite.

Continuei ali, parado por mais alguns instantes. Minha cabeça tentava me convencer de que eu *devia* dar ouvidos às palavras sem sentindo daquele mendigo insano, afinal ele estava tentando me dizer alguma coisa sábia. Alguma coisa sábia até demais... Talvez a minha cabeça fosse lenta demais para esses assuntos, pois só o que eu conseguia pensar era no que ele pretendia me mostrar em seguida. Mas eu sabia que ele estava certo em uma coisa: eu *necessitava* conhecer o segredo dele, o segredo inteiro!

Espiei por cima do ombro e admirei a bela casa de Lucianos, com todas as suas estátuas e adornos elegantes, e me perguntei se ele já estaria dormindo naquele momento e como se sentiria quando acordasse de manhã para trabalhar e percebesse que havia sido roubado. Mas isso era algo que eu ficaria sabendo em breve, querendo ou não, pois Lucianos ainda era um dos juízes sob o comando de Solon e, caso você já tenha se esquecido, Solon é ninguém menos que o meu pai.

Já era hora de voltar para casa, ou melhor, já havia passado da hora. E muito.

Caminhei solitário pelas avenidas largas e escuras, as mesmas avenidas que eu costumava evitar durante a luz do dia, quando estavam cheias de gente. Não havia sequer uma criatura perdida na noite, vagando como se não houvesse nada melhor a se fazer. Ninguém, além de mim.

Acho que eu já confessei coisas confidenciais demais para continuar escondendo um dos meus maiores segredos de você. O verdadeiro motivo de eu nunca sair em uma de minhas “empreitadas” durante a noite era porque tudo o que se pode enxergar perfeitamente, durante a luz do dia, se confunde no escuro da noite, mesmo sob o brilho das estrelas. As coisas perdem suas texturas, suas cores, seus detalhes. Para conseguir enxergar alguma coisa, você deve se concentrar no cenário como um todo e na sua memória. Mas eu só podia contar com a minha memória, pois o resto era apenas um borrão cinza e indefinido. Sou como um cego quando tudo está escuro, mesmo que esteja só um pouquinho escuro. Se houvesse uma cratera no meio da rua naquele momento, não duvide que eu tivesse caído, pois eu também não duvidei disso.

Minha única salvação nesses momentos era que os longos pilares de mármore, espalhados por todas as ruas da cidade, tinham suas caçarolas de metal branco ardendo um fogo vermelho que iluminava os arredores. Mas, aquela noite, as caçarolas de fogo estavam apagadas. Todas elas. Eu só podia estar me esquecendo algum detalhe... Sentia falta do som do carvão estalando e do aroma das substâncias que ajudavam as caçarolas a queimar. Será que os acendedores de rua – que era como chamávamos quem acendia as caçarolas antes do anoitecer – haviam sido dispensados? *Todos* eles no *mesmo* dia?

Estalei a língua, intrigado. Eu conhecia aquelas ruas como se houvesse um mapa dentro da minha cabeça, então não tinha que me preocupar com a incompetência dos meus olhos, eu não me perderia nas ruas da cidade em que nasci.

A questão dos acendedores de rua ainda me incomodou por um bom pedaço do percurso. O responsável pelos acendedores era o Ministro da Ordem, que era um homem competente e disciplinado. Ele jamais permitiria que um engano daquelas proporções fosse cometido e colocasse em risco a segurança de toda a República Asmosiana. Talvez eu devesse relatar aquilo para o meu pai, assim ele poderia tentar descobrir o que estava acontecendo, mas eu também não teria como explicar o motivo do meu passeio noturno, então afastei aquela ideia estúpida da minha mente.

Meus ombros cansados logo sentiram o peso extra da bolsa vazia que eu trazia sobre eles. O dia fora tão longo que eu havia me esquecido completamente dela. Foi por causa dos dois bens furtados que eu carreguei lá dentro que acabei topando com Bion e tudo aconteceu. Eu jamais esqueceria aquele dia, foi o dia mais incrível da minha vida. Mas outros ainda mais sensacionais estavam por vir e eu podia sentir isso no ar. E também nos meus pés, que começavam a doer.

Ainda restava muito chão pela frente e só então foi que comecei a sentir o peso de um dia inteiro sobre os dois pés. Meu estômago vazio começava a resmungar palavras que eu não compreendia. Eu nunca havia sentido fome na minha vida. Caso você também nunca tenha sentido, vou explicar como é a sensação. É algo desagradável. Eu não recomendo nem um pouco que você fique sem comer, apesar de também não recomendar que você coma descontroladamente, ou ficará doente. Imagine uma chama brotando dentro da sua barriga. A princípio ela é fraca e queima muito pouco, mas, aos poucos, a queimação começa a crescer e o calor logo incendeia o seu corpo inteiro, sua cabeça fica tonta e você pode sentir suas energias percorrendo cada centímetro de você até sumir nos dedões dos pés.

Foi assim que eu me senti enquanto caminhava pelas ruas escuras. E talvez tenha sido esse o motivo de eu ter me perdido, o que jamais teria acontecido durante o dia. Fiquei desesperado. Olhei ao redor, mas mal podia distinguir uma casa de outra ou um monumento no meio da rua ou toda aquela imensidão de branco, que agora se tornava uma só mancha cinzenta confundindo a minha visão.

Arrastei os pés pelas ruas pavimentadas de um branco sombrio até me deparar com a parede de uma casa. Fiquei de costas para a parede e me sentei aonde estava, só o que me

restava agora era aguardar até o amanhecer. Amaldiçoei meus olhos detalhistas... Eu estava irado comigo mesmo. E, mais do que nunca, desejei ser uma pessoa diferente.

Passei tantas horas com raiva de mim que toda a raiva que eu tinha se transformou em tédio.

Lembrei de todas as coisas surpreendentes que aconteceram comigo nas últimas horas. E todas elas giravam em torno de um sujeito que mais aparentava uma mistura sem sentido entre homem, montanha e criatura, mas que também era muito mais do que aparentava.

Bion. De onde aquele homem surgiu? Havia poucos mendigos pela cidade e eu não me chamaria Nikodemos se me esquecesse de alguém como ele. Era quase como se Bion tivesse nascido só para me revelar seu segredo. E, por mais que eu cobiçasse esse segredo, não fazia a menor ideia do que ele seria... E onde Bion arranhou um tesouro tão incrível daqueles? Pelo que pude observar, logo que nos conhecemos naquela viela escura, Bion havia conseguido um daqueles cristais brancos que chamava de *cometas*, o qual cheguei muito perto de furtar, inclusive. Onde será que Bion conseguiu aquele cristal? Fiquei imaginando isso por muito tempo, criei teorias engraçadas na minha cabeça, uma delas suspeitava que Bion era um ladrão como eu, mas que queria se aperfeiçoar com a minha técnica, pois o seu tamanho não era muito... discreto. Mas não... Bion não podia ser ladrão, não fazia o tipo dele.

As horas passaram e, como um milagre se elevando no horizonte, o dia começou a raiar. Todo o branco impecável da cidade foi iluminado pelo esplendor solar e as texturas ganharam vida novamente. E meus olhos voltaram a enxergar.

Minha roupa estava levemente úmida pela garoa noturna que me acompanhou desde o comecinho da madrugada. Espirrei a noite inteira, afinal, era a minha primeira noite ao relento, meus pulmões estavam desacostumados com tanta friagem. E dei um último espirro enquanto caminhava pelas ruas, retomando o caminho de casa.

O som do meu espirro se propagou e ecoou até retornar para os meus ouvidos.

Senti um arrepio quando percebi que, mesmo uma hora após o alvorecer, ninguém havia saído de casa. A cidade estava mais erma que um deserto, tudo era apenas o mais absoluto silêncio e o som ecoante de um espirro. Era comum que as pessoas acordassem cedo para trabalhar, principalmente quem trabalhava em alto mar, pois costumavam desancorar seus barcos antes do amanhecer.

Meu coração parou.

E então me dei conta de tudo.

Eu havia me esquecido que o dia anterior fora o sexto dia da semana, o que tornava aquele o sétimo dia! Meus cabelos se arrepiaram e eu saltei em busca da primeira sombra que encontrei. Ninguém, mas ninguém mesmo, podia me ver fora de casa!

Acredito que eu já tenha comentado que a maior proibição na República de Asmos era sair de casa nos sétimos dias. Eu estava fora de casa e era um sétimo dia! Não demorei para perceber que aquele devia ser o pior dia da minha vida, pois também seria o último! Isto é, se eu fosse visto e reconhecido.

Eu precisava dar um jeito de me esquivar pelas sombras até chegar em casa. O único problema era que, pela minha falta de atenção, eu estava preso entre as maiores avenidas centrais da cidade e não havia ruas estreitas e escuras pelas redondezas. Bem, eu não tinha muito a perder, afinal, estivera caminhando exposto até então e, supostamente, ninguém havia me visto, nem ouvido meus espirros escandalosos. Eu precisava continuar confiando na sorte e torcer para conseguir chegar em casa sem chamar nenhuma atenção.

Apressei minhas pernas cansadas pelas sombras projetadas pelas construções, minha fome havia misteriosamente evaporado e tudo o que eu podia sentir era o ar úmido entrando pelas minhas narinas e me fazendo ofegar.

Eu estava escondido num vão enorme entre duas casas ainda mais enormes quando meus joelhos se recusaram a se mover, eles congelaram como a neve faz quando se acumula no chão por muitos dias. Não, nunca vi neve, mas imagino que você já tenha visto, por isso fiz essa comparação. Certo, foco! Meu nervosismo me deixou da cor de um rabanete, minha pele gotejava suor e meu peito parecia estar abrigando um bando de pássaros alvoroçados. Eu estava morto. E se não estava ainda, então estaria dentro de alguns instantes. Alguém me viria e relataria às autoridades no dia seguinte. Aquele era o fim do pobre Niko... eu sabia que meus pressentimentos não estavam sendo nem um pouco exagerados. Se eu fosse reconhecido, seguramente seria condenado à morte. E algo dessa espécie não acontecia há décadas, pois ninguém era tão sem noção a ponto de transgredir as leis supremas.

Tentei massagear as pernas. Dei socos. Estrangulei-as com as mãos. E depois massageei novamente porque os socos haviam doído muito, mas nada fazia com que elas se movessem. Concentrei-me nos músculos. Eu podia controlá-los, sempre pude e não seria traído por eles justo agora! Mas, ao tentar prestar atenção neles, foi minha audição que sentiu que alguém se aproximava.

Minha pele estremeceu e se arrepiou.

E eu a ouvi.

Era o som de uma lira. Uma melodia suave e insonhavelmente perfeita... Ninguém nunca ouviu nada parecido. Mãos humanas não podiam produzir tanta harmonia, tanta perfeição. Havia mais do que apenas sentimento nos acordes daquela lira, era uma mensagem que meus ouvidos jamais poderiam compreender. A própria melodia parecia transcender além da minha essência, eu sentia como se só tivesse existido até então para acompanhar aquelas notas, apesar de elas serem proibidas para mim.

Ainda imóveis, minhas pernas não me permitiram escapar antes que eles surgissem. Deviam ser em torno de oito homens, todos usavam mantos brancos impecáveis, cobrindo o corpo inteiro, eu acho. Meus olhos também se paralisaram e tudo o que pude ver foram seus pés se movimentando. Com toda a minha força de vontade, tentei forçar minha cabeça para cima e observar seus rostos, mas meus olhos não passavam dos pés – que encontravam-se encobertos pelo longo manto.

O primeiro deles, que estava muitos passos à frente dos outros, era quem dedilhava as cordas da lira e amortecia meus sentidos com a sua doce melodia. Eu não podia ver o instrumento musical, nem seus dedos se movendo, eu simplesmente sabia que era aquela pessoa que estava tocando.

Só percebi o verdadeiro significado de divino quando contemplei com meus próprios olhos a entidade que deu origem à essa palavra.

Como minha visão estava paralisada, só me restava observar para baixo. Foi nesse momento que vi que seus pés flutuavam enquanto sua capa branca ondulava contra o vento. Aqueles pés eram perfeitos, como os de uma estátua esculpida pelo artista mais genial, e não podiam tocar o mesmo chão das pessoas normais, só lhes restava levitar enquanto as mãos se ocupavam com as cordas da lira.

Eram os pés de um Divo. Os pés de Asmos, o senhor da justiça e da verdade, um dos quatorze criadores de todas as coisas. Ele estava diante dos meus olhos sem que eu pudesse ver seu rosto. Aquela estranha força que me congelava servia para impedir que meus olhos mortais admirassem a beleza infinita daquilo que era divino.

E os oito continuaram seu caminho pela avenida, a melodia da lira de Asmos soando harmonicamente até desaparecer com a distância. Quando recuperei o controle de mim mesmo, os joelhos falharam e eu caí no chão, meus ossos se chocaram com força no pavimento branco. Tentei assimilar o que havia acabado de acontecer e perguntei-me como eu ainda podia estar vivo.

Todos os sétimos dias da semana, enquanto a luz do dia reinasse no céu, Asmos, nosso Divo supremo, deixava o palácio nas nuvens para caminhar pelas ruas da sua Repú-

blica ao lado do Emissário Supremo e seu pequeno séquito celestial de avianos. Era nesse dia que o Divo supostamente dava suas orientações para o Emissário Supremo. Por esse motivo, era terminantemente proibido sair de casa, pois pessoas comuns não deviam importunar alguém tão... divino... com suas presenças medíocres. Era isso o que os quatro Oráculos jamais cansavam de nos lembrar.

Eu havia cometido o maior sacrilégio que se ouvira falar desde que o universo foi chamado de universo. Não se podia desrespeitar um Divo. E eu havia, não apenas olhado para seus pés, mas os comparado aos pés de uma estátua!

Toquei meu peito e senti que meu coração ainda batia. Por algum motivo que eu não compreendia, eu ainda podia respirar! E você não imagina como é incrível a sensação de perceber isso!

Nenhuma das pessoas que passaram por mim pareciam ter percebido a minha presença, afinal, não era esperado que houvesse alguém escondido no vão entre duas casas.

Eu podia até ser o melhor espião da República – o que, inclusive, duvido muito que fosse o caso –, mas simplesmente não se podia enganar a um Divo. Desejei, com toda a minha vontade, que Asmos não tivesse se aborrecido por eu ter observado seus pés flutuantes e ouvido a melodia da sua lira. Não tive a intenção de compará-lo a uma escultura, juro que não tive. Desejei que ele me perdoasse se estivesse aborrecido.

Olhei ao redor, apavorado. As ruas da cidade permaneciam desertas.

O pior já havia acontecido. Mantive-me à sombra das casas e saí em disparada na direção da minha própria residência. A minha mente estava tão vazia quando o branco do chão que eu pisava.

A aflição mais profunda me dominou por tanto tempo que não vi o tempo passar.

Quando cheguei em casa e entrei pela janela, Sibylla estava cuspidando fogo pelas ventas. Que bom que eu não tinha culpa alguma nessa sua fúria descontrolada.

Pelo que entendi, um dos nossos criados havia quebrado acidentalmente um dos pratos do serviço de porcelana domosiana – ou seja, da República de Domos, que era onde se confeccionava a melhor porcelana do planeta. Sibylla quebrou todo o resto do serviço para extravasar sua raiva, jogou xícaras, pratos e bules no chão, estilhaçando toda a caríssima louça até que virasse pó. O serviço inteiro tinha um valor equivalente ao salário de todos os nossos criados multiplicado por quatro, ou cinco, e tínhamos sete criados ao todo. Então, acho que seja possível imaginar como aquele serviço de porcelana domosiana era *precioso*. Era como se dizia por aí: “Não há duas obras domosianas iguais, por isso seus preços são fenomenais”. Um trocadilho bem barato para algo tão caro...

Sibylla praguejava tão alto que os avianos deviam estar escutando cada palavra lá do palácio nas nuvens. Aliás, Sibylla é o nome da minha mãe (depois, se eu lembrar, também explicarei algo sobre os avianos, mas caso eu me esqueça – o que é bem mais provável –, saiba que eles são servidores diretos de Asmos e possuem asas de pássaro). Primeiro ela ameaçou demitir o criado, que se ajoelhou aos seus pés, simplesmente desesperado, suplicando por perdão. Então, chegou à conclusão de que poderia mantê-lo, mas cortaria todos os seus pagamentos mensais por anos a fio. As lágrimas do jovem servo eram de dar dó, até eu fiquei comovido. Minha mãe tinha um coração duro às vezes, mas isso era apenas um disfarce. Por fim, chegou à conclusão de que tiraria apenas metade do pagamento dele até que pudesse comprar um serviço de porcelana novo.

Obrigado, senhora, eu agradeço muito! Agora posso continuar a alimentar minha família! Agradeço muito!, o criado dizia. Minha mãe virou os olhos e estalou a língua, colocando as mãos na cintura. *Limpe isso tudo de uma vez. Vamos esquecer que essa porcelana domosiana existiu, não concordam?*, os outros balançaram as cabeças, anuindo da forma que ela esperava. *Ótimo. Não quero mais ouvir falar sobre isso, acidentes acontecem...*, o jovem criado abriu um baita sorriso. *Mas esta é a primeira e última vez que perdoo você, por isso tente ser menos desastrado!*

Só que eu sabia que minha mãe seria capaz de perdoar outras mil vezes se fosse preciso, como já fizera outras milhares de vezes. Logo que ela percebeu que eu havia “acordado”, pois ela obviamente concluiu que a minha cara de cansaço se devia a preguiça causada por um longo sono, Sibylla me levou até o salão de refeições onde comemos juntos o desjejum.

Nunca foi tão bom sentir qualquer coisa comestível descer pela minha garganta. Em outra ocasião menos turbulenta, eu teria até elogiado a refeição quente para a cozinheira, como eu costumava fazer quando a comida realmente estava muito boa, mas apenas me concentrei em engolir tudo o que vi pela minha frente. Eu mastigava feito um javali faminto e agradei, quase sem perceber, quando me trouxeram mais.

Não aguardei que meu pai se juntasse a nós para o desjejum, pedi licença e disse que ia para o meu quarto estudar finanças, só assim eu teria certeza de que nem mesmo uma mosca ousaria me incomodar. Solon adorava que eu me interessasse pelo que ele fazia e eu não costumava usar isso como desculpa só para agradá-lo, mas aquele era um caso extremo. Entrei no meu quarto, me despi e caí na cama. Dormi até o dia seguinte. Foi um sono longo, refrescante e restaurador, como a minha mãe sempre diz quando dorme com pedaços de legumes espalhados pela cara.

A propósito, vamos fingir que eu sonhei com os avianos.

Não tenho muita certeza, mas acho que já os vi umas cinco ou seis vezes em toda a minha vida. Os avianos eram seres superiores a nós, pois tinham o direito de viver ao lado de Asmos em seu palácio no meio das nuvens. Eles tinham asas enormes, por isso podiam voar para onde quisessem, e também se pareciam muito com aves, como o próprio nome já sugere... A maioria dos avianos, pelo que sei, se assemelha muito aos corvos ou aos pom-bos (acho que você conhece esses dois tipos de pássaro porque eles existem por toda parte), mas, quando era pequeno, vi um muito diferente voando com suas asas de penas finas. Sua cauda era comprida, parecia um espanador de pó gigante, mas era um sujeito extremamente elegante. Ele se parecia com um pavão branco, que é a ave mais nobre que existe. Foi tão impressionante que eu cheguei a pensar que aquele era Asmos em pessoa, ruflando suas asas pelo céu, mas eu ainda era muito novo e não sabia que os Divos não tinham asas e nem motivos para sair voando pelo céu.

Creio que havia alguns desses avianos elegantes acompanhando Asmos, quando vi seus pés flutuarem diante de mim. Só os pavões brancos teriam patas longas e finas o bastante para usar um manto sem arrastar metade dele pelo chão, como o Emissário Supremo fazia, com as pontas dos seus sapatos brancos escapando para fora do tecido nobre.

Bem, no momento isso é tudo o que sei sobre os avianos.

Nós, que vivemos aqui embaixo, não temos muito conhecimento sobre quem vive lá em cima. Às vezes acho que isso é um pouco injusto, já que eles devem saber tudo sobre nós, mas logo tento pensar em outra coisa qualquer porque pensar nisso é blasfêmia. E eu devo ser muito estúpido, pois estou registrando tudo isso por escrito. Bom... como eu já disse, não pretendo desperdiçar meu precioso papel e minha tinta e também não pretendo guardar segredos de você.

Quando finalmente despertei, corri para a janela do meu quarto e vi que as ruas estavam mais uma vez tão cheias de vida como sempre. Era o primeiro dia da semana mais uma vez e eu me senti grato por ainda estar respirando. O céu estava limpo e o dia, ensolarado. Observei o palácio de Asmos e me perguntei se ele estivera tão concentrado com a sua lira que mal havia percebido que eu estive há apenas alguns passos dele.

Abanei a cabeça e tentei me ocupar com qualquer outra coisa. Virei os olhos para as pessoas que caminhavam pelas ruas e imaginei para onde estavam indo e o que pretendiam fazer quando chegassem lá. Eu sabia, não sei como, mas sabia, que entre muitas daquelas pessoas havia gente que precisava de ajuda, gente que eu sabia precisamente como ajudar, mas que, ao mesmo tempo, não podia. Não enquanto estivesse debruçado numa das janelas

da minha torre – aliás, esqueci de mencionar que meu quarto ficava em uma das torres da minha casa. Era uma vista linda, mas, mesmo meus olhos observadores, não conseguiam captar muitos detalhes lá de cima.

Eu me espreguicei. Os ossinhos das minhas costas estalaram e isso fez com que eu me sentisse feliz – e tão crocante quanto um pedaço de torrada –, por mais que eu também soubesse que aquele hábito me faria mal quando eu ficasse mais velho. Ainda havia tantas coisas com o que me preocupar sem ter que pensar no futuro... Como, por exemplo, as coisas que aconteceram nos últimos dias.

Mas não era com o Divo ou com Bion que eu queria ocupar meus pensamentos. Eu havia planejado uma devolução para aquele dia e não tinha a intenção de faltar com essa obrigação, apesar de não me sentir nem um pouco inclinado para novos “projetos”. Confesso que Bion me desanimou um pouco com aquela conversa sobre justiça. Digamos que eu não estivesse com muito pique para o perigo aquela manhã, minha dose semanal de entusiasmo já havia se esgotado na manhã anterior. Eu ainda podia escutar aquela melodia... E, se quer saber, acho que sempre poderei.

Raramente alguém se dava o trabalho de subir as dezenas de degraus da minha torre para ir ao meu quarto. Eu mesmo realizava a limpeza e isso ajudava a manter qualquer bisbilhoteiro do lado de fora. Quatro armários enormes ficavam emparedados ao longo do espaço circular, minha cama ficava bem no centro, sobre um tapete redondo. Havia uma mesa de estudos entre dois dos armários e duas estantes de livros nos demais espaços vagos das paredes. Quatro janelas cobertas com cortinas grossas, pois a friagem da noite sempre conseguia deslizar pelas frestas, estavam dispostas pela parede. Uma delas ficava no lado norte da torre, outra no sul e as duas últimas no leste e no oeste, entre as quais ficava a única porta de entrada e saída. Atrás dessa porta estava a escadaria em espiral que conectava o meu quarto com o resto da casa.

Eu não tinha que me preocupar com intrometidos mexendo nas minhas coisas, a porta era sempre mantida trancada e eu tinha a única chave, por isso, estocava todos os bens furtados dentro dos meus quatro armários, escondidos no meio das minhas próprias coisas. Sibylla ficaria impressionada com o que encontraria lá dentro se resolvesse bisbilhotar um deles.

Abri as portas pesadas de um armário e tirei de dentro um porta-joias com uma corrente de ouro e um pingente em forma de asa, ele pertencia a uma jovem chamada Delia, que vivia em uma vizinhança não muito distante. Esse foi um caso bem interessante, pois roubei esse colar de ouro uma semana depois de Delia tê-lo recebido do seu noivo. Quando

ele descobriu que seu caríssimo presente havia desaparecido, eles brigaram – eu presenciei toda a discussão, enquanto estava escondido – e o rapaz cancelou o casamento e o noivado. E todas as juras de amor eterno. Ela implorou para que o noivo não a deixasse, jurou que havia guardado o porta-joias dentro do cofre da família – o que, garanto, era bem verdade – e que estivera apenas esperando para usá-lo no seu casamento. O homem disse coisas horríveis, acho que eram todas verdades, menos quando mencionou que ela valia menos que aquele colar barato. Não achei legal ele ter falado aquilo. Delia continuou chorando por muito tempo, mesmo depois da partida do seu noivo.

Guardei o porta-joias dentro da minha bolsa e fui tomar o desjejum com meus pais antes de sair de casa. O salão de refeições estava vazio quando cheguei, então, tratei de comer sozinho. Sibylla só deu as caras quando eu já estava indo embora, ela me chamou antes que eu atravessasse a porta de saída.

Bom dia, ela me disse. Eu respondi o mesmo e ela me entregou uma maleta muito pesada. *Um mensageiro chegou há pouco, eu estava prestes a mandar alguém te acordar*, Sibylla disse, parecendo satisfeita por ter se livrado do peso daquela maleta. Eu não podia dizer o mesmo. *Aconteceu alguma coisa?*, perguntei e ela logo sacudiu a cabeça, *Seu pai precisou ir para o trabalho mais cedo hoje, acho que um Ministro de outra República veio fazer uma daquelas visitas*. Espionagem na maior cara de pau, era o que ela queria dizer enquanto cochichava.

E o que é isto?, eu indaguei, as sobranceiras erguidas com desânimo, o peso da maleta parecia fazê-las subir na minha testa. *O mensageiro que ele enviou trouxe uma carta. Seu pai pediu para que você levasse esses documentos até o gabinete dele o mais rápido possível*. Fiz cara feia e ela logo fez cara feia também ao ver a minha careta, *Nem comece a reclamar, Nikodemos*. Mas eu já havia começado. *Mãe, por que a senhora não deu essa coisa para que o mensageiro a levasse de volta para o meu pai?*

Seu pai não confia em mensageiros para transportar documentos tão importantes, acho que fui bem específica quando falei que ele pediu para que ‘você’ os levasse. Se você tem tanto tempo livre para ficar passeando pela cidade, também deve ter algum tempo para ajudá-lo, Nikodemos. Algum dia você pode se candidatar para as eleições e se tornar um Ministro. Você sabe que tudo fica mais fácil quando já se está entrosado nos Ministérios. Sempre que ela começava com aquela conversa eu sentia como se fosse a decepção em forma humana. Eu jamais me candidataria para as eleições... Era impossível. Mas não falei isso a ela e Sibylla continuou com o sermão. *Algum dia, você vai ainda vai nos agra-*

decer por estarmos te preparando tão bem para esse cargo! E continuou com seu discurso por mais alguns minutos, sem pausas. Eu apenas ouvi e me despedi quando ela terminou.

Que Asmos te acompanhe, meu filho, ela desejou em uma prece quando eu já estava caminhando pela rua. Minha mãe mal sabia que o Divo já me acompanhava para onde quer que eu fosse, ele e a doce melodia da sua lira.

Capítulo Treze

Um presente do céu

Era um grande alívio que a casa de Delia ficasse bem no meio do trajeto que eu ainda tinha de percorrer até o gabinete de Solon. Aqueles documentos pareciam ter a metade do meu peso em papel. Os músculos dos meus braços suplicavam por misericórdia e, de vez em quando, eu cedia e largava a maleta no chão para descansar por um instante.

Seria impossível invadir uma residência e ter a esperança de conseguir me movimentar normalmente enquanto estivesse carregando aqueles documentos. Minha única opção era levá-los primeiro até o meu pai e só então fazer a devolução do colar de ouro.

Caminhei até o antigo centro da cidade, que não era assim tão distante da minha casa, e vi a maior construção de toda a República se agigantar diante de mim, conforme meus passos me aproximavam dela. Dizia-se que cada uma das quatorze Repúblicas tiveram sua origem da mesma forma: com a construção de um Grande Santuário em homenagem ao seu respectivo Divo. As cidades só surgiram mais tarde, crescendo ao redor do próprio Santuário. Era um edifício que tentava se equivaler em grandiosidade ao palácio divino que ficava nas nuvens, mas era muito difícil de compará-los, já que a distância entre eles era fenomenal. Bem, essa distância era nada menos que todo o comprimento entre o céu e a terra. Particularmente, eu acreditava que o palácio de Asmos fosse mil vezes maior que o Grande Santuário, afinal, podíamos vê-lo nitidamente de qualquer local da cidade, o que não acontecia com o Grande Santuário, por mais que ele ainda fosse colossal.

Era a construção mais alta em toda a República de Asmos, precisava-se subir centenas de degraus para se chegar ao portal de entrada, isso porque o Santuário ficava no topo do Monte Quíron, que era o ponto mais alto dentro do domínio asmosiano.

Aliás, o Grande Santuário de Asmos não era apenas um tributo ao Divo Asmos, pelo menos, não mais, pois também servia de morada para o Emissário Supremo. Milhares de pilares com caçarolas monumentais de ouro e ferro cintilavam noite e dia as suas chamas volumosas, havia tantas torres com telhadinhos vermelhos (os únicos dessa cor em toda a cidade) que nunca consegui contar todas elas sem perder a conta na metade. Era um lugar de luxo extremo e as pessoas iam até lá para orar, fazer pedidos e agradecimentos, por mais que Asmos nunca estivesse lá, apenas uma estátua sua, esculpida no mármore mais branco.

Ao redor do Grande Santuário, próximos às encostas do Monte Quíron, ficavam quatro Templos, todos também muito luxuosos e grandiosos, mas que não podiam ser comparados à construção colossal dedicada a Asmos. Em cada um desses Templos vivia um dos quatro Oráculos.

Bem, talvez seja mais interessante se eu explicar a hierarquia das Repúblicas antes de prosseguir. Eu sei que pode parecer meio confuso a princípio, mas você vai se acostumar. Sei que vai, pois eu me acostumei. É bem simples: nosso grande senhor era Asmos, mas como não éramos dignos de vê-lo, então o Emissário Supremo era nosso líder máximo. No entanto, também não éramos dignos de nos comunicarmos com o Emissário Supremo, por mais que ele ainda fizesse algumas raras aparições em comemorações anuais, portanto, existiam quatro Oráculos para atender os interesses tanto do Emissário Supremo quanto os do povo – pois isto é o que chamamos de democracia. Cada um dos Oráculos comandava cinco Ministros e cada Ministro possuía um número de juízes que era igual às necessidades do seu Ministério.

Talvez minha explicação tenha ficado um pouco confusa, não sei muito bem... O que eu quero que você entenda é que a hierarquia da nossa República funcionava assim: Divo, Emissário Supremo, quatro Oráculos, vinte Ministros, centenas de juízes, e nós, o povo. Agora está bem melhor, eu acho.

Os Templos não eram apenas a morada de cada Oráculo, mas também onde se localizavam cinco Ministérios, dos relativos Ministros que eles lideravam. Meu pai trabalhava para o Oráculo Alexandros, assim, o Ministério da Moeda se localizava no Templo de Alexandros. Foram os degraus desse Templo que eu subi enquanto o meu braço que segurava a maleta ameaçava se separar do resto do corpo.

Atravessei os corredores que eu já conhecia de olhos fechados. Muita gente trabalhava lá dentro, pessoas iam e vinham carregando papéis e falando tão silenciosamente quanto era possível, pois, no final das contas, aquele ainda era um Templo dedicado a Asmos. Dirigi-me até o gabinete do Ministro da Moeda e entrei, mas não antes que o juiz Luciano tivesse passado por mim e esbarrado no meu ombro com força. Ele estava tão transtornado com alguma coisa – da qual eu não fazia a menor ideia... – que não se desculpou comigo, apenas resmungou algo que não consegui discernir e desapareceu de vista.

Entreguei a pesada maleta para o meu pai no gabinete dele. Solon estava usando suas roupas de trabalho, eu sempre as achei exageradas demais. Tratava-se de uma toga branca e dourada que contava com o dobro de tecido de uma toga comum, por isso também era mais quente, mais pesada e mais imponente. Uma insígnia sob a forma de uma balança,

a representação máxima da justiça, ligava as duas arestas da sua capa, que caía pelas costas até arrastar no chão. Suas sandálias eram adornadas com fios de ouro e tinham enormes penas de prata na altura dos calcanhares, o que tentava retratar passos leves e cautelosos, mas também significava a liberdade do povo. No topo da cabeça trazia uma diadema confeccionada com galhos envernizados de macieira-dos-reis, uma árvore extremamente rara por aquelas bandas. Não me lembro o que ela significava.

Solon agradeceu satisfeito e, sem a menor discrição, me dispensou com um gesto insignificante, dizendo que estava demasiadamente ocupado e que podíamos conversar mais tarde, quando ele chegasse em casa.

Não me importei com a falta de consideração pelo esforço dos meus braços, meu pai não sabia que eu também tinha um trabalho para terminar...

Deixei o Templo e caminhei todo o percurso de volta até a casa da jovem Delia. Meus braços ainda doíam, mas nada que pudesse me impedir de realizar uma devolução impecável. Entrei na casa, deixei as joias no mesmo local onde as havia encontrado e saí tão depressa quanto havia entrado. Devolver as coisas era quase tão bom quanto roubá-las, era como se eu estivesse finalmente removendo uma agulha espetada na minha carne, uma agulha que eu mesmo havia enfiado.

Talvez ele não fosse um noivo tão ruim quanto aparentava..., murmurou uma voz rouca e masculina escondida nas sombras. Levei um susto tão grande que quase vomitei todo o ar dos meus pulmões. *Talvez ele só estivesse furioso ao ver que sua noiva não valorizou o fruto de mais de um ano de trabalho e perdeu o precioso colar...* Vi um vulto sentado, era do tamanho de um cavalo e batia uma mão na outra para se livrar de migalhas de pão velho. A barba estava novamente cheia delas.

Bion, eu disse, abrindo um sorriso aliviado. *Puxa, era só você...*

Era quase meio dia. Eu sabia disso porque todos os dias, nesse mesmo horário, uma sombra gigante se instalava na República Asmosiana, bloqueando toda a luz do sol. A sombra colossal do palácio que flutuava acima das nossas cabeças. Bion me encarou e eu o encarei de volta.

Não sabia que você estava me observando..., comentei. Sua barba se mexeu sozinha, pelo que me pareceu, e ele disse a seguir: *Lembra-se do que eu lhe disse outro dia? É melhor sempre esperar que alguém esteja lhe observando.* Concordei enfaticamente e cruzei os braços, dizem que as pessoas fazem isso quando estão numa posição defensiva. Nunca entendi o que queriam dizer com isso, mas só podia significar que eu estava numa posição defensiva. *Está conseguindo observar como um mestre de infiltração deve fazer*

seu trabalho?, eu brinquei. *Sim. Mas não compreendo o que você queria que Delia aprendesse quando roubou seu presente de noivado.*

Aquele comentário me deixou sem fala. Por um momento eu também pensei a respeito, mas logo percebi que esse assunto estava me deixando irritado. *Isso não é da sua conta, Bion. A minha parte do tratado é te ensinar a roubar, lembra-se? Quando começar a atuar, você também vai ter suas próprias razões.*

Ele consentiu de leve e levantou-se, minha cabeça mal atingia seu ombro quando ele estava de pé. Colocou sua trouxa imunda de roupas e pertences nas costas e acenou com a cabeça antes de me dar as costas para ir embora. Eu me apressei para alcançá-lo antes que ele fizesse isso, *Bion!*, chamei, *Eu queria te fazer uma pergunta...* Ele parou e se voltou para mim, aqueles olhos brilhantes me hipnotizando mais uma vez.

Você parece saber de muitas coisas e... hã... sabe... é que aconteceu uma coisa comigo e... Ele me mostrou a palma da mão, que lembrava uma enorme aranha branca e peluda de cinco patas, eu me calei no mesmo instante. Bion desviou o olhar e soltou um suspiro quase inaudível. *Não posso me intrometer em assuntos divinos, Nikodemos. Você também deveria evitá-los, ou perderá todo o tempo que lhe resta para aproveitar a vida. O mesmo arrepio que senti das outras vezes – que Bion me declarou assuntos secretos – percorreu a minha espinha. Como você consegue saber dessas coisas?*, pronunciei no tom assustado de alguém que estava prestes a ser devorado por um monstro.

Então ele voltou a me fitar.

Não há verdade que os olhos consigam ocultar. Quando nos vimos pela primeira vez, pouco antes de você tentar levar um dos meus cometas, pude ver todas as suas verdades pelo seu jeito de olhar. Assim como posso vê-las agora.

Não é possível...

Da próxima vez que nos encontrarmos, eu te mostrarei algo inesquecível, assim como o que você me mostrou hoje. Dizendo isso, ele deu-me as costas novamente e dobrou a primeira esquina, até que sua sombra gigante se confundisse com a do palácio voador de Asmos, que agora se projetava completamente sobre a cidade. Eu sabia que, se saísse correndo atrás dele e virasse a mesma esquina, Bion já teria desaparecido, como se nunca tivesse existido fora da minha imaginação.

Não vou descrever todas as coisas fantásticas e malucas que passavam pela minha cabeça sempre que o pensamento em questão era o enigmático Bion. Garanto que até mesmo os grandes filósofos ficariam entediados com o que acontecia dentro do meu crânio.

Falando em tédio, os dias que se seguiram ao encontro inesperado com Bion foram tão calmos que o meu tédio me levou a estudar matemática e finanças por várias horas seguidas. Para mim, matemática não se tratava de um passatempo, os números não eram uma distração relaxante. Eram, sem a menor dúvida, um tipo de tortura criada por algum maníaco calculista. Quando frequentava a academia, eu não era como meus outros colegas que se sentiam vitoriosos com cálculos bem sucedidos, eu me sentia livre de mais um deles, quase podia escutar o tilintar distante das correntes e dos grilhões.

Realizei algumas devoluções, pratiquei arte marcial asmosiana com meu mestre de espada, que ficou impressionado com a minha leveza e, em compensação, em como eu parecia ficar menos habilidoso com o passar dos anos. Fora isso, me ocupei com atividades cotidianas comuns que seriam tão maçantes de se escrever quanto de se ler...

As próximas folhas de caderno pareciam ter sido inseridas entre as outras, tinham um papel diferente, um pouco menor e menos áspero, do tipo reciclado. A letra de Leroy também parecia um pouco mais corrida que o habitual, como se ele tivesse escrito com muita pressa para não perder as ideias. Mas ainda era uma letra linda, muito melhor do que a dela.

– Estas páginas são diferentes – comentou Marie, alisando-as de leve com a pontinha dos dedos.

– Porque eu só as acrescentei depois, quando estava revisando – ele explicou com a voz tão suave que lembrava apenas um sopro. – Eu quero saber uma coisa, Marie. Será que você... pode me fazer um favor?

– Desde que eu possa continuar sentada, por que não? – a garota disse, dando um risinho. Voltou-se para o irmão e o seu sorriso se desmanchou aos poucos.

Ele já havia percebido, pelo brilho diferente no seu olhar.

Leroy era pouco mais do que um espectro cromático. A luz era capaz de atravessar seu corpo desimpedidamente, por mais que já pudesse atravessá-lo há algum tempo. A diferença era que Marie só havia reparado isso agora.

– É brincadeira – ela disse, tentando sorrir mais uma vez. – O-o que você quer que eu faça? – ela balbuciou, mordendo o beijo para tentar sorver as próprias lágrimas antes que elas caíssem.

Roy abriu um sorriso e fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se dissesse que estava tudo bem. Levantou-se da cama, sem fazer ruído algum e caminhou até seu guarda-roupas, ficou um instante parado em frente ao grande móvel de madeira e Marie o observou enquanto ele estava de costas para ela. A cada página que lia, uma pequena parte do

seu irmão era levada embora e ele ia sumindo devagarzinho. Roy estava indo para algum lugar onde Marie não conseguiria encontrá-lo.

– Você pode abrir essa porta, por favor? – ele pediu, apontando para o seu guarda-roupas.

– Claro – Marie se levantou prontamente e fez o que o irmão pediu.

Roy investigou com os olhos e chegou a meter a cabeça dentro do armário, até que soltou uma exclamação qualquer e recuou um passo para falar com a irmã.

– Ali, dentro daquela caixa de madeira – ele disse, apontando com o dedo.

Ela puxou a caixa e colocou-a sobre a cama, onde o irmão já a aguardava sentado para verificarem seu conteúdo juntos. Quando tentou puxar o pequeno gancho metálico que prendia a tampa, Marie levou um beliscão no polegar.

– Ai!

– Cuidado, ele é bem duro de abrir. Você tem que pressionar e puxar com calma.

Ela fez como ele explicou e a tampa logo se abriu.

Dentro da caixa de madeira havia todo tipo de coisa aleatória que o irmão guardava. Ele fez um gesto para que ela bisbilhotasse e, aproveitando que a curiosidade fazia parte do seu sangue, Marie começou a tirar tudo de dentro. Havia um monte de bugigangas que ela nunca tinha visto, outras, como cartas antigas de coleção e bonequinhos de desenhos animados, ela já chegou a cobiçar quando era mais nova.

– Essas são algumas das moedas do vovô, deixaram que eu ficasse com elas depois que ele morreu. Cuidado com isso aí. Esses tubinhos têm sementes que eu e o Léon estivemos guardando há anos, nós planejávamos plantá-las quando cada um de nós tivesse o primeiro filho – e deu uma risada encabulada, quase se confundindo com a parede atrás dele. – A gente levou a sério quando ouvimos aquela história de que, para se ter uma vida feliz, uma pessoa devia escrever um livro, ter um filho e plantar uma árvore!

– É, dá pra imaginar a cena.

– Pegue isso aqui – ele indicou um embrulho de jornal forrado com algodão.

Marie desembalou e viu que havia um anel prateado escondido no meio do algodão. Era um anel que devia estar nas suas memórias, devia estar em algum lugar lá no fundo... mas ela não se recordava de onde. Havia seis gemas muito pequenininhas incrustadas no metal e somente um furinho vazio, onde devia estar a sétima delas. Só então a garota se recordou de onde conhecia o anel.

– Este é o anel do vovô – ela disse.

– Sim, uma das pedrinhas caiu quando ele estava na África, mas eu já me esqueci da história toda.

– Puxa, eu nem sabia disso... Na África...? – ela suspirou.

Leroy deu uma risada bem humorada.

– Agora ele é seu.

Ela encarou o irmão sem saber o que responder. Sua cabeça se movia para os lados, queria agradecer e dizer que não podia aceitá-lo, que aquele anel era importante demais para ser dado de presente a alguém, que ele devia mantê-lo. Mas não podia dizer essas coisas, pois Roy nunca mais usaria o anel do avô. Nem anel algum.

– Obrigada. Eu sei como ele é importante para você – ela agradeceu.

– Já foi o que eu tinha de mais importante, sabe, mana. Mas a gente só descobre o que é realmente importante quando deixa tudo para trás, quando perdemos tudo para sempre. O vovô era mais importante que esse anel, mas essas pedrinhas fazem com que a gente sempre se lembre do rosto dele quando olhamos para elas.

Mesmo que não conseguisse se lembrar muito bem do rosto do avô, Marie concordou. Ela sabia que, algum dia, o dedo do avô já havia usado aquele anel e o dedo do irmão também, por isso era algo importante para ela.

– Essas moedas de prata, você pode levá-las para o Léon? – o garoto pediu e eles se entreolharam. – Elas devem valer um bom dinheiro e eu sei que a família dele está passando necessidade.

– Eu posso ir até a casa dele amanhã.

– Obrigado. Entregue também esses tubinhos com as sementes e essa chave aqui – ele indicou.

– Uma chave? – perguntou ela em tom de confusão e pegou a antiga chave, era de um metal avermelhado e devia pertencer a uma porta muito antiga.

– Sim, ele vai entender – Roy apenas sorriu. – Não quero abusar demais da sua boa vontade, mas você também pode passar na casa da Marianne e do Aloys?

Sem reclamar, como faria não muito tempo atrás, Marie concordou várias vezes.

– Entregue essas cartas para a Marianne. Não mexa em nenhuma delas, por favor... – ele pareceu encabulado e ficou sem jeito, sendo obrigado a coçar a ponta do nariz, como sempre fazia quando ficava assim. – São poemas que eu escrevi e nunca tive coragem de mostrar. O pai dela escreve muito melhor do que eu e eu sabia que ela mostraria para os pais na mesma hora que eu entregasse... – ele suspirou. – Ainda assim acho que devem ficar com ela. E, para o Aloys, quero que você leve a minha bicicleta.

– A sua...! Roy, você tem certeza disso?! Ela é novinha! – ela exclamou, só então caiu-lhe a ficha e ela desejou não ter falado aquilo.

– Tenho, sim. Nunca mais vou pedalar – seu irmão deu de ombros, como se não se importasse. – E eu sei que ele precisa de uma bicicleta nova, porque a antiga virou um abridor de latas gigante.

– Pelo visto o acidente foi feio...

– Ouvi dizer que sim – Roy comentou e respirou fundo.

– Ok, eu vou fazer o que você está me pedindo, Roy, mas o que eu devo falar para eles? Quero dizer, estou, tecnicamente, pegando as suas coisas e distribuindo para todo mundo, entende?

– É verdade... – ele alisou o queixo enquanto pensava em uma solução.

Mas Marie pensou mais depressa.

– Bom, eu posso dizer que você tinha me contado que já pretendia dar essas coisas a eles de qualquer jeito, então só resolvi tomar a iniciativa.

– Boa, Marie! Ótima ideia! E se o pai e a mãe perguntarem algum dia pelo anel do vovô, você pode dizer que eu havia dado para você enquanto ainda estava aqui. Eles não vão se importar se disser isso. A propósito, nem preciso dizer que todas as minhas outras coisas são suas agora, não é?

– Não posso, Roy...

– Pode sim, eles vão acabar dando a maior parte delas para a caridade. É só você escolher o que mais te interessa e pegar ant...

– Roy, não posso! – ela elevou o tom de voz um pouco mais do que pretendia. – Desculpa... – e enxugou os olhos úmidos com a manga longa da blusa. – Não me peça para fazer isso, por favor – e se levantou da cama. Forçou-se a sorrir. – Quer saber? Acho que vou levar essas coisas até a casa do Léon agora, depois vou até a Marianne e por último passo no Aloys e entrego a bicicleta.

– Ok... obrigado, mana. E não se ofenda com isso... é só que... – mas ele não encontrou o que falar e ficou calado.

Marie compreendia o que ele estava sentindo e abriu um sorrisinho afetuoso.

– Ah! – Leroy também se levantou e apontou para a estante ao lado da janela. Diversos dos seus livros favoritos estavam enfileirados como ele os havia deixado e acumulavam uma fina camada de poeira. – Pegue esse livro aqui, por favor?

Ela sacou o livro e viu o desenho colorido na capa.

– Dê ele ao Léon também. Esse foi o primeiro livro que eu li, quero que ele fique com ele.

– Tudo bem, acho que ele vai adorar.

– Tenho certeza que vai. Nós vamos continuar a ler quando você voltar?

– Podemos continuar amanhã? É que eu estou com um pouco de dor de cabeça.

Leroy assentiu, silencioso. Mas Marie percebeu que havia um quê de impaciência no seu rosto, apesar do sorriso insistente.

Ela prometeu a si mesma que nunca mais mentiria para Leroy, mas também não podia permitir que ele se fosse tão depressa assim. Tentaria evitar aquele momento com todas as suas forças e seria tão discreta quanto possível, já que também não podia permitir que Roy se aprofundasse outra vez em pensamentos obscuros.

Ela foi até a casa de Léon e lhe entregou os pertences que Leroy deixou para ele. Léon soluçou um pouco no ombro dela e eles conversaram por alguns minutos. Os pais de Marianne receberam as cartas do namorado da filha, disseram que a garota estava em um dos seus “dias ruins” e Marie compreendeu que seria melhor que ela não visse a ex-cunhada. Então, Marie foi até a minúscula casa de Aloys e tocou a campainha quatro vezes, antes que o tio dele resolvesse atender a porta, com uma cara inchada de poucos amigos. Aloys apareceu logo em seguida, para o seu alívio. O tio dele entrou e os deixou sozinhos do lado de fora. Aloys tentou recusar a bicicleta quando ela lhe ofereceu, Marie insistiu o máximo que pôde e acabou saindo vitoriosa no final, como sempre saía, mas não antes que ele lhe contasse toda a história por trás da sua própria bicicleta arruinada e das suas muletas. A garota não sentiu raiva de Aloys quando soube as coisas horríveis que ele havia feito, sentiu-se apenas ainda mais orgulhosa do irmão. Leroy havia enxergado a pessoa que havia por trás daquele valentão com cabelo de soldado alemão, a pessoa que agora chorava ao desabafar para Marie tudo o que estava guardado dentro dele. Por fim, ela lhe deu um abraço bem apertado, assim como seus pais fizeram tantas vezes quando ela era pequena e fazia algo errado sem querer.

Somente no dia seguinte, após almoçar com os pais e com o irmão vigilante, que ficava de olho em cada garfada sua lá do sofá da sala, foi que Marie foi convencida por Leroy a retomar a leitura.

Porém, desta vez ela sabia que tinha de se concentrar menos na história e mais na quantidade de páginas lidas. Quanto mais controlasse o ritmo de leitura, mais tempo poderia aproveitar ao lado do irmão. Seu cérebro já havia elaborado uma desculpa perfeita!

Solon costuma me dizer que sou muito indeciso, mas acho que ele talvez não esteja certo. Não sei por que, mas acho que não está. E Sibylla diz que preciso começar a participar mais, mas ainda não sei se entendi o que ela quis dizer com aquilo. Ela sempre quer dizer tantas coisas quando fala alguma coisa...

Quando retornei para casa, resolvi que devia participar mais e fui em busca de alguém que pudesse ajudar. Pois acho que, para participar, você não deve estar sozinho. Fui atrás de Sibylla, mas ela havia ido ao mercado com sua melhor amiga, Iô, e duas de nossas criadas para ajudar a carregar as compras. Fui então verificar se Nestor precisava de alguma coisa. Nestor era um dos empregados da nossa casa. Desde pequeno, sempre foi o meu favorito, ele tem um senso de humor “ousado” (como dizem os meus pais) e é engraçado. Nestor era responsável pelos jardins, mas, de vez em quando, também gostava de ajudar a tratar dos nossos cavalos porque ele foi criado numa fazenda de cavalos nas terras livres do sul. Primeiro, ele ficou intrigado com a minha súbita intenção em tentar ser útil, depois, disse: *isto não é trabalho para o jovem mestre da casa* e dispensou a minha ajuda, acho que ele estava zombando de mim porque achou que eu estava zombando dele primeiro. Dei de ombros e fui atrás dos outros criados, mas nenhum deles precisava de mim.

Então fui assomado pelo tédio dos dias anteriores e disse a mim mesmo que morreria se visse algum livro com números na minha frente pelo resto da semana.

Saí de casa para um passeio. Um passeio de verdade, desta vez. Fiz questão de deixar minha bolsa de objetos roubados guardada no meu quarto. Era uma tarde ensolarada e quente, o tipo de clima que não me agrada muito, pois detesto a sensação do suor escorrendo pela minha pele, principalmente na região embaixo do nariz e acima dos lábios – não sei como se chama essa região.

Caminhei pelas sombras, mas não do jeito furtivo de sempre, simplesmente caminhei como qualquer pessoa caminha quando quer somente caminhar. As mãos dentro do bolso, os joelhos se movendo sem pressa e o pescoço girando de vez em quando, observando o que havia de diferente ao redor. Deixei que meus pés guiassem o caminho e acabei chegando a um parque.

A República de Asmos era incrivelmente arborizada. O Ministro da Natureza era um tanto fanático por árvores e plantas – como era de se esperar de um Ministro da Natureza – e fazia questão que houvesse uma população três vezes maior de árvores do que de pessoas e isso tornava bem difícil perceber quando se havia chegado a um parque genuíno. A única diferença era que os parques não eram pavimentados, eram algumas das poucas regiões naturalmente coloridas da cidade, com seus extensos gramados verdejantes e jar-

dins repletos de florezinhas de todas as cores. Sentei-me num banco de mármore e observei a água do pequeno lago vibrar com os peixinhos que vinham à superfície para devorar pedaços de pão que as crianças lhes jogavam.

Eu me perguntei onde estaria Bion... Talvez ele estivesse mais perto do que eu imaginava, observando todos os meus movimentos e aguardando meus próximos roubos. Roubos que não aconteceriam tão cedo... afinal, eu estava desanimado e a culpa era toda dele.

Ouvi um miado fininho e olhei para o lado.

Uma mulher muito idosa sentou-se ao meu lado e sorriu para mim. Como meus ouvidos permitiram que alguém se aproximasse tanto sem que eu percebesse? Intrigante... Mesmo quando desviou o olhar, a senhora ainda sorria. Tinha um gato muito pequeno dentro de uma cesta de palha, ele tinha o pelo completamente branco – o que, por mais incrível que possa parecer, não me causou enjoo algum, como a cor branca sempre me causava. Os olhos dele eram castanhos e muito redondos.

Ele tem nome?, perguntei. A mulher me fitou, aquiesceu e fez um cafuné na cabecinha do bichano. *Sim, seu nome é Mikros. Ele nasceu há poucos dias.* Ergui as sobrancelhas para mostrar que eu estava surpreso, como as pessoas sempre fazem só para agradar os outros, e soltei um murmúrio qualquer, concordando. Em seguida me arrependi por ter puxado assunto, porque não tinha mais o que falar. De qualquer maneira, eu estava só tentando seguir o conselho de Sibylla. *Hoje está quente demais, não?*, comentei e abanei o meu rosto com as mãos. A idosa olhou para o céu, ainda sorria.

Sim, está bastante quente, ela disse, com sua voz senil. *Bastante*, eu concordei, *mas nunca estamos satisfeitos com o tempo*, e dei uma risada. Ela riu junto comigo. E então disse: *Ah, mas isso também é verdade. Se olhássemos para cima procurando somente o azul do céu, acabaríamos encontrando um lado nosso que nunca chegamos a conhecer. Nós fazemos parte de tudo isso e só o que temos que dar em troca é um pouco de gratidão*, ela sacudiu suavemente a cabeça, *Mas preferimos só reclamar*.

É verdade, a natureza é infinitamente linda, eu disse. *E nós fazemos parte dela*, a mulher comentou. *Mas haverá um tempo em que todos agradecerão pela luz do dia, que é um presente do céu para nós. Quando esse tempo chegar, espero que não seja tarde demais e esta luz ainda não tenha se apagado*, disse a senhora. Franzii a testa, confuso. *Como assim?*

O sorriso dela se desfez e ela se levantou, a cesta pendurada em um dos braços e a mão livre acariciando as orelhinhas do felino. *Tempos de escuridão estão por vir*, e, como

se tivesse percebido alguma coisa errada, voltou a sorrir. *Então temos que nos apressar e aproveitar o dia de hoje. Adeus, meu jovem.*

Adeus, senhora, eu murmurei enquanto meus pensamentos tentavam descobrir se havia algo a mais por trás daquelas palavras. Nunca contei a ninguém sobre a minha estranha conversa com aquela velha mulher, mas também nunca me esqueci das suas palavras obscuras. Eu ainda não sabia, mas os tempos de escuridão estavam muito próximos. Mais do que eu podia imaginar...

Um jardim de recordações

Quando Marie fechou as páginas e fitou o rosto de Leroy, mal pôde perceber alguma diferença no aspecto geral do irmão. Ele ainda tinha uma aparência um tanto translúcida, mas sem grandes mudanças desde a leitura daquelas poucas páginas. Roy estava prestes a perguntar se seria só aquilo por hoje quando Marie previu suas palavras e pensou mais depressa.

– Roy, acabei de me lembrar de uma coisa.

– Do quê?

– Durante a última semana de provas os professores nos deram uma lista gigante de exercícios.

– Sério? Vocês acabaram de entrar de férias... – ele disse com um ar perplexo.

Marie franziu os lábios e fez um gesto de resignação com as mãos.

– Dá pra acreditar? – ela pronunciou o mais desanimadamente que conseguiu. – E são nada menos que duzentos e cinquenta exercícios, de todas as disciplinas! Disseram que era um tipo de exame vocacional para a faculdade.

– Para a faculdade? Mas ainda restam dois anos até a faculdade.

– Foi exatamente o que eu pensei. Fazer o quê? – ela deu de ombros e bufou, como se aquilo a aborrecesse muito. – Você se importa em me ajudar com alguns desses exercícios?

Ele ergueu as sobrancelhas, intrigado.

– *Você precisa da minha ajuda?*

– Normalmente não, você sabe... Mas tem um monte de exercícios de matérias que eu ainda nem aprendi. Não sei o que eles querem provar com esse teste idiota, só sei que se tirarmos uma nota alta ele pode nos ajudar futuramente. Foi isso o que eles disseram – a garota explicou, colocando ligeiramente o livro do irmão sobre a escrivaninha. Não foi um movimento tão discreto quanto planejava, mas, pelo menos, Roy não fez nenhum comentário. – E então, você vai me ajudar ou vou ter que pedir para a Mirabelle?

Ele demorou um pouco para assimilar a pergunta, sacudiu a cabeça que sim e repetiu alguns oks.

Nas horas seguintes, Marie fez o possível para evitar os exercícios de disciplinas que o irmão não gostava, como matemática e física. Havia um pacote de batatas onduladas em cima da escrivaninha e alguns dos livros escancarados estavam tão maltratados que os vincos das páginas chegavam a rasgar com o toque.

Talvez Marie tenha exagerado um pouco quando disse que não havia aprendido todo o conteúdo daqueles exercícios, ela precisou se esforçar para que o seu raciocínio parecesse mais lerdo que o normal. Roy ficava muito satisfeito toda vez que conseguia ajudar em alguma resposta que a irmã, supostamente, não sabia. O que realmente importava era que estava conseguindo adiar o inadiável, era uma pena que não pudesse aprender a aceitar o inaceitável, pensou ela. De minuto em minuto sua mão escapava para dentro do pacote de batatas e levava uma à boca, quase sem que percebesse.

A ponta do lápis se movia sobre o papel numa velocidade digna de uma criança que aprendia a escrever as primeiras letras. Ela se perguntou se Leroy já teria descoberto a sua lerdice proposital ou se ele nunca soubera que a irmã escrevia incrivelmente depressa, seja como fosse, ele não havia soltado quaisquer comentários, apenas aguardava que ela terminasse de escrever com toda a sua adorável paciência silenciosa. Às vezes ditava e ela escrevia, Marie sabia que ninguém podia superar Roy quando se tratava de paciência.

Lá embaixo, a campainha tocou. Marie não precisava descer para atender a porta, seu pai a atenderia ou, mais esperançosamente, sua mãe. Em seguida ela ouviu passos subindo os degraus e logo mais alguém bateu à porta do seu quarto. Os dois se entreolharam.

Ela não se moveu e três toques de leve soaram novamente na madeira.

– Marie? – a voz chamou e aguardou resposta. – Sou eu, Léon.

Os olhos de Leroy se abriram desmedidamente quando ele ouviu a voz do amigo atravessar as paredes. Marie nunca soube o que se passou pela cabeça do irmão aquele dia, mas, em seus pensamentos mais profundos, ela podia apenas imaginar a estranheza que ele sentiu.

– Estou aqui, Léon – ela disse e ouviu a porta se abrindo com um leve ranger familiar. – Não, não aí. Estou no quarto do Leroy.

A porta estivera fechada até então e, quando ela se abriu timidamente, Marie pôde ver o rosto do amigo. O rosto de alguém que havia corrido de bicicleta no percurso até lá. Lágrimas de alguns minutos atrás se confundiam com as gotas de suor. Os cabelos, antes sempre desgrenhados, estavam penteados para o lado por causa da pele úmida.

– Sua mãe disse que você estava no seu quarto... – ele pronunciou baixinho.

– Minha mãe...?

Aquilo era um sinal de recuperação.

– Estou usando a escrivadinha para estudar – disse ela.

Léon moveu os joelhos, como quem vai dar um passo para frente ou para trás, mas ficou parado onde estava. Seus olhos não desgrudavam dos de Marie, evitando encarar qualquer coisa ao redor dele. Parecia até mesmo se recusar a respirar o vento que corria pela janela e atravessava o quarto até chegar nas suas narinas.

– Eu não sabia que você estava aqui – Léon comentou.

– Eu gosto de ficar aqui.

– Mas eu não...

Ele recuou um passo.

– Tudo bem – Marie disse e mirou o irmão pelo canto do olho, Roy parecia arrasado –, vou ai fora e podemos conversar – ela largou o lápis, levantou-se e foi até o corredor, onde Léon continuava imóvel. – O que houve?

Ela vira o amigo no dia anterior, quando entregou-lhe a pequena herança de Leroy. Hoje Léon parecia ainda pior do que na véspera. Desde que tudo havia acontecido, o que já completava alguns meses, ela acompanhou o rápido desmoronamento do amigo. Ele era como uma grande construção, forte como nenhuma outra, que envelhecia e se degradava sob a própria estrutura.

Léon estendeu a sacola plástica que trazia consigo e entregou-a à garota. Marie sentiu o seu peso e, antes mesmo de abrir, já adivinhou o que havia lá dentro pelo tilintar das moedas de prata. O livro e a chave misteriosa também estavam lá.

– Não posso ficar com essas coisas – ele disse, finalmente. – Vou plantar as sementes do Roy e cuidar da árvore que crescer, mas não posso ficar com as coisas dele.

– Foi ele mesmo que me disse que queria isso... Ele queria...

– Mas eu não quero – ele sussurrou, interrompendo-a. – É estranho tratar dele no passado... Ele estava aqui algumas semanas atrás... Ele estava bem aqui...

O rosto de Léon se esforçava para manter-se forte.

– Eu me lembro dele todos os dias – disse o garoto e fez uma pausa, mordendo o próprio lábio. – Me lembro dele quando vejo o meu vídeo game e quando eu passo pelas ruas que a gente costumava passear. Quando vejo o vinil de coleção que ele me deu de presente há dois anos pendurado na minha parede. Lembro dele antes de ir dormir, porque também tenho medo de fechar os olhos e não acordar mais. Eu me lembro dele quando vejo as nossas fotografias – seus olhos começaram a ficar úmidos – e de quando a gente fin-

gia estar muito feliz só para que a foto ficasse mais bonita, mas a gente estava feliz de verdade.

Marie não disse nada, abaixou o braço e ouviu o som da sacola plástica.

– Não preciso dessas coisas para me lembrar do meu melhor amigo, pode ficar com elas. Tudo o que eu preciso está aqui – ele apontou para a própria cabeça – e aqui – apontou para o peito, perto do coração. – O que ele me deu de mais valioso eu nunca vou perder. Roy me deu o tempo dele perto de mim.

Eles se entreolhavam enquanto as lágrimas caíam.

– Eu só queria saber... Por que ainda dói tanto? – ele pronunciou, o queixo tremia levemente.

Nenhum dos dois pronunciou uma palavra, eles sentiam o mesmo incômodo esquisito no peito, mas o incômodo de Léon devia ser mais forte. Ele não podia ver que Leroy continuava bem na sua frente, não sabia que ele nunca havia saído de lá.

– Por que ele teve que morrer, Marie? Por que tudo deve que acabar desse jeito?

– Eu não sei... – ela sussitou quase sem poder falar. – Não sei...

Léon mirou os próprios pés.

– Posso dar uma última olhada no quarto dele antes de ir embora?

– É claro.

A garota deixou a porta deslizar para o lado e Léon observou vagorosamente tudo o que havia lá dentro. Seus olhos dançavam pelo quarto, brilhando com lembranças que Marie também guardava, algumas eram antigas demais para que ela se recordasse. Aqueles dois eram amigos desde muito pequenos, haviam crescido juntos, suas famílias se conheciam desde sempre. Seus olhos podiam observar tudo, menos os olhos que também o observavam. E um sorriso entristecido veio ao rosto dele antes que sacudisse a cabeça e caminhasse até a beirada da escada.

Hesitou por um instante, desceu os três primeiros degraus e se virou para Marie.

– Roy é meu irmão e você também é – ele disse, desta vez sem sorrisos. – Eu vou estar sempre aqui para o que você precisar. De verdade.

– Você também pode contar conosco, você sabe – ela enxugou os olhos.

– Obrigado.

E desceu o resto dos degraus até lá embaixo. Marie ainda pôde ouvir a voz do seu pai convidando o garoto para jantar com a família esta noite e a voz oscilante de Léon recusando pela primeira vez um convite dos Beaumont. A porta da frente se abriu e se fechou. Leroy estava olhando pela janela quando Marie virou a cabeça. Ela voltou para a es-

crivaninha e sentou-se, só então viu o rosto sério do irmão e a única lágrima que deslizou quando o garoto percebeu que jamais veria o melhor amigo novamente.

– Será que você pode ler só mais um pouco, Marie? – ele pediu, seus olhos ainda vagavam pelo lado de lá da janela. – Eu me esqueci o que acontece em seguida.

Pela primeira vez, Marie percebeu que as palavras que Leroy escreveu eram exatamente o que os dois precisavam. E seus olhos se voltaram para a irmã assim que ela começou a ler.

Fazia cerca de uma semana desde a última vez que vi Bion.

Nunca cheguei a apagar da minha mente o dia em que vi os pés levitantes de Asmos, se é que é possível esquecer uma coisa dessas... Pelo menos, posso dizer que eu já me sentia... bem... mais *protegido* do que na semana anterior. Talvez o tempo tivesse remediado aquela situação que estivera a um fio de se tornar um desastre. E, anote o que eu estou dizendo, seria um desastre que entraria para o repertório das maiores asnicas da história!

Eu também não havia me esquecido da promessa de Bion e confesso que estava ansioso para descobrir o que ele estava tramando.

Saí em longos passeios pela cidade todos os dias – menos durante o sétimo dia, obviamente –, com a esperança de encontrá-lo pedindo esmolas ou roendo um pedaço de pão velho em uma ruela qualquer. Mas aquele homem gigantesco sabia como sumir quando queria. Bion não poderia ser encontrado a menos que essa fosse a sua vontade e, assim, meus passeios e minhas esperanças foram em vão, dia após dia.

Foi durante uma tarde ensolarada qualquer, quando eu estava organizando os bens a serem devolvidos nas próximas semanas e fazendo a conferência na minha lista – havia cento e dezenove devoluções para os próximos seis meses –, que fui subitamente interrompido por um pequeno alvoroço aos gritos lá embaixo. Fechei as portas de todos os meus guarda-roupas, deslizei para a janela mais próxima e olhei para baixo. Três dos nossos criados e minha mãe estavam a alguns passos de distância de um visitante. Os criados traziam em mãos uma vassoura, um atizador de fogo e um varão de latrina, os três cutucavam na direção do visitante como se faz com um animal selvagem, numa tentativa frustrada de afugentá-lo. E minha mãe era a que berrava mais alto, mandando-o ir embora com todo o ar dos pulmões e apontando para a rua além dos nossos jardins. O visitante olhou para cima com sutileza e me ponderou, eu continuava debruçado na janela da minha torre. O visitante era Bion.

Como você sabe o nome do meu filho? Ele lhe deve alguma coisa? Ah, não? Pois então, o senhor ponha-se daqui para fora!, dizia a voz esganiçada da minha mãe. *Vocês três parem já com isso, não sejam ridículos!*, ela ralhou nervosa com os criados.

Pouco antes que minha mãe acompanhasse o olhar de Bion e encontrasse a janela do meu quarto vazia, eu gesticulei uma mensagem para ele na qual me limitava a girar os indicadores e mover os lábios formando a palavra “depois”. E, com isso, Bion virou as costas para os outros, sua sacola imunda de farrapos pendurada pelo ombro, e arrastou-se lentamente para a rua, onde sumiu nas sombras dos outros casarões.

Eu já sabia o que aconteceria em seguida.

Quase pude sentir o chão tremer com as passadas de um mamute (lembra-se do elefante peludo?) sob a forma da minha mãe. Sibylla bateu à minha porta até que eu a abrisse com a expressão mais sonolenta que pude improvisar. *Quem era aquele pedinte?*, ela perguntou, tamborilando o chão com o pé. As mãos pousadas na cintura. *Pedinte...? Que pedinte?*, bocejei. *Não se faça de bobo, Nikodemos. Ele sabia o seu nome, estava procurando por você.* Enruguei a testa e bocejei mais uma vez. *Por mim? Um pedinte? Hmmm... Será que não é daquele lar de caridade que ajudávamos quando eu era mais novo? Eles devem ter o nosso registro lá.* Ela grunhiu irritada enquanto franzia os lábios, como tinha o costume de fazer quando estava aborrecida. *Nunca demos o seu nome em lugar algum. E por que um morador de rua viria te procurar?*

Solon é um Ministro, muita gente fofoqueira deve saber o nosso nome... Mãe, eu juro que não conheço esse pedinte, menti, por mais que detestasse trair a confiança de Sibylla. Ela baixou os olhos e ergueu-os novamente para mim, sacudindo o pescoço com determinação, *Ótimo. Não quero que se envolva com gente desse tipo, você sabe que muitos gostariam de ter tudo o que nós temos. Sei que não é o jeito mais correto, mas temos que escolher muito bem nossas companhias, Niko.*

Fiz cara de interrogação, como se estivesse sendo injustiçado. *Tudo bem, eu entendi.*

Ótimo. Agora, venha almoçar comigo. Seu pai foi convocado novamente para uma daquelas reuniões urgentes, Sibylla também parecia muito aborrecida com aquilo. Talvez fosse por isso que já estava tão irritada. *Alguma coisa muito séria deve estar acontecendo nos Ministérios...* ela murmurou, mais para si mesma do que para mim.

Descemos as escadarias em espiral e almoçamos juntos o pequeno banquete que a nossa cozinheira sempre fazia questão de nos preparar. Elogiei a comida e o aroma equilibrado das especiarias estrangeiras e a mulher inflou suas bochechas gordas ao ouvir minhas palavras. Era uma pessoa adorável, apesar de bater na minha cabeça com uma colher

de pau sempre que eu tentasse experimentar uma receita que ainda não estava pronta. Não sei se a minha máscara de indiferença estava sendo muito convincente, a realidade era que eu não conseguia tirar Bion da minha mente. Ele havia descoberto meu endereço, não que isso tivesse me impressionado... era, na verdade, algo bastante esperado de alguém misterioso do tipo dele. O único problema é que a visita inesperada de Bion quase havia me colocado em apuros, se eu tivesse sido pego de surpresa, acho que teria confessado que eu me tornara amigo de um mendigo fedorento que vivia dentro de uma pedra oca e meus pais garantiriam que meus passeios pela cidade fossem sempre acompanhados por mais alguém. Alguém mais... nobre, talvez...

Não leve meus pais a mal, acho que eles sofreram muito com assuntos que aconteceram no passado. Assuntos que nenhum deles jamais menciona, por mais que ainda se possa ouvir boatos pelas redondezas. Diziam que a nossa casa fora invadida quando eu ainda era muito pequeno e que foi pura sorte que o Ministro da Moeda soubesse manejar uma espada e que estivesse em casa no momento da invasão, pois foi ele, pessoalmente, que afugentou os invasores. Um outro boato, que ouvi de uma criada mais antiga, era que meus pais haviam sido traídos por um amigo muito próximo. Eles eram jovens e, na época, meu pai administrava os negócios de um negociante bem rico, por isso tinham construído esta casa enorme e contratado tantos empregados para trabalhar aqui. Esse amigo dos meus pais vinha de um lugar mais “humilde”, como as pessoas “humildes” gostam de chamar os lugares em que vivem, e enganou meus pais até conseguir roubar tanto dinheiro deles que diziam que ele construiu um pequeno palácio em uma outra República distante. Deve ser por isso que meus pais não gostam de pessoas “humildes”. Vou parar de usar essas aspas, se você não se importar. Só não compreendo por que Sibylla sempre me ensinou que a humildade era a mais digna das virtudes. Às vezes não consigo compreender a minha mãe.

Alguns dias se passaram sem que eu tivesse reencontrado Bion. Aquela situação me deixava com um sentimento de sufoco, pois eu estava sem inspiração para fazer o que fazia de melhor, já que mal podia me aguentar de ansiedade para ver o que o homem tinha para me mostrar.

Foi aí que aprendi que, quanto mais você acreditar que as coisas não podem piorar, mais o universo vai conspirar contra você, só para te provar que você não tem razão.

Eu estava ajudando Nestor a regar algumas flores do nosso jardim, ele estivera muito quieto nos últimos dias. Mesmo assim, eu estava gostando de participar do trabalho dele. É bastante agradável ajudar a manter a vida daqueles que dependem apenas de você ou da chuva. Nestor costumava beber alguns goles de vinho enquanto cuidava das plantas, mas,

ultimamente, ele não bebia nada. Talvez porque estivesse perto de mim e soubesse que detestava o cheiro do álcool, ou, quem sabe, porque estivesse chateado com a minha presença insistente nos últimos dias, sempre disposto a ajudá-lo. Eu não sabia se estava atrapalhando de alguma forma...

Naquele mesmo dia, descobri que nenhum desses era esse o motivo do seu silêncio.

Vou embora, Niko, ele me disse e meu queixo caiu. *Como assim, vai embora?*

Ele não me olhou, apenas continuou a arrancar alguns ramos de visco dos galhos de uma árvore para fazer chá para a minha mãe, ela não estava se sentindo muito bem aquela manhã. *Lembra-se do meu filho, Silas?*, ele indagou. Silas era um menininho de uns cinco anos que vinha visitar o pai toda semana, ele vinha acompanhado da mãe, a esposa de Nestor. Silas adorava derrubar objetos de lugares altos, um gosto bem perigoso. *Lógico que me lembro, aconteceu alguma coisa com ele?* Nestor negou. *Estou com saudades dele e de Megaira. Preciso voltar para casa, Niko...* ele murmurou desanimado. Aquela conversa não estava conseguindo me convencer.

Mas como você vai conseguir sobreviver sem o dinheiro do seu serviço? Não foi por isso que você aceitou vir morar aqui?, retruquei emburrado. Ele concordou. Com o que eu não sei, mas somente concordou e ficou calado por uns instantes. Eu era pequeno quando Nestor foi contratado pelos meus pais para tratar dos nossos jardins, ele devia ter uns quinze anos na época. Querendo ou não, acabamos crescendo juntos e Nestor se tornou meu único amigo. Quando Silas nasceu, meus pais ofereceram o dobro do pagamento que estava recebendo, desde que viessem morar conosco. Megaira, sua esposa mal humorada, recusou e continuou vivendo na periferia enquanto Nestor se mudou permanentemente para a nossa casa.

O pai de Megaira nos conseguiu terras no leste há alguns anos, não sabíamos disso até a semana retrasada, mas ele esteve construindo uma casa em homenagem a Silas. Vou poder viver onde sempre quis, Niko. Vou poder plantar flores e legumes e viver em paz ao lado da minha família. Vou ver meu filho crescer e comer a comida da minha esposa depois de um dia inteiro de trabalho no campo, vou sentir o gosto das coisas que eu mesmo plantei e também quero ensinar Silas a plantar quando ele crescer. O meu sonho se realizou, Niko, quando ele olhou para mim, estava com os olhos cheios de lágrimas.

Não pude deixar de sorrir e felicitá-lo apesar de o meu peito estar apertado e eu também ter sentido vontade de chorar. Nestor foi embora no mesmo dia. Meu pai deu-lhe um presente de despedida generoso e Nestor garantiu que retornaria para nos visitar assim que pudesse, afinal, ele passou metade da sua vida trabalhando na minha casa e nunca con-

seguiríamos romper os laços de amizade. Ele também me disse que esperava uma visita minha na próxima primavera, quando o desabrochar das flores que ele plantaria já estivesse no auge da sua beleza.

Foi duro ver meu amigo partindo em uma carroça cheia de sacolas e mantimentos para viagem e dando adeus ao longe. O presente de Solon foi um de nossos melhores cavalos, aquele que Nestor viu nascer e ajudou a cuidar com o carinho de um pai atencioso, o mesmo cavalo que agora puxava a carroça de Nestor e que, em poucos dias, estaria correndo livremente nos campos floridos das suas terras no leste.

Lá se vai um bom rapaz, suspirou Sibylla. *Lá se vai meu melhor amigo*, eu me lamentei, fazendo força para não chorar. *Precisamos de um novo jardineiro*, Solon sempre foi o mais objetivo e pragmático da família.

A solução para aquele imprevisto surgiu naquela mesma tarde, com a chegada oportuna de um novo jardineiro se oferecendo para cuidar das flores que pareciam “um tanto tristes”, como ele mesmo descreveu. Solon dirigiu o homem imediatamente para o seu escritório onde passou algum tempo interrogando o homem e, por fim, acabou por contratá-lo.

Ele não tinha referências, não tinha família e nem dinheiro para comer no dia seguinte, mas adorava cuidar de plantas. Não posso dizer que não conheço meu pai bem o suficiente para saber que Solon jamais contrataria alguém assim tão de repente. Eu precisava investigar aquele sujeito.

Só que, de alguma forma, apesar da estranha coincidência que aproximou aquele homem da nossa casa, eu mesmo não conseguia duvidar que ele fosse algum tipo de oportunista.

Ele era alto. E quando eu digo que alguém é alto é porque a pessoa é realmente gigante, certamente ultrapassava dois metros de altura, devia ser mais de uma cabeça maior do que eu. Tinha os ombros largos e braços musculosos de quem trabalhava duro há muitos anos.

Nós três nos reunimos no jardim para verificar o trabalho do homem, antes de fechar contrato com ele. O sujeito não tinha ferramentas, por isso meu pai lhe entregou as que Nestor usava antigamente, antes que ele tivesse comprado seu próprio conjunto de pás e alicates de jardinagem. *Obrigado, mas não precisarei de ferramentas para mexer com a terra*, o homem recusou polidamente. *E como pretende arrancar as ervas daninhas e cortar as galhos secos?*, minha mãe inquiriu de sobrelhas levantadas. *Minhas mãos*, o homem respondeu sem olhar para cima.

O jardineiro enfiou uma das enormes mãos na terra e sua mão se tornou um vaso cheio de terra para uma pequena flor murcha que não conseguira se desenvolver, pois as flores maiores estavam cobrindo a luz do sol. Sibylla e Solon se entreolharam, intrigados, mas eu mantive os olhos bem fixos nas mãos do homem.

Ele pegou uma pitada de areia, que trazia dentro de uma bolsinha presa no seu cinto, e polvilhou os grãos sobre a minúscula flor, depois regou e enterrou-a novamente num espaço mais aberto. Fez o mesmo processo com todas as flores definhando que pôde encontrar, meu pai elogiou o seu trabalho e foi pegar um cavalo no nosso estábulo, pois precisava sair para trabalhar. E minha mãe disse que ia inspecionar o jantar, mas não antes de convidar o jardineiro para almoçar conosco aquela noite, afinal aquele seria o seu jantar de boas vindas.

Mas, francamente, eu não estava com vontade alguma de comemorar...

Na manhã seguinte, acordei mais bem humorado que a maioria dos dias. Separei três bens para devolução e joguei-os na minha bolsa. Saí bem cedinho, antes que mais alguém estivesse acordado, e realizei todas as devoluções em menos de duas horas.

Não retornei para casa assim que terminei o meu serviço, considerei se estava com vontade de roubar alguma coisinha na rua ou invadir um lar e privar alguém de um objeto precioso, mas logo constatei que o que eu queria mesmo era encontrar Bion e me desculpar pelo incidente ocorrido na semana anterior. É claro que eu também tinha a intenção de descobrir qual era o “algo inesquecível” que ele estava planejando me mostrar.

Vaguei pelas vielas menos movimentadas da cidade e também por algumas das avenidas mais tumultuadas, mas Bion não estava em lugar algum. Aquele parecia mais um dia infrutífero de busca. Desanimado e cansado, voltei para casa antes do almoço.

No entanto, quando atravessasse nossos jardins, vi o jardineiro regando a terra e ele acenou para mim. Acenei de volta e caminhei mais devagar enquanto dava uma espiada discreta nas flores que ele havia tratado no dia anterior. Era impressionante! As folhas secas se revigoraram e voltaram a ser tão verdes quanto sempre foram, as mudas murchas haviam crescido alguns centímetros e, algumas delas, estavam começando a desabrochar. O jardim inteiro parecia mais colorido e perfumado do que nunca!

E o homem apenas continuava a regar as flores, como se fazer o impossível acontecer fosse apenas parte do seu trabalho.

Caramba, como você fez isso?, eu me aproximei dele e perguntei. Ele não me encarou e também não sorriu, acho que é importante mencionar isso porque ele ainda não havia sorrido ou demonstrado que tinha sentimentos até então. *Isso o quê?*, ele perguntou. *As flo-*

res! O jardim inteiro! Você deu uma nova vida para esse lugar! Olha só isso! Respirei fundo e senti o aroma perfumado que rodopiava no ar, uma brisa fresca soprava contra as plantas e voltava para o meu rosto.

O jardineiro soltou o regador e olhou para o céu. A vida já estava aqui quando eu cheguei, estava por toda parte. Tudo o que tive que fazer foi dar-lhe uma nova forma para que todos possam vê-la como querem ver. Aquelas palavras tinham sido bem poéticas e, de alguma forma, mexeram um pouco com o meu julgamento sobre aquele homem. Ele parecia uma boa pessoa. Acho que não nos apresentamos ontem, eu estendi a minha mão e ele a apertou com firmeza, mas não o suficiente para esmagá-la, devo dizer, ele parecia conhecer a própria força. Nikodemos, mas você pode me chamar de Niko.

E o homem assentiu e, só então resolveu me encarar. Fiquei paralisado. Aquela brilho no olhar... Fui sugado para outro lugar e minhas energias começaram a escapar pelas orelhas, pelo menos foi isso o que eu senti no momento em que ele pousou seus olhos escuros em cima de mim. Aquela não era apenas um olhar familiar... Eu o conhecia e conhecia muito bem! Devem ter sido meus olhos e a minha falta de foco em coisas grandes, eu devia ter percebido alguma semelhança. Então, foi ele quem se apresentou: E você pode continuar me chamando de Bion...

– O jardineiro era Bion o tempo todo?

– É o que parece – riu Leroy sentado na cama.

– Puxa... Mas como o Niko não percebeu? Quero dizer, ele *conhecia* Bion! Não devia ser muito difícil reconhecer um homem daquele tamanho – comentou Marie surpresa.

– Você só vai descobrir se continuar a ler.

Marie fechou o livro e abriu um sorrisinho.

– Minha garganta está começando a doer – mentiu. – Você se importa se a gente só continuar amanhã?

– Tudo bem – ele disse, sua voz saiu tão baixinha que mais parecia um sussurro.

Marie guardou todos os seus livros da escola e levou-os para o próprio quarto, largou-os ao lado do seu antigo ídolo, o computador portátil, que já acumulara uma fina camada de poeira por conta do abandono. Ela pretendia usar aqueles exercícios para interromper a leitura outras dezenas de vezes, afinal, ainda tinha centenas deles para resolver.

Sua dor de garganta durou mais um dia inteiro, no dia seguinte. Ela pretendia fazer com que durasse mais um ou dois, mas não podia permitir que Roy voltasse a se afundar em pensamentos sombrios. Conversaram muito aquela manhã, antes que Marie descesse

para almoçar a macarronada que a sua mãe havia preparado (o que era um avanço surpreendentemente rápido, quando se tratava de uma depressão pós-traumática). O gosto não estava dos melhores, mas não faltaram elogios, tanto por parte de Julien quanto por parte dela, e Sophie quase chegou a abrir o rosto num sorriso, então lembrou-se que macarronada ao molho branco com espinafre era um dos pratos favoritos do filho e começou a choramingar baixinho.

Marie lavou toda a louça, incluindo as panelas, e subiu para o quarto de Leroy, onde ele já a aguardava sentado na cama, os olhos atentos em cima do próprio manuscrito. Ele ficou radiante ao ouvir a voz da irmã lendo as palavras que havia escrito há tanto tempo, quase se podia sentir o cheiro das flores no jardim.

Capítulo Quinze

Estrelas na janela

B-Bion?!, balbuciei boquiaberto. *Quer dizer, aquele Bion?*

O homem aquiesceu suavemente. *O mesmo de sempre*. Eu estava confuso... Como aquele homem podia ser o Bion que eu conhecia? O mendigo maltrapilho, fedorento, barbudo, desgrenhado e com manchas escuras na pele? *M-mas... C-com-mo...?*, tornei a balbuciar. *Da mesma forma que você sempre continuará sendo você*.

Eu não havia percebido aquele olhar... Como eu não havia reparado aquele brilho no olhar? Que tipo de idiota eu era? Bem, ainda não descobri isso... Mas só então me dei conta de que o jardineiro andava desleixadamente como Bion, movimentava as mãos da mesma forma quando se locomovia, falava da mesma maneira, apesar de a voz ter se livrado um pouco da rouquidão, e o nariz parecia o mesmo. O rosto estava muito bem barbeado, a pele não tinha manchas escuras e doentes, as unhas continuavam grossas e amareladas, mas agora também estavam cheias de terra então não fazia muita diferença. Era difícil acreditar que aquele homem era o mesmo que eu conhecia, mas também era difícil aceitar que eu não havia percebido todas aquelas semelhanças.

Quem em toda a República de Asmos era tão alto quanto Bion? Provavelmente só os avianos. E eles jamais se dignavam a ficar ao lado dos homens, tinham asas justamente para voar acima das nossas cabeças.

Quando comecei a raciocinar, percebi que tudo o que havia acontecido com Bion fora um banho reforçado (ou quem sabe mais de um), um barbear e um corte de cabelo. Nada mais. Bem, pelo menos não em relação à sua aparência... *Espera ai...* eu cochichei enquanto refletia sobre tudo aquilo. *Eu devo acreditar que a partida de Nestor e a sua chegada para tomar o lugar dele são só uma coincidência?*

Tudo na vida é só uma coincidência. A vida e a morte são coincidências. A luz e a escuridão. O amor e o ódio. Se a coincidência deixar de existir, então a própria essência das coisas também deixará.

Bion, sem enigmas agora, por favor?

Ele piscou algumas vezes, tentando assimilar as minhas palavras, e se ajoelhou no jardim. Segurou com delicadeza as pétalas de uma flor, *Você acha que esta planta só existe*

porque havia terra embaixo dela?, ele me questionou. *É lógico que sim, plantas só nascem na terra.* Ele concordou com a minha resposta óbvia. *Agora vou inverter a ordem das coisas. Você acha que a terra só existe para que as plantas possam nascer?*

Não, não acho, mas tenho certeza de que você vai tentar me provar o contrário.

Ele se levantou e soltou um suspiro sossegado. *Não, Nikodemos, não vou. Estou aqui agora porque este é o lugar onde devo estar. Quando você compreender o que é uma coincidência, também compreenderá tudo o que desejar compreender*, ele fez uma pequena pausa e apanhou o regador metálico do chão. A sombra colossal do palácio flutuante consumiu a cidade lentamente, era meio dia. *Você gostaria de dar um passeio depois do almoço?*, ele me indagou. Respirei fundo e concordei com a cabeça, tentando parecer contrariado, mas Bion não se incomodou com a minha falta de educação e somente saiu andando para os fundos da casa, onde ficava a entrada dos empregados.

Não sei o que passou pela minha cabeça quando fiz aquele comentário sobre a coincidência de Nestor ter ido embora só para Bion tomar o seu lugar... Eu estava atordoado. Atordoado pela repentina aparição de Bion e pela partida inesperada do meu único amigo. Nestor foi embora porque era isso o que ele queria, foi uma decisão inteiramente dele. Bion não tinha nada com isso. Não podia ter. Era muito injusto, da minha parte, fazer esse tipo de especulação. Por mais que a coincidência ainda fosse gritante...

Jantei ao lado dos meus pais e eles conversaram sobre alguns assuntos aleatórios, um dos quais era a aparição oportuna de um novo jardineiro justo quando o anterior havia pedido demissão. *As pessoas precisam trabalhar*, disse Sibylla, depois de mastigar uma pequena garfada, *e quando se precisa trabalhar para sobreviver, todo tipo de gente corre atrás da primeira vaga que encontrar.* Fiquei calado enquanto a conversa progredia, foi bem difícil esconder um sorriso acusador que teimava em surgir no meu rosto.

Eu adoraria ver a cara de Sibylla se ela descobrisse que, no final das contas, meu pai contratou o mesmo homem que ela havia afugentado aos berros na semana anterior. Ela ficaria em choque.

Logo após o almoço, Bion e eu nos encontramos numa rua próxima à minha casa, onde nenhum dos criados nos veria andando juntos, pois isso seria suspeito demais e minha mãe logo seria informada da minha mais recente amizade com o nosso misterioso jardineiro. *Preciso levá-lo a um lugar um pouco distante, você se incomoda em ter que caminhar?*, ele me perguntou. Respondi que não, afinal, eu já estava acostumado com longas caminhadas, isso era o que eu mais costumava fazer durante as minhas “expedições”. *Para onde estamos indo?*

Para a periferia, ele respondeu, sem rodeios. E o que vamos fazer na periferia?. Me privei de acrescentar que aquele era um lugar perigosíssimo e cheio de gente com más intenções, há pouco tempo Bion ainda era um mendigo e nem em um lugar obscuro daqueles ele teria condições de viver. Vamos observar. Você verá quando chegarmos lá.

Devo dizer que detesto surpresas. Acho que todo ladrão que se prese detesta surpresas... Só que aquela não seria uma surpresa qualquer, seria uma surpresa de Bion e isso só podia significar algo realmente inesquecível!

Ele deu preferência para as ruas mais estreitas, onde quase se podia tocar as paredes de duas casas opostas quando se abria bem os braços. Eu me sentia mais confortável ao caminhar pelas sombras, longe da brancura azeda da cidade e dos raios quentes que vinham do céu aberto. *Bion, eu chamei. Eu queria me desculpar pelo jeito que você foi recebido outro dia. Minha mãe é um pouco desconfiada com gente que ela não conhece... acho que ela foi surpreendida quando você apareceu.*

Tudo bem, Nikodemos. Estou acostumado a ser tratado dessa forma. Tudo bem.

Não acho que esteja tudo bem, Bion... Você é um homem inteligente e conhece muitas coisas, fala muito bem, é gentil e educado, você não merece ser tratado como... como um qualquer... Bion ficou em silêncio ao ouvir o meu desabafo emocional. Eu esperava que não estivesse sendo indelicado de alguma forma, é claro que o que eu pretendia era justamente o contrário. Mas nunca fui muito bom com elogios. E se eu não fosse tão inteligente quanto você diz, se falasse precariamente e não fosse educado?, ele disse num tom curioso. Ah, eu sei lá... Estou falando de como você é e não de como podia ser.

Ele moveu a cabeça algumas vezes e dobrou uma esquina. *É mais simples julgar pelo que os olhos enxergam do que tentar enxergar a verdade que há por trás da visão. Quando se quer ver algo bom em alguma coisa, basta prestar a atenção e algo bom você verá. Você devolveu algum pertence hoje?* Eu ainda estava refletindo sobre o que ele disse antes de me dar conta de que aquilo fora uma pergunta.

Sim. Três devoluções. Bion, você acha que a minha mãe ficaria arrependida se soubesse que você é o mesmo homem que ela expulsou há alguns dias? O homem deu de ombros levemente e grunhiu um pigarro para limpar a garganta. *Você quer dizer, arrependida pelo modo como me tratou ou arrependida por não ter percebido que eu era a mesma pessoa, ou porque permitiu que um mendigo como eu fosse contratado?*

Hã... Hmmm... Primeira opção, respondi. Nas duas últimas eu tenho certeza de que ela ficaria arrependida.

Talvez, ele me disse. Mas essa especulação só é importante se você decidir contar para ela. Eu parei no meio do caminho e franzi as sobrancelhas, magoado. Bion, não vou contar nada a ninguém. Está me ouvindo? Ele também parou de mover as pernas e olhou para mim. Posso ser um ladrão, pronunciei essa palavra quase sem emitir som algum, mas tenho a minha própria dignidade.

Eu não me importarei se você contar a verdade para a sua mãe. Essa é uma escolha sua. Ele lembrava uma estátua parada, só o queixo se movia ao falar e, eventualmente, os olhos piscavam. É uma escolha errada. Eu arruinaria o seu emprego se fizesse isso, você sabe muito bem disso. É só que... Eu ainda acho muito estranho tudo isso... Quero dizer, desde quando você é jardineiro?, perguntei, por mais que, logo em seguida, eu tivesse me arrependido por ser um idiota tão insistente. Você já deve ter percebido que sou bastante impetuoso com as palavras, esse é um defeito que ainda tenho que aprender a controlar. Desde ontem, ele replicou. Desde ontem, é?

Sim.

Então qualquer um pode ser um ótimo jardineiro do dia para a noite, é isso o que está querendo me dizer? Essa também é uma coincidência, assim como a partida de Nestor?, eu quis saber. Estava nervoso, muito nervoso, mesmo que soubesse que Bion não devia ser culpado pela minha mais recente infelicidade. Qualquer um pode ser o que quiser, basta se convencer disso. Podemos continuar?

Ainda não, eu retorqui, antes que ele pudesse me dar as costas e voltasse a caminhar. O que você quer com isso, Bion? Por que foi trabalhar na minha casa se nem era jardineiro? Ele não voltou a me encarar com aquele olhar profundo, mas abaixou a cabeça e cruzou os braços. Você pergunta demais e pensa de menos. Já se perguntou por que você aceitou o meu convite para virmos à periferia? Justamente para o lugar que seus pais te ensinaram a evitar?

Claro que já me perguntei. Não é nada de mais, é só porque eu estou curioso, oras... E o que isso tem a ver com pensar de menos?

Por que você desobedeceu os ensinamentos dos seus pais?, ele quis saber, não movia um músculo e nem fitava o meu rosto. Porque eu estou curioso, respondi. E por que a sua curiosidade supera os valores que eles te ensinaram?

A minha curiosidade não supera os meus valores..., respondi, me sentindo encurralado. E ele disse: Então pretende dizer a verdade sobre o lugar em que estou prestes a levá-lo e a verdade sobre mim caso algum deles lhe pergunte? Você pretende arriscar o nosso acordo ao preservar o valor da verdade? Ou a sua curiosidade falará mais alto?

Não sabia o que responder, eu era como um animal preso numa armadilha enquanto um predador tranquilamente se aproximava. *Você vê? Perguntas demais, respostas de menos. Quando você conseguir responder a si mesmo seus próprios questionamentos, eu lhe responderei os meus. Agora, vamos continuar?*

Senti meu estômago doer como se tivesse levado um murro. Consentii e caminhei logo atrás dos passos pesados de Bion enquanto minha cabeça conspirava contra ele e contra todas as verdades que ele havia dito sobre mim, sem nem mesmo me conhecer.

Alguma parte de mim sabia que ele era uma pessoa mil vezes melhor do que eu e, apenas por isso, continuei a segui-lo ao invés de fazer o caminho de volta para casa e me trancar no meu quarto pelo resto do dia.

Até mesmo nas ruas mais silenciosas se podia ouvir o barulho de gente, conforme nos aproximávamos das regiões mais “humildes” da República. Opa... ignore as aspas. Quando eu estava ao lado de Bion, o tempo parecia passar num ritmo diferente. Às vezes não saía do lugar, às vezes disparava, feito uma flecha. Quando eu menos percebi, estava ouvindo o som do acordeão que um velhinho tocava na porta do seu minúsculo casebre de madeira pintada de branco. As pessoas passavam, algumas andavam descalças e curvadas, outras carregavam jarros de cerâmica nos ombros ou sacolas de pano envelhecido para transportar mantimentos, algumas jogavam moedas para o homem que tocava acordeão, outras, assim como eu e Bion, passavam reto e sequer olhavam na direção dele, como se o velho homem fosse nos amaldiçoar por não dedicarmos alguns míseros centavos à sua música.

O que nós viemos observar? Ou quem?, perguntei. *Está certo... esqueci que faço perguntas demais. Acho melhor eu pensar numa resposta primeiro e depois te conto, para que você me diga que eu estou certo.* As maçãs da face de Bion se moveram ao ouvir a minha provocação e eu não consegui perceber se ele estava sorrindo, mas seu rosto parecia diferente. Mais alegre... do jeito dele.

Por que você nunca sorri, Bion? Ele ergueu as sobrancelhas e me espiou de esguelha. *Quando você pensar essa resposta eu te direi se você estiver certo.* E fui eu que dei uma risada com a resposta que ele me deu, por mais que uma parte de mim também quisesse pular no pescoço dele. Bion era um homem cheio de enigmas, cada vez mais eu queria descobrir o que ele tinha a esconder de todo o mundo. *Não... é sério agora, Bion. O a gente veio observar?*

Eu vim observar você e você veio observar o destino de uma pessoa.

O destino, é? De que pessoa?, questioneei, com a intenção de irritá-lo, mas, pelo visto, isso era algo impossível. *Não sei. Descobriremos quando chegarmos lá.*

Lá aonde?, eu perguntei e ele simplesmente continuou caminhando. Só resolveu me dar uma resposta após uma pequena pausa, espiando algo no céu, algo que devia estar muito além do palácio de Asmos. *Não sei. Descobriremos quando chegarmos lá.*

Os poucos casebres de pedra se sobressaíam nas ruas abarrotadas de barracos de madeira tingida de branco. Aquele lugar me assustava. Eram pessoas como eu, caminhando como eu... Algumas arrastavam os pés com suas sandálias arrebitadas, outras mancavam um pouco... Mas ainda eram apenas pessoas e eu só conseguia vê-las como se fossem animais que haviam adquirido apetite por carne humana.

A nossa Terra da Justiça e da Verdade não parecia tão justa por aquelas bandas, a periferia da República era um lugar praticamente abandonado pelos nossos líderes. Algumas casas haviam evidentemente se recusado à cor branca e mantinham o aspecto natural da madeira crua, algumas ruas eram de terra batida ao invés do revestimento impecável que se via por toda a República, havia montes de lixo acumulados nos fundos das casas, o que ia contra o ideal de limpeza que o povo asmosiano tanto venerava. Pela segunda vez, desde que Bion me levou para a toca de pedra, nos bosques para lá da República, eu me senti muito distante de casa, mas agora eu também me sentia triste.

Eu era como um diamante brilhando numa imensidão de pedrinhas sem cor. As pessoas me olhavam quando eu e Bion passávamos. Como podiam deixar de reparar em mim? Eu usava roupas de um tecido diferente, meu corte de cabelo era diferente, meu cheiro era de espuma de banho e fragrâncias, coisas que aquela gente desconhecia. Eu era um contraste limpo e branco caminhando pelas ruas mais sujas e renegadas que já vi.

O som do acordeão se distanciou aos poucos até que sumiu ao som dos nossos passos. Mas logo pude notar que outros ruídos musicais se aproximavam. Ou melhor, éramos nós que nos aproximávamos deles. Era o som de tambores que praticavam um ritmo que não fazia muito sentido, era desorganizado e, às vezes, parecia uma marcha militar.

Cerca de quarenta carroças com rodas reforçadas formavam um círculo ao longo de uma imensa praça, sobre cada uma das carroças se estendia um mastro muito alto que se unia aos outros, formando um cone gigante de madeira. O cone era revestido por um tipo de malha feita de couro curtido e palha entrelaçada. Não sei se você conseguiu visualizar do jeito que eu espero que você consiga. Aquela era a primeira vez que vi um circo nômade tão de perto e é algo bem complicado de se descrever. Se você já viu um desses circos, talvez esteja conseguindo imaginar o lugar em que são feitas as apresentações mais bizar-

ras do mundo. Os músicos praticavam com seus tambores do lado de fora da construção pontuda e improvisada. Havia homens, trajando armaduras toscas de madeira, que travavam duelos com espadas de verdade lá dentro. Pensei que lutavam para valer até perceber que estavam apenas praticando golpes ensaiados e combinações bombásticas para o espetáculo noturno. Meu pai dizia que era nesses circos nômades que alguns dos maiores criminosos de todas as quatorze Repúblicas se escondiam, já que podiam viajar de República em República sem serem alvos de suspeitas.

Dizia-se que era preferível trabalhar em um cemitério do que em um circo, pois circos eram o que havia de mais indigno e repugnante em qualquer lugar. Isso era o que eu ouvia desde pequeno... Até aquele dia, nunca havia comprovado com meus próprios olhos a bizarrice que acontecia no picadeiro, por trás das carroças de madeira.

Bion parou atrás de uma das carroças, escondendo-se da luz do dia, e eu fiquei ao seu lado. Estávamos fora de vista. Já passava, e muito, do meio dia, mas a sombra do palácio ainda se derramava sobre a periferia sulista da República. *Este é o lugar*, ele me informou.

Um circo... foi tudo o que consegui pronunciar. Eu me sentia um pouquinho apreensivo por aquelas bandas, não fazia ideia do que devia esperar encontrar por perto. O tintar metálico das espadas se chocando ainda ecoava até os meus ouvidos.

Uma mulher muito grande, maior que qualquer outra mulher que eu já tivesse visto, passou ao nosso lado montada em um pônei minúsculo. A mulher usava uma roupa azul muito apertada e todas as camadas gordurosas do seu corpo se derramavam para fora da roupa. Tinha pelinhos debaixo do queixo, um olho era de um castanho muito bonito e o outro era cego, de um azul mórbido, seus pés eram tão grossos quanto os cascos do pônei. O animal reclamava a cada passada, suas patas finas tremiam, o lombo doía por causa do traseiro imenso da mulher e das chicotadas leves que levava para andar mais depressa. *Quem é a pessoa que viemos observar?*, perguntei e continuei encarando a cena da imensa mulher montando o pônei, até que ela desaparecesse por trás dos biombos que serviam de paredes, para lá dos muros feitos pelas carroças.

Bion examinava os arredores com seus olhos atentos, as sobrancelhas retas sob a testa enrugada de alguém que está se concentrando. *A pessoa que eu vim observar é você e estou procurando a pessoa que você veio observar*, ele finalmente me respondeu, ainda com uma expressão bastante séria. *Precisávamos vir até aqui para você me observar?*, perguntei.

Sim. Porque vou observar a sua observação.

Nesse momento uma voz começou a gritar, espiei lá dentro e vi um homem correndo e abanando os braços, sua cabeça estava em chamas. Literalmente pegando fogo! E um outro homem, que só tinha uma perna, saltava atrás dele com um balde d'água em mãos. Por fim, houve um pequeno tumulto e o homem que incendiou a própria cabeça sobreviveu. Quando olhei novamente para Bion, ele já não procurava quem estivera procurando, sua mão foi até o mesmo estojo que ele sempre carregava na cintura e tirou de dentro uma coisinha dura e extremamente minúscula. Mas eu era detalhista demais e conseguia ver até mesmo a textura colorida de um grão de areia. *Está vendo este grãozinho?*, Bion disse, *É um fragmento de tempo. Com ele uma pessoa pode receber meio segundo a mais para fazer o que quiser*, ele me explicou com toda a sua tranquilidade. Eu aceitei o grãozinho e o segurei com cuidado entre as pontas do indicador e do polegar, era quase do tamanho de um grão de areia, só um pouquinho maior. Franzi o nariz. *Fragmento de tempo? Mas por que alguém precisaria de um desses? Quero dizer, meio segundo passa mais rápido que um espirro!*

Bion me encarou com seus olhos hipnotizantes e negou com a cabeça, num gesto meio decepcionado, eu acho. *É por não perceber os pequenos detalhes da vida, que passamos todos os nossos meios segundos atravessando um deserto que mal podemos enxergar.*

Eu franzi ainda mais o nariz. *Mas eu percebo os detalhes, posso te dizer todas as cores dentro desse fragmento, se você quiser. Aposto que você não consegue enxergá-las*, eu o desafiei, por mais que achasse que ele podia, sim. *Cores não são detalhes da vida, são detalhes da visão*, ele contrapôs calmamente.

Você está dizendo isso porque não consegue enxergar. Eu também posso descrever a textura irregular desse grãozinho, retorqui. Ele sacudiu outra vez a cabeça e eu ergui uma sobrancelha. *Texturas são detalhes do toque, não da vida*. Eu estalei a língua, irritado, e aproximei o fragmento do nariz. *Suponho que sentir o cheiro de um grão de areia também não seja um detalhe da vida? Porque eu consigo*, e dei uma risada meio desajeitada.

Você acabou de me demonstrar muitos detalhes da vida, mas não percebeu nenhum deles. Não se concentre nisso por enquanto. Se você esfregar esse fragmento de tempo com os dedos, coisas surpreendentes podem acontecer em meio segundo. Contudo, ele me advertiu, *ele só pode ser usado uma única vez.*

Bion se agachou no chão com seu jeito tranquilo e, logo que percebi que dois pares de pernas se aproximavam do outro lado da carroça, no picadeiro. Também me abaixei, só que bem mais bruscamente que Bion.

Você nunca vai mudar, Pan..., disse a voz ressentida de uma mulher. Parecia ser uma moça muito jovem, pelo tipo de voz. E então escutei a voz de um rapaz: *Desta vez eu estou falando sério! Vamos embora deste lugar, Elysia. Só você e eu! Não foi isso o que você sempre quis? Você nunca mais vai ter que se submeter às picadas das serpentes e eu não vou mais precisar lutar, mas que droga! Pensei que fosse isso o que você quisesse! Qualquer lugar é melhor do que aqui... Isto não é vida. Pelo amor de Asmos, venha comigo, Elysia!*

Elysia... Elysia... Eu conhecia aquele nome, mas não conseguia me lembrar exatamente de onde. Meus ouvidos estavam mais afiados do que a minha memória, continuei atento na conversa. *Como iríamos sobreviver?*, disse a voz suplicante de Elysia. *Não se preocupe com isso. Eu ainda tenho um pouco de dinheiro guardado,* e a voz de Pan se tornou um sussurro, *aquele dinheiro. O que roubamos semana retrasada do irmão do cutedeiro.*

E para onde mais nós iríamos, Pan? Tudo o que sei fazer é domar serpentes e você mal consegue manejar uma espada de verdade. As nossas vidas são só uma encenação!

O homem bufou e estalou a língua. Ouvi o ruído de passos andando em círculos. *Podemos fugir para a República de Letos! Ouvi dizer que os letosianos não arrancam as mãos dos ladrões, lá todas as pessoas têm uma segunda chance. Você pode cortar o cabelo e eu deixo ele crescer, nenhum 'deles' vai nos reconhecer lá. Pelo amor de Asmos, Elysia... Pelo amor de Asmos, pense!*

Ouvi novamente o som de passos, desta vez corriam. Bion se levantou e fez um gesto para que eu também me levantasse. Vi Elysia se distanciando de Pan e ele tentando alcançá-la e dando-lhe um abraço pelas costas. Agora eles estavam distantes demais para que eu pudesse ouvir o que estavam conversando.

Essa Elysia... Já ouvi esse nome antes..., murmurei, coçando o queixo. Não era um nome nada comum na nossa cidade. Olhei para Bion e suspirei. *Eu conheço essa moça de algum lugar, Bion? O homem deu de ombros. Por que me trouxe até aqui? A pessoa que tenho que observar é essa Elysia? É ela? Me responde, Bion.*

Mas ele só me respondeu após um longo silêncio. Pan e Elysia ainda conversavam ao longe, quando Bion pousou seus olhos negros sobre mim. *Quando cruzamos o caminho de uma pessoa, mudamos o rumo do seu destino, transformamos seu universo,* ele apontou para o outro extremo do picadeiro. Eu estava relutante em permitir que ele mudasse de assunto, mas acabei cedendo.

Quando meus olhos avistaram o pequeno grupo de guardas e a silhueta inconfundível do juiz Lucianos, meu corpo se tornou um só calafrio. Lucianos estava quase babando de tão furioso, ele rosnava entre os dentes com um homem que usava uma roupa que tentava ser elegante. O homem balbuciava e gesticulava com as mãos, intimidado pela autoridade do poderoso juiz asmosiano, mas eu não podia escutar a conversa dos dois. Bion se agachou novamente e eu segui a sua iniciativa, apreensivo. Se Lucianos me visse na periferia sulista da cidade, seria apenas uma questão de tempo até que meu pai ficasse sabendo. E, como você já sabe, isso não seria nada bom.

Não havia ninguém por perto, continuávamos escondidos atrás da sombra da carroça e, oportunamente, havia alguns barris cheios de alguma bebida forte por perto, portanto eu e Bion não poderíamos ser vistos tão facilmente. Se você tivesse nos encontrado aquele momento, teria visto um sujeito magrelo – eu – ao lado de um gigante – Bion –, os dois deitados no chão da rua e observando atentos o que acontecia dentro do picadeiro, por baixo da proteção da carroça de rodas altas e reforçadas.

O homem com roupas estranhamente elegantes levou Lucianos e seus capangas para perto da nossa carroça. *Meu juiz, juro pelo nome dos Divos que ela estava aqui da última vez que a vi*, tartamudeou o homem, eu podia ver que seus joelhos tremiam. *Não me admira muito que Elysia seja uma ladra... Desde que Pan se juntou a nós, ela tem agido de forma muito...*, mas o homem foi interrompido bruscamente pelo rosnado de Lucianos. *Calado, seu parvo estúpido! Se você não encontrar essa Elysia nos próximos segundos, vou levar você no lugar dela! Você sabe o que ela me roubou? Ein, seu pobre miserável? Ela tirou de mim uma peça mais valiosa que toda essa espelunca imunda que vocês chamam de lar, uma peça em ouro maciço e esmeraldas, um presente que recebi das mãos do próprio Oráculo Alexandros. Não espero que você compreenda o significado profundo dessa homenagem, já que trabalha em um circo e não faz ideia do que seja dignidade, mas esta é a minha cidade e posso garantir que ela venha a se tornar seu túmulo. Está me acompanhando?*

S-s-sim, s-s-senhor!

Foi nesse momento que me dei conta de tudo o que estava acontecendo. Elysia era o nome mencionado no documento que estava sobre a escrivania de Lucianos, na noite em que roubei sua pena de ouro! Era o nome da ladra que ele estava caçando! Eu me lembro de ter rasgado um pedaço desse mesmo documento, escrito uma mensagem ameaçadora para Lucianos e depositado dentro da boca do seu busto, no mesmo lugar onde ele guar-

dava seu tesouro mais precioso. Ele achava que Elysia havia roubado sua pena, sendo que quem fez isso fui eu!

Olhei apressado para o outro lado do picadeiro, Pan e Elysia ainda conversavam, nenhum dos dois parecia ter percebido a presença do juiz. Se ele os apanhasse, eu não tinha dúvidas de que ele faria o mesmo que havia feito com o ladrãozinho que não conseguiu carregar o leitão nas costas. Eu não podia permitir que aquele terror se repetisse.

Bion, nós temos que ajudá-la!, sussurrei. Eu suava de nervosismo.

Por quê?

Eu o encarei, indignado. *Você não está ouvindo? Ele acha que essa moça cometeu um crime que eu cometi! Não posso deixar que as mãos dela sejam arrancadas por minha causa!* As ameaças de Lucianos continuavam e os joelhos do pobre dono do circo tremiam mais do que nunca. A voz de Bion soou lentamente, como uma historinha de ninar. *Dois desejos estão prestes a se realizar. Um deles é de vingança, o outro, de liberdade. E tudo o que os separa é um fragmento de tempo. Qualquer coisa pode acontecer ou ser evitada em menos de um segundo.*

Não precisei de uma segunda dica. Espremi o pequeno fragmento entre os dedos e o lancei na direção de Elysia, por baixo da carroça. O fragmento de tempo se dissolveu no ar e sumiu, transformando-se num fiozinho de fumaça azul. Os pés de Lucianos, que até então estavam de lado para mim, se viraram na direção de Pan e Elysia, mas os olhos vigilantes do juiz não encontraram os dois. No último instante, Pan reconheceu que o homem que vociferava com seu chefe era um juiz e levou Elysia para longe dali. Eu mesmo vi quando eles desapareceram pelo vão entre duas carroças mais distantes.

Nós nos arrastamos para fora da carruagem e nos escondemos nas sombras mais uma vez. Meu coração ainda estava disparado. Fiquei mais aliviado ao ver as silhuetas de Pan e Elysia surgindo aos risos de dentro do circo. Ele a ajudava a montar um cavalo baio e depois subiu atrás dela, segurando as rédeas com firmeza. Eles trocaram o olhar mais apaixonado que já testemunhei.

O que aconteceu em seguida foi a coisa mais impressionante que já vi desde a melodia divina de Asmos e seus pés flutuantes, desde a primeira vez que vi o palácio voador no céu, desde que vislumbrei o brilho do tesouro inestimável que Bion guardava debaixo de uma pedra lamacenta.

Um tipo de luz se formou no espaço entre o peito de Pan e o de Elysia. Era uma luz branca, mas também era colorida, de todas as cores que existiam. Era uma luz tão forte que eu mal conseguia encará-la, era como o brilho da lua, a luz nascente da alvorada e a explo-

são de uma estrela, tudo ao mesmo tempo. Essa luz resplandeceu sobre si mesma, alimentando-se do próprio esplendor, e levitou até a mão de Bion. Os cascos do cavalo se distanciaram a todo galope e o casal apaixonado sumiu de vista, como se toda aquela luz nunca tivesse existido. Espero que tenham tido dias felizes.

Tapei os olhos com uma mão, eles lacrimejavam com toda aquela informação luminosa... aquilo era demais para mim. Os dedos de Bion esconderam a luz e ela se conteve por um instante. Quando abriu a mão novamente, vi um cristal fabuloso cintilando as cores mais magníficas que já existiram. Era ao mesmo tempo vermelho, violeta, azul, amarelo e de todos os outros tons que possam vir à sua mente neste exato instante, mas também tinha cores que os olhos das pessoas não estavam acostumados, mais fascinantes do que qualquer outra coisa que já tenha existido. Todos os tons faiscavam como milhões de diamantes coloridos dentro do mesmo lugar.

Eu estava boquiaberto, maravilhado, atordoado com a visão do pequeno cristal.

Você quer saber o que é isto, Nikodemos?

Minha cabeça sacudiu-se automaticamente em resposta. Naquele instante eu não conseguia raciocinar, mal conseguia piscar, temendo que aquela joia enigmática pudesse desaparecer no instante seguinte.

Isto é um cometa, o maior tesouro que uma pessoa pode ter.

Eu pestanejei depressa, *Um cometa... M-mas como ele apareceu? Como você fez isso acontecer?*, eu quis saber, meus olhos brilhavam de uma ganância egoísta, eu sabia que brilhavam, pois meu rosto se refletia na pequena superfície prismática do cristal. Um momento depois, senti medo de mim mesmo e da criatura em que eu poderia me transformar se continuasse a encarar o cometa. Mas ele era mais forte do que eu e continuei a mirá-lo fixamente até que Bion me livrasse daquele encanto ao fechar seus dedos mais uma vez.

Foi apenas uma coincidência. Olhei para o céu esta manhã e vi que as estrelas conspiravam. Foi apenas mais uma coincidência, Nikodemos.

Uma mensagem para ninguém

Você e as suas coincidências estranhas..., dei uma risada e depois diminuí o tom de voz, pois Lucianos continuava nas proximidades, inspecionava irritado a busca por Elysia. Ele mal imaginava que a sua procurada já estava longe demais para ser alcançada. *Mas, afinal o que raios é um cometa?*

Você não havia dito que eram bolas de fogo que vagavam pelo universo?, ele disse. *Sim, mas esses cometas são diferentes, você sabe muito bem disso, Bion. Eu quero saber o que é este cometa que está na sua mão.*

Isto é algo que as pessoas não precisam mais, por isso eu os pego para mim antes que desapareçam no esquecimento, sua voz continuava mais lenta do que de costume, quase conseguia me causar um efeito sonífero. *Às vezes são abandonados, às vezes descartados por terem perdido sua utilidade. Mas cometas sempre serão cometas, assim como eu sempre serei eu e Nikodemos sempre será Nikodemos. Quando uma chama é apagada, ela se acenderá em outro lugar, por mais que as pessoas acreditem que chamas sejam sempre diferentes umas das outras*, ele tentou me explicar, mas as suas palavras só me deixaram mais confuso. *Ainda não consigo entender muito bem, Bion... Mas, o que você faz com os cometas? Por que você vai atrás deles?*

Ele abriu a palma da mão e meus olhos voltaram a ficar vidrados no cristal reluzente. *Eu fico um pouco com eles...*, Bion disse com a tranquilidade de sempre, *e depois eu os devolvo para o universo.*

Tentei me libertar da hipnose causada pelo cristal, mas ele me atraía de uma maneira que eu não tinha chances de resistir, de uma maneira que eu não queria resistir.

O que Bion fez em seguida foi impressionante. Ele jamais cansava de me surpreender. Aproximou o cometa da própria boca e franziu os lábios, como se estivesse sugando a água fresca de um rio. O cometa reluziu intensamente e uma linha multicolorida foi tragada por Bion, atravessando seus lábios em círculo, até que já não restasse mais luz alguma e o cometa se transformasse em nada mais que um cristal da cor da neve, como as dezenas de outros que eu já havia visto no tesouro embaixo da pedra. Fiquei boquiaberto durante todo o procedimento, eu não podia acreditar no que meus olhos estavam me mostrando...

Ninguém era capaz de fazer aquelas coisas mirabolantes, nem mesmo os quatro Oráculos ou o Emissário Supremo!

Quando já não havia mais nada de extremamente belo para se contemplar naquele cristal, que agora não passava de um cristalzinho bonito, encarei Bion com uma expressão mista de confusão e surpresa. Não pude acreditar quando percebi que, ao olhar nos olhos de Bion, todo o antigo resplendor daquele cometa continuava refletindo-se na escuridão dos seus olhos, conforme ele observava o cristal vazio. Quando Bion desviou o olhar para mim, o reflexo de luzes coloridas sumiu.

Você não ia devolvê-lo para o universo?, perguntei, abismado. Eu tinha certeza de que não seria capaz de mover as pernas nos próximos minutos. *Eu o devolvi*. Consegui ficar ainda mais perdido com aquela resposta, mas só o que me veio à cabeça foi algo engraçado. *Suponho então que o universo se limite ao espaço entre a sua boca e o seu estômago?*

As maçãs da face de Bion se moveram novamente. Aquilo seria outra tentativa de um sorriso? *Nós somos o universo*, ele me disse e guardou o cometa vazio dentro do seu estojo, ainda preso à cintura.

Não havia ninguém em todo o mundo como Bion. Isso só me fazia pensar que eu devia ser um sujeito de muita sorte por tê-lo encontrado naquele dia improvável. Ele só podia ser um dos grandes Mestres de Todas as Artes, uma daquelas pessoas que nasce e se torna o espírito da sua época. *Ainda não terminou*, disse ele sem fitar meu rosto. *Não terminou, o quê?*

A sua observação. Observe bem, Nikodemos, e ele me indicou o centro do picadeiro. Lucianos aguardava impaciente, de braços cruzados, enquanto seus homens armados ajudavam os circenses a procurar por Elysia. Jogava de minuto em minuto o peso do corpo sobre uma das pernas, o outro pé tamborilava o chão com uma inquietação desumana.

O lugar estava um caos. Todos corriam agitados para lá e para cá, procurando a ladra que já havia se tornado uma fugitiva nos últimos minutos, Lucianos parecia ter percebido isso há algum tempo, mas, quando se está à beira do desespero, sempre resta um pequeno resquício de esperança no coração das pessoas e Lucianos se agarrava a essa esperança. O dono do circo havia desmaiado há alguns instantes, um menino que tinha orelhas de macaco e um tufo de pelos na ponta do nariz lhe abanava com um leque exageradamente verde, coberto de imitações de joias. Quando atingiu o limite da sua paciência, Lucianos fez sua voz ecoar por toda a vizinhança. *BASTA! Ela fugiu, seus debiloides! Prendam este homem e esta... criança!*

Os capangas musculosos de Lucianos agarraram o menino com orelhas de macaco, que ficou tão assustado que fez xixi nas calças, e três deles precisaram arrastar o dono do circo, que havia, milagrosamente, despertado do seu desmaio e berrava mais do que a própria boca. *VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO COMIGO! VOCÊ NÃO TEM O DIREITO! ME SOLTEM AGORA, SEUS...! ISSO NÃO É JUSTIÇA! ISSO NÃO É JUSTIÇA!*

Lucianos cuspiu no picadeiro e olhou com desprezo para todas as aberrações circenses e soldados de encenação que olhavam apavorados na direção dele. *Isso é complacência criminal*, ele proferiu vingativo. *Alguém tem alguma coisa a dizer a respeito da mulher chamada Elysia?* Não se ouviu o bater de asas de uma mosca em resposta. *Se eu descobrir que alguém a está escondendo, terão o mesmo destino do seu chefe.* E saiu, batendo os pés firmemente no gramado pisoteado, ele trazia um ar de vingança, mas não de satisfação.

Eu fiquei sem reação, não sabia exatamente o que pensar.

Duas pessoas seriam condenadas porque eu havia ajudado Elysia e Pan a escapar. Duas pessoas completamente inocentes. Bem... Se o dono do circo não era alguém que se podia chamar de inocente, eu não podia afirmar o mesmo do pobre menino, que já parecia transtornado o suficiente por natureza. Quem sabe qual terrível sina esperava por aqueles dois? Um eco das palavras de Bion vibrou na minha cabeça. *Quando cruzamos o caminho de uma pessoa, mudamos o rumo do seu destino, transformamos seu universo*, repetiu a voz rouca na minha mente. E, então, ouvi novamente sua voz penetrando os meus ouvidos, *Não há mais nada para se observar neste lugar. Vamos embora.*

Retornamos para casa e, como nunca antes, em todos os meus anos de gatunagem, senti o peso de um grande erro sobre as minhas costas. Eu havia salvado Pan e Elysia, mas o que aconteceria ao dono do circo e ao menino com orelhas de macaco? Se eu não tivesse interferido, eles estariam livres da ira de Lucianos, do jeito que devia ser. Mas então Elysia e Pan seriam condenados. E pior: condenados por *minha* causa.

Aquele dilema me atormentou durante o resto do dia e também enquanto eu tentava dormir. Revirava-me inutilmente sobre o colchão, derrubava o cobertor ou o travesseiro de cinco em cinco minutos. Quando consegui adormecer, tive sonhos esquisitos dos quais mal consigo me lembrar, mas, ao despertar no meio da noite, eu ainda podia ouvir a voz do dono do circo suplicando por justiça. A justiça que ele jamais encontraria na nossa República.

No dia seguinte, Sibylla estranhou que eu não tivesse deixado o meu quarto o dia inteiro. Mandou que levassem comida para mim, mas o prato sempre retornava intocado para a cozinha. Quem sabe o que teria acontecido com aqueles dois? Poderiam ter sido

condenados à coisas muito piores do que apenas perder as duas mãos... E era tudo culpa minha.

Mais um dia se passou e meus pais começaram a achar que eu estava adoecendo. Mandaram chamar um médico e, após me examinar três vezes, ele disse que meus batimentos cardíacos estavam um pouco acelerados. Fora isso, nada com o que se preocupar. Recomendou repouso e nada além de três pequenas refeições ao dia. Frutas, verduras e infusões de algumas ervas específicas. Sibylla tentou conversar comigo, mas eu queria ficar sozinho e disse que estava com falta de ar. Solon não tinha muito tempo para mim, seus cálculos estavam exigindo a sua atenção em tempo integral, e ele vinha me ver somente uma vez ao dia, apenas perguntando se eu já me sentia melhor. Depois ia para o Templo trabalhar.

Não vi o rosto barbeado de Bion durante todos os dias em que fiquei trancado no meu quarto. Eu podia ouvi-lo trabalhar no jardim, seus passos de mamute não eram lá muito silenciosos... Tentei imaginar se ele sabia o que eu faria quando me entregou aquele fragmento de tempo... Estaria apenas me testando? Ou ainda estava me testando? Vendo até onde eu chegaria com meu remorso, como eu suportaria o peso de uma culpa que não se podia evitar desde o princípio? Nunca fiquei sabendo de nada disso. Porque também nunca cheguei a perguntar.

Eu havia salvado Elysia. Mas por que havia feito isso...? Ah, sim. Eu me lembrava muito bem do motivo. Elysia não estaria em apuros se não fosse por minha causa. Se eu não tivesse me vingado de Lucianos e roubando a sua pena de ouro, nada daquilo teria acontecido. Mas Elysia já era uma ladra antes de tudo acontecer, não era? Afinal, Lucianos já estava prestes a caçá-la quando roubei seu tesouro aquela noite. Mas e daí? Não importava se ela era uma ladra ou não. O que me atormentava não era a culpa dela, era a *minha*. Meu egoísmo me agoniava, me deixava furioso. No final das contas, quando arremessei aquele fragmento de tempo para salvá-la, quem eu esperava salvar era somente eu mesmo.

Jovem mestre?, a voz de uma criada me chamou através da porta. Toc! Toc! Toc! Três batidas soaram pela madeira. *Jovem mestre? Uma correspondência chegou para o senhor esta manhã.* Não respondi. Um envelope deslizou pelo vão entre a porta e a pedra branca do piso frio. *Vou deixá-la aqui*, e os passos da moça a distanciaram do meu quarto, escadarias abaixo.

Levantei-me da cama e apanhei a carta...

– Marie, podemos fazer uma pausa? – perguntou Leroy pensativo.

– Claro – ela olhou para o irmão. Sua pele era uma fina camada de cores e texturas, em breve desapareceria por completo. Ela se sentiu culpada por ter perdido o controle da leitura mais uma vez... Não podia permitir que o irmão reparasse em qualquer reação sua de tristeza, tinha que continuar sorrindo. – Está se sentindo bem, Roy?

– Tudo ótimo, mana – ele deu uma risada. – Acabei de me lembrar de uma coisa que devia ter feito, mas não fiz.

– Que coisa?

– Ah... não posso te contar, mas, se quiser, você pode me ajudar a terminar. Na verdade, acho que *preciso* da sua ajuda para terminar – riu, bem humorado. – Hmm... – ele coçou a ponta do nariz, imaginativo. – Vamos fazer assim: você desce, come alguma coisa, fica um pouco ao lado do pai e da mãe. Por que eu ainda preciso pensar em um jeito de terminar isso.

Ela franziu os lábios.

– Isso o quê?

– Bela tentativa, mas não vou contar. Você vai ter que descobrir por conta própria, quando ficar pronto – ele disse e foi até a janela para observar o céu.

Marie pensou que ele estava tendo uma recaída de tristeza, mas então se deu conta de que o irmão estava apenas pensando enquanto admirava as nuvens. A mão deslizava sobre o queixo que nunca chegou a crescer barba.

A luz do dia, que entrava pela janela aberta, fazia com que Leroy fosse apenas a breve impressão de uma pessoa parada entre as cortinas. Vê-lo daquele jeito entristeceu a garota, entristeceu muito. Quando ela deixou o quarto, lágrimas escorriam pelo seu rosto. O livro de Leroy logo terminaria, assim como seu tempo ao lado dele. Seu irmão estava partindo.

Com o coração apertado, Marie dedicou-se a fazer o que Roy sugeriu e passou algumas horas lá embaixo, ao lado dos pais. Não tinha apetite, mas forçou-se a comer dois biscoitos salgados e uma caneca de café. Sua mãe riu de uma piada que o repórter fez ao ator entrevistado e Marie abriu um sorriso satisfeito. Seu pai mexia no computador, os dedos longos apertavam as teclas com agilidade, ele devia estar procurando imóveis à venda em Paris. Há anos e anos ele prometia que se mudariam para a capital, mas nada nunca saía dos planos. Houve uma época em que Marie estivera ansiosa para se mudar daquela casa. Passara a vida inteira na mesma rua, vendo os mesmos vizinhos, que ofereciam os mesmos cumprimentos familiares, e caminhava pelas mesmas calçadas em direção à mesma escola todos os dias. Mas agora, tudo o que ela mais queria era que as coisas continuassem do jeiti-

to que estavam, que sua família pudesse continuar completa e feliz para sempre. Ela sempre queria coisas que não podiam acontecer.

Quando retornou para o quarto, Roy caminhava de um lado para o outro em círculos, ainda massageando o queixo, impaciente. Seus olhos brilharam quando a irmã entrou, como se já estivesse à sua espera há algum tempo.

Passava das oito horas e a lua já podia ser vista no topo do céu. Leroy apontou para o próprio guarda-roupas e Marie abriu as portas para que ele pudesse lhe mostrar o que ela devia pegar. Era um rádio. Um daqueles que são feitos de madeira envernizada, com uma tela enredada de metal por onde o som saía.

– Acho que isso pode demorar um pouco, então vamos ouvir um pouco de música. Acho que... ok – ele disse após conferir o visor da frequência. – Já está na estação certa.

Marie enfiou o cabo na tomada e o rádio começou a tocar no mesmo instante. Sorriente como sempre, Leroy indicou seu único manuscrito do Colecionador de Cometas sobre a escrivantina, no mesmo lugar onde Marie o havia deixado antes de sair.

– Retire as presilhas, por favor – ele pediu, ansioso para colocar sua ideia em prática.

– Mas as folhas vão se soltar.

– Eu sei, essa é a ideia. As páginas estão numeradas, não será um problema colocá-las de novo em ordem.

Ela obedeceu e removeu as duas presilhas de metal que seguravam o grosso calhamaço de folhas de caderno. Não conseguia imaginar o que o irmão estava tramando.

– Isso. Agora é a parte mais demorada, mas sei que você tem um bom senso de organização...

– Roy, você está brincando comigo, não está? – ela retrucou, franzindo o cenho. – Eu esqueço os meus sapatos pela casa inteira. Quando tiro uma coisa do lugar ela fica exatamente onde deixei quando a larguei pela última vez. Meus CDs estão em ordem alfabética, ok... Mas você, por acaso, já entrou no meu quarto? – ela riu, debochando de si mesma. – Acho que não sou tão organizada quanto você...

– Então você vai se surpreender consigo mesma, porque o que preciso que você faça é uma questão de vida ou morte! – ele brincou, mas só quando viu o semblante transtornado da irmã foi que percebeu o que havia dito. – Hã... Preciso que você espalhe, todas as páginas ímpares no chão do quarto.

– Como é...? – ela suspirou, não devia ter escutado direito. Seu irmão não podia estar falando sério...

– É só colocar uma folha ao lado da outra e tomar o cuidado de seguir a ordem numérica das páginas. Não tem como se confundir – ele pousou as mãos na cintura, seu sorriso estava radiante. Marie realmente não podia compreender o que ele estava pensando, mas não passou pela sua cabeça contrariar o irmão em momento algum. Ela se agachou no chão, num canto entre duas paredes e posicionou a primeira página no piso. – Isso... Isso... tente deixar pouco espaço entre elas. Ai, ótimo! Mas também é melhor não deixar uma folha cobrindo a outra, ou não vou conseguir enxergar as letras. Ah, isso mesmo, assim está melhor!

E continuaram assim até que todo o chão do quarto estava revestido pelas páginas do livro de Leroy, como um tapete branco de mau gosto. Bem, ao menos a caligrafia de Roy ainda era bonita... Marie estava usando meias macias, portanto podia pisar nas folhas sem se incomodar em sujá-las. Estava pisoteando o livro do irmão com o consentimento dele, o que era bastante estranho... Roy não era o tipo de pessoa que pediria para que alguém espalhasse no chão as páginas que levou tantos meses para escrever e, ainda por cima, permitiria que elas fossem pisoteadas. Tudo bem que foi ele quem pediu para que a irmã varresse o chão do quarto antes de mais nada e também foi dele a ideia das meias, mas aquele comportamento padronizado não combinava nem um pouco com Roy.

– Obrigado – agradeceu o garoto, observando as páginas que revestiam todo o chão do seu quarto. – Pode deixar o rádio ligado e a luz também. Vou trabalhar nisso aqui até amanhã. Depois vou precisar que você vire todas as páginas, porque também preciso das páginas pares. Pode ser, mana?

– Sim, claro – ela concordou.

Estava confusa com a ideia maluca do irmão e suas costas doíam de tanto ter que se abaixar e se levantar, portanto, contentou-se em desejar-lhe uma boa noite e foi para a cama. O som do rádio não podia ser ouvido lá de fora, por isso ela não tinha que se preocupar com que seus pais entrassem no quarto de Leroy e vissem aquela confusão de papéis espalhados pelo chão. Eles nunca iam lá, nunca sequer chegavam a tocar a maçaneta. Marie era a única pessoa que entrava no quarto dele.

Antes de pegar no sono, ela lembrou-se da aparência cada vez mais enuviada de Roy e teve pesadelos a noite inteira. Ninguém podia compreender o vazio que se apoderava dela... um vazio que só crescia.

Logo de manhã, bem cedinho, Marie acordou e correu para o quarto ao lado. Leroy estava sentado na cama e voltou a sorrir assim que ela entrou, novamente estivera somente à sua espera. Ela virou cada uma das centenas de páginas do livro enquanto Leroy conferia

se todas estavam ordenadas e eram pares. Então, foi almoçar enquanto o irmão finalizava o seu projeto misterioso.

Ajudou o pai no serviço de casa, ou melhor, foi ele quem a ajudou, já que era ela que tinha que comandar as tarefas, e, só quando já estava tudo em ordem, retornou para o quarto. Tirou as pantufas e entrou apenas de meias.

– Terminei! Caracas, isso deu muito trabalho! – Roy confessou. – Agora só preciso colocar isso tudo no papel. Posso usar sua mão?

– Isso tudo? – Marie ouviu-se repetir, os olhos arregalados só de imaginar o que ele estava pretendendo.

Leroy soltou uma risadinha e abanou as mãos.

– Calma, acho que será menos de uma página – ele explicou sorridente. – Algum dia você ainda vai entender.

– Se você me explicar de uma vez eu vou entender mais depressa, que tal?

– Acho que não. Você vai ter que descobrir por conta própria. Pode pegar um caderno e uma caneta?

Ela foi até o próprio quarto e buscou os itens que o irmão pediu. Fechou a porta do quarto dele, para que os pais não ouvissem o som do rádio, e sentou-se na cama. Olhou nos olhos de Roy e não conseguiu ver o mesmo brilho de antes, eles estavam translúcidos demais para detalhes tão delicados.

– Ok, acho que podemos começar – Roy disse e então ele parou subitamente, a boca entreaberta num sorriso surpreso. – Puxa vida... Está ouvindo isso?

– Ouvindo o quê?

– Eles estão tocando música boa!

Só quando ele lhe disse foi que ela apurou os ouvidos e prestou atenção. Era *aquela* música, a que os dois tanto adoravam. Não era uma canção atual, muita gente nem se lembrava mais dela, por isso era realmente uma surpresa que estivesse tocando no rádio. Marie ainda podia se lembrar de quando a ouviram pela primeira vez. Estavam em uma festa de aniversário na casa do León e foi como “amor à primeira ouvida”, como Leroy classificou mais tarde. Quando começou a tocar, todos se levantaram e começaram a dançar do jeito que imaginavam ser o mais correto. E todos os jeitos estavam corretos, cada um à sua maneira. Foram dias inesquecíveis e cheios de boas recordações. Dias que agora só causavam tristeza.

Quando terminaram de tocar, Leroy franziu os lábios e suas sobrancelhas se ergueram.

– Você se lembra...?

– Lembro – ela logo respondeu com um sorriso.

Ele também sorriu e deixou escapar um suspiro sonhador. – Escreva assim – e começou a ditar.

Foram algumas horas bem cansativas. Marie trocou de posição pela quinquagésima vez, apoiou as costas no espaldar da cama e esticou as pernas. O irmão ditava uma sequência de números que não fazia o menor sentido para ela e, ela não tinha dúvidas, não faria sentido para mais ninguém. Mesmo assim, continuou a escrever cada número, cada vírgula e cada ponto que ele ditava, por mais que tudo não passasse de uma grande loucura. De vez em quando, ela tinha que levantar e virar alguma página para que ele conferisse o outro lado, então ele lhe agradecia e continuava ditando.

Por fim, com a misteriosa combinação de números finalizada, ela organizou todas as páginas novamente e prendeu-as com os prendedores enferrujados. Deu boa noite ao irmão e ele lhe fez prometer que leriam mais um pouco após o almoço do dia seguinte.

Quando se deitou para dormir, Marie sentiu algo estranho no seu peito. Não era algo ruim, como o que já estava acostumada a sentir nos últimos tempos. Era algo simplesmente estranho. Algo que nunca havia sentido. Passar o dia inteiro ao lado do irmão, ajudando-o sem esperar receber nada em troca. Ser útil e ser reconhecida por isso. Marie gostou desse sentimento estranho que se apoderou dela aquela noite. E dormiu sem pesadelos.

Levantei-me da cama e apanhei a carta. Eu nunca havia recebido uma correspondência em toda a minha vida. E não estou exagerando quando digo *nunca*. Quem me enviaria uma carta? Eu não conhecia meus parentes distantes, não havia cultivado a consideração de nenhum dos meus preceptores acadêmicos e Nestor, que era meu único e melhor amigo desde os últimos anos, não sabia escrever e nem teria condições de pagar pelos serviços de um escriba, muito menos contratar um mensageiro de confiança para entregar a carta.

Estou com o envelope e a carta em mãos agora, então as palavras que vou transcrever são tão precisas quanto seria possível. No envelope, está endereçado assim:

República de Asmos, Haliparnassus
Residência Principal do Ministro da Moeda, Solon
Para seu filho, Nikodemos

Não há remetente. Quem quer que tenha escrito essa correspondência, sabia que a carta não corria riscos de ser devolvida. Ou, pelo menos, não estava preocupado com essa possibilidade.

Rasguei uma borda do envelope, tomando o cuidado de não rasgar a carta junto, e desdobrei o papel. A caligrafia não era das melhores, mas ainda se podia compreender todas as letras.

Caro Niki,

Espero que você leia esta carta assim que a receber. Hoje está fazendo um lindo dia, não? Sem muita claridade. Bem nublado. E é provável que chova mais tarde. Hoje é um dia do jeito que você mais gosta. Por isso, eu te pergunto: por que está preso na sua torre há dois dias? Por acaso se esqueceu das duas “entregas” que estavam marcadas para ontem? Não se assuste. Conheço o seu segredinho, mas quero que saiba que ele está seguro comigo. Sou um admirador do seu trabalho e sinto falta de observá-lo. Por que você não atua mais? Por que somente simples “entregas”? Sinto falta de ação, meu amigo. Espero revê-lo nas sombras algum dia desses, espero poder conhecê-lo pessoalmente. Retorne comigo para a escuridão, Niki. Venha para o lugar a que você pertence.

Do seu amigo distante, os melhores votos de inspiração.

Quando larguei a carta, minhas mãos tremiam.

Cheguei até a pensar que aquilo podia ser uma brincadeira de mau gosto por parte de Bion, mas ele não era do tipo que fazia brincadeiras, e nem do tipo que sabia escrever, eu acho. Não, aquela carta não havia sido obra de Bion. Ela ultrapassava, e muito, o senso de humor inexistente dentro dele. Havia mais alguém que conhecia meu segredo. Alguém que estava lá fora, observando cada um dos meus movimentos. Alguém que sabia sobre as

devoluções e sobre a minha lista de datas, que eu guardava à chave dentro de um dos guarda-roupas.

Fui até uma das janelas do meu quarto e varri as ruas com os olhos. Meus cotovelos, apoiados no parapeito de pedra branca, faziam meu corpo inteiro estremecer de tanto que tremulavam. Quem quer que tivesse me enviado aquela mensagem, devia estar aguardando para descobrir se eu reagiria de alguma forma. Eu sabia que meu novo “amigo distante” estava escondido nas proximidades, aguardando pacientemente, mas também tinha consciência de que eu jamais conseguiria detectá-lo, afinal eu mal conhecia a sua cara. E, além do mais, devia ser uma pessoa muito mais ágil do que eu... Não consegui encontrar outra explicação para eu nunca ter percebido que estava sendo seguido.

Pensei em falar com Bion sobre a carta, ele era a única pessoa com quem eu poderia me abrir sobre esse assunto, mas isso também poderia acabar resultando em um desastre. Nada passava despercebido por Sibylla, pelo menos nada que entrasse naquela casa, ou saísse dela. Minha mãe certamente já havia sido informada sobre a correspondência sem remetente que eu havia recebido aquela manhã e também já devia estar muito curiosa sobre o seu conteúdo. Se eu resolvesse “sarah” tão de repente e saísse do meu quarto logo após receber a mensagem, Sibylla desconfiaria de que havia alguma coisa errada com aquela carta. E então seria apenas uma questão de tempo até que meu esquema desmoronasse sobre a minha cabeça. Não, eu tinha que ficar no meu quarto por mais um ou dois dias e esperar.

Guardei a carta dentro de um dos meus guarda-roupas e fui me deitar.

Minha mente imaginava situações horripilantes, na maioria delas eu era descoberto pelas autoridades e terminava indo para um pátio de execuções públicas. Nada agradável o bastante para que eu precise descrever, acho que você pode imaginar por conta própria o que aconteceria comigo se todos os meus segredos fossem descobertos.

Um dia inteiro se passou e, desta vez, as refeições que Sibylla enviou para o meu quarto retornaram para a cozinha pela metade, ao invés de intocadas. Minha penitência pelo que acontecera no circo havia terminado no momento em que aquela carta deslizou por baixo da minha porta. Imaginar como seria o meu próprio futuro era muito mais assustador do que lembrar dos gritos medonhos do proprietário do circo.

Foi apenas no segundo dia, após a carta ter chegado às minhas mãos, que resolvi deixar meu confinamento no quarto. Eu me sentia como um coelho encurralado por uma raposa, tinha que sair daquela toca sufocante, precisava de ar puro. Mas, acima de tudo, eu necessitava conversar com Bion.

Dirigi minhas pernas até o exterior da casa, onde ficavam nossos vastos complexos de jardins, agora repletos de cores vibrantes e aromas perfumados. Bion parecia se superar mais um pouco a cada dia, o resultado do seu trabalho causava inveja nos nossos vizinhos pescoçudos. Corri até onde ele estava agachado, ele era como um pequeno monte cheio de terra no meio do jardim.

Bion cavava o solo com as mãos nuas e plantava novas sementes. Sua testa estava úmida de suor, a barba havia sido feita ainda aquela manhã, eu podia ver os poros irritadiços da sua pele e minúsculas escoriações feitas pela lâmina de barbear. Espiei ao redor, esperando detectar um vulto esquivando para algum lugar onde eu não pudesse encontrá-lo, mas não havia mais ninguém lá, além de Bion e eu.

Bion, preciso falar com você, eu pedi e ele se levantou. *É sobre o que aconteceu no circo?* Eu sacudi a cabeça negativamente. *Não é isso,* espiei discretamente por cima do ombro, *Estou sendo observado, Bion. Alguém mais sabe sobre as coisas que eu faço.* Ele apenas continuou me olhando, como se o que eu estivesse contando não fosse nem um pouco surpreendente. *Recebi uma carta há dois dias, era desse sujeito que anda me espionando. Ele disse que sente falta dos meus roubos, ele sabe sobre as devoluções e as minhas datas. Bion... Você acha que existe mais alguém que... que possa fazer essas coisas que você faz?*

As sobrancelhas dele subiram até o meio da testa. *Que coisas?*, ele perguntou. *Você sabe... Tudo isso... que você faz...*, eu murmurei impaciente. Não sabia exatamente como descrever quais eram essas “coisas” que Bion conseguia fazer, pois não entendia como ele as fazia.

Tudo o que eu faço, todos também podem fazer. Só é preciso que se tenha consciência disso, ele me explicou e, como já era de costume, não consegui acompanhar o que ele quis dizer. O homem esfregou as mãos cheias de terra no seu avental de jardinagem e tirou de dentro do bolso um envelope. *Um mensageiro trouxe isto mais cedo. Está endereçado para você...*

Capítulo Dezessete

O bater de asas

Marie interrompeu a leitura. Ela sabia que, se continuasse a ler daquela página em diante, poderia perder o controle do tempo mais uma vez. Seu irmão a encarou com um sorriso de quem já esperava por aquilo, um sorriso cada vez mais transparente. Ambos sabiam que não restavam muitas páginas para que a história terminasse. Se quisesse, Marie poderia pôr um ponto final naquilo tudo ainda aquele dia. A simples ideia de algo assim lhe causava calafrios... Ela não estava preparada para dizer adeus, não para Leroy.

Disse ao irmão que estava preocupada com o restante da sua lista de exercícios, afinal de contas, as férias não durariam para sempre e ela teria de entregá-los justo no primeiro dia de aula. Ele consentiu em ajudá-la e sacudiu a cabeça, como se achasse a ideia muito interessante. Marie considerou se estava sendo tão indiscreta a ponto de não conseguir fingir que estava mesmo muito preocupada com aqueles exercícios *difícilimos*. Bem, isso não tinha importância, pelo menos não a essa altura. Só o que importava era o tempo que conseguiria ganhar ao lado do irmão.

E se passaram dois dias inteiros antes que Roy mencionasse seu livro novamente. Foram dois dias ouvindo a música que tocava no rádio enquanto faziam os exercícios juntos, assistiam a algum filme ao lado dos pais, conversavam sobre coisas do passado (o que sempre deixava Marie muito pensativa) e jogavam vídeo game juntos – ela segurava o controle e ele dizia o que devia ser feito. Quando anoitecia, Marie tinha que forçar os olhos para ver onde o irmão estava, pois ele havia se tornado pouco mais que uma silhueta transparente.

Seu apetite desaparecia mais a cada dia.

Tinham combinado de ler assim que Marie voltasse do mercado com o pai. Julien já a estava convidando para sair com ele há algum tempo, mas Marie sempre negava, inventando cada vez uma desculpa menos convincente. Não queria sair de perto de Roy, ficava apavorada só de pensar que ele podia não estar mais lá quando retornasse para casa. Mas Roy quase precisou arrastá-la escadas abaixo, como se isso fosse possível.

Marie detestava admitir, mas aquela pequena ida ao mercado havia sido maravilhosa. Já tinha se desacostumado a sentir o calor ardente do sol sobre a pele, o vento percorrer

seu rosto enquanto movia os pés, e ouvir a voz das pessoas que caminhavam ao seu redor. Encontraram uma amiga da família no caminho de volta e ela disse que Marie estava magra demais, mas que continuava uma graça. Ela não mencionou o filho mais velho de Julien, a mulher devia ter alguma noção de como os Beaumont se sentiam com a perda recente.

Leroy estava sentado no sofá ao lado da mãe quando Julien e Marie chegaram em casa com as compras. Sophie sussurrava coisas para si mesma e Leroy tentava não rir das conversas solitárias da mãe, por mais que fosse inevitável. Quando notou que o marido e a filha estavam novamente em casa, Sophie interrompeu sua conversa imaginativa e começou a cantarolar, como sempre fazia para disfarçar. Marie abriu um sorriso para o irmão e ele deu uma risadinha. Se sua mãe já havia retornado a conversar consigo mesma, isso significava que ela havia praticamente voltado ao normal!

Leroy subiu até seu quarto primeiro enquanto Marie foi ajudar o pai a guardar as compras na geladeira e no armário da despensa. Serviu uma taça de sorvete de baunilha com cerejas para a mãe e tomou uma também. Ouviu o agradecimento e o elogio, dizendo que aquela marca de sorvete era melhor que a anterior, que aquela fora uma ótima escolha. Mas era a mesma marca de sempre. Marie conteve um sorriso culpado e terminou seu sorvete tão lentamente quanto pôde. Esperou que a mãe terminasse o dela, levou as taças para a cozinha, lavou-as e aproveitou também para lavar duas panelas que estavam de molho há dois dias. Perguntou ao pai se ele precisava de ajuda e recebeu um *não, obrigado* como resposta. Sentou-se ao lado da mãe, assistiu um pouco de televisão e se certificou mais uma vez de que o Julien não precisava de ajuda antes de se dirigir penosamente à escada.

Olhou para os degraus e subiu-os como se estivesse com bolas de ferro presas aos pés. Abriu a porta do quarto do irmão e, como já havia se acostumado, encontrou-o debruçado na janela.

– Você sabia que a Sra. Anne-Fleur ainda usa botas ortopédicas só para não ter que sair de bengala? – ele deu uma risada e apontou para uma idosa que mancava no próprio jardim enquanto regava as plantas. Ela usava um vestido florido bastante aderido ao corpo e o batom vermelho era de uma tonalidade escandalosa. – A mãe dizia que o último namorado dela tinha idade para ser seu neto.

– É melhor não ir atrás das fofocas que ela diz sobre as vizinhas. Você sabe como sua mãe é exagerada. E não é muito legal ficar observando as pessoas desse jeito, Roy – Marie disse e logo se arrependeu. Tinha que aprender a manter a boca fechada!

– Você fala como seu eu não fosse uma pessoa...

Ela engoliu em seco e sentiu a pressão cair. Piscou algumas vezes e fungou.

– Você foi, um dia, Roy. Mas agora você é muito mais do que isso – ela sorriu. – Vamos continuar a ler? – ela pigarreou, desajeitada. – Estou ansiosa para saber o que tinha naquela carta.

Leroy sorriu também e sentou-se na cama. Marie pousou o manuscrito no colo e deu continuidade à leitura.

Eu não tive dúvidas de que aquela era outra mensagem do sujeito que andava me observando. Bion me entregou o envelope e eu o rasguei com pressa, quase sem nenhum cuidado. Abri a carta e passei os olhos pelas palavras. Então, fitei Bion e estendi a folha de papel. Minha mão tremia. Ele abanou a cabeça, *Você acredita que eu saiba ler?*

Por mais que eu já esperasse que mendigos não soubessem ler, não sei dizer por que fiquei tão impressionado que Bion não soubesse. Bem, tornar-se jardineiro não foi exatamente um motivo para que ele aprendesse a magia das palavras da noite para o dia.

Olhei para a mensagem e li em voz alta:

Caro Niki,

Espero que você esteja se sentindo melhor. Mais dois dias trancafiado naquela torre? Não imaginei que a minha correspondência anterior fosse deixá-lo tão abalado. Garanto que sou seu amigo, você não tem que se preocupar comigo. Tenho muita fé em você e no seu trabalho e estou ansioso para vê-lo novamente em atividade. Gostaria que nos conhecêssemos pessoalmente, essa história de escrever cartas não é meu ponto forte. Mas, para que isso possa acontecer, preciso me garantir de que você tem tanta fé em mim quanto eu tenho em você, ou algo desse gênero, já que é bem difícil confiar em um desconhecido. Eu me contentaria com um pequeno gesto. Você ficou sabendo da admoestação que será feita hoje à tarde? Acontecerá ao pé do Monte Quíron. Eu ficaria muito contente em vê-lo lá. Muito mesmo.

Do seu amigo distante.

Quando encarei Bion, vi que suas sobrancelhas grossas estavam franzidas, quase chegavam a se unir acima do nariz. *Você ouviu falar dessa admoestação?*, ele quis saber. *Sim, acho que um dos Oráculos tem uma mensagem urgente para o povo. Isso não acontece com muita frequência. O lugar vai estar lotado de gente...*, suspirei, *eu não tinha a intenção de ir até lá.*

E agora você tem?

Não sei... O que você acha que eu devo fazer?, indaguei pensativo. *Como você se sente em relação a isso?* Eu refleti sobre aquela pergunta e só então respondi: *Acho que devo mostrar a ele que confio nele. Preciso conhecê-lo, Bion. Se existe alguém lá fora que sabe tanto sobre mim, eu tenho que manter essa pessoa próxima de onde eu possa vê-la.* Bion soltou um grunhido, acho que aquilo significava que ele concordava comigo. *Você pode me acompanhar?* Ele respirou fundo. *Não sei se posso. Tenho muito trabalho para terminar hoje e não quero que Sibylla se zangue por minha causa*, ele me respondeu. Eu dei um tapinha de leve no ombro dele e abri um sorriso. *Eu te ajudo por aqui, certo? Você não tem que se preocupar com os meus pais, eles vão estar na admoestação também, mas bem longe do resto da população. Vão ficar onde apenas os Ministros e suas famílias podem ficar. Podemos voltar antes que a admoestação termine.* Ele pensou por um instante, os olhos baixos, o queixo se movia para os lados, como se tivesse vida própria. *Certo. Eu te acompanharei.*

Corri para o meu quarto e troquei de roupas. Vesti somente o que eu tinha de mais desgastado e calcei minhas sandálias mais surradas e, mesmo assim, ainda era fácil perceber que eu não era de uma classe social muito humilde. Só me restava torcer para que nenhum conhecido me avistasse ao lado de Bion, ou eu estaria em sérios apuros quando chegasse em casa.

Me encontrei com Bion nos jardins, cerca de meia hora depois. Tudo o que ele havia feito foi tirar o avental de jardinagem e lavar as mãos (ainda se podia ver um filete de terra por baixo das unhas). Saímos pelas ruas, seguindo um grande fluxo de pessoas que caminhavam em direção ao centro da cidade. Alguns iam a cavalo, pois seria um percurso menos cansativo e a altura do animal ainda permitiria que se enxergasse melhor o Oráculo, que provavelmente estaria bem distante. Já eu? Bem, nem pensei em ir a cavalo por motivos mais do que óbvios. Pessoas montadas chamavam muita atenção e, com Bion ao meu lado, eu não precisava estar em cima de um cavalo para que isso acontecesse.

Quando chegamos ao centro da cidade, percebi que a minha especulação sobre o número de pessoas não foi nem um pouco exagerada. Se você já viveu em uma grande República, como a minha, já deve ter visto manifestos pelas ruas ou grandes admoestações nas quais milhares de pessoas compareciam. Imagine cerca de um milhão de pessoas reunidas, espalhadas por todas as vinte ou trinta avenidas mais próximas, famílias nos telhados das suas casas, gente montada nos ombros de mais gente, um alvoroço sem igual. Agora imagine dez vezes isso tudo, pois estimou-se que quase metade da população da cidade compareceu aos arredores do Monte Quíron aquele dia. Dez milhões de pessoas unidas nas ruas, observando as escadarias do mesmo monte sagrado. O Grande Santuário parecia ainda mais iluminado que o normal, tive a impressão de que havia pequenos sóis dentro de cada caçarola de fogo sobre os pilares do templo.

Havia tanta gente junta, empurrando-se, dando cotoveladas e pisando umas nos pés das outras, que toda a brancura dos pavimentos, dos pilares e das casas parecia ter desaparecido por baixo das ruas coloridas de gente, ruas que agora se movimentavam como um só organismo pulsante.

O calor era insuportável. Era um dia deprimente, ensolarado demais, com gente demais, perto demais. O suor quente que escorria pela minha testa fazia minha pele coçar e aderir no tecido da roupa. Aquele era um dia perfeito para se ficar irritado.

Foi uma barulheira sem precedentes, isso sim. Dez milhões de vozes sussurrantes ultrapassariam os gritos furiosos de uma montanha, o problema é que as pessoas não estavam aos sussurros, elas berravam, berravam a todo ar dos pulmões para serem ouvidas pelas pessoas ao lado. Era difícil escutar as conversas das pessoas ao meu redor, a algazarra era fenomenal, nunca presenciei uma gritaria tão vibrante. Meu cérebro começou a doer e senti vertigens de leve. Mas todo aquele barulho se transformou em uma grande maré de vivas, aplausos e urros quando o Oráculo Minos surgiu lá em cima, de um pequeno templo que repousava no meio do caminho das escadarias para o Grande Santuário. Sim, havia alguns pequenos templos nas encostas do Monte Quíron, acho que esqueci de mencioná-los antes. Esses templos menores serviam para que os fieis pudessem descansar na sombra fresca antes de recomeçar a exaustiva caminhada até o topo, onde repousava o Grande Santuário.

Eu não conseguia ver o Oráculo muito bem, pois estávamos absurdamente distantes de lá. Mas, quem estava mais perto deve tê-lo visto levantando as mãos para o céu, por isso todos faziam um alvoroço tão fenomenal, venerando um dos nossos quatro grandes representantes. Havia outras pessoas ao lado dele, pessoas que também usavam mantos brancos,

mas que não mostravam o rosto que se escondia por trás dos seus capuzes. Deviam ser alguns de seus acólitos. Aliás, os acólitos, caso você não saiba, são os aprendizes dos Oráculos para os ofícios sagrados, mas apenas um entre eles chegará a se tornar um Oráculo algum dia. Fico imaginando se eles secretamente odeiam uns aos outros e se desejam que coisas ruins aconteçam aos colegas.

Olhei para os lados, meus olhos apertados contra os raios solares, procurando alguém que eu sabia que jamais conseguiria identificar, por mais que pudesse estar bem ao meu lado. Algo me dizia que meu “amigo distante” estava próximo, muito próximo. Ele me observava a uma distância segura, quem sabe estivesse considerando se devia ou não vir falar comigo pessoalmente. Se ele me conhecia tão bem, devia saber que eu só estava me submetendo àquele alvoroço insuportável por causa da sua mensagem.

Eu tinha que descobrir quem era aquela pessoa a todo custo, eu precisava conhecê-lo ou enlouqueceria só de pensar nas coisas terríveis que um desconhecido podia fazer contra mim com todas aquelas informações. Todas as provas contra mim que esse sujeito precisava estavam guardadas nos meus guarda-roupas e, mesmo se quisesse, eu não poderia me livrar de todas elas do dia para a noite. Havia toneladas de bens roubados lá dentro! Ou quase isso...

Quando o Oráculo Minos falou, sua voz grave se propagou em um só eco, como se ele fosse um Divo em carne, osso e sangue. Ah, desculpe novamente por isso... Eu e minhas blasfêmias cheias de insolência... De qualquer maneira, as palavras de Minos calaram a imensa legião à sua frente quase que instantaneamente.

O que ele estava prestes a iniciar aquele dia seria apenas o princípio de um longo pesadelo. Os tempos mais obscuros da República de Asmos haviam chegado. E nós estávamos prontos para abraçá-los.

Povo asmosiano! Meus irmãos! Como me alegra a visão desta união colossal! Pedi que viessem ouvir minhas palavras e assim vocês fizeram, e vieram me ouvir! Estamos hoje aqui reunidos como uma grande família em nome do Nosso-Senhor-Todo-Poderoso, Asmos! Agradeço a sua gentileza, mas tenho mais um pedido a lhes fazer: peço que prestem muita atenção no que será dito, pois a voz que ouviremos esta tarde será a voz de um dos nossos superiores altíssimos! Quem vos fará esta admoestação será alguém muito mais digno dos seus ouvidos do que eu! Nossa mensagem urgente, vem de lá de cima, o Oráculo apontou para as nuvens, onde flutuava o extravagante palácio de Asmos, diretamente da morada do Nosso Senhor. Dedicamos esta admoestação a Asmos, como todas as outras coisas que fazemos!, ergueu os braços para o céu, Tu, Nosso Senhor, és a encarna-

ção do nosso conceito de lealdade! E, por esse motivo, nós desejamos ser eternamente leais!, e então voltou-se novamente para a massa, que rugia, louvava e aplaudia. Tudo aos estrondos de milhões. Meus irmãos, recebam as palavras de Sirav'Nevan, um dos servos mais próximos do nosso poderoso Divo da Justiça e da Verdade!

Nesse momento, pude ver um pontinho branco surgindo do templo e se posicionando ao lado do Oráculo Minos e seus acólitos. Aposto que nenhuma das pessoas à minha volta conseguia enxergar as coisas do jeito que eu enxergava, pois nenhuma delas tinha os meus olhos de águia. O pontinho trajava um manto branco, como todos os membros do alto escalão do governo sempre trajavam e tinha penas pretas ao longo de todo o corpo. Suas asas eram tão escuras quanto a noite mais... escura (desculpe, sou péssimo com comparações, como você já percebeu) e ele era incrivelmente mais alto que Minos. Imagino que também fosse bem mais alto do que Bion, se quer saber.

Era um aviano de Asmos. Espero que você ainda se lembre deles, pois isso me poupará o trabalho de ter de explicar sobre eles outra vez. Basta que você se lembre que eles são superiores a nós, humanos, pois vivem ao lado de Asmos, em seu palácio voador.

Quando o aviano falou, sua voz vibrou pelos ares assim como a do Oráculo. Só que era uma mistura estranha entre o grasnar de um corvo e a voz de um homem, talvez não fosse nem um nem outro, mas também não era algo muito agradável de se ouvir. Muito menos seria o que ele estava prestes a anunciar.

Meu povo asmosiano! Hoje, eu, Sirav'Nevan, tenho a oportunidade de falar em nome de todos os Krishk'shar, ou, como a humanidade conhece melhor: a casta aviana. Aqueles que estão às margens do Monte Quíron esta tarde, representam apenas uma pequena parcela de toda a massa que está espalhada por essas terras e além. Mas o povo asmosiano sempre representou um diferencial de comprometimento, de igualdade e de liberdade que jamais existirá em nenhum outro lugar! Vocês, que estão às margens do Monte Quíron nesse momento, são a prova disso! Se existe um lugar tão grandioso como este, que todos nós chamamos de lar, então este lugar sobrevive da própria mentira, pois não há terra mais gloriosa do que esta!

Nós vivemos pela paz durante milênios! Escolhemos o caminho difícil da virtude e do entendimento ao invés do caminho menos tortuoso! Fomos nós, meu povo asmosiano, que fizemos a escolha de sermos o que somos! Foi com o sangue dos nossos antepassados e com o nosso próprio suor, que construímos este paraíso incomparável! Os homens garantem a justiça na terra, os avianos garantem a justiça no céu, é isto o que nossas crianças aprendem antes mesmos de aprender a falar! Nossos corações respiram este ar de jus-

tiça e de liberdade! Contudo, o aviano negro fez uma ligeira pausa, a legião lá embaixo não soltou um rumorejo, não se podia ouvir um suspiro, nossa terra tem sido invadida e contaminada por povos que não pertencem a este lugar! Nossas ruas puras são maculadas pelos pés dos que aqui não merecem pisar! Nem mesmo se pode conhecer as intenções perversas dos forasteiros que vivem na casa ao lado! De todas as Repúblicas mais corruptas, não existe nenhuma mais indigna do que a Terra da Injúria e da Mentira, dos servos infiéis de Letos! Seus criminosos escapam para a segurança da nossa cidade, sua prole surge como uma praga pestilenta e infecta o lar que construímos para nossos filhos! Suas crenças deformadas confundem o nosso povo e nos dividem! Perguntem aos seus anciões como era esta República na época da sua juventude! Perguntem se havia tanta corrupção, tanta discórdia e tanta perversidade antes que os primeiros forasteiros imigrassem para destruir tudo o que nós construímos!

Meu bom povo asmosiano! Eu gostaria de poder lhes dizer, esta tarde, ante todos vocês, que os letosianos são nosso único problema. Não são. A República Letosiana é apenas o primeiro de uma série de obstáculos. Todas as outras treze grandes Repúblicas estão corrompidas pela perversidade de seus governantes! Suas populações já não escutam a voz dos seus Divos! Permitem que suas crianças saiam para brincar nos sétimos dias e todo o nosso ideal de justiça, a grande justiça que acreditávamos existir por todo o planeta, morre em nossas próprias fronteiras! Pois nossos vizinhos foram apodrecidos antes de poderem amadurecer como nós amadurecemos! Meu bom povo asmosiano! Somos tudo o que restou do antigo conceito de lealdade, de igualdade, de justiça, de moralidade e de liberdade! Somos a única luz que continua a brilhar na escuridão desta terra!

Meu bom povo asmosiano! Temos a obrigação de honrar o nome de Asmos! Somos os únicos que restaram para disseminar a justiça ideal, a nossa justiça asmosiana, por todos os cantos desta terra! Seria um grande erro se a humanidade se permitisse falhar com tudo aquilo que conquistou com tanto trabalho, com tudo aquilo que consumiu seu próprio sangue para se manter, depois de tanto sacrifício, tanta necessidade, tantas dificuldades! Seria seu último erro, se a humanidade acreditasse que toda a podridão que há lá fora jamais chegará aqui!

Não nos é permitido, tanto à casta humana quanto à casta aviana, desistir de tudo aquilo que sempre nos deu um propósito! Este será nosso voto este dia! A cada instante, a cada suspiro, pensar somente na verdade e na justiça que voltará a inspirar nossos corações, como um dia inspirou nossos antepassados!, a multidão vibrou, fazendo o chão estremecer. Olhei para Bion, apavorado com as palavras daquele aviano, mas os olhos dele

estavam distantes demais para perceber que eu continuava ao seu lado. O bafo quente provocado pela união das pessoas começou a me sufocar. *Façamos uma aliança entre homens e Krishk'shar este dia! Uma aliança que fará com que nossos treze grandes antagonistas rendam-se antes que necessitemos erguer a ponta de nossas lanças!* Eu me sentia encurralado em meio a milhares de pessoas que urravam, sentia falta de ar e meu peito se movimentava furioso. *Façamos uma aliança que semeará a nossa justiça maior por toda a extensão desta terra e que tornará o nosso planeta um lugar para se viver, ao invés de um lugar para se sobreviver! Que eles conheçam nossa indignação, que fujam quando virem nosso metal resplandecer sua luz, que não tenhamos medo de ser quem somos! Pois somos os escolhidos divinos para realizar esta tarefa em nome de todos os Divos! Somos asmosianos! Vamos juntos para a guerra!*

Seria complicado tentar descrever a aceitação da legião de dez milhões de pessoas com as palavras do servo alado de Asmos. Meus ouvidos se fecharam naquele instante, a aclamação atingiu níveis ensurdecedores e fiquei muito zozinho. As ruas tremiam tanto que meus pés quase deixavam o chão, o cenário de caos girava ao redor dos meus olhos. O calor me asfixiava. E todo aquele barulho... O suor quente escorrendo... Meu cérebro estava sendo esmagado pelas badaladas de um sino. Mas havia mesmo um sino? No topo do Grande Santuário? Não me lembro.

Não sei ao certo o que aconteceu em seguida porque perdi a consciência. Quando acordei, estava sentado numa cadeira confortável, podia ouvir o som da garoa tamborilando nas janelas da minha casa. Guerra? Já estava quase anoitecendo. Os asmosianos haviam declarado guerra contra as outras treze Repúblicas? Eu devia estar delirando.

Abri os olhos. Um cobertor aquecia as minhas pernas, fazia um pouco de frio dentro de casa. Eu não conseguia me lembrar de como havia chegado ali. Pestanejei confuso e observei ao meu redor, meus olhos se moviam devagar. Havia uma vela acesa, a chama vermelha bruxuleava com o vento que entrava pelas janelas. Eu estava sozinho na sala de estar. Mas eu estaria mesmo delirando? As palavras que ouvi durante a admoestação eram mesmo o que eu pensava ter ouvido? Uma guerra?

Foi assustador quando me dei conta de que, decididamente, eu não estava delirando. Sirav'Nevan foi aquele que nos fez assinar a nossa sentença final. *Sirav'Nevan*. Jamais esquecerei aquele nome. Foi naquele dia que tudo começou a desmoronar. Foi assim que se iniciou o fim de todas as coisas...

O manuscrito estalou quando as páginas se fecharam com um baque. Marie espreguiçou-se na cadeira, sentia-se sonhadora. *O fim de todas as coisas...* Leroy sabia usar bem as palavras, ela tinha que admitir! Para um escritor iniciante, ele estava se saindo muito melhor do que ela esperava. Orgulhosa como nunca, olhou para o irmão.

E viu que ele quase não estava mais lá.

Tudo o que havia restado era um sopro, um contorno sem cores, uma forma indefinida sentada sobre a cama. Mal podia distinguir seus olhos, sua boca e seu nariz, não podia ver o movimento do seu peito, mal acostumado por ainda acreditar que podia respirar. Leroy se tornara apenas uma sombra quase invisível, alguém que praticamente havia deixado de existir.

Marie sentiu suas lágrimas caindo antes de perceber o que acontecia. Leroy estava mesmo sumindo para sempre, mais algumas páginas e tudo o que restaria do seu irmão eram seus sorrisos, suas ideias, suas palavras. Roy, seu Roy... Ele estava prestes a lhe abandonar naquela casa, estava prestes a deixá-la sozinha naquela cidade, naquele planeta deserto.

– Não fique assim – ele pediu com a voz tranquila, devia estar sorrindo. Ela não conseguia distinguir. – Não fique triste, mana... Nós dois já sabíamos que isso ia acontecer, você não precisa ficar triste – o som da sua voz não conseguiu acalmá-la. – Está tudo bem.

– Mas... es-tá... sen-do tão... rápi-do – ela soluçou desolada. Suas mãos cobriam o rosto, queria poder abraçar Roy, queria poder segurá-lo para sempre ao seu lado. Queria sentir o calor das suas mãos, mas já não podia. Já era tarde. – Tão... rápido, Roy...

– Está tudo bem.

E ela pôde enxergar seu irmão sorrindo mais uma vez.

Ele havia acabado de cortar o cabelo, chegou em casa de mãos dadas com o pai e saiu correndo para perto dela. Julien saiu novamente logo em seguida, dizendo que compraria algo especial para o almoço de domingo. Marie observava uma de suas bonecas ainda guardadas dentro da caixa, ela nunca as tirava da caixa, nunca. Uma vez ouviu na televisão que bonecas perdiam o valor quando tinham suas embalagens violadas e ela não queria que as suas perdessem o valor. Seja lá o que aquilo quisesse dizer.

Roy parou na frente dela, ela estava sentada sobre o tapete da sala.

– Para com isso, Roy! – ela ordenou, colocando as duas mãos em concha sobre a cabeça. – Para com isso agora! Mãe! – mas ele continuou abanando a cabeça em cima dela, os cabelinhos que sobraram do seu novo corte caíam sobre a sua pele e pinicavam. – Mãe! O Roy está me sujando! – ninguém respondeu. – Ele está sujando o seu tapete!

– Leroy Beaumont, se você continuar vai ficar de castigo por uma semana! – a voz soou de um quarto, lá de cima. Sophie logo voltou a falar com a irmã no telefone, dando gargalhadas que podiam ser ouvidas a alguns quarteirões.

Emburrado, Roy parou de importuná-la e sentou-se pesadamente na poltrona da sala.

– Agora eu já te coloquei um feitiço – ele disse, sorrindo maleficamente. – Você não pode mais escapar.

– Mentiroso!

– Você acha que eu estou mentindo? Você vai ver só quando começar a sair meleca do seu nariz sem parar! – avisou ele em tom de nojo, franzindo o nariz. – Meleca verde! Que nem aquela da televisão!

– Não é verdade! – disse a pequena Marie, com água nos olhos. – Você está mentindo! – e ela abanou os braços com as mãos, tentando se livrar dos cabelinhos que ainda picavam a sua pele.

– Meleca veeeeerde!

– MÃÃÃE! O LEROY ME COLOCOU UM FEITIÇO! – ela choramingou, cheia de manha. – MÃÃÃÃE! VOU SOLTAR MELECA VERDE EM CIMA DO TAPETE!

– LEROY BEAUMONT! – a voz de Sophie rugiu lá de cima. – Já para o seu quarto! Fique lá por uma semana!

– Mas mãe! – ele reclamou.

– Para o seu quarto, já!

Leroy olhou aflito para Marie.

– É mentira, eu não te enfeitei! Diz pra ela que é mentira! Diz pra ela, Marie!

– MÃÃÃE! A MELECA JÁ TÁ SAINDO! UHHHH!

– LEROY BEAUMONT! SE EU DESCER ESSA ESCADA VOCÊ VAI SE ARREPENDER! JÁ PARA O SEU QUARTO! JÁ! – e tornou a falar ao telefone, dizia para a irmã que não sabia mais o que fazer com aquele pestinha do sobrinho dela.

– Marie, eu menti pra você! Por favor, me desculpa! – ele pediu, se ajoelhando na altura dela. Os olhos de Roy estavam iguaizinhos aos do cachorro da sua amiga, eles pareciam tristes, mas ela sabia que o cachorro só fazia aquela cara quando havia aprontado e queria que não brigassem com ele. – Por favor, diz pra ela que eu pedi desculpa! Diz pra ela!

– Não, Leroy Beaumont! Agora fui eu que coloquei um feitiço em você! Já para o seu quarto! – ela mandou, apontando para a escada, do jeitinho que a mãe fazia. – Vai, agora! – O irmão mais velho saiu de perto dela, batendo os pés com força.

Então ela ouviu uma risadinha enquanto ele subia os degraus. Marie sentiu-se vingada e vitoriosa até perceber que ele estava sorridente, mesmo que tivesse perdido aquela batalha, Roy ainda não havia sido derrotado. Olhou para trás e ele mostrou a língua.

– Quando a meleca verde sair, o seu cérebro sai junto! – e subiu correndo, fazendo muito barulho com os pés.

– MÃÃÃE!

– LEROY BEAUMONT!

– Já estou no meu quarto! – e ela ouviu uma porta se fechar.

Olhou para os lados e apalpou o nariz, temendo que a meleca verde começasse a escorrer antes que percebesse. Esfregou os braços e a cabeça, os cabelinhos ainda pinicavam. Seu irmão ainda pagaria por aquilo! Um dia, Marie se vingaria daquele feitiço!

– Não dói nem um pouco – disse Roy em tom tranquilizador, sua voz parecia vir quase de outro mundo, pois não se podia saber ao certo de onde estava vindo. – Eu estou preparado, Marie. Está tudo bem.

– Não está nada bem...

O princípio do fim

Era cedo demais. Ainda era cedo demais. Ela não estava preparada. Não podia perdê-lo tão cedo. Como Marie poderia aceitar um futuro sem Leroy ao seu lado? Estava habituada com a sua presença no quarto ao lado, com seus momentos de silêncio e com os ruídos do rádio ou do vídeo game. Ouvia o som da sua voz discutindo consigo mesmo quando ficava indignado com o final de algum livro, podia vê-lo estudando, debruçado na sua escrivaninha, tentando se concentrar, implorando para que não fizessem tanto barulho lá embaixo. Sua mão rabiscava as primeiras páginas do seu livro, ele ficava bravo sempre que a irmã tentava espiar. O Colecionador de Cometas era algo confidencial até que estivesse pronto. Conseguia escutar as diferentes risadas que ele adorava inventar. Podia vê-lo concordar com a cabeça, entristecido, quando seus pais lhe diziam que ele tinha potencial para ser muito mais do que um escritorzinho. Que aquilo não era vida para ele.

Sua visão ficou turva, as lágrimas quentes encharcavam seus cílios. Marie observou o manuscrito diante de si. Ele era o motivo daquilo tudo. Era ele que estava levando seu irmão embora, lenta e dolorosamente. Conteve o impulso de arremessá-lo para fora da janela, isso não seria certo. Não seria justo.

Não disse mais uma palavra e saiu do quarto do irmão. Ele arfou um som qualquer, como quem ia dizer alguma coisa, mas desistiu, e ficou em silêncio. Ela calçou seus sapatos e saiu de casa sem avisar. Era a segunda vez que saía aquela mesma tarde. Desta vez, seguiu pelo outro lado da rua, não queria correr o risco de ser reconhecida por alguma vizinha que estivesse indo ao mercado.

Suas pernas se moviam vagorosamente. Sua cabeça estava em outra dimensão...

– Vocês acham que eu estou gorda? – ela se olhou no espelho do guarda-roupas, o cenho franzido da mais pura frustração. Léon e Leroy caíram na gargalhada com a pergunta repentina, quase derrubando a televisão com um pontapé.

– Obesa – respondeu Mirabelle, mastigando uma batata frita com molho de mostarda. – Apenas Obesa, Marie.

– Puts! Acho que a sua irmã está pirando, cara! – disse Léon, lacrimejando de tanto rir. – Daqui a pouco ela vai começar a fazer aquela dieta do kiwi e então vai enfiar a escova de dentes na goela para vomitar todos os hambúrgueres do almoço!

– É dieta do *abacaxi*, não tem nada de kiwi – defendeu-a Mirabelle, afinal só ela tinha o direito de caçoar da melhor amiga. Virou os olhos para o teto e deu um longo suspiro, inconformada com tanta burrice.

Leroy já estava gemendo de tanto que seu abdome doía por causa das gargalhadas, não tinha mais forças para continuar. Marie não sabia por que, mas continuava se recordando daquela memória com frequência. Olhou para baixo enquanto caminhava, ela não parecia nada gorda. E daí? De que isso importava?

Nada mais importava.

Ela sabia que sua vida estava prestes a terminar.

Apenas mais algumas páginas...

Ouviu uma buzina atrás de si antes de reparar nos carros passando muito perto e xingando-a de nomes horríveis. Ela estava bem no meio da rua, os carros transitavam entre ela com seus motores roncando. Alguns eram coloridos, mas, em geral ou eram pretos ou prateados. Cores... Por que estava reparando em cores? Um motoqueiro chamou-a de “garota suicida” ao esquivar-se dela, por um tris não aconteceu o pior. Sua motocicleta tinha banco de couro, seu capacete tinha chifres engraçados de plástico prateado, daqueles que imitavam o metal. O que ela estava fazendo ali? Pisou na calçada em frente e continuou caminhando.

Não conseguia se concentrar, já estava ficando irritada. Leroy batia com insistência na porta do seu quarto, ela a havia trancado justamente para que ninguém a importunasse. E, pelo jeito, ele não havia compreendido o recado. Teclou alguma coisa qualquer para as amigas que sorriam na tela do seu computador. Uma delas era do Canadá, a outra de Luxemburgo, elas eram algumas de suas melhores amigas. Nunca tinham se conhecido de verdade, mas Marie sentia que havia um elo especial entre elas, algo que as tornava amigas inseparáveis, apesar da longa distância.

Girou a chave e abriu a porta bruscamente.

– O que você quer agora? – ela pronunciou impaciente.

Leroy estava arrumado para sair, usava seus tênis novos e havia passado o mesmo perfume de sempre.

– Calminha... Você foi mordida por alguma coisa?

Ela suspirou, virando a cabeça para o outro lado.

– Se você não quer nada, então tchau. Eu estou ocupada agora – e já ia fechando a porta novamente quando ele a impediu e colocou a ponta do pé no batente. – Mas que droga...! O que você quer?

– Você anda muito estressadinha para quem tem só treze anos, sabia? Eu só queria saber se você quer ir ao cinema com a gente. Está passando aquela adaptação de...

– Não, obrigada. Estou conversando com as minhas amigas – e olhou para o pé insistente que ainda a impedia de fechar a porta do seu quarto. – Elas estão me esperando, pode me dar licença? Por favor?

– Elas não são suas amigas, Marie. São só pessoas que você conheceu na internet – Leroy desabafou. Ele nunca havia conversado com ela sobre aquilo, geralmente só escutava seus pais reclamando com a irmã sobre o mesmo assunto, mas jamais fazia menção das suas preciosas amigas virtuais. De qualquer forma, os dois não costumavam conversar muito pouco naquela época, Marie nunca tinha tempo para ele, nem para mais ninguém. Estava sempre ocupada em frente à tela do computador. – Você pode até gostar delas, mas não pode contar com elas. Então não são suas amigas de verdade. Vamos ao cinema.

– Eu já disse que não, Leroy! Agora me deixa em paz! Que droga!

– Você está trocando a sua família por um computador, sabia disso?! – ele vociferou, e tirou o pé. Ela bateu a porta com toda a força que encontrou e trancou-a com a chave. Saiu bufando até a cadeira, colocou os fones de ouvido e posicionou o microfone na altura do queixo. Colocou música bem alta para que as palavras que vinham do outro lado da porta não chegassem aos seus ouvidos, mas elas chegaram antes que pudesse ativar o *player* no computador. – Você está trocando a gente por pessoas que podem nem ser quem você pensa, sabia disso? Eu sou a sua família, elas não são!

– Vai logo embora, Leroy! Eu queria que você não fosse da minha família! Queria que *elas* fossem! Elas me entendem e se importam comigo de verdade, você é só um egoísta! Agora sai logo daqui e me deixa em paz!

Não houve mais objeções do outro lado. Um instante depois, ela ouviu os passos descendo os degraus da escada. E então suas amigas voltaram a futricar nos seus ouvidos, elas haviam escutado a breve discussão e estavam orgulhosíssimas da amiga. Mas Marie não se sentiu orgulhosa de si mesma. Ela não se sentia nada orgulhosa.

Suas lágrimas ainda escorriam enquanto seus pés se moviam pela calçada. Aquilo já havia acontecido há tanto tempo... há tanto, tanto tempo... Para onde estava andando? Sua casa ficava mais distante a cada passo. Uma quadra, duas, três, quatro quadras. E Ma-

rie ainda não fazia ideia de onde seus pés a estavam levando. Não importava. Não importava nem um pouco.

Viu as luzes verdes e vermelhas dos semáforos. Pessoas vagavam pelas ruas. Havia também o sol, lá em cima, em algum lugar que seus olhos apertados não conseguiam encarar por mais que um segundo. O chão abaixo dos seus pés parecia sólido como nunca... eram seus pés que tinham de se acostumar com toda aquela dureza. Mas em que estava pensando? Marie não fazia a menor ideia. Pessoas conversavam entre si quando passavam. Alguém mencionou que um meteorito estava prestes a se chocar com o planeta? Tomara que sim. Marie mordeu o beijo, seus olhos estavam secos, não havia mais força para lágrimas ou para sentimentos. Apesar de toda a vida que prosseguia à sua volta, Marie estava sozinha.

– Não se diz *galássia*, sua burrinha – disse Léon, colorindo de vermelho a crina do seu cavalo. Marie fechou a cara e fez bico. Largou o giz de cera e cruzou os braços, as bochechas se enchiam conforme sua boca se estreitava. – É *galáxia*. Diz pra ela que é assim que se fala, Roy. GALÁXIA – ele repetiu em voz alta.

– Não é não! – ela contrapôs. – Eu ouvi na televisão o moço dizer *galássia*!

– Você não tem jeito. É uma burrinha mesmo...

– Burro é você! Sua mãe disse para a minha que você só tira notas ruins na escola, seu burro!

– Você nem sabe escrever o próprio nome ainda. Eu posso tirar notas ruins, mas pelo menos eu sei dizer *galáxia* do jeito certo!

Marie pegou um giz de cera cinza e rabiscou um pedaço do próprio desenho. Nele estavam Roy, ela e Léon de mãos dadas. No fundo havia um círculo amarelo com cinco traços do mesmo tom amarelo ao redor, representando o sol. Léon agora havia desaparecido, pois uma “nuvem cheia de chuva e trovões”, como Marie interpretou, havia descido do céu até ele. Ela abriu um sorriso satisfeito e olhou para Léon, exibindo a sua vingança perversa.

– E daí? É só um desenho. Menina GALÁXIA!

– Roy! – ela chamou. O irmão estava concentrado no seu próprio desenho. Sua mão dava detalhes coloridos a um tipo de alienígena de três cabeças, cada uma com uma língua maior que a da outra, uma nave espacial ficava no fundo e, ainda mais ao fundo, havia a perspectiva do espaço sideral estrelado. – Diz pra ele que é *galássia* e não *galáxia*!

Ele estivera tão concentrado no desenho que mal percebera a discussão entre aqueles dois. Roy era um desenhista nato, mas Marie um dia pretendia superá-lo! Algum dia seria melhor que o irmão em tudo!

Leroy olhou para ela de boca aberta, sem compreender bulhufas do que estava acontecendo.

– Diz para o Léon que é *galássia* e não *galácsia*.

– Mas é *galáxia*.

Sentindo-se injustiçada, Marie fechou ainda mais a cara e fez um bico ainda mais pontudo. Riscou uma nuvem cinzenta em cima do irmão também. Agora apenas ela sorria no desenho, com seu corpo, braços e pernas feitos de traços retos. Leroy olhou para o desenho da irmã e deu uma risada, compreendendo o que estivera acontecendo na sua “ausência”.

– É verdade, mana, o jeito certo é *galáxia*. Mas aposto que o Léon não sabe o que é uma galáxia. Pergunte pra ele – instigou Leroy, cochichando no seu ouvido.

A menina ergueu as sobrancelhas e soltou um gemido de compreensão, aquela era uma ótima oportunidade de provar que Léon era o burrinho, e não ela.

– Léon?

– Que é, burrinha GALÁXIA?

– Não sou burrinha! Brrrh... O que é galáxia?

Léon ficou mudo. Ele definitivamente não esperava por aquela pergunta. O menino engoliu em seco e gaguejou um ruído qualquer antes de se dar conta do que estava acontecendo.

– Então você se juntou à burrinha GALÁXIA, ein Roy? – Léon olhava de um para o outro, inconformado com a traição do melhor amigo. – Já que você é tão esperto, por que não diz pra gente o que é galáxia?

Leroy abriu um sorriso de orelha a orelha, como se estivesse esperando por aquele momento desde o princípio.

– Galáxia é tudo o que está por trás do céu. É onde ficam as estrelas e os planetas e o sol e a lua. E os alienígenas – ele explicou. Léon e Marie ficaram boquiabertos, eles não sabiam daquilo. Roy era mesmo muito esperto! – Tem um monte de galáxias e todas elas juntas formam o universo.

Marie tropicou com a ponta do pé em um paralelepípedo desajustado. Olhou para a frente e, só então, ouviu o som suave e constante da água. O belo rio Loire fluía lá embaixo. Ela pousou as mãos na mureta de pedra velha. Há muito tempo, alguns grandes heróis, e,

pelo menos, uma grande heroína, já haviam contemplado aquelas mesmas águas deslizando por entre as rochas. O Loire. Por que suas pernas a levaram para lá? Ela virou a cabeça para o céu. Tons de laranja e rosa tingiam a enorme tela repleta de nuvens brancas, o pôr-do-sol lembrava uma pintura vibrante.

Ela jamais se esqueceria aquele entardecer ao lado de Roy e Léon. Foi no dia seguinte que o seu próprio mundo começou a desmoronar, o fim de tudo começou quando Leroy dormiu pela última vez. Aquele entardecer foi um dos seus últimos momentos ao lado do irmão, foi uma das últimas vezes que viu seu sorriso em vida. Com insistência, as lágrimas retornaram a cair. Ela fechou os olhos e sentiu o vento. Roy parecia estar ao seu lado. Mas não estava.

– Seu moleque ingrato! – vociferou Julien, apontando o dedo indicador para Leroy. Seu irmão não disse nada desde que o pai começou a ralhar com ele, ele mal piscava. – Você sabe quanto eu gastei com aquele animal? Que tipo de gente idiota é você?

Sophie apenas observava de longe, a cabeça concordava ligeiramente com as palavras do marido, mas seus olhos não acusavam duramente a atitude do filho. Eles quase chegavam a admirá-lo. Marie fingia dar atenção às suas duas bonecas novinhas, que permaneciam intocadas dentro das caixas. Ela já estava bastante grandinha para bonecas, mas seus pais continuavam escolhendo esse tipo de presente, devia estar com dez ou onze anos na época. Ela não se recordava. Só o que conseguia se recordar é que nunca havia visto seu pai tão irado quanto aquele dia.

– Soltar uma *calopsita prata* só porque não gostava de vê-la presa? As coisas não funcionam dessa forma, você está me ouvindo? Aves desse tipo são criadas em cativeiro, elas estão acostumadas a viver nas gaiolas. Elas estão acostumadas a ter água e comida sempre por perto. No momento em que você abriu aquela portinhola – ele apontou para a gaiola vazia no chão – e deixou que ele escapasse, você condenou o seu pássaro à morte. Ele não vai conseguir encontrar água nem comida. E, se não morrer de fome, vai acabar sendo devorado por pássaros maiores ou vai ser recapturado por algum caçador. Você tem que aprender o significado de discernimento, seu moleque irresponsável. Nunca aja sem pensar. Será que você consegue compreender o que acabou de fazer?

Leroy não respondeu, ele parecia assustado.

– Eu te fiz uma pergunta!

O garoto sacudiu a cabeça que sim.

– Eu já compreendia antes. Quem ainda não compreende é você, pai.

Julien franziu o cenho, irritado com o filho. Indicou a escada com o dedo e Leroy já sabia que estava de castigo no seu quarto até que o pai decidisse liberá-lo. Às vezes isso podia durar muitos dias, já que seu pai era bem mais severo com seus castigos do que Sophie, que acabava ficando com pena dos filhos e os liberava em algumas horas.

Leroy subiu os degraus sem olhar para trás e Marie ouviu seus pais conversando sobre o irmão. *Ele não aprende! É um impossível!* Ela os ouvia dizer. Alguns minutos depois, ela pegou suas caixas de bonecas e subiu para o próprio quarto. Largou-as sobre a cama e foi ver como o irmão estava. Entrou no quarto dele sem bater, como já era de costume.

A janela estava aberta e ele estava empoleirado no parapeito, procurando por alguma coisa voadora no céu.

– Você quer pegá-lo de volta?

– É claro que não! – ele disse. – Nem se fosse possível! Por que eu faria isso?

– Porque o pai te tiraria do castigo se você recuperasse a calopsita, oras.

– O meu castigo vai durar pouco tempo, o castigo daquela calopsita ia durar a vida inteira.

Marie pestanejou, pensando no que ele estava lhe dizendo.

– Mas o pai disse que você condenou seu pássaro à morte. Ele não vai conseguir encontrar comida e ainda pode ser pego por outra pessoa que vai maltratá-lo – ela contrapôs com a voz da razão. – Além do mais, a gaiola dele era enorme, Roy! Ele tinha muito espaço lá dentro. Acho que dava até para voar de um poleiro até o outro!

Mas Leroy nem se dignou a desprender a atenção e continuou procurando sua ave branca do lado de lá da janela.

– Ele ainda assim seria só um pássaro engaiolado, Marie. Em comparação com o céu, aquela gaiola não passava de uma prisão.

– Mas você ainda não entendeu que ele vai morrer? – Marie insistiu. Ela não se conformava que o irmão não compreendesse algo tão simples.

Então ele interrompeu sua busca e fechou a janela do quarto. Seus olhos claros pousaram nos da irmã, ele estava sorrindo, apesar do castigo. Roy devia adorar ficar de castigo, pois nem mesmo punições daquele tipo conseguiam abalá-lo.

– Uma vida inteira de confinamento vale menos que um único voo em liberdade – e ele começou a lacrimejar, mas não de tristeza, porque continuava sorrindo. – Você não viu ele voar, Marie. Você devia ter visto. Foi incrível! Pela primeira vez na vida, o meu pássa-

ro fez o que havia nascido para fazer. Aquele foi o melhor presente do mundo porque, ao libertá-lo, eu pude voar também!

Será que também posso voar? Marie pensou, debruçando-se sobre a mureta de pedra. O Loire parecia menos caudaloso do que da última vez que o viu. *Um pássaro engaiolado.* O que estava acontecendo com Marie? Por que ela se sentia tão estranha? Alguém gritou para que ela tomasse cuidado, uma voz que parecia tão distante... foi então que ela notou que seu corpo estava a meio caminho de cair sobre as pedras do rio. Ela se endireitou para trás e pestanejou, atordoada. O que seu corpo estava fazendo com ela? Marie ignorou o comerciante que a chamava de *imprudente* aos berros e observou o céu.

Não havia muitos pássaros voando. Ela contou cinco no céu e mais uns dois que pescavam peixinhos nas margens do Loire. Por que apenas os pássaros tinham asas para voar? Marie também queria voar, mas não tinha asas. Não precisava de asas, podia voar agora mesmo. Fechou os olhos e sentiu o vento soprando seu rosto. Abriu os braços e ouviu o canto distante das águas. Imaginou que seus pés não tocavam o chão, imaginou que seu corpo podia se mover para qualquer lugar e para qualquer lugar ela voou.

Foi uma viagem maravilhosa. Podia ver campos de pasto ao longe, o gorjear das gaivotas que planavam acima do mar. Sua mente se tornou azul com o cheiro da maresia, já havia se esquecido de como era maravilhoso aquele cheiro. Queria que Roy estivesse voando ao seu lado. Olhou para cima e viu que ele estava lá. Batia os braços como um pássaro, ele já era bem mais experiente na arte de voar do que a irmã mais nova. Viajaram lado a lado sem dizer uma palavra. Passaram-se dias, meses, anos e os dois continuaram juntos, sob o mais absoluto silêncio, unidos pelo infinito que havia entre eles.

Abriu novamente os olhos. A realidade era dura. Dura como o chão que seus pés voltaram a pisar. Mas quem disse que viver era uma coisa fácil? O comerciante já havia desistido da maluquice dela e retornara para os seus fregueses, Marie forçou-se a sorrir, por mais que não tivesse motivos. O céu já estava escurecendo e as aves haviam voado para algum abrigo distante, ela também precisava retornar para o seu lugar, ao lado da sua família.

Quando chegou em casa, viu que os pais não haviam dado a sua falta até aquele momento. Eles se acostumaram a não pressioná-la demais, portanto, nunca iam até o quarto dela perguntar se estava tudo bem ou se precisava de alguma coisa. Era ela quem fazia isso por eles. Depois de responder às milhares de perguntas dos pais e de prometer que não sairia uma outra vez sem avisá-los, Marie subiu até o quarto do irmão.

– Senti a sua falta. Onde você esteve? – ele perguntou assim que seus olhos transparentes pousaram na irmã. Como era bom ouvir aquilo de alguém!

– Fui até o Loire.

– Fazer o quê?

– Ver os pássaros voando.

– Ah... E havia muitos deles?

– Não. Muitos não. Só alguns.

Ele fez que compreendeu, por mais que fosse difícil identificar seus gestos. Então um silêncio começou a crescer entre eles. Marie temia aquele momento, o momento em que teria que tomar uma atitude. Detestava que o peso de uma decisão daquelas tivesse que cair sobre os seus ombros. Não parecia justo. Mas ela tivera muito tempo para refletir, e agora sabia o que devia fazer.

– Me dê só mais uma semana, Roy – ela pediu. – Só mais uma semana e então vamos... – ela sentiu sua voz tremer, o queixo oscilava. Um nó na garganta prendeu suas palavras, mas ela já estava cansada de fraquejar. – Então vamos terminar seu livro. E eu vou cumprir a minha parte da promessa.

Leroy não disse nada e Marie também não conseguia distinguir a expressão no seu rosto, ela mal podia distinguir o seu rosto. Então apenas olhou para o espaço vazio entre eles, imaginando o que se passava na cabeça do irmão. Ele estaria feliz com o que estava prestes a acontecer? Marie não podia dizer, não podia nem imaginar.

– Sabe, Marie... Por todo esse tempo que estive aqui, fiquei me perguntando: por que algumas pessoas são esquecidas tão depressa e por que outras a gente jamais esquece? Que nem o vovô? – ele disse, mais em tom de afirmação do que de pergunta. – Então eu cheguei à conclusão de que algumas pessoas são lembradas porque elas eram especiais para alguém.

– Roy, você não...

– Eu só queria te dizer que... você é especial para mim, então nunca vou me esquecer de você. Nunca.

O coração da garota se apertou. As lágrimas, suas companheiras mais constantes nos últimos tempos, voltaram a umedecer seus olhos.

– Também nunca vou me esquecer de você, Roy.

A última semana passara mais depressa do que Marie esperava. Quando suas mãos pousaram novamente sobre o manuscrito do Colecionador de Cometas, ela sentiu um arrepio na ponta dos dedos.

Durante os últimos sete dias ela e o irmão conversaram como nunca. Riram como nunca. Contaram histórias como nunca. Confidenciaram segredos como nunca haviam imaginado que seriam capazes. Os últimos dias foram os mais intensos da vida de Marie. Ela jurou para si mesma que, dali em diante, jamais se permitiria viver um dia com menos intensidade do que o dia anterior. Jurou isso para si mesma e para o irmão, e então eles se abraçaram.

Foi o abraço mais apertado que Marie já recebeu. Por mais que não pudesse sentir o calor ou mesmo o toque, ela ainda podia sentir todo o sentimento por trás daquele gesto. Uma brisa fresca escapou pela janela e acariciou a sua pele. Sua voz saiu antes que ela pudesse pensar no que dizer, antes que tivesse sequer imaginado se teria coragem de dizer aquilo para alguém tão próximo.

– Eu te amo, irmão – ela se ouviu dizer.

Nunca havia dito isso a ninguém da sua família. Nunca havia dito algo tão verdadeiro, tão repleto do sentimento mais puro. E Roy também nunca ouvira alguém lhe dizer algo parecido, não de uma forma tão espontânea, tão sincera.

– Eu também te amo, mana. Vou sentir a sua falta.

E o coração despedaçado de Marie foi finalmente curado.

Abriu o livro do irmão e leu suas últimas palavras como se fossem também as suas. A cada palavra que lia, mais ela tinha certeza de que uma linda calopsita prata estava prestes a bater suas asas pela primeira vez, após uma longa espera.

Eu não precisei que Bion me dissesse que tudo o que eu imaginava ter escutado durante a admoestação era mesmo verdade. Bion não disse uma palavra sobre o que aconteceu aquela tarde, ele apenas se limitava a cultivar suas flores e, a cada dia que se passava, elas ficavam ainda mais magníficas. No oitavo dia após o discurso do aviano de penas negras, os recrutadores começaram a desmembrar as famílias asmosianas em busca de recrutas para fortalecer a tal Hoste da Justiça – foi assim que resolveram nomear o exército restaurado da República de Asmos. Os oficiais batiam às portas das casas e os pais entregavam seus filhos com largos sorrisos no rosto, os garotos estavam loucos para ir para a guerra e não havia orgulho maior para toda a família do que ter um de seus familiares fazendo parte da gloriosa Hoste.

Foi uma verdadeira chuva de cometas.

Eu e Bion nos escondíamos atrás das janelas das residências e os cometas apenas deslizavam para as suas mãos, como se só estivessem esperando para serem apanhados. O

brilho fascinante daqueles cristais sempre me hipnotizava, desde que deixava o corpo das pessoas até o momento em que Bion os agarrava e tragava toda a sua energia luminosa. Foram dias bem prósperos para Bion. Passávamos apenas duas ou três horas fora de casa por dia, mas já era o suficiente para que ele retornasse com os bolsos cheios de cristaizinhos da cor da neve e eu, com um sentimento estranho de perda e dúvida.

Quando os recrutadores da Hoste da Justiça vieram até a minha casa, foi Sibylla quem os recebeu. Mandou os criados servirem uma bebida fria, pois fazia muito calor lá fora, e pediu que eu fosse chamado. Quando me deparei com aqueles soldados de barba branca bem feita, vestidos com suas novas armaduras prateadas e exemplarmente polidas, confesso que senti meu coração dar uma cambalhota. Acreditei que, depois de longos anos de crime, eu havia sido finalmente descoberto. Mas meus medos mais profundos desapareceram quando um deles disse: *Esse rapaz é o filho do Ministro Solon? Eu esperava um jovem um pouco mais... alto. E talvez menos magro também.* Eu estava confiante de que logo em seguida ele me perguntaria se estivera passando fome nos últimos anos. Assim que a pergunta que ele veio me fazer chegou aos meus ouvidos, não me poupei de responder um sonoro: *não, mas obrigado por perguntar.*

Não quer servir à Hoste? Vai privar seus pais deste imenso orgulho quando a nossa República sair vitoriosa perante todas as outras?, o oficial me perguntou, numa tentativa de me encorajar e, ao mesmo tempo, me intimidar de alguma maneira. Acho que os recrutadores estavam desacostumados a ouvir uma resposta negativa, afinal, nos era dado o direito de escolher se queríamos ou não ir para a guerra em nome da nossa República. Foi com alguma ingenuidade que respondi: *sim, tentarei compensá-los de uma maneira menos brutal. Mais alguma coisa, senhor?* O homem endureceu o músculo do maxilar, ele não parecia muito satisfeito com a minha resposta e, se quer saber, eu não estava nem aí para o que ele pensava. Ele e o seu subordinado tomaram um último gole do refresco de limão e foram embora, misteriosamente se desculpando com ela pelo inconveniente causado.

Logo depois de encaminhá-los para a porta de saída, Sibylla se virou para mim e sorriu. Nem ela podia compreender o seu sorriso. Ninguém queria ficar fora daquela grande briga, haveria muitos créditos, honrarias e dinheiro quando tudo terminasse. Porque era isso o que todos acreditavam que uma guerra significava: não passava de uma grande briga. Uma briga que resultaria em uma revolução envolvendo as outras treze Repúblicas, “as terras que não eram iluminadas pela justiça infinita de Asmos”.

Alguns dos novos recrutas chegavam a sair de casa desarmados, tinham a mais absoluta confiança de que retornariam sãos e salvos só com a força dos seus murros e ponta-

pés. Afinal, tudo não passaria de uma briguinha mesmo... Nossos inimigos indignos não tinham a menor condição de se armar, eles não tinham a glória que nós tínhamos, não mereciam o nosso respeito. Derrotá-los seria mais fácil do que partir um graveto com uma pedra. Era isso o que a nossa refletidíssima população asmosiana acreditava com todas as forças, acredite se quiser. Não demorou muito para que o arrependimento substituísse toda aquela vaidade. Mais do que nunca, eu senti que havia tomado a decisão certa em me negar àquela maluquice. *Faça o que tiver que fazer, Nikodemos. O pior lamento é o do arrependimento pelo que não foi realizado*, foi o que Bion me disse no dia anterior. Só agora eu compreendia o que ele quis dizer.

As pessoas desejavam a guerra porque não sabiam o que ela realmente significava. Não sabiam que era muito provável que seus familiares jamais pudessem voltar para casa, não sabiam que eles mesmos podiam perder seus lares e coisas muito mais valiosas. Tudo isso da forma mais dolorosa que se pode imaginar. Bem, eu mesmo não imaginava todas essas coisas porque nos livros de história ninguém explicava o que acontecia em uma batalha, só se dizia que um lado vencia e outro perdia – ou que, eventualmente, ocorria um empate, e os dois lados acabavam perdendo. Guerra. Não me pergunte por que, mas essa palavra não me parecia muito boa, pois, de alguma forma, eu sabia que estava associada com a morte.

E foi com a morte que nós aprendemos que a nossa justiça asmosiana não tinha tanto valor assim.

O Abismo Sem Fundo

Sei que você provavelmente irá me detestar por isso... mas o que aconteceu durante aquela guerra é uma história para outro livro, escrito por outra pessoa. Sinto muito, mas existem coisas que são feitas para serem lembradas e outras apenas para serem esquecidas.

Eu estava falando sozinho quando Bion se aproximou de mim pelas costas.

Às vezes eu me pergunto se não seria melhor parar de conversar comigo mesmo... Mas sempre acabo mudando de assunto muito rápido para não ter que chegar a uma conclusão. Eu estava acomodado numa poltrona solitária, perguntando-me o que teria acontecido ao tesouro que havia sido abandonado na toca de pedra, agora que Bion vivia conosco. Aquela questão já me incomodava há algum tempo. Foi aí que Bion me surpreendeu, colocando a ponta dos dedos no meu ombro. Tomei um susto tão grande que me fez perder a voz por alguns segundos e, assim que me recuperei, acho que insultei a mãe de Bion. E pelo menos uma de suas irmãs, mesmo que ele não tivesse nenhuma. Espero que ele não tenha se ofendido, mas você sabe como um ladrão como eu detesta ser pego de surpresa.

Encarei-o com minha expressão mais raivosa. *Será que você pode voltar a fazer o chão tremer quando anda? Desde que aparou essa barba, a porcaria dos seus pés parecem ter perdido o peso! Mas que droga, Bion!* Ele não demonstrou estar zangado com a minha reação explosiva, como já era de se esperar. *Um mensageiro está aguardando no jardim. Ele disse que a correspondência de hoje deve ser entregue em mãos.*

Sacudi a cabeça e bufei, nervoso. *Ótimo.* E me levantei da poltrona, desejando que Bion não tivesse escutado as coisas que eu disse sobre seu tesouro. Antes que você venha me condenar – se é que não faz isso sempre que lê as minhas palavras –, saiba que eu jamais roubaria Bion. Não só porque ele agora trabalhava na minha casa, mas, porque eu havia perdido o apetite por furtos. Pelo menos por enquanto.

Meu rosto tentava esboçar que eu estava realmente furioso com o nosso jardineiro gigantesco, mas a minha mente trabalhava desgovernada, imaginando o que o meu “amigo distante” queria me dizer daquela vez. Talvez eu deva parar definitivamente com essas aspas, vou tentar me lembrar disso da próxima vez. Era a sua terceira correspondência e fiquei intrigado por ser a primeira que tinha de ser exclusivamente entregue em minhas mãos.

O que ele (ou *ela*, quem sabe...) estaria planejando? *Boa tarde, o senhor é Nikodemos?*, o mensageiro me perguntou, segurando um envelope com o mesmo tipo de papel dos anteriores. *Sou sim.*

Entregou-me o envelope. Havia um borrão de tinta sobre algumas letras desta vez e um lembrete adicional para o mensageiro. “Entregar em... (borrão de tinta) ...ãos!”. Não seria de se admirar se o meu amigo distante tivesse resolvido às pressas que a sua terceira mensagem era merecedora de uma entrega direta. Mensagens desse tipo podiam ser até duas vezes mais caras, já que o mensageiro tinha a obrigação de não apenas ir até a casa do destinatário, mas também conseguir encontrá-lo. E, como é de se esperar, isso podia render muito trabalho.

Normalmente todo mensageiro deveria pedir que o destinatário assinasse, timbrasse ou carimbasse um comprovante de recebimento, mas esse mensageiro não pediu nada disso. Ele somente acenou com a cabeça e deu-me as costas assim que segurei a carta. Rasguei rapidamente o envelope e li a breve mensagem:

Caro Niki,

Preciso me desculpar pelo que aconteceu no dia da admoestação. A culpa foi toda minha e estou arrependido por tê-lo feito provar algo que eu já sabia. Sinto muito.

Do seu amigo distante.

A letra estava mais corrida que o habitual. Meu correspondente secreto devia estar muito apressado quando me escreveu, ainda que tivesse se atrasado mais de uma semana para reconhecer sua culpa. Alguma coisa não estava certa... Uma mensagem tão curta... E por que ele precisaria que entregassem uma correspondência tão sem valor em minhas mãos? Aquilo não me parecia nada certo. Bion retornou para o jardim e voltou a trabalhar, seus passos ressoando como antigamente, fazendo tanto barulho quanto possível, como se ele tivesse voltado a ser quem era só porque eu queria que fosse assim.

Ei! Espere um pouco, por favor! O mensageiro olhou por cima do ombro. Ele parecia ansioso para ir embora, devia estar querendo receber a outra metade do pagamento de uma vez e ir para casa. Mas, como ele pretendia provar que havia, de fato, me entregado a

mensagem? Bem, aquilo não era exatamente da minha conta... Corri até ele e percebi que ele engoliu em seco quando me aproximei, tinha de haver algo errado naquela história. *Você ainda está de serviço? Preciso entregar uma mensagem para o Ministro da Moeda*, eu disse. O rapaz teria suspirado de alívio se eu não o estivesse encarando. Ele sorriu encabulado e coçou a nuca, as orelhas ficaram vermelhas feito um pimentão. *Esta foi a minha última entrega de hoje. Sinto muito, senhor, mas estou exausto*.

Eu apertei os lábios e concordei, fingindo compreensão. *Ah, imagino. Tudo bem, não posso culpá-lo. Acho que eu mesmo vou ter que entregar a mensagem, nesse caso... Tenha uma boa tarde*. Ele me desejou o mesmo e saiu pela rua, suas pernas se movendo tão depressa quanto qualquer mensageiro. Ele havia caído direitinho na minha armadilha. Dei-lhe as costas e caminhei alguns passos na direção de casa, então, quando percebi que eu já não estava mais no seu campo de visão, esquivei-me para as sombras mais próximas, como eu sabia fazer tão bem, e segui o mensageiro de perto.

Ele podia até ser bem veloz, mas eu era muito mais. Ninguém podia me superar em velocidade, nem mesmo os atletas que subiam e desciam correndo as centenas de degraus do Monte Quíron todos os dias. Se o meu pressentimento estivesse certo, ele retornaria para a casa do meu correspondente secreto para receber a outra metade do pagamento e então eu descobriria quem estava por trás daquelas cartas.

O rapaz não olhou para trás nem sequer uma vez. Era do tipo descuidado. Eu conhecia gente desse tipo muito bem, pois estava acostumado a lidar com eles nos meus dias de maior atividade artística (se é que você me entende). Todo mensageiro que se prestasse devia tomar o cuidado de jamais ser seguido, afinal, alguns clientes muitas vezes optavam pelo anonimato.

Eu até cheguei a desconfiar de alguma coisa enquanto o seguia... E se eu estivesse sendo guiado direto para uma armadilha? Espremi os olhos contra o sol, minha pele já começava a suar. Eu não podia voltar atrás, não quando estava tão perto de solucionar aquele mistério. Tinha que confiar na sorte, por mais que ela não existisse na vida de um ladrão.

Mas o mensageiro não foi tão longe quanto eu imaginava. Ele nem mesmo chegou a deixar a região dos casarões, onde as pessoas menos humildes escolhiam viver. Na verdade, parou em frente à maior casa que já vi na vida. Era tão grande que podia superar a minha duas vezes e ainda sobrar um baita espaço. Não possuía jardins, ao invés disso, um muro feito de pedra branca e finas camadas de argamassa se elevava do solo, era só um pouco mais alto do que os meus braços esticados.

O homem empurrou o portão e ele se abriu com um rangido enferrujado. Deixou-o escancarado atrás de si, já que não devia demorar mais do que um minutinho para pegar o resto do pagamento e ir embora. Aquela foi a oportunidade que eu precisava. Deslizei para dentro com o estilo de um dançarino da noite (apesar de ainda estar de dia), meus movimentos se acostumavam com a forma das sombras e eu simplesmente passava despercebido.

Era uma casa que, evidentemente, não havia sido construída com o propósito de ser uma das mais encantadoras. Tinha um aspecto de fortaleza, com paredões sólidos e torres largas e baixas, repletas de ameias no topo. Quem quer que morasse ali não devia gostar muito de se expor, mas ainda adorava bisbilhotar a vida dos outros – e disso eu tinha certeza. E foi esse detalhe que começou a me preocupar cada vez mais, pois era esse tipo de gente que também não se importaria em expor publicamente as outras pessoas. Ou seus segredos... Pelo menos foi isso o que Sibylla me disse uma vez, quando me mandou ficar longe de gente fofoqueira. Às vezes, acho que a minha mãe deveria confiar mais nas pessoas, deveria dar uma chance maior para o acaso. Pelo menos é isso o que eu tento fazer sempre que posso.

Mas não naquele caso. A pessoa que estava me observando sabia de coisas demais. Como eu poderia confiar em alguém que preferia enviar cartas ao invés de vir falar comigo?

O mensageiro percorreu todo o caminho de pedras redondas até a porta principal, que era de ferro negro, em contraste com a pedra branca do resto da construção. Havia um pomar em toda a extensão que separava a casa e os muros e eu usei os troncos grossos das árvores para seguir o rapaz sem que ele me percebesse.

No momento em que o mensageiro tocou a porta da casa, ela se abriu. Então ele olhou para trás, desconfiado. Eu havia sido descoberto? Não, eu tinha certeza de que meus passos haviam sido tão leves quanto sempre foram.

Ele enrugou a testa e em seguida chacoalhou a cabeça. Entrou e largou a porta aberta atrás de si. Esse foi seu segundo erro consecutivo. Mas eu também não sou estúpido a ponto de invadir uma casa pela porta da frente. Contornei a fachada da construção e observei uma janela aberta, era muito alta, mas eu conseguiria subi-la se apoiasse as mãos no parapeito e desse um impulso com os braços. Foi isso o que fiz, como em tantas outras invasões de lares desprevenidos, e minhas pernas também me ajudaram, patinando as paredes do mesmo jeito que as aranhas fazem.

Detectei depressa a porta principal, mas o mensageiro havia desaparecido de vista. Saltei para dentro, meus pés soltaram um pequeno ruído seco sobre a pedra e eu me encolhi, temendo que alguém pudesse ter escutado desta vez. Olhei para os lados e nada. O lugar estava vazio. Era um salão de proporções gigantes, com um teto alto demais para que três pessoas, uma nos ombros da outra, fossem capazes de trocar as velas no lustre de ferro. Não havia moveis, tapetes, estátuas, tapeçarias, quadros, escudos ou qualquer outro tipo de decoração. Não havia nada além de uma escadaria que levava para o andar superior e duas portas mais ao fundo, ambas fechadas. Decidi subir, pois supus que o mensageiro teria deixado qualquer porta aberta ao passar.

Daquele ponto em diante, não havia muita iluminação, pois a casa tinha pouquíssimas janelas. Só que também não havia mais onde se esconder, era uma casa oca. Agora, pensando bem enquanto escrevo, acho que fui muito precipitado ao invadir aquela casa. Eu sabia que estava caminhando para uma armadilha, mas, de alguma forma esquisita, aquilo me pareceu a única coisa certa a se fazer. Por isso eu apenas fiz. Que idiota, não?

Subi cada degrau com toda a minha cautela, pois cada som que era feito lá dentro ecoava com uma precisão assustadora. Eu diria que esse era o propósito daquele lugar imenso e vazio, pois ninguém conseguiria entrar sem fazer qualquer tipo de barulho. Lá em cima, segui por um de dois túneis altos e largos, na dúvida de escolher entre eles, fui pelo mais próximo. Eu não ouvia sequer o zumbido de uma mosca. O lugar estava deserto, eu diria que estava abandonado, isso se houvesse poeira no chão ou teias de aranha no teto, mas até mesmo a sujeira havia sido recusada naquela casa.

O túnel desembocou em um corredor com quatro portas e um portal mais ao fundo para uma escadaria em espiral que, por sua vez, devia conduzir a uma das muitas torres de ameias. Todas as portas aparentavam estar trancadas e, a cada instante, aquela invasão parecia estar me conduzindo exatamente para onde o meu correspondente secreto queria.

Verifiquei as quatro portas e, como eu imaginava, todas estavam trancadas à chave. Eu sabia disso porque podia ver o buraco da fechadura preenchido por um cilindro de metal. Só me restava seguir pelas escadarias em espiral e agora eu tinha que me decidir: para cima ou para baixo? Bem, fiz o que qualquer um teria feito e resolvi continuar subindo. Escapar para baixo seria sempre mais fácil do que ter de subir correndo uma sequência imensa de degraus. Além do mais, eram geralmente calabouços o que se encontraria nas profundezas de uma construção fortificada daquele tipo. Deparei-me com uma porta de ferro antes de atingir o topo da torre. Ela estava entreaberta, convidando-me para entrar.

E o que mais eu poderia fazer? Já havia chegado até ali, por que não continuar? Empurrei a porta com o pé e ela rangeu com firmeza ao se abrir.

Aquele era o primeiro cômodo mobiliado que vi naquela casa. As paredes, redondas por causa da circunferência da torre, estavam repletas de mosaicos coloridos, ilustrando a criação do universo e os quatorze Divos. No centro da sala havia uma mesinha redonda de madeira e duas cadeiras confortáveis para se sentar. Assim como no meu quarto, quatro janelas ficavam dispostas nos quatro polos, mas ali também havia uma escada que guiava até o topo, onde ficavam as ameias para defesa da casa. Algumas pequenas pilastras sustentavam vasos de porcelana de aparência caríssima, talvez tivessem sido trazidos do outro extremo do planeta, onde diziam que se demorava duas vidas para fabricar uma obra de arte. Bem, domosianos aqueles vasos não podiam ser, pois eu não os achei assim tão atraentes. Por último, reparei que havia um armário comprido de madeira, devia ser onde guardavam os bens de valor.

Eu estava prestes a bisbilhotar esse mesmo armário quando vi algo muito mais interessante sobre a mesinha de centro. Tratava-se de uma régua. Uma régua de madeira. As ranhuras já haviam sumido com o tempo e a madeira estava parcialmente apodrecida pela umidade. A minha memória tentou me avisar de alguma coisa. Eu devia conhecer aquela régua? Provavelmente não. Por que deveria?

E então as portas do armário se abriram subitamente e alguma coisa pesada saltou em cima de mim, soltando uma gargalhada sinistra. Desmaiei no mesmo instante.

Sim, ladrões do meu tipo são geralmente muito fracos para emoções fortes demais. Era impressionante que meu coração não tivesse se aposentado naquele mesmo instante.

Acordei alguns minutos depois. Ainda estava deitado no chão de pedra branca, minha cabeça doía. Alguém jogava água na minha cara, aquilo era irritante. Eu odiava sentir a minha pele molhada, isso me lembrava do suor quente escorrendo, e espinhas e brotoejas aparecendo... Eu levantei o meu corpo antes mesmo de abrir os olhos e bati a testa em alguma coisa muito dura. *AI!*, eu disse e, ao mesmo tempo, ouvi alguém reclamar a mesma coisa. Havia um jovem da minha idade bem ao meu lado e uma bacia de prata com água rasa. *Ficou doido, é?*, ele me disse, massageando a própria testa enquanto eu massageava a minha. *Você é que deve ter ficado!*, retruquei, *O que estava fazendo? Quem é você?* Mas eu o reconheci no mesmo instante. Era o mensageiro. O mesmo de antes, só que com roupas diferentes, roupas um pouco mais... limpas e sedosas. E suas sandálias também eram novinhas. *Eu estava tentando te ajudar, oras! Precisava ser tão agressivo?* Ele que tivesse

tirado a cabeça de perto da minha...! O rapaz me deu espaço e eu me sentei, arrastando o corpo um pouco para trás.

Olhei desconfiado para ele. *Perguntei quem é você. E dessa vez é melhor dizer a verdade.* Ele parecia emburrado. A testa tinha uma mancha avermelhada e dolorida, mas ele logo deu uma risada bem humorada, disfarçadamente cínica. *Não está me reconhecendo, Niki? Você costumava ser mais rápido do que isso...* Franzi as sobrancelhas. *É você quem anda me observando, não é? Você se passou por mensageiro todas aquelas vezes, mas, na verdade, só queria se aproximar de mim. É melhor dizer o que você quer de uma vez.*

Desta vez ele me pareceu constrangido, talvez até mesmo ofendido com alguma coisa que eu disse. Eu não me importei com os sentimentos dele, estava mais preocupado com as coisas que ele sabia sobre mim.

Você não se lembra?, ele murmurou desapontado e se levantou. Pegou a régua velha de cima da mesinha e a segurou para que eu pudesse vê-la melhor. Aquilo não me dizia absolutamente nada. *Se você é um ladrão hoje, Niki, você deve isso a mim. Por que fui eu que descobri esse dom em você. Já se esqueceu daquele dia? Você não pode estar falando sério...*

E então uma possibilidade veio à minha mente.

Zephyros?, eu disse, abismado. Mas é claro! Quem mais em todo o mundo sempre me chamou de *Niki*? Ele abriu um sorriso mais comprido do que podia e consentiu. *Mas então... era você...? Por que não disse de uma vez? Por que...? Ah...* Ele riu da minha confusão. Eu devia estar com uma cara muito engraçada mesmo... não pude culpá-lo. *Estive ao seu lado desde que saímos da academia, Niki. Eu observei cada roubo seu e cada entrega.*

Devolução, corriji. Ah, desculpe. Eu não sabia que tinha um nome específico, e soltou uma risada. Mas por que nunca me disse nada?

Porque eu queria aprender com você e imaginei que você ficaria apavorado se soubesse que alguém conhecia o seu segredo. Tive que ir devagar, entende? Eu pretendia aguardar mais alguns meses, quem sabe até um ano, antes de começar a enviar as cartas, mas reparei que você tinha parado de roubar. Então precisei acelerar as coisas... Sinto muito pelo que aconteceu no dia da admoestação. Sinto muito de verdade.

E por ter tentado me assustar agora a pouco também?

Ele me encarou com uma sobrancelha levantada. *Por ter tentado, Niki? Você quase partiu desta vida, meu amigo! Hã... Sim, sinto muito por isso também. Eu não imaginava que você fosse tão fácil de perder a consciência.*

Muito engraçado. Você continua o mesmo comediante de sempre, Zephyr. Mas então, como você conseguiu tudo isto?, perguntei, olhando ao redor. Eu precisava conversar com ele, precisava de algum assunto. Zephyr sempre foi uma das únicas pessoas que falavam comigo quando na época da academia. Ele não tinha medo de acabar me machucando sem querer ou de que eu pudesse reclamar dele para o meu pai. A nossa amizade era verdadeira e foi sincera até o momento em que nos separamos, quando deixamos a academia há alguns anos. Então, nunca mais nos vimos. Bem, pelo menos eu nunca mais o tinha visto...

Como consegui? Acho que você sabe como consegui este castelo, Niki... Eu o devo a você. Aprendi muito com o seu “jeito de levar as coisas”. Literalmente, entendeu?, nós dois rimos da piada e ele continuou a falar. *Eu sempre admirei o que você faz, o jeito com que faz, a velocidade. Não é algo que eu consiga copiar. A única coisa em que sou bom mesmo é em me esconder e ficar em silêncio. Acho que foi por isso que você nunca percebeu a minha presença. Cada pedra desta casa foi comprada com o dinheiro que eu consegui vendendo as mercadorias no mercado letosiano. Uma vez a cada dois meses eu viajo para a República de Letos e vendo os artigos mais valiosos que consigo roubar. O pessoal de lá sabe como fazer negócios, eles compram por menos do que vale, mas ficam felizes em não saber como eu os consegui. Eu não tenho segredos para você, Niki. Se não fosse por você, eu ainda estaria vivendo com o meu padrasto... Eu ainda estaria vivendo um pesadelo... Obrigado por tudo, Niki, obrigado mesmo.*

Abanei as mãos, sem saber o que dizer. *De nada... eu acho. Mas você podia ter me falado, Zephyr... Eu teria ficado feliz em te ensinar alguns truques. Quem sabe algum dia desses você não possa me acompanhar? Tenho um monte de coisas para devolver nos próximos meses, quem sabe você pode me ajudar?,* eu parei de falar por um momento e me recordei de algo importante. *Você por acaso invadiu o meu quarto alguma vez?,* perguntei.

É claro que não, Niki. Por que eu faria algo assim? Eu também me perguntei a mesma coisa, mas a resposta que ele me deu não ajudava a solucionar o verdadeiro mistério em questão. *Então como você descobriu sobre a minha lista?,* tornei a perguntar. *Lista? Mas que Lista?*

Minhas datas de devolução. Você as mencionou em uma correspondência. Ele olhou para cima e fez cara de compreensão. *Ah, isso... É tudo muito lógico, Niki. Eu só segui a sua linha de raciocínio. Você tem um padrão de devolução e eu tracei uma planilha com algumas datas que coincidiam com as que você escolhia. Só assim eu poderia te acompanhar sem ter que ficar te espionando o tempo todo. Pode até não parecer, mas a*

minha profissão também me torna um cara bastante ocupado. Eu podia não ser muito bom na época da academia, mas agora sou um ladrão bem dedicado.

Zephyr sorria, mas algo no seu olhar parecia me condenar. Foi com alguma relutância que ele finalmente arranhou coragem para me perguntar: *Por que você parou de roubar, Niki? Por que apenas devolve as coisas?*

Não sei muito bem... É difícil explicar, Zephyr... Eu não saberia dizer o que está acontecendo comigo... Às vezes sinto falta disso tudo. De todo o perigo, sabe... principalmente durante as devoluções. Mas agora roubar já não parece mais ter o mesmo sentido de antes. Não tem o mesmo valor. As pessoas não compreendem. Elas nunca compreenderam. Nunca. Fui eu que compreendi. Mesmo que tarde, eu compreendi.

As orelhas de Zephyr já não estavam mais vermelhas, pois ele estava mais à vontade ao meu lado. Tudo voltara a ser como nos bons tempos de infância. Ele deu um sorriso debochador. *Olha, é por isso que eu vendo tudo o que roubo... Sabe, Niki, o seu trabalho era uma inspiração para mim. Era de verdade. Por muito tempo eu tentei entender o que você queria provar com todos aqueles roubos e devoluções, acho que só consegui entender de uns tempos para cá. E é por isso que não posso deixar você desistir. Roubar para ensinar o valor das coisas. Para que as pessoas percebam que os objetos não tem valor algum, que eles podem ser substituídos. As coisas que têm valor são as que nós não podemos comprar, nem perder. São coisas que a gente só pode lembrar ou esquecer. E tudo o que você queria fazer era lembrar pessoas desse valor esquecido. Do verdadeiro valor daquilo que não se pode ver.*

O meu rosto se abriu, fiquei sem jeito. *Na verdade, Zephyr, acho que nem você compreendeu... É algo muito maior do que isso. Não tem nada a ver com os objetos roubados. Não é nada disso... Ah, um dia talvez você compreenda. Até hoje, somente eu e uma outra pessoa conseguimos compreender.* E ele havia compreendido antes de mim. Bion me ensinou qual era aquele valor, foi ele quem me ensinou o ingrediente secreto que as pessoas ignoravam. *Deixa isso de lado.*

Mas Zephyr insistiu para que eu explicasse o que eu queria dizer, mas não era algo que podia ser explicado com palavras. Não sei se você compreende. Talvez, quando você perder algo de valor, você entenda o que quero dizer.

Ele nos serviu uma bebida forte enquanto me mostrava o resto da casa. Explicou que ela era um “esconderijo de ratos” perfeito, pois cada passo podia ser escutado de qualquer lugar. Era exatamente como eu havia imaginado. *No silêncio profundo, sussurros*

ecoam, eu lhe disse e ele ficou impressionado com a profundidade das minhas palavras. Acho que tenho alguma vocação para a poesia. Vou tentar escrever uma ou duas mais tarde.

Era bom estar ao lado do meu antigo amigo mais uma vez, ainda mais porque Nestor havia partido para longe e eu começava a sentir o vazio que a sua amizade deixou para trás.

Zephyr me contou que ele só costumava trabalhar com “gente grande”. Isso significava que ele só roubava de pessoas que tinham uma condição de vida elevada, em geral, pessoas que não eram nada humildes, pessoas como eu e a minha família. Reuniu uma pequena fortuna ao longo dos anos e pretendia construir um fosso ao redor do edifício principal. Um fosso repleto de tubarões – juro que não sei como ele pretendia realizar essa proeza. *Para que você quer um fosso protegido por tubarões, Zephyr?* Nem ele mesmo soube responder. Nós passeamos ao redor dos muros externos, eles eram fortes como nenhum outro que eu já tivesse visto. Na nossa cidade, não tínhamos necessidade de construções tão sólidas quanto aquela, afinal, a nossa República jamais havia sido invadida.

Se existia de algo bom em roubar pessoas poderosas (além do dinheiro... é claro), era que, de vez em quando, se podia reunir muitas informações interessantes. E o meu amigo guardava informações muito mais interessantes do que eu podia imaginar. *Você tem certeza de que continua sendo filho de um Ministro?*, ele me caçoou. *Niki, a coisa está muito feia lá fora. Muito feia. Ouvi boatos de que os letosianos se aliaram aos serosianos para lutar contra nós. Pelo jeito, eles tinham alguns espiões trabalhando nos nossos Templos e agora já não podemos mais pegá-los de surpresa. Ouvi dizer que os serosianos sabem como abrir um Abismo Sem Fundo, Niki. Um Abismo Sem Fundo!*

E nem podíamos imaginar que as coisas ficariam ainda piores nas semanas seguintes. Um Abismo Sem Fundo... Eu nunca tinha ouvido falar daquele lugar. Mas não me parecia um lugar muito agradável, de qualquer maneira...

Depois daquele dia agradável ao lado de Zephyr, eu continuei a fazer minhas devoluções matinais. Invadia as casas e as abandonava em questão de segundos. Às vezes, Zephyr vinha comigo e eu deixava que ele fizesse algumas devoluções, isso depois de explicar exatamente o que devia ser feito, ou o propósito que eu pretendia – ou não, eu já não sabia de mais nada... – se perderia.

Bion e eu continuávamos saindo para coletar cometas. Quanto mais gente era recrutada para a Hoste da Justiça, mais cometas surgiam nas mãos de Bion. E menos feliz eu ficava. Alguma coisa dentro de mim me dizia que pessoas morreriam naquela guerra. Muitas pessoas. Eu sei o que você está pensando... eu era muito estúpido naquela época. Eu sei...

Imagino que você já deve saber o que acontece de verdade em uma guerra. Mas eu ainda acreditava nas ilusões que a minha cabeça inventava. Todos nós acreditávamos.

Num certo dia, eu e Bion estávamos conversando no jardim.

Ele plantava mudas novas com as mãos e eu comia um pedaço de doce, meus dedos lambuzados pelo mel. Eu havia lhe contado tudo sobre o meu correspondente secreto e ele não fez comentários sobre Zephyr. Imaginei que, talvez, ele não visse nada errado na nossa amizade, então preferiu manter o silêncio. *Como se chama essa substância secreta que você coloca nas flores, Bion? Nestor nunca conseguiu fazer com que elas nascessem tão lindas.*

Ele não desviou a atenção do seu trabalho, suas mãos remexiam a terra com experiência, sua pele suave ligeiramente com o esforço desgastante. *Isto? É apenas um punhado de terra seca e areia.* Dei uma mordida no doce melado e ergui as sobrancelhas. *Mas como terra seca e areia fazem as flores crescerem tão depressa?*

Elas não fazem. Somos nós que fazemos. O que faz com que as coisas cresçam belas não são as ferramentas com que as cultivamos, mas a forma como as cultivamos. A substância secreta não pode ser comprada, ela vive dentro de cada um de nós. E ele terminou de enterrar a pequena muda, polvilhando um pouco da substância arenosa em cima dela. Era um bulbo verde que se tornaria um lindo cravo assim que desabrochasse. Quando terminou o serviço, deixou que seus olhos escuros caíssem sobre mim, eu jamais conseguiria me acostumar com aquele olhar enigmático. Um olhar de quem sabia de muitas coisas. *O que está te incomodando tanto, Nikodemos? Desde que você e Zephyros se reencontraram, você está cada vez mais inquieto. Sobre o que vocês andaram conversando?*

É claro que Bion já sabia. Não sei por que ele se dava o trabalho de me perguntar. *Ele me disse que os serosianos sabem como abrir o Abismo Sem Fundo. O que é isso, Bion? Esse tal de Abismo Sem Fundo? Eu procurei nos livros, mas os textos só dizem que é um lugar esquecido, dizem que, provavelmente, não passa de uma lenda. E a lenda diz que o Divo Caos criou esse lugar para pregar uma peça nas pessoas. Um velho ficava sempre à beira do Abismo, ele avisava quem quer que se aproximasse para não chegar muito perto da margem do precipício. Aqueles que o ouviam, se distanciavam, e nunca mais retornavam lá. Os curiosos se aproximavam mais e, no momento em que olhavam para a escuridão lá embaixo, eram engolidos e caíam eternamente sem nunca chegar a lugar algum.*

Não se preocupe com isso, ele me confortou. Ou foi essa a sua intenção, por mais que não tivesse funcionado. *Não me preocupar? E se esse lugar existir mesmo? E se eles*

puderem abrir um precipício desses no meio da cidade? Como eu posso deixar de me preocupar com isso, Bion? Ele desviou o olhar e retornou para as suas plantas.

É inútil se preocupar com o inevitável. O Abismo Sem Fundo já está aqui. Já está entre nós há muito tempo e nós estamos apenas afundando na sua escuridão, cada vez mais fundo.

Capítulo Vinte

O fim

A presença de Bion nunca foi um motivo de preocupação para mim, apesar de todos os motivos preocupantes que ele me dava. Fosse porque ele costumava ser um mendigo fedorento, ou porque sabia de todos os meus segredos só de olhar no fundo dos meus olhos, ou mesmo porque ele possuía aquele dom enigmático, aquele dom que só os Divos deviam possuir, pois era, de alguma forma, uma dádiva proibida. De acordo com o que eu sempre acreditei, as coisas surpreendentes que Bion fazia eram uma violação dos limites da realidade dos mortais, era uma invasão ao mundo divino, o maior sacrilégio que já existiu e que jamais existiria pelas mãos de outra pessoa. Se um homem podia aprender a fazer o que um Divo fazia, então logo chegaria o dia do fim de todas as coisas. E esse dia estava próximo como nunca. As pessoas corriam desesperadas na direção do precipício, elas praticamente imploravam para encontrar um fim.

Só comecei a me preocupar com a presença de Bion, quando percebi que ele era importante para mim, quando me dei conta de que ele havia se tornado meu amigo, mesmo sem que eu notasse. E, se alguém algum dia descobrisse as coisas que ele podia fazer, então nem mesmo ele saberia dizer o que as pessoas fariam. Eu não queria perdê-lo, de jeito nenhum. Foi por isso que cheguei a suplicar para que Bion nunca mais coletasse cometas ou fizesse qualquer coisa que pudesse denunciar seu dom. Mas ele apenas me encarou e murmurou: *Já lhe disse isso uma vez, Nikodemos. Tudo o que eu faço, todos também podem fazer. Não há dom algum, apenas compreensão.*

Justamente, Bion! As pessoas não têm essa compreensão! Se você for descoberto..., e não soube exatamente o que dizer em seguida. Ele sempre me deixava atrapalhado desse jeito. O que aconteceria caso ele fosse descoberto? Eu jamais gostaria de saber. Só de imaginar eu já me arrepiava. O menor dos seus problemas sou eu. Mas eu agradeço pela sua preocupação. E o homem ficou calado. Terminou de tomar seu chá e se retirou para o seu quarto, após um dia cheio de trabalho com a terra.

A cada dia que se passava, a cidade parecia mais vazia. Os campos de treinamento estavam superlotados e o preço da comida começou a subir numa velocidade exorbitante. Medidas de economia tiveram que ser adotadas pelos Oráculos, pois, em meio a uma guer-

ra, a alimentação dos soldados era uma prioridade. Então, os preços continuaram subindo e subindo cada dia mais. Até que a população das periferias se revoltou. Alguns estavam morrendo de fome, e nós, que tínhamos dinheiro de sobra, jogávamos nossos restos no lixo.

Um mês se passou até que as primeiras manifestações violentas começassem.

Durante uma semana inteira meu pai não pôde ir trabalhar, pois havia sido ameaçado por um pequeno grupo de manifestantes que se instalou em frente ao Templo do Oráculo Alexandros. Quase todos os Ministros foram obrigados a se afastar de suas obrigações, nenhum deles estava disposto a perder a vida pelas mãos das massas furiosas. Eu sentia pena daquelas pessoas. Elas não tinham ninguém que lutasse por elas, nunca tiveram. E agora, até mesmo a sua comida era desviada para os alojamentos da Hoste da Justiça. Aquilo não era nada justo. Mas era essa a cidade em que vivíamos, só que não era essa a justiça na qual as pessoas costumavam acreditar.

Alexandros, Minos, Thales e Kallistos, os quatro Oráculos de Asmos, reuniram-se com o Emissário Supremo em uma assembleia fechada que duraria três dias e três noites. Só que as suas decisões sobre os problemas internos da República nunca chegaram aos ouvidos do povo, pois, muito em breve, nós seríamos finalmente invadidos.

Zephyros continuava a roubar tão ativamente quanto antes, apesar da dificuldade do serviço ter aumentado consideravelmente. *As pessoas estão apavoradas, estão entrando em pânico*, ele me disse. *Elas estão morrendo de medo de perder tudo o que têm. A guerra está explodindo lá fora, Niki! Logo mais esse lugar vai desabar, escute o que eu estou dizendo.* E eu escutei, pois Zephyr não abria a boca a não ser que tivesse certeza. O meu amigo mudara bastante desde os bons tempos de academia e reguadas na cabeça. Ele costumava ser tão rápido para falar quanto lento para pensar, mas, com o transcorrer de alguns anos, esses dois fatos pareciam ter se invertido...

O quarto estava silencioso como se nunca tivesse sido habitado. Era quase possível ouvir o movimento das nuvens que vagavam sem rumo pelo céu. Marie sentiu uma fisgada no peito. A atmosfera estava silenciosa. Silenciosa demais.

– Roy...?

– Ainda estou aqui – ela o ouviu dizer. – Vou ficar com você até o fim.

A voz do irmão estava frágil, num tom que só podia ser percebido quando se fechava os olhos. Marie não podia mais enxergá-lo, mas ainda podia sentir as cores da sua voz. Ela era doce e transpirava paz, o fim estava próximo. Restavam apenas as páginas finais.

A garota não se apressou para lê-las.

Leu com toda a tranquilidade que pôde reunir. Queria que aquelas palavras ficassem gravadas no seu peito, pois elas marcavam os últimos momentos ao lado daquele que inspirava o seu coração. Enquanto lia, ela se surpreendeu consigo mesma. O que estava sentindo naquele momento não era tristeza, não era algo que se podia definir. Baixou os olhos e contemplou o fim.

Pouco mais de uma semana após o início das manifestações, o general Isidoros – a quem chamavam de O Cisne de Aço-Negro, um título mais do que merecido, pois Isidoros tinha um pescoço longo e usava uma armadura de um metal muito escuro e revestido por lâminas pontilhadas que lembravam penas – deixou a cidade com um vasto exército de quinhentos mil soldados e acompanhado por uma equipe de elite formada por doze avianos, cada um deles armado até a ponta das penas. Dizia-se que o poder de combate de cada aviano equivalia ao de mil homens.

De mais de meio milhão de homens, restaria apenas um sobrevivente. Apenas um asmosiano retornaria para casa, um aviano. Quando Zephyr me contou isso, eu senti que perdia as forças. Ele também parecia apavorado, mas quem não ficaria? *Meio milhão de homens era quase um quinto das nossas forças*, ele me informou. Um quinto dos defensores que nos afastariam de uma morte dolorosa jamais retornaria para a cidade. *O Cisne de Aço-Negro foi precipitado, pelo que ouvi de um dos generais. Eles foram pegos de surpresa numa emboscada. Estavam tão confiantes na vitória, que marcharam com pressa até seus pés começarem a doer. Mas pés doloridos também são o que fazem os homens perderem as batalhas, não são? A Hoste foi detida a meio caminho da República de Letos por um exército letosiano com a metade do contingente deles. Eram comandados por um tal de Demogorgon, acho que é um dos Oráculos de lá, porque os Oráculos letosianos são também comandantes de guerra, pelo que ouvi dizer. A Hoste foi massacrada até o último homem e o aviano sobrevivente só escapou porque nenhuma das flechas do inimigo conseguiu atingi-lo enquanto ele se distanciava do campo de batalha. O mais assustador foi que o aviano contou que havia vários titãs ajudando os letosianos, Niki! Vários deles!*

Titãs... Aquele seria mesmo o nosso fim. Enquanto os servidores mais leais a Asmos eram avianos, Letos, o Divo da injúria e da mentira, era servido por nada menos que *titãs*... Homens não tinham chances contra oponentes dez vezes maiores. Os asmosianos seguiriam para a batalha apenas para serem esmagados sob os pés de gigantes...

Aqueles que buscavam iluminar a escuridão das treze terras distantes, haviam perdido sua luz no meio do caminho. E agora estávamos todos cegos. Cegos pelo medo. Cegos por justiça.

Quando a notícia da derrota desastrosa da Hoste de Isidoros não pôde mais ser contida, e acabou se tornando uma declaração pública, a República de Asmos se tornou um verdadeiro pandemônio. Caos, o Divo do pandemônio e da noite, teria ficado orgulhoso do que os asmosianos eram capazes de fazer. A fome continuava a assolar os mais pobres, o arrependimento esmagava os corações dos pais que enviaram seus filhos para uma batalha sem salvação. As pessoas precisavam de alguém para condenar por seus próprios erros. Com a morte do Cisne de Aço-Negro, os vinte Ministros começaram a ser caçados pelo povo, pois a culpa da derrota caiu inteiramente sobre as costas deles. E meu pai – o influente Ministro da Moeda, aquele que todos os outros dezenove Ministros costumavam culpar publicamente quando tinham as verbas para seus projetos reduzidas ou negadas –, sem sombra de dúvidas não era o melhor candidato para uma exceção.

Foi Zephyr quem nos ajudou a escapar da República de Asmos. Ao contrário de mim, ele conhecia cada extremidade da cidade, pois sua área de roubo se estendia para qualquer lugar, sem restrições. No entanto, antes que tivéssemos que deixar a nossa casa às pressas, antes mesmo que ficássemos sabendo dessa grande revolta popular contra os vinte Ministérios, foi o juiz mais leal ao meu pai quem veio até ele e o informou que uma multidão tomada por uma cólera enlouquecida estava se dirigindo, do centro da cidade, até a nossa casa. Esse juiz era Lucianos. Ele estava montado no seu corcel negro, um cavalo musculoso e assustadoramente rápido, com a crina longa e bem cuidada. No fim das contas, Lucianos podia ser um homem sinistro e perverso, mas ainda se recordava do significado mais puro de lealdade.

Fui uma estranha coincidência que eu e Zephyr estivéssemos retornando de um de nossos passeios pela cidade, minha bolsa já estava até mais leve, pela ausência do peso das devoluções, quando nos deparamos com Lucianos disparando à galope de lá. Ele mal reparou em nós dois quando passou, trazia na sua cara horrenda uma expressão mais transtornada que o normal. Entramos em casa com um quê de dúvida, afinal, era muito incomum que os subordinados do meu pai viessem incomodá-lo em nossa casa. O que nós dois ouvimos sem demora foi o som do caos se espalhando pela minha casa. A nossa família não seria poupada da ruína por causa do nosso dinheiro. A desordem estava por toda parte e, em algum momento, consumiria cada asmosiano.

Solon, que dispensava os nossos criados às pressas, dando-lhes grandes quantias em dinheiro como reconhecimento pelo bom serviço ao longo dos anos (e também como um meio de pedir perdão pelo súbito desemprego), entregou as últimas moedas para o último dos criados que aguardava pelo pagamento e todos se despediram com muita pressa. Eu não entendi nada. Fui abraçado algumas vezes, minha mão foi apertada sem que eu soubesse por quem, e, assim que tentava corresponder, as pessoas passavam por mim e corriam para fora de casa. *Arrume as suas coisas, Nikodemos. Vamos partir dentro de alguns minutos.* Ele nos contou muito brevemente o que Lucianos viera lhe alertar há alguns minutos e eu fiquei desnorteado pelo rumo que as coisas haviam tomado. De repente, passamos do tudo ao nada. Zephyr olhou para nós dois e colocou a mão no meu ombro. *Vou até a minha casa e volto logo, preciso pegar algumas coisas. Posso tirá-los da cidade sem que ninguém perceba, mas vocês precisam me esperar. Conheço um esconderijo nas montanhas, jamais seremos encontrados lá.*

Não tive tempo de dizer nada. Solon apenas concordou com um rápido aceno e Zephyr deslizou até a porta de saída e desapareceu entre as plantas do jardim. Meu pai também se apressou em sumir de vista, ainda restava tanto o que vasculhar e pouquíssimo tempo para raciocinar.

Eu não tinha muito o que levar atrás de mim. Separei algumas mudas de roupas limpas, um par de sandálias novas, um cobertor e alguns utensílios úteis que cabiam dentro da minha bolsa (como uma pedra imoladora para fazer fogo, um conjunto de velas, um cantil e algum dinheiro que eu estivera guardando nos últimos anos). Senti-me culpado por todos os bens roubados que jamais retornariam para as mãos dos seus verdadeiros proprietários. Destranquei todos os meus guarda-roupas e deixei a porta do meu quarto entreaberta, para qualquer um que resolvesse entrar. Quando desci as escadas em espiral da minha torre, não senti a menor vontade de olhar para trás. Nada me prendia àquele lugar, apenas as recordações. E recordações seriam o bastante para mim.

Mas minha mãe não concordava com essa filosofia simplista. Sibylla quase enlouqueceu quando Solon nos avisou que só devíamos levar o que pudéssemos carregar nas costas. O resto seria deixado para trás. Era a vez da minha mãe de ser desprovida das suas preciosidades. A todos sempre chega o dia em que devem ser testados e, se esse dia não chegar, acredite em mim, não foi uma questão de sorte. Foi apenas mais uma das coincidência da vida.

Meu coração se encheu de tristeza ao ver a nossa casa sendo revirada em busca de objetos de valor. Que valor era esse que meus pais tanto buscavam? Bion continuava ao

meu lado e isso foi uma das únicas coisas que conseguiram suavizar a pressão dos próximos dias. Ele se recusara a ir embora, pois, como eu já sabia em segredo, meu amigo gigante não tinha mais para onde ir, além da sua toca de pedra.

Eu gostaria de ter pensado na ideia do fosso com tubarões alguns meses atrás..., Zephyr me confessou desanimado enquanto todos nós partíamos pelas ruas mais estreitas e sujas da cidade, montados nos exatos cinco cavalos que tínhamos em casa – o que também era uma baita coincidência. Meus dois amigos continuavam ao meu lado, pois Zephyr resolvera não apenas nos guiar, mas fugir conosco para sempre. Ele tinha consciência de que a sua fortaleza logo seria tomada por pessoas desesperadas que esperavam poder se abrigar antes que os inimigos invadissem a cidade. De qualquer maneira, uma única pessoa nunca seria capaz de defender um lugar daquele tamanho. No final das contas, a grandiosidade foi a sua ruína. E Zephyros não era como eu, ele era igualzinho aos meus pais, e mantinha-se cabisbaixo por tudo o que fora obrigado a deixar para trás. Eu me aproximei do seu ouvido, enquanto galopávamos pelas ruas, e disse, numa tentativa de animá-lo, *Não vale a pena ficar desse jeito, Zephyr... De que valeriam tubarões contra a força dos titãs?*

Bem, aquilo não soou exatamente como eu pretendia, mas Zephyr ainda sorriu. E isso foi suficiente para mim. Sibylla e Solon se consolavam em voz baixa, com palavras que passavam despercebidas aos nossos ouvidos. Juntos, nós superaríamos aquela crise. Mas nem todos teriam a mesma felicidade.

Ao nosso redor, era quase possível tropeçar nos tentáculos do caos que se instalara em todos os cantos da cidade. Pelos rumores que ouvi enquanto passávamos, o aviano sobrevivente fizera um anúncio terrível aquela manhã. Ele dissera que as Repúblicas vizinhas haviam formado uma aliança contra os asmosianos e que realmente pretendiam abrir o Abismo Sem Fundo no meio da nossa cidade. A população entrou num estado imediato de pânico. E nossos quatro Oráculos continuavam trancados com o Emissário Supremo, no topo do Monte Quíron, sob a segurança divina do Grande Santuário.

Foram quatro dias inteiros de viagem até chegarmos ao refúgio nas montanhas. Zephyr nos mostrou onde ficava um córrego com água sempre cristalina e um pequeno bosque repleto de frutas suculentas, algumas das quais ele mesmo havia selecionado as sementes que deram origem ao antigo pomar na sua casa. Em uma das montanhas, repousava uma cabana de pedra que havia sido abandonada há muitos séculos pelos seus últimos moradores. Aquele abrigo era uma dádiva em tempos sombrios. Uma dádiva da qual só nós podíamos desfrutar, enquanto as outras pessoas encontravam o fim que tanto procuraram.

As coisas não foram assim tão difíceis de se levar quanto eu imaginava, pelo menos não para mim. Ninguém da minha família estava habituado a fazer o serviço de casa, mas, a partir de agora, as coisas seriam bem diferentes. Eu e Zephyr nos comprometemos a lavar toda a roupa e pegar água do rio todos os dias, que eram os serviços mais pesados. Solon passou a preparar as nossas refeições, pois ele tinha mãos mais habilidosas que a minha mãe, e Sibylla ficou responsável pela organização do nosso novo lar de pedra cinzenta, pois ela tinha uma noção de limpeza mais apurada que o meu pai. E Bion continuou cultivando suas plantas. Mas, ao invés de lírios, tulipas e calêndulas, ele plantava couves e repolhos, que eram hortaliças bastante comuns na região.

Certo dia, um dia friorento e bastante ensolarado – o que, eu vim a descobrir, era uma combinação perfeita –, Bion me chamou bem cedinho e fomos caminhar pelas trilhas naturais das montanhas. Eu gostava da companhia dele. Era uma companhia silenciosa que sabia ouvir o que você tinha a dizer sem dar palpites, a não ser que você perguntasse. Quando chegamos ao cume, que era alto o bastante para termos uma vista impressionante da República de Asmos inteira ao longe, nós nos sentamos lado a lado e observamos a paisagem lá embaixo. Fazia muito frio, muito frio mesmo. Usávamos casacos grossos de pelagens escuras, mas eu não gostava de imaginar que aquilo, algum dia, já havia sido a pele de algum animal, então tratei de me concentrar em outra coisa qualquer. Fazíamos uma dupla engraçada, eu e ele. Imagino que devíamos nos parecer com um mamute sentado ao lado de um arminho.

Gostaria que a paz que eu senti naquele momento também pudesse ser sentida em todos os lugares do mundo. Mas não haveria paz por um longo tempo.

Em alguns dias, toda a brancura da cidade seria consumida pelas chamas. Os letosianos viriam numa vanguarda de centenas de milhares. Trariam atrás de si regimentos inteiros de serosianos, irosianos, erosianos, umbrosianos e, até mesmo, os talentosos domosianos, todos bem equipados e armados com metal omniano, que era o melhor que se conhecia. Seria uma vitória fácil. O grande exército de coalisão encontraria uma República despedaçada por si mesma, asmosianos lutando contra asmosianos, sem liderança, sem esperança ou justiça. Os titãs fariam o chão tremer com a sua aproximação. Arrancariam os telhados das casas feito tampas de panelas e brincariam com os corpos indefesos das pessoas, como as crianças fazem com bonecos velhos de pano. Mil incêndios se espalhariam pelo ar. Até mesmo o Grande Santuário se despedaçaria, como um frágil castelo de areia. A humanidade não veria seus aliados avianos vindo em seu auxílio, pois eles jamais viriam salvá-

los. Auxílio algum viria do palácio flutuante nas nuvens, nem de lugar algum. Mas nada disso aconteceria aquele dia. Ainda não.

Eu ainda podia admirar a beleza cheia de brancura da minha antiga cidade. O branco que a coloria já não parecia tão desagradável quanto antes, era apenas mais uma cor entre as outras. Eu podia quase sentir seus últimos suspiros, suas veias de gente palpitando mais depressa pelo fim que se aproximava, e o calor do seu coração pulsante, no topo do Monte Quíron, um calor que já não parecia mais tão grandioso sem suas caçarolas reluzindo o brilho dourado do fogo.

Eu não entendo por que as pessoas tem que lutar umas contra as outras. Não consigo entender por que ninguém consegue viver em paz. É mesmo tão necessário dominar e impor e se fazer obedecer? Por que as pessoas são assim, Bion? Por quê? Eu não olhei para o meu amigo gigante, como costumava fazer quando ele estava prestes a responder alguma das minhas centenas de perguntas. Meus olhos estavam concentrados na vastidão branca lá ao longe. O brilho ensolarado que vinha do céu me obrigava a espremer os olhos, mas não achei nada ruim sentir o calor do sol sobre a minha pele. Eu me sentia vivo e, por algum motivo que não consigo explicar, isso era quase doloroso. *Porque o caminho da mentira é sempre o mais fácil. Ao plantar uma cerejeira, não espere colher maçãs*, ele me disse e eu concordei calado. *As pessoas sempre esperam colher frutos diferentes das sementes que cultivaram. Nem mesmo os asmosianos conhecem a verdade sobre todas as coisas, ninguém conhece. Mas não se desespere por essas pessoas. Não importa o que houver no céu, nada jamais poderá cobrir a verdade que há por trás dele.*

Olhei para o céu. Era difícil manter contato visual, o dia estava claro demais, apesar do frio. Meus olhos não conseguiam processar toda aquela imensa informação azul e branca. *E que verdade é essa?*

Ele me fitou com uma sobrancelha içada, quando observei aqueles olhos escuros, não encontrei o mesmo brilho penetrante de sempre. O que encontrei, foi o meu próprio reflexo lá dentro, perdido nas profundezas do seu olhar. *Você terá que descobrir por conta própria. Não apresse demais as coisas, às vezes é melhor deixar que elas apenas aconteçam. Às vezes, algumas coisas simplesmente tem que acontecer. Você sempre pode escolher se quer aprender com elas ou se quer apenas continuar observando*, ele me disse. *Você está se referindo a essa guerra?*, perguntei. Ele deu de ombros, indiferente. *Eu não conheço todas as verdades, Nikodemos*, ele se levantou, apoiando as mãos na cintura, como se o seu corpo tivesse ficado subitamente muito pesado. E estendeu as mãos para a frente,

Uma coisa que sei, é que a guerra força os cometas a abandonarem os corpos das pessoas. A guerra força as pessoas a abandonarem seus cometas.

Em seguida, vi milhares de pontinhos luminosos percorrendo todo o caminho entre a cidade e o topo da montanha. Os pontinhos resplandeciam no próprio esplendor colorido, eram cores magníficas que só podiam existir quando fechávamos os olhos e entrávamos no mundo dos sonhos. Eram centenas e mais centenas de cometas.

Eles pousavam nas mãos de Bion e ele sugava a sua energia colorida antes que eles acabassem se chocando uns contra os outros e caíssem no chão, se amontoando sob a sua nova forma de cristais brancos sem esplendor algum. Ele me disse: *Somos nossos próprios templos, mas não cultuamos a nós mesmos. Somos as escolas dos outros, mas não nos propomos a ensiná-los. Nascemos com tudo o que podemos querer, mas queremos sempre mais. Somente no final perceberemos que estivemos sempre sozinhos.* E os cometas logo pararam de surgir. A linha colorida que os conectava pela boca de Bion se desfez em um piscar de olhos. Eu acenei com a cabeça, pensativo, e Bion voltou a se sentar ao meu lado, uma pilha de cometas sem luz agora repousava aos nossos pés. Eram tesouros que já não tinham nenhum valor. Mas, assim mesmo, continuavam sendo tesouros preciosos. Não pelo que haviam se tornado, mas pelo que um dia representaram para alguém. *Eu quero ser diferente, Bion. Quero fazer diferente,* confessei e ele me respondeu: *Então é bem simples: faça. Faça tudo o que estiver ao seu alcance, nem que precise esticar os seus braços como nunca havia esticado antes.* Concordei mais uma vez e permiti que um breve silêncio crescesse entre nós.

Era bom apreciar o som do vento percorrendo as encostas e deslizando sobre a grama que crescia à nossa volta.

Sabe, Bion, depois que tudo isso terminar, acho que as nossas vidas não vão voltar a ser o que eram. E eu não sei se isso é bom ou não, eu disse enquanto sorria, *mas talvez não seja importante pensar nisso agora. Eu sempre procurei pensar no lado bom e no lado ruim das coisas, mas...* Eu não sabia muito bem o que estava dizendo, só sabia que era algo que vinha de algum lugar em mim que nem eu mesmo conhecia. E me permiti que continuasse a falar. *Meus olhos... Eu... sempre fui um péssimo observador. Um dia eu desejei poder ver as coisas de uma forma diferente... Mas hoje... hoje isso parece tão necessário.*

Não me surpreendi quando uma luz, viva e quente como nenhuma outra, brotou do meu peito e mostrou suas cores fabulosas para o mundo. Era um dos meus próprios cometas. Um cometa que eu havia acabado de abandonar. Não me senti estranho, nem triste, ou incompleto. Não pude sentir nada além do sorriso que continuava a colorir o meu rosto. O

meu cometa pousou nas mãos de Bion e, antes que o aproximasse da boca para sugar toda a sua energia, ele também sorriu. *O seu segredo, Bion. Seu segredo inteiro. Eu não preciso mais conhecê-lo. Não é que eu não queira, ou que eu não me importe com ele... Não é nada disso. Mas acho que já estou satisfeito com o que vi até agora. Obrigado por tudo. Eu nunca vou me esquecer de tudo que você me ensinou.*

Nem eu, Nikodemos. Nem eu esquecerei. Então, com isso, a minha observação também termina agora, assim como o nosso acordo, ele declarou e o sorriso de antes não abandonou o seu rosto. *Você foi um mestre como poucos, pois me ofereceu muito mais do que o conhecimento que eu buscava. Obrigado,* sua voz soou como um suspiro ao vento, quando me agradeceu. Nós dois olhamos para o céu ensolarado. De cima das montanhas, o azul parecia diferente, era... simplesmente diferente. *Você consegue ver as estrelas agora, Niko?,* ele perguntou. Era a primeira vez que me chamava do jeito que eu mais gosto.

Procurei no céu pela luz das constelações, mas só havia nuvens e o círculo dourado do sol. *Não posso vê-las com os olhos, mas consigo vê-las, sim. O céu estrelado está lindo. Está mesmo.*

E não dissemos mais uma palavra. Somente continuamos apreciando a luz das estrelas naquele céu incrivelmente azul e ensolarado.

Mais tarde, retornamos para a cabana de pedra.

Não foi surpresa alguma para mim, quando Bion nos contou que estava indo embora. Sibylla, Solon e Zephyr ficaram arrasados, pois haviam se acostumado com a presença gigante e protetora do nosso silencioso jardineiro e também não queriam se ver livres da sua companhia agradável. Aquela tarde, nos reunimos fora de casa e comemos juntos.

Um pesado clima de perda rodopiava pelos ares enquanto mastigávamos a salada que meu pai preparou. As folhas verdes que Bion havia cultivado com suas próprias mãos e que, de agora em diante, seria eu quem passaria a cultivar. Eu sentiria falta do meu amigo, mas não me permiti entristecer com a decisão dele, eu o apoiaria no que quer que ele fizesse. Nós cinco ficamos juntos a tarde inteira, sentados entre as árvores montanhosas, observando as folhas e os ramos se movendo com a brisa gelada que passava de vez em quando. Conversamos um pouco, mas preferimos ouvir os sons do céu, aproveitando os últimos momentos ao lado de Bion.

Quando as estrelas surgiram lá em cima – e um cometa deslizou cintilante por trás das nuvens –, Bion jogou sua trouxa de roupas nas costas e se despediu de todos nós. Era um pouco desajeitado com despedidas, por isso, apenas deu um aperto de mãos em cada um e limitou-se a ficar em silêncio. Mas foi Sibylla quem quebrou o ritual e deu-lhe um

abraço. *Desculpe por qualquer coisa que eu tenha lhe feito. Sentiremos muita falta de você. Espero que algum dia você volte para nos ver*, ela se distanciou, os lábios encrespados e uma lágrima no canto de cada olho. *Esta é a nossa casa agora, mas ainda sinto falta da antiga. Quando vejo você, consigo me lembrar do nosso jardim, e isso me deixa muito feliz. Obrigada por fazer parte de nós, Bion.*

Ele fez um aceno agradecido e deu-nos as costas, mas, antes de seguir seu caminho, ele se virou mais uma vez. *Vocês estão com saudades de casa?*, ele quis saber. Todos nós concordamos, é claro. *Isto é uma coincidência estranha, pois sinto que há uma casa esperando por vocês. A casa de um rapaz que também está cheio de saudades.* Dizendo isso, ele se voltou para o seu caminho e se distanciou pesada e lentamente como sempre, até que estivesse tão distante que nem mesmo meus olhos podiam acompanhá-lo.

E eu nunca mais voltei a vê-lo.

Alguns dias depois, nós arrumamos as nossas trouxas e partimos também. Montamos nossos cavalos e deixamos nossos poucos pertences sobre as costas do animal que Bion não quis levar consigo, assim, nenhum dos animais ficaria sobrecarregado demais. Nós nos dirigimos para as terras distantes do leste. Foi uma viagem muito longa e cansativa, mas, quando finalmente chegamos ao nosso destino final, Nestor e sua família nos receberam de braços abertos. Ao longo de um ano inteiro, construímos uma casa simples nas terras deles e passamos a viver lado a lado, como fazíamos nos bons tempos.

Antes de conhecer sua esposa, eu achava que ela era uma mulher rancorosa e resmungona. Mas Megaira era doce e tinha um coração enorme, apesar da sua personalidade firme. Gosto bastante de todos eles, principalmente de Silas, que corre pelas duas casas o dia inteiro e alegra os nossos dias com as suas travessuras de criança.

O segundo filho de Nestor e Megaira está a caminho. Nestor me prometeu que ele se chamará Nikolas, pois assim poderíamos chamá-lo de Niko, igual a mim. Mas, quando não quiserem nos confundir pelo apelido, também poderão nos chamar pelo nome inteiro.

E, desde então, nossos dias têm sido tão tranquilos quanto poderíamos desejar.

Eu imagino que você deva estar curioso sobre mais detalhes do que aconteceu em seguida, mas não sou eu que vou matar a sua curiosidade. Sinto muito. Já contei quase tudo o que tinha de importante para contar e tenho que terminar essa história de uma vez, pois o pouco papel que consegui reunir já está acabando. O que também é uma pena, pois ainda há tantas coisas que eu gostaria de escrever. Talvez eu ainda incremente esta história com algo a mais, ainda não sei muito bem. Mas não agora. Quem sabe daqui a alguns anos? Por enquanto, não tenho muito mais o que contar para você. Nada muito interessante, pelo me-

nos. Nada sobre Bion. O resto você pode tentar imaginar por conta própria, como eu também faço quando me lembro dele.

Particularmente, eu gosto de acreditar que Bion voltou a ser a pessoa que sempre foi. Um homem que não conhecia higiene ou boas maneiras quando não exigiam isso dele. Um homem que não tinha obrigações, nem horários e nem parecia se preocupar com o que teria para comer no dia seguinte. Eu gosto de imaginar que ele retornou para a sua toca de pedra nas redondezas das ruínas asmosianas. Gosto de pensar que um dia poderei ir visitá-lo, mesmo sabendo que ele não estará mais lá quando eu olhar para trás.

Quando a saudade dói no meu peito, eu fecho os olhos e meu amigo sempre está ao meu lado. E todas as coisas que ele me disse, nos momentos em que estávamos juntos, voltam a viver dentro da minha cabeça.

Às vezes eu me pergunto se algum dia voltarei a vê-lo. Seria uma coincidência muito engraçada. Vou esperar que o acaso faça o seu trabalho e me surpreenda quando eu menos estiver esperando. Mas, enquanto esse dia não chega, vou tentar descobrir todos os pequenos detalhes da vida, vou aproveitar como nunca todos os meus meios segundos e, principalmente, vou continuar observando as estrelas a todo instante. Pois não há nada mais fantástico nessa jornada do que saber...

Não havia um ponto final.

Marie manteve os olhos naquela lacuna que ficava entre o fim e um possível recomeço. Um recomeço não... Uma continuação. Recomeçar significava esquecer o que ficou para trás, e isso jamais aconteceria.

Ela sentiu um sussurro no seu ouvido. Fazia cócegas e seus olhos começaram a lagrimejar, apesar de estar sorrindo. A voz de Leroy não passava de um sopro sem som, algo tão passageiro que se desfazia em si mesma. Mas ela pode distinguir uma única palavra em meio a todas as coisas que ele lhe contou. Era a última palavra. E era linda. A palavra mais linda que alguém já pronunciou.

– Maravilhosa... – ela suspirou sonhadora. – Sua história é maravilhosa.

Marie nunca contou aquela palavra para mais alguém. Nem para seus pais, nem para os amigos mais próximos, nem para ninguém. Não era egoísmo da sua parte... Era algo muito maior do que qualquer outra coisa. Sua promessa estava acabada. Observou o manuscrito apoiado na escrivaninha e sorriu para si mesma.

Só há uma coisa de errado com esse livro, mana. Apague o meu nome e coloque o seu. Se quiser, você pode dedicar o livro a mim, e quem ler essas palavras saberá que fui

uma pessoa especial. Ah, sim... A última palavra da história. Preciso que você saiba a última palavra... Ah, então era isso. Foram essas as palavras que Leroy cochichou no seu ouvido. Ela pegou uma caneta e riscou o nome do irmão na capa do manuscrito. E, mais embaixo, assinou: “Dos irmãos Beaumont”.

E escreveu uma pequena dedicatória para ele na última página. Era simples. Algo que lhe veio à cabeça sem que precisasse parar para pensar.

– Está bom assim, Roy?

Ela não ouviu uma resposta. Sentiu o impulso de perguntar mais uma vez.

– Roy...?

Mas ele já não estava mais lá.

Roy já havia sumido, como se nunca tivesse existido fora da sua imaginação.

– Já sinto tanto a sua falta, meu irmão... Adeus.

*Só consigo voar tão alto
porque você foi o vento
que impulsionou as minhas asas*

Sete décadas mais tarde...

Leroy teria ficado orgulhoso ao ver que a irmã aproveitara tão bem o tempo que ainda lhe restava.

Setenta anos haviam se passado desde o dia em que se viram pela última vez e Marie ainda se sentia jovem como naquela época distante. Não foi uma tarefa nada fácil publicar o Colecionador de Cometas, foram precisos longos anos de insistência até que uma editora reparasse no livro do seu irmão. Ela havia aceitado ser coautora, mas não permitiu que as pessoas se iludissem ao acreditar que a história era sua. Não, ela não merecia esse mérito. O Colecionador de Cometas seria sempre uma criação de Roy, ela apenas ajudara a realizar um sonho já esquecido há muito tempo.

Marie releu aquela história tantas vezes que podia recitar algumas passagens de olhos fechados, mas demorou quase uma eternidade para compreender o significado por trás das palavras do irmão. E, com a descoberta, não foram lágrimas que surgiram no seu rosto, mas um sorriso carinhoso.

Tornou-se escritora, pois algo lhe dizia que essa era a vida que ela queria para si. E, com o passar dos anos, descobriu que estava certa. Apesar de todas as negações, apesar da constante falta de recursos, apesar de todas as dificuldades, ela estava certa.

Não foi para a universidade. Ela cuidou dos pais e ficou sempre ao lado deles, aproveitando-os tão intensamente quanto possível, fazendo-lhes o máximo de companhia e alegrando seus últimos dias, até que falecessem, bem velhinhos. Primeiro foi Julien e, logo em seguida, Sophie. Marie nunca deixou de sentir-se satisfeita pela vida que havia escolhido. Não foi tão duro quanto esperava abandonar seus sonhos malucos de adolescente, porque jamais conseguiria deixar sua família para trás. E, além do mais, ela havia feito uma promessa ao irmão e nunca lhe passou pela cabeça descumpri-la.

Ela olhou para o seu dedo ossudo, ainda podia distinguir a forma do anel que viveu no seu polegar por quase meio século, até que decidisse enterrá-lo no jardim. O anel que pertencera ao seu avô e que passou para o seu irmão antes que ele lhe deixasse de presente.

Agora, esse anel não deveria pertencer a mais ninguém, ele seria esquecido nas profundezas da sua memória. As seis pedrinhas haviam retornado para a terra, onde era o seu lugar.

– Você o enterrou debaixo daquelas árvores, não foi? – uma voz sibilante perguntou. Marie pestanejou vagorosamente e abriu um sorriso ao perceber que estavam falando com ela. Os olhos de Aloys cintilaram por trás das grossas lentes dos seus óculos. – Enterrou seu antigo anel debaixo das árvores que Léon plantou.

Ela já havia se esquecido que fora lá que o havia enterrado... A memória é algo engraçado.

– Sim. Agora que você mencionou, acho que o enterrei entre aquelas árvores – ela respondeu, com suas palavras pausadas e um sorriso.

Aloys aquiesceu, movendo a cabeça devagar.

Marie estava cercada de gente. Ela se sentava à cabeceira da longa mesa, havia muita comida soltando vapor e a lareira elétrica estava acesa logo ao lado, pois o tempo estava muito frio lá fora. Seus ossos doíam mais do que se recordava quando era mais jovem.

– Eu gostaria que eles ainda estivessem aqui. Beaumont e Léon – Aloys falou, observando o prato vazio que estava à sua frente. Marie acariciou com doçura o ombro magro do amigo. – A vida passa tão depressa, não é mesmo? O tempo voa...

– Acho que a vida tem o tempo que nós dedicamos a ela.

Aloys deu uma risadinha contida e mirou os olhos inteligentes da amiga.

Marie ainda concordava com o velho amigo em uma coisa: também gostaria que aqueles dois ainda estivessem lá. Mas Léon sempre a acompanhava nos seus pensamentos e Roy estava em tudo o que ela fazia. De certa forma, eles nunca a abandonaram.

– Quer um pedaço de torta, vovó? – perguntou sua neta mais nova, Amélie. Era uma garota esperta que tinha o mesmo sorriso da avó quando Marie era da idade dela. Marie agradeceu, mas recusou o pedaço suculento de torta, e isso foi mais do que suficiente para que Aloys o aceitasse em seu lugar, afirmando que seria um desperdício cortar um pedaço quentinho de torta e não comê-lo logo em seguida. Ele continuava engolindo comida por duas pessoas, apesar de nunca ter engordado. Amélie colocou o pedaço de torta diante de Aloys e ele começou a devorar antes de se lembrar que tinha de agradecer. Seus modos nunca foram muito refinados, Marie pensou divertidamente.

Ela pediu que a neta se aproximasse e cochichou no seu ouvido.

– E então, como andam as nossas investigações? Descobriu alguma pista sobre o código? – ela sussurrou em tom de curiosidade contida.

– Sim, sim. Acho que consigo desvendar tudo em menos de uma hora! – a garota disse, orgulhosa de si mesma. – Seu irmão era muito inteligente, não era?

Marie concordou com um suspiro cheio de boas lembranças.

– Era sim. Ele era muito inteligente.

– Mas eu sou mais! – disse a menina, orgulhosa de si mesma. – Amanhã mesmo vou mostrar para a senhora!

– Vou esperar ansiosa por isso!

Sua netinha fazia com que ela se lembrasse de si mesma. Como ela adorava fechar os olhos e voltar a dar boas risadas ao lado das pessoas que mais amava! Ela sentia que haviam se passado séculos desde o seu nascimento. E agora havia tantas rugas ao redor dos seus olhos, seus lábios haviam ficado mais finos e perdido um pouco da cor. Em compensação, as orelhas haviam crescido bastante, assim como o nariz e os dedos, que estavam mais ossudos do que costumavam ser. De vez em quando, suas costas doíam bastante, mas o que realmente lhe incomodava eram as vertigens. Quando a tontura vinha, Marie fechava os olhos depressa e o mundo parecia continuar girando debaixo dos seus pés.

Do outro lado da mesa, o pai de Amélie movia a cabeça com um sorriso de complacência, uma das sobranceiras levantadas e um sorrisinho quase surgindo nos lábios. Era o único filho de Marie, ele lhe dera mais quatro netos e um deles lhe presenteara com seu primeiro bisneto. O filho sabia que sua mãe já conhecia o velho código secreto daquele livro. Quando era mais novo, ela o havia incentivado a desvendá-lo diversas vezes, mas ele nunca teria conseguido sem as dicas dela.

Ele também se chamava Leroy, mas Marie simplesmente não conseguia chamá-lo de Roy. Às vezes, Leroy também coçava a pontinha do nariz, mas fazia isso quando estava ansioso, ao invés de encabulado.

Amélie se distanciou da avó e voltou para o seu lugar, ao lado da mãe e dos irmãos. Marie passou os olhos por todas as pessoas que estavam ao redor dela. Ela amava cada uma delas de um jeito diferente e nunca deixou que nenhuma delas duvidasse que era amada. Seu bisneto fazia cara feia enquanto o neto mais velho falava-lhe alguma coisa que Marie não conseguia ouvir. Seus ouvidos já não estavam tão bons quanto antes, definitivamente não estavam tão bons.

– Não quero! – o menininho soava, de braços cruzados. – Não quero e não vou!

E seus pais tentavam convencê-lo baixinho, provavelmente prometendo algum castigo se ele não os obedecesse. Mas ele era uma criança de temperamento inflexível. Marie lembrou-se que ela era igualzinha quando tinha a idade do bisneto, recusando-se a tirar su-

as bonecas de dentro das caixas. Levantou-se, com alguma dificuldade, apoiada em sua bengala – que só era realmente útil quando ela sentia tonturas –, e caminhou até onde o bisneto estava sentado com os pais.

– Posso ajudar em alguma coisa? – Marie perguntou ao neto mais velho e à sua linda esposa de cabelos cacheados. O bisneto sorriu ao vê-la e estendeu as mãozinhas para o alto. Ela pendurou a bengala na cadeira e segurou-o nos braços. – Por que você não obedece seus pais, Maurice?

– Porque não quero ir para a cama! Quero ficar acordado!

– Vai é ficar de castigo se continuar se comportando assim – disse seu pai com menos dureza do que gostaria, a mãe limitou-se a consentir com um gesto breve. – A senhora não precisa se preocupar, vovó. Deve aproveitar a sua festa. Não se faz oitenta e cinco anos todos os dias.

– O dia de hoje não é mais especial do que o dia de ontem e nem menos especial do que o dia de amanhã – ela disse. – O que acha de ouvir uma história, Maurice? Gostaria de ouvir uma história da sua bisa?

O menino concordou, todo sorridente. Marie deu uma piscadela para o neto e ele acabou cedendo, tentando esconder o próprio sorriso para que o filhinho não o percebesse.

– Voltarei assim que ele pegar no sono – ela segredou com um sussurro e deu-lhes as costas.

Suas pernas moviam-se mais devagar do que gostaria. Seu corpo não estava mais tão em forma quanto deveria estar, talvez ela tivesse abusado demais dos doces ultimamente. Bem, agora isso não tinha a menor importância. Enquanto subia os degraus, uma mão segurava o corrimão com firmeza e a outra apoiava Maurice.

– Bisavó? – ele perguntou, bem pertinho da sua orelha.

– Sim, querido?

– É verdade que o seu nome não é Bisa?

Ela deu uma risada e precisou parar no meio do caminho para não se engasgar enquanto ria.

– Sim, é verdade. Meu verdadeiro nome é Marie. Eu ainda não havia me apresentado para você?

– Não me lembro. Então isso faz de você a Marie-vó, né? – ele indagou, com toda a sua inocência e um dedo na boca, e provocou mais uma risada no rosto de Marie.

– Pode me chamar como quiser, querido. Como quiser. Mas agora, acho melhor você se deitar na sua cama enquanto ouve a história que vou contar, tudo bem?

Ela o deitou antes que ele consentisse e cobriu-o com as duas camadas de cobertores. Acendeu a luz do abajur e apagou a do quarto, só então sentou-se ao seu lado e segurou sua mãozinha, pois sabia que ele não se sentia confortável quando a luz do teto estava desligada.

Suas costas voltaram a doer. Por que os ossos tinham que doer tanto quando se ficava velho? Bem, talvez ela tivesse perdido um pouco de agilidade com o passar dos anos. Mas a sua cabeça e as suas ideias continuavam em perfeito funcionamento, tão afiadas quanto antes. A memória começou a falhar um pouco nos últimos dias e isso estava começando a preocupá-la, mas o resto estava sob a mais perfeita ordem.

– Como a história começa, Marie-vó?

– Começa como todas as histórias sempre começam – ela disse, com sua voz idosa e lenta se abrindo em um sorriso. Aquela mesma história havia sido contada para todos os seus outros netos, mas sempre havia algo diferente em cada versão. A primeira vez que ela a contara fora há mais de cinquenta anos, para seu filho Leroy. Naquela época, ela não era uma contadora de histórias muito boa, então o filho a ajudou com sua imaginação de criança. Marie continuava segurando com a mãozinha de Maurice quando começou a contar: – Era uma vez, num bosque onde viviam muitos seres mágicos, um pequeno e gracioso *brantruque* que havia acabado de nascer. Assim que abriu os olhinhos pela primeira vez, ele observou o bosque ao seu redor e ficou encantado com o que viu. Ficou tão encantado que percorreu cada folha dos galhos, nadou por cada gota do rio e voou por cada nuvem do céu. Ele se divertiu escorregando no musgo das árvores, saltou nos chapéus dos cogumelos e deu gargalhadas ao ver que as pedras se recusavam a sair do lugar. Quando já havia bisbilhotado cada pedacinho do bosque, o brantruque voou para um jardim gigantesco e ficou novamente encantado com todas as lindas cores que encontrou. Brincou com as pétalas das flores, espirrou com o seu pólen mágico e sentiu o sabor delicioso do orvalho doce. Então, de repente, surgiu um enorme *estelinque*. O estelinque era muito maior do que ele e o brantruque ficou tão assustado que se apressou e voou para longe. Voou, voou e continuou voando. Voou tão depressa e para tão longe quanto pôde. Mas o estelinque logo o alcançou e impediu que ele continuasse a fugir. E então o estelinque disse a ele: *Isso foi divertido! Você é quase tão rápido quanto eu! Gostei muito de você ter brincado comigo. Ninguém nunca quer brincar comigo porque sou grande demais e eles têm medo de mim... Você quer ser meu amigo?* O brantruque ficou aliviado e sentiu-se muito feliz, mas ainda não sabia o que era um amigo. *O que é um amigo?*, ele perguntou e o estelinque pensou, pensou e pensou. Então, quando já havia pensado o suficiente, ele respondeu: *Um amigo não*

te vê como você se parece por fora, ele te vê como você é por dentro. E o brantruque disse: *Eu vejo que você é um estelinque muito gentil, então a minha resposta é sim! Quero ser seu amigo!* O estelinque saltou e deu risadas e comemorou. E ele disse para seu novo amigo: *Vamos brincar mais, brantruque! Aposto que você não consegue me alcançar desta vez!* Mas já estava escurecendo e o céu ficou alaranjado. O brantruque ficou mais uma vez encantado com a beleza que seus olhos lhe mostraram e começou a sentir o cansaço pelo longo dia. *Desculpe, meu amigo estelinque, mas estou cansado demais para brincar com você hoje. Prometo que amanhã passaremos o dia inteiro brincando e todos os outros dias de agora em diante.* O estelinque ficou tão feliz que foi embora dando vivas de alegria. O brantruque voou até uma árvore bem alta e se deitou entre as folhagens. Aquele era o melhor dia da sua vida e já estava ansioso para explorar lugares novos no dia seguinte! Observou o sol se pôr e a lua surgir no céu e fechou os olhos, pensando em todas as coisas mágicas que havia visto.

Os olhinhos de Maurice se fecharam e ele começou a respirar mais devagar. Era incrível como aquela história sempre os fazia dormir bem no finzinho. Mas aquele ainda não era o final. Marie contou-o, mesmo que o bisneto estivesse dormindo, pois aquela era a última versão dessa história.

– Mas, o que ele não sabia, e nem o seu amigo estelinque, é que os brantruques vivem apenas por um dia. E, sobre as folhagens macias da árvore, o brantruque adormeceu e nunca mais despertou.

Marie inclinou-se e deu um beijo na testa do bisneto. Suas costas reclamavam e rangiam, mas ela as ignorou e começou a pensar no pedaço de torta que havia recusado. Deixou a luz do abajur ligada e retornou para a festa.

Grande parte da sua família ficou na casa dela, quando a festa terminou. Mesmo que tivessem que se apertar um pouquinho nos quartos e na sala, sempre valia a pena fazer qualquer esforço para ganhar uns sorrisos da vovó Marie.

Ela ficou ao lado de todos mais um pouco e então desejou boa noite e se retirou para o seu quarto. Sua cabeça podia estar mais enrugada do que nunca, mas Marie sentia-se perfeita e cheia de inspiração para terminar seu livro mais recente. Ela vestiu seu roupão e calçou chinelos de quarto bem macios, descansou a bengala no suporte atrás da porta e dirigiu-se, ainda cheia de energia, para a escrivaninha recostada na parede. Era a mesma escrivaninha que pertenceu ao seu irmão, há mais de setenta anos. Estava um pouco velha, mas havia sido muito bem cuidada ao longo dos anos.

Mesmo quando todas as luzes da casa já haviam se apagado, o abajur do seu quarto continuava ligado, os óculos fininhos pousados na ponta do nariz e um sorriso empolgado ao escrever nas páginas em branco. Sua caligrafia havia se aprimorado bastante desde que era menina, mas ela ainda achava que podia melhorar mais um pouco. Se ao menos não escrevesse tão depressa...

Era madrugada quando finalmente terminou de escrever as palavras finais do livro. Como era seu costume, ela dedicou aquele livro a alguém que amava. De todas as pessoas que estavam nesse círculo, apenas seu pequeno bisneto não havia sido presenteado com uma dedicatória, então aquela seria para ele. Talvez suas dedicatórias já estivessem ficando um pouco repetitivas – ela sempre achava que havia escrito algo parecido nas anteriores –, mas não havia nada mais perfeito para descrever o que se passava no seu coração.

*Para meu querido Maurice,
que a cada dia continua me ensinando
a oferecer o melhor de mim.*

Sim, estava muito bom desse jeito.

Ela separou uma página em branco e escreveu o título com letras bem grandes. E, mais embaixo, assinou: “Dos irmãos Beaumont”, como havia assinado em todos os outros trinta e tantos livros que escreveu ao longo dos anos. Ela sentia que havia um pouco de Leroy em todas as suas palavras, nada seria mais justo do que creditar parte da sua inspiração a ele também.

Tirou os óculos e pousou-os sobre a escrivaninha.

Só então ela se deu conta de que suas costas continuavam a protestar, havia sido um dia bastante longo e cansativo. Mas também havia sido um dia maravilhoso, que valeria mais mil incômodos nas costas, nos joelhos ou nos calcanhares.

Ela observou o porta-retratos com muitas pedrinhas do rio faltando nas cavidades de cola seca. Era um porta-retratos de metal, muito velho e cheio de recordações. Estava pousado sobre o criado-mudo, ao lado da cama, Marie costumava olhar para a fotografia antes de dormir. Fazia isso todas as noites, nos últimos setenta anos. Leroy e ela ainda sorriam, tão radiantes quanto o pôr-do-sol atrás deles. E ela ainda sentia tanta saudade dele. Sentia tanta saudade... O vazio que Roy deixou quando se foi nunca havia sido preenchido

por coisa alguma. Ela jamais se esqueceu do irmão em todos aqueles longos anos, nem mesmo por um único dia.

Roy era parte dela, e não se pode esquecer algo que está sempre consigo.

Segurou o pesado porta-retratos e acariciou a fotografia com os dedos. Queria tanto que as coisas tivessem sido diferentes. Lágrimas quentes percorreram seu rosto e se encontraram com um sorriso. Marie deitou-se na sua cama e sentiu a maciez do travesseiro embaixo da sua cabeça, puxou os cobertores e abraçou bem forte o porta-retratos contra o peito. Era apenas um objeto. Um objeto qualquer que havia mantido consigo por todo aquele tempo. Mas gostava das coisas que aquela fotografia lhe recordavam, eram momentos que a sua memória jamais lhe permitiria esquecer.

Quando Marie fechou os olhos para dormir, algo lhe disse que ela não acordaria no dia seguinte. Mesmo assim, sentia uma paz inexplicável. Uma tranquilidade fora do comum. Não houve espaço para aflição ou medo, apenas para o seu sorriso entre as rugas da idade. Marie sabia que, em algum lugar, seu irmão continuava lhe aguardando, montado num lindo cometa.

E sonhou para sempre.

O meu conceito sobre matemática

39.13.8-9 46.20.13-14 33.10.1 66.18.10-11 249.19.13-14 5.34.3-5. 47.15.4-6
154.17.11 77.7.7-8 23.10.5-6 195.6.7-8. 14.25.3. 116.10.3 63.22.5 64.31.4 16.3.14
73.31.6-8 78.13.10 88.27.3. 79.28.4-5 44.1.7-8 205.24.2 42.1.4 26.14.11-12 207.13.3-4
40.4.1 207.22.11. 12.21.8-9 189.3.4 120.7.3? 6.25.1 20.22.2 52.2.2. 189.5.15 89.20.6
213.30.7. 28.11.3 34.25.14 209.1.4 208.2.9. 32.24.3 111.12.3. 60.12.7-8 78.30.3
90.6.7-9 75.2.7 77.3.3-4 12.10.2-4 34.15.14. 119.23.4-8 79.28.5-6 78.5.7-8 88.34.10
52.27.11 56.11.6 67.21.13. 126.17.2-4 19.14.2-3, 209.15.6-7 212.28.11 28.18.8 31.20.8
32.27.4-5 212.28.11. 126.17.2-4 52.10.9-10, 41.30.1-3 14.14.7 4.8.4 189.17.3-4. 19.28.2
249.13.8. 81.11.16 33.30.11. 29.9.6 33.30.11. 43.31.11-12 90.22.9-10 21.9.6 21.9.10,
43.31.11-12 161.32.3-4 51.6.12-13 75.13.9, 43.31.11-12 14.8.7 161.20.18 159.3.3,
126.5.1 21.22.4 20.31.8 155.21.9-11 10.32.11. 210.17.1-3 41.32.8-10 5.10.11 47.22.11
245.11.10-11 5.17.11-12 80.32.13, 154.32.6 206.3.13-14 58.29.6-9 195.1.5 51.4.10.
89.30.5 123.24.6 15.13.1 252.11.2-4 124.32.10-11 250.12.8 46.23.3-5 113.25.13,
43.20.11-12 36.31.1 214.9.3 39.27.4 65.16.1-3. 47.16.6 248.11.7-8 250.11.4-5 6.22.18
10.3.11-13 210.17.5-6 52.5.7 63.7.13-14 3.14.8 25.4.12. 28.23.17 34.24.3 35.12.1,
189.20.7 16.15.15-16 169.28.7. 204.16.1-2 11.2.9 112.11.12-13 51.16.13 52.13.9
19.25.12, 74.18.8 112.19.11-12 40.20.11 119.33.6 59.23.5-6. 246.30.1 196.30.1
22.18.12-14 90.33.2-3 43.20.9, 90.6.1-5 13.9.12. 14.6.9 30.8.14 5.5.6 161.26.1
216.4.12-13 11.30.1 207.2.7. 208.4.1 18.22.1 21.11.2-3 214.5.7 79.16.5-6 10.2.4-5
189.20.7 120.9.13, 152.31.15, 32.29.10 112.20.9-10 7.22.13 22.12.14-15 75.3.13 216.2.1
123.18.15. 122.10.3-4 51.4.1-3 152.15.13 21.18.6 88.21.4-5 118.3.1-3 81.17.2
75.8.12-13 35.6.3. 76.6.1-2 29.27.11 12.24.2-3. 153.17.2-3, 32.29.10 30.29.11 252.6.3-4
216.10.7 42.3.3.
243.12.9.